ENCICLOPÉDIA MAGNÉTICA

Louis Alphonse Cahagnet

Traduçoo: Amadeu António

APARIÇÃO POR M. CONDE AGÉNOR DE GASPARIN.

No dia 29 de setembro de 4855, recebemos uma segunda visita do Sr. Conde Agénor de Gasparin, que nos foi recomendado pelo nosso bom amigo, o Sr. Abade Almignana; não estando em nossa residência na primeira visita do Sr. Gasparin, só pudemos atender ao seu segundo pedido. Tratava-se de uma aparição ou de um fenômeno de lucidez qualquer que este senhor desejava obter.

O Sr. Gasparin estava acompanhado por uma senhora, que nos pareceu extremamente religiosa e muito instruída. Outro senhor também estava com o conde. Tivemos uma breve conversa antes de iniciarmos a sessão, que girou em torno da questão que íamos tratar. Fiz a esse senhor um breve histórico dos meus estudos passados e presentes, bem como das convicções que deles derivavam. Quando toquei na parte religiosa, o Sr. Gasparin disse-me que até aquele momento não lera nenhuma das minhas publicações, mas que vários relatos sobre elas lhe tinham passado pelos olhos. Relatos nos quais constatara que as minhas opiniões religiosas não estavam de acordo com o cristianismo, que ele respeitava nos outros e desejava ver respeitado em si próprio.

Consequentemente, embora devotado ao cristianismo baseado nos Evangelhos, eu não tinha diante de mim um antagonista mal-intencionado, mas um homem que queria ver os fatos e avaliá-los. Relatei a esse senhor quantos argumentos contrários haviam sido levantados por homens instruídos contra as questões que eu abordara sobre a imortalidade da alma humana, homens que apenas viam nelas meios de consolação para a maioria dos homens e, portanto, mais dignas do seu silêncio do que de suas declamações apaixonadas. A senhora que acompanhava o conde disse que o verdadeiro homem instruído e devotado à humanidade não devia admitir meias-verdades, visto que todo erro traz em si consequências muito prejudiciais, que recaíam sobre a consciência daquele que o propagava.

A verdade, ao contrário, acrescentou essa senhora, apenas pesa sobre a consciência de Deus. Admito a sua opinião, disse-lhe eu, mas também admito que existem erros muito mais prejudiciais à felicidade dos homens do que outros. Aquele que eu ensino, se é que se trata de um erro, não traz consigo nenhuma dessas consequências nefastas, pois aqueles que o aceitarem nunca me acusarão por ter enxugado as suas lágrimas e feito renascer a esperança em seus corações. Se a alma humana não é imortal, ela não se levantará contra mim do além-túmulo para me acusar de a ter ajudado a suportar com mais força as angústias da vida terrena. Se, pelo contrário, ela for imortal, como me foi provado, como acredito e como ensino de boa-fé, terei prestado um grande serviço aos meus irmãos.

Além disso, esse meu ensinamento baseava-se em fatos precisos e não em proposições misteriosas, como o catolicismo, que não pode provar nenhum dos seus dogmas por meio do estudo. Essa senhora uniu-se ao Sr. Gasparin para considerar os Evangelhos um livro digno da sua fé. Não insisti, para não faltar com o respeito que o Sr. Conde me mostrara ao iniciar esta breve conversa, em relação às opiniões religiosas de cada um. Mas mudei de tese, dizendo ao Sr. Gasparin que dava pouca importância às diatribes publicadas contra os meus estudos, visto que, nos últimos dez anos, não surgira nenhum escritor elevado e consciencioso que houvesse tratado

sequer de um dos argumentos físico-metafísicos que eu utilizava em favor das minhas proposições.

Que eu propunha a esse mesmo escritor elevado (e a França não carece deles) abrir uma discussão séria sobre essas proposições, discussão que publicaríamos a expensas comuns ou apenas às minhas, a fim de esclarecer a consciência pública sobre a veracidade ou erro que elas contêm. Que pediríamos ao leitor que enviasse a sua adesão a favor ou contra, às mãos do livreiro encarregado da venda, e que tais adesões, sem réplica, seriam a minha condenação ou a do meu antagonista.

A maior publicidade seria dada a essas adesões por meio dos jornais. Que, da minha parte, comprometer-me-ia a agradecer à opinião pública caso esta me chamasse a estudos mais rigorosos ou me incentivasse a prosseguir com os meus. Que, enfim, se encontrasse esse homem, um homem de autoridade literária, sentir-me-ia o mais feliz dos homens, disse, intencionalmente, ao Sr. Gasparin, pois, estudando de boa-fé e com grande pureza de consciência, eu não desejaria, por nada neste mundo, semear o erro no coração dos meus irmãos. O Sr. Conde não respondeu nada a essa proposta. Iniciamos a sessão. Adèle, estando adormecida, foi-lhe pedido que chamasse uma pessoa falecida.

Uma pessoa apareceu, mas não era a solicitada. Um segundo chamado foi feito. A descrição da que veio correspondia exatamente à idade, cabelos, sobrancelhas e olhos, mas o restante era impreciso. O Sr. Gasparin pareceu mostrar-se complacente, encorajando Adèle a aguçar melhor a sua lucidez; mas esta recusou-se a modificar qualquer detalhe da descrição ou das particularidades que acabara de citar, o que provou ao Sr. Conde que não estava diante de uma vidente que lia pensamentos ou suficientemente astuta para: primeiro, extrair dele o que não via em outro lugar; segundo, aproveitar-se de informações recebidas para corrigir com destreza os erros da sua visão; terceiro, contrariar as falsas criações que lhe surgiam. O Sr. Conde quis repetir uma terceira tentativa de aparição, mas Adèle recusou, dizendo que, se não via corretamente naquele momento, era porque não deveria ver.

O Sr. Gasparin submeteu a vidente a várias propostas de visões, a fim de obter um fato, como ele dizia, para registrar; mas, como Adèle tinha uma especialidade quase exclusiva em aparições e em tratar das causas das doenças, só podia fazer uso de suas faculdades nesse campo. Pediram-lhe que examinasse a senhora presente, o que fez com os mesmos erros das aparições anteriores. Consequentemente, não pudemos continuar. Além disso, Adèle estava contrariada e não demonstrou a sua habitual dedicação, sem que eu soubesse o motivo. Disse ao Sr. Gasparin: Ah, senhor, procurais um fenômeno sonambúlico. Não está no poder de nenhum magnetizador produzi-lo à vontade, sob as condições que lhe são impostas; mas é possível a qualquer magnetizador provocar acidentalmente fatos que ele desejaria muito ver conhecidos por um círculo maior do que aquele que frequentemente o rodeia no presente.

Por isso, aconselho-o a tornar-se magnetizador, a iniciar esse estudo como iniciou todos os outros que realizou até hoje. Sabeis melhor do que eu que, na química, não há destilação possível nos fornos sem fogo, balões, matrases, etc. Uma operação feita em química não representa todas as que podem ser feitas nessa ciência, mas é o início da manipulação e conduz a uma apreciação dos trabalhos muito mais detalhada

e demonstrativa do que tudo o que está escrito sobre essa questão. Aplicai, pois, ao magnetismo a mesma perseverança que se emprega em qualquer estudo. Magnetizai pessoas de confiança e logo produzireis muitos mais fenômenos do que poderíeis obter por qualquer outro meio.

Se precisardes da minha humilde assistência nesse género, proponho-me a não o deixar até que tenha produzido, por si mesmo, tudo o que os magnetizadores produzem; comprometo-me formalmente com isso. Se, além disso, dignar-se a tratar comigo a questão da imortalidade individualizada da alma humana, comprometo-me a prová-la sem recorrer ao nosso ateliê psicológico-necromântico, mas com base em leis físicas oficialmente reconhecidas. Não lhe proporei qualquer questão de estudo, mas aceitarei todas as que me apresentar. Deixo Paris hoje, respondeu-me o Sr. Conde. Correspondemo-nos, se assim o desejar, repliquei. Não obtive resposta. O meu pedido foi indiscreto, senti-o; mas penso que o Sr. Gasparin me perdoará em nome do meu grande amor pela verdade e (não me custa admiti-lo) da minha falta de saber-estar.

O Sr. Gasparin quis recompensar Adèle pelo incómodo que lhe causara, apesar da minha firme oposição, visto que só mereceríamos essa marca de consideração se tivéssemos obtido sucesso no estudo que tentámos realizar. Este senhor deixou-nos com a mesma amabilidade com que nos abordara.

Esqueci-me de despertar Adèle; ao fazê-lo, perguntei-lhe qual poderia ter sido a causa desse insucesso e, sobretudo, da sua pouca complacência nesse estudo. Ela disse-me que o estudo teria sido melhor se as disposições fossem melhores; que, para ela, a segunda pessoa que apareceu era realmente a solicitada; e que recusara fazer um terceiro pedido porque a que estava presente lhe fizera sinal para que parasse ali. Se estivesse apenas o Sr. Gasparin, acrescentou ela, teria encontrado menos resistência; mas havia ali influências que me teriam enlouquecido, se eu não tivesse interrompido. Porque não viste melhor o estado de saúde dessa senhora? O que vi está correto, e não quis dizer tudo por um sentimento de benevolência, para não magoar ou entristecer essa senhora. Sabes que raramente cometo erros nesse género e asseguro-te que a minha luz era tão boa quanto de costume. Despertei Adèle mais cansada após quinze minutos de sono do que após certas sessões que duram duas horas. Como tenho o hábito de publicar os nossos sucessos, não devo negligenciar o dever de publicar também os nossos reveses.

ALP. CAHAGNET

MANIFESTAÇÃO POR MEIO DE UMA CESTA DE UM ESPÍRITO, EX-CABO

Numa das minhas próprias experiências, recebi a visita de um ex-cabo e ofereço ao Sr. Cahagnet o resultado desta sessão de 24 de maio de 1855. Dou grande valor a ensinamentos religiosos de elevada importância, a sentenças que os espíritos nos podem escrever; mas, se nunca obtivéssemos mais do que esses resultados das nossas comunicações pneumáticas, teríamos a impressão de que os espíritos são uma criação sem relação com a nossa; não poderíamos convencer-nos de que estamos destinados a ser exatamente como eles um dia.

Pelo contrário, a linguagem familiar, um estilo vulgar, locuções de soldado, expressões típicas das ruas, que ouvimos ao nosso passar, atestam-nos a presença, no vazio e diante de nós, de seres que já vimos, que já roçaram as nossas vestes ao passar, que

estiveram nas mesmas condições físicas e intelectuais que nós, e dizemos então, com confiança e satisfação: esta linguagem atesta a presença de um homem vindo das fileiras humanas; e, uma vez que homens como os que nos falam de maneira grotesca podem ser habitantes invisíveis da nossa atmosfera, não há razão para que também nós não tenhamos a nossa vez de pairar no espaço, viajar, visitar cidades, penetrar pelas frestas das paredes para comunicar com aqueles que deixamos na Terra. Quem não se convence da vida, da presença e da ação dos espíritos após a leitura desta sessão, é de uma natureza incapaz de compreender, resistente a tudo. É então a teimosia do asno. A razão quebra-se sobre a sua cabeça e não pode nela penetrar.

Sessão de 24 de maio de 1855.

Qual é o nome do espírito que vai responder-nos?
— O pai La Joie.
Após uma questão de que não me recordo, sentimos na nossa cesta movimentos estranhos e totalmente inusitados, e um trabalho prolongado, que nos cansou. Finalmente, parou; levantámo-la com curiosidade e encontramos o plano abaixo, na dimensão da cesta.

— Disse-lhe: Mas fizeste aí uma fortificação de uma cidade de guerra antiga?
— Sim.
— Qual é o nome dessa cidade?
— Cadoul.
— Em que nação ou região?
— Na Argélia.
— Que província?
— Orã.
— Foste militar?
— Sim.
— Eras general?
— Cabo.
(Escreveu esta palavra de maneira extremamente fina.)
— Qual era o nome do teu general?
— Moreau.
— Morreste no campo de batalha?
— Na minha cama.
— Quando morreste?
— Em Toulon, em 1848.
— Qual foi a doença que te matou?
— O bom vinho.
— Bebe-se onde estás?
— Sim, e não é caro.
— E que comes lá?
— Tudo o que quero.
— Parece-me que escreveste: Tudo o que quero?
— Exatamente.
— O que fazes onde estás agora?
Em resposta, sentimos um movimento muito pequeno e prolongado de ziguezague,

com a cesta avançando lentamente, depois um movimento mais amplo mudando de direção, depois um movimento rotativo, e, finalmente, após um traço alongado, novos ziguezagues terminados por um pequeno círculo; ali, a cesta parou; por baixo, encontramos o desenho reproduzido a seguir:
— Qual foi a intenção dessa representação?
— Um cachimbo árabe.

Assim, as suas ocupações no além são cachimbos árabes.
— Os espíritos veem-nos como nos vemos uns aos outros? Veem as nossas cidades, os nossos progressos?
— Um pouco; verás quando chegares.
— Em que parte do espaço estás alojado?
— Junto ao teu Mestre.
— Vêem-se muitas mulheres bonitas no além?
— Sim; mas apenas se veem, e nada mais.
— Casam-se lá?
— Aqueles que podem.
— Quanto tempo demora um cabo a vir da sua morada até Angers?
— Menos do que tu a fazeres essa pergunta.
— Para onde vai a nossa alma após a morte?
— Para o teu Juiz.
— Queima-se no inferno?
— Não, não há madeira.
— O que fazem as nossas almas no outro mundo?
— Viajam.
— Como vieste até aqui?
— Não a cavalo, mas a pé, com o saco às costas.
— És feliz onde estás?
— (Um enorme "sim").
— Vês o nosso ex-pároco Bédeau?
— Não, só gosto do vermelho.
— O que se pensa lá em cima da Imaculada Conceição?
— Charlatães estão na moda.
— O que pensas do nosso Imperador?
— É um osso duro de roer.

Na linguagem de um soldado, é um homem firme, que não se deixa conduzir, o que é valioso num chefe de Estado.

Que pensais não dos que acreditam que há no céu espíritos maus, assim como há na Terra homens maus, mas sim dos fanáticos que veem apenas demônios em todos os espíritos?
— Eles não são tão negros quanto seus narizes temem os turíbulos. (Os espíritos não são tão diabólicos que tenham de temer o incenso que afasta o demônio do altar).
— Deseja dar outra sessão?
— Sim, se eu não estiver com gota.
— Se vier na próxima semana, que seja apenas no final, se puder, pois irei a Nantes no início.
— E eu irei ao baile.

— Pois bem, na semana seguinte.
— Pegue-me quando me vir; está claro?
— Devido à guerra atual, o que acontecerá com os poloneses?
— Jogarão bola e esfregarão os russos; não levará muito tempo.
— O que pensa do Sr. B…ky, aqui presente?
— Bravo major.
— E da Sra. T…on?
— Muito doce.
— E da Sra. S…g…s?
— Boa, doce.
— E do Sr. S…g…s?
— Honrado e virtuoso (sic), mas muito impulsivo.

CHOPIN, COMPOSITOR DE MÚSICA

Sessão de 8 de março de 1855

— Qual a sua nacionalidade?
— Polonês.
— Local de nascimento?
— Varsóvia.
— Qual o seu nome?
— Chopin.
— Qual sua profissão?
— Artista lírico.
— Qual o seu principal instrumento?
— Piano.
— Você tinha irmãs; onde estão?
— Junto a Deus.
— Qual delas morreu primeiro?
— A mais nova (correto).
— Qual era o seu instrumento?
— A harpa (correto).
— Qual o motivo que o trouxe aqui?
— Ver um compatriota.
— Assistiu ao concerto dado no dia 5 deste mês na casa da princesa Anna Czartoryska?
— Sim, com felicidade.
— Viu lá a Srta. Théodosia Br…ky; acha que ela está progredindo?
— Será muito talentosa.
— Onde está agora o imperador Nicolau?
— No purgatório.
— É o purgatório segundo a visão católica?
— Não.
— Então ele não está nas chamas?
— Não.
— Qual a maior dor que se sente lá?
— A privação de Deus.

— Qual é o objetivo das manifestações espirituais?
— Desenganá-los.
— Em relação a quê?
— À religião.
— Qual é o nosso erro?
— Compreender mal as punições celestes.
— O que Deus faz com os ímpios?
— Ele não os queima.
— O local de sofrimento dos ímpios é dividido em partes, com penas proporcionais às faltas?
— Sim.
— Quantas categorias existem?
— Seis.
— É ali que colocas Nicolau?
— Sim.
— Em qual categoria ele está?
— Primeira.
— Ali estão as penas menos severas?
— Não.
— O céu tem várias categorias?
— Sim.
— Quantas?
— Sete.
— Qual outro erro cometemos na religião?
— A ce…p…t…ão.
— O que pensa da c…?
— Absurdo.
— Como se passa o tempo no céu?
— Como se deseja.
— Acredita na independência da Polônia devido à guerra atual?
— Só Deus sabe.
— Na América, espíritos movem objetos. Num círculo, um deles pegou um sino da lareira e o agitou sobre as cabeças dos presentes. Poderia pelo menos balançar este sino?
— Não te preocupes com isso, não gosto desse instrumento.
— Visitaste outros planetas?
— Vi Mercúrio.
— Esse planeta, tão próximo do Sol, é habitado?
— Sim.
— Qual a cor predominante dos habitantes?
— Cobre.
— São proporcionais a nós?
— Mais ou menos.
— Suas produções são muito diferentes das nossas?
— Aproximadamente como as vossas.
— Jesus Cristo é reconhecido universalmente no céu?
— Não.

Este Chopin é o mesmo de quem Haydn (espírito) falou na mesa falante, dizendo: “Elegíaco, cantor inspirado pela Pátria ausente, coração de jovem, cabeça de pensador, imaginação de bardo; ele habita as regiões ideais, no seio das atmosferas vaporosas onde nadam as sensações e onde pairam as ideias sublimes.”

O PÁROCO BEDEAU

Sessão de 10 de fevereiro de 1855

— Nome, profissão, onde?
— Bédeau, pároco em Angers.
— Em qual paróquia?
— A tua.

(Passo por alto muitos detalhes interessantes, mas que são apenas para nós.)

— O local onde estás é uma substância tangível? Há montanhas, rios, vegetação, animais?
— Sim.
— Onde estás, há maior iluminação do que na Terra? No catecismo nos ensinam: “Adorarás um só Deus.” Essa prescrição é aprovada pela maioria dos espíritos, sobretudo os mais instruídos e inteligentes?
— Sim.

(Para responder este "sim" de maneira solene, o pároco Bédeau escreveu a palavra de forma tão gigantesca que preencheu uma folha inteira do maior formato, cobrindo uma mesa.)

Perguntei-lhe:

— Se planeja continuar escrevendo letras tão grandes, precisaremos de uma resma de papel. Depois perguntei:

— Deus não representa três pessoas?
— Não.

(Fez então um "não" em tamanho minúsculo.)

— Como Jesus Cristo é visto no céu?
— Sublime moralista.
— A Virgem é im…?
— Não.

(Outro "não" gigantesco.)

Ele nos fez retratos moral ou intelectualmente muito fiéis: um tem coração de pedra, outro é um tolo, etc.

— Nosso último bispo morreu subitamente em uma visita episcopal; qual foi a causa determinante da sua morte?
— Veneno.
— Quer nos dar outra sessão?
— Sim, na próxima quinta-feira.

O PÁROCO BEDEAU

Sessão de 15 de fevereiro de 1855

(Omito a primeira pergunta de praxe.)

— Para garantir que és realmente tu, por favor, diga-me o nome do teu pequeno cão, que desconheço, e que deixaste com tua empregada Manette?

APARIÇÃO NO DIA DE TODOS OS SANTOS (8115)

No dia 31 de outubro de 1855, véspera do Dia de Todos os Santos, eu acabava de realizar uma sessão para uma pessoa e aguardava a esposa de um amigo, à qual prometera outra. Como essa pessoa não chegava à hora combinada e Adèle ainda se encontrava em sono magnético, julguei conveniente aproveitar esse estado para um estudo qualquer. Desde a manhã, o som dos sinos me envolvia, como se quisessem recordar-me que o dia seguinte era consagrado aos mortos, às doces lembranças e às lágrimas derramadas em sua intenção.

Pensei que nada poderia ser mais apropriado, nessa ocasião, do que pedir a Adèle que chamasse algum parente espiritualizado (a quem, há alguns anos, não procurava em seus sonos) para informarmo-nos sobre como o mundo espiritual percebia esse dia, que os homens dedicavam a essa aproximação afetuosa. Adèle pediu a presença de sua mãe; mas, para sua surpresa, foi seu irmão Alphonse (citado no primeiro volume dos *Arcanos*) quem apareceu ao seu lado, acompanhado pelo filho da pessoa que eu aguardava naquele momento.

Adèle perguntou ao irmão o que o mundo espiritual pensava sobre o Dia dos Mortos. Ele respondeu:
— Consideramos isso um sonho vazio!

O jovem que o acompanhava acrescentou:
— Mas é um sonho que ao menos faz com que pensem em nós.

— Esse dia não vos emociona como emociona os homens da Terra?
— Que emoção poderíamos sentir a respeito disso? Você se emocionaria ao saber que está em um local seguro, com saúde, em boas condições e esperando, com impaciência, alguém que está a caminho para vê-lo?

— Não! Mas se eu visse essa pessoa acreditando que nunca mais me veria e chorando amargamente a minha suposta perda, tentaria consolá-la, se estivesse ao meu alcance, e provar-lhe que não estou de forma alguma perdido para ela.

— É exatamente isso que fazemos, preparando-lhes uma recepção ainda mais bela. Suas lágrimas nos fazem dizer, com certo prazer: "Como ela ficará surpresa ao despertar e nos reencontrar, entrando em um estado e posses tão ricas em doces sensações!" Vemos a vida terrestre como um sono mais ou menos agitado e não damos mais importância às suas agitações do que uma mãe amorosa daria aos sonhos mais ou menos inquietantes de seu filho no berço.

— Mas esse sono não é de curta duração?
— Pela abstração do tempo, parece-nos, ao contrário, ser muito breve em nosso estado.

— Então, no mundo espiritual, não há nenhuma preparação especial para este dia de dores terrestres?
— Cada um encontra-se, conforme seus desejos, junto aos seus entes queridos e dedica-se ainda com mais ardor a preparar-lhes a surpresa de que falei.

Enquanto essa breve conversa acontecia, a mãe do jovem que aparecera ao lado do irmão de Adèle entrou na sala e ficou extremamente surpresa ao ver seu filho presente entre nós. Pedi a Adèle que perguntasse ao jovem como ele viera sem ser chamado e se conhecia o irmão dela, Alphonse, com quem estava naquele momento.

— Esse jovem conhece meu irmão, pois somos amigos de seu pai, mas ele sabia que veríamos sua mãe hoje, e foi por isso que veio.

— Quem lhe disse que tinhas um irmão no mundo espiritual? Como se conheceram?
— Meu irmão raramente me deixa. O filho do nosso amigo também está sempre próximo de sua mãe, e encontrou-se aqui com meu irmão. Sendo ambos jovens, tornaram-se amigos, como poderiam ter feito na Terra. Agora convivem e perguntam-se mutuamente, quando têm oportunidade, sobre suas respectivas famílias, do mesmo modo que fariam duas pessoas do mesmo país, informando-se sobre seus parentes distantes. No mundo dos espíritos, acontece como entre os homens da Terra: encontramos uns aos outros, conhecemo-nos, convivemos e agrupamo-nos da mesma maneira.

— Então, o filho do meu amigo tem plena consciência de que está espiritualizado?
— Certamente.

— Quais são suas ocupações atuais?
— Ele vai frequentemente visitar a família de sua esposa para ver o filho pequeno e também vem a Argenteuil para visitar os pais... e continua atuando no teatro.

Obs.: Devo observar que, entre as questões íntimas que sua mãe lhe dirigiu, esse jovem revelou que sua esposa, que trabalhava em um teatro americano, ganhava 350 francos por mês. Essa quantia parecia inverossímil em comparação ao valor irrisório que ela recebia quando atuava no teatro de Le Havre. Meu amigo procurou informar-se junto à mãe de sua nora, que residia em Lyon, sobre o salário real da jovem e outros detalhes que não devo mencionar. A resposta confirmou em todos os pontos o que o espírito do jovem havia afirmado.

Esse jovem faleceu há cerca de um ano, aos 24 anos, vítima de tuberculose. Dotado de uma aparência admirável e de um talento artístico promissor, ele amava profundamente sua profissão de ator, o que, sem dúvida, explica por que continua a exercê-la no mundo espiritual.

— Então, há teatros no mundo espiritual?
— Sim, como na Terra.

— Encontraste lá Talma ou outros grandes artistas?
— Encontrei aquele cujo nome adotei. (O nome artístico desse jovem era Gauthier, mas seu nome verdadeiro era Lejeune).

— Está comprometido profissionalmente com ele?
— Meu compromisso é apenas de prazer e não implica todas as obrigações dos contratos terrenos. Atuamos quando queremos, no que nos agrada, sem a preocupação de entreter um público, mas sim pelo próprio prazer de interpretar.

— Qual é o nome do teatro onde atuam?

— *Panorama Terrestre*.

— Que tipo de peças são encenadas lá?
— Representamos temas terrestres.

— Seriam eventos novos, de que foste testemunha, como um viajante trazendo notícias frescas de terras distantes?
— Não, de forma alguma! Representamos as angústias, dores e inquietações dos homens da Terra, tanto em relação à vida material quanto à sua ignorância sobre uma existência melhor. Mostramo-los mergulhados nas trevas mais densas e, pouco a pouco, passando para a luz. Conduzimo-los gradualmente a entrar no estado em que estamos. Esse é o clímax, o grande despertar, o triunfo, enfim. Esses pobres homens ficam extremamente surpresos, proporcionando-nos momentos de prazer que não podem sequer imaginar.

Esse jovem apresentou algumas cenas para ilustrar sua narrativa, facilitando a compreensão de Adèle sobre os teatros espirituais. Ela exclamou:
— Oh! Se visses isso, como é grandioso, belo e rico em frescor e harmonia! É algo muito superior aos nossos teatros terrenos! Tudo se move à vontade, expande-se e reduz-se conforme o desejo. É algo inacreditável para os olhos humanos!

O que Adèle descreveu sobre a beleza dos teatros e cenários espirituais não me surpreendeu, pois tive a oportunidade de ver com meus próprios olhos (durante os estudos espirituais que me são concedidos ocasionalmente, como já mencionei) alguns desses teatros e suas montagens. Para descrever ao leitor o interior de um teatro espiritual, precisaria da pena de um Lamartine ou Victor Hugo. Tentarei, ao menos, esboçar uma imagem; que o leitor supra minhas limitações com o entusiasmo de sua imaginação, embora, mesmo assim, sua concepção fique aquém da realidade.

Certa manhã, fui levado, por uma mão invisível, a um teatro que reconheci imediatamente como pertencente ao mundo espiritual. Não retive a memória do exterior, apenas do seu interior. Tratava-se de um vasto salão como jamais vi na vida, algo que faria o Fórum de Roma parecer insignificante. Não havia camarotes nem andares superiores, apenas uma imensa plateia, com dimensões comparáveis às do Champ-de-Mars, em Paris.

Os assentos eram longas fileiras de bancos macios, cobertos de veludo grená, dispostos de maneira a permitir visão desimpedida para todos. Subiam em camadas até desaparecerem de vista. O acesso era feito por um caminho em formato de ferradura, amplo e suavemente inclinado, dispensando escadas. Um tapete de veludo

violeta cobria todo o chão, macio o suficiente para envolver os pés até os tornozelos, como um tapete de musgo.

O palco era proporcionalmente grandioso e parecia iluminado pelo céu. A princípio, julguei não haver teto, pois não via qualquer estrutura superior. A orquestra parecia estar em toda parte e em lugar nenhum; sua música chegava em ondas perfeitas, auxiliando a atuação dos intérpretes.

Quanto aos atores... hesito em chamá-los assim. Talvez seja mais apropriado dizer que eram habitantes de uma vasta região. A cena representava os efeitos de uma tempestade: o céu, antes claro, foi se obscurecendo com nuvens densas que surgiam por trás de montanhas colossais e, pouco a pouco, cobriam todo o espaço.

Os camponeses apressavam-se a conduzir seus animais para o vale e para suas moradias. Vilarejos inteiros, casas e paisagens desfilavam diante dos espectadores como um diorama, e, no entanto, eram personagens vivos, cujos gritos, avisos e expressões de medo eram tão realistas que até eu me senti apreensivo quanto à possibilidade de sair ileso daquele caos.

Uma cidade inteira entrou em cena. Seus habitantes deixavam suas casas e reuniam-se em grupos numa vasta praça pública. Velhos de longas barbas brancas pareciam interceder junto a Deus para que acalmasse a tempestade. Jovens donzelas vestidas de branco e rapazes elegantemente trajados juntavam-se a eles em oração.

No entanto, a tempestade rugia cada vez mais forte, com estrondos que nem mil peças de artilharia de grosso calibre poderiam imitar. O desespero e a destruição atingiram o auge; os relâmpagos caíam incessantemente, arrancando rochas e derrubando trechos inteiros de muralhas, como um furacão dispersando palhas. Muitas pessoas tombaram vítimas do desastre.

Ondas de música, expressando angústia e súplica, preenchiam os intervalos entre os trovões. Até que, finalmente, um estrondo colossal — como jamais ouvido por ouvido humano, tenho certeza — aterrorizou atores e espectadores. Da multidão reunida, dos velhos, das jovens e dos rapazes, restaram apenas o espaço varrido e os escombros espalhados pelo chão.

Uma espécie de pânico tomou conta dos moradores das áreas vizinhas, resultando em uma fuga desenfreada. Homens, mulheres e crianças corriam entre casas e ruas parcialmente destruídas como um rio tentando transpor os rochedos que lhe barram o caminho. A tempestade continuava a rugir, e o medo aumentava a cada instante.

Os espectadores, dominados pela vertigem, abandonaram seus assentos e misturaram-se aos atores, que, para tranquilizá-los, levantaram-se um a um — antes pareciam mortos — e começaram a rir de coração aberto do efeito que haviam causado.

Fui então conduzido aos bastidores. Eram salas elegantíssimas dispostas ao redor do palco, mas havia ainda outras embaixo dele, em número suficiente para abrigar toda a população de uma cidade.

Curioso para saber se o que acabara de testemunhar fora uma tempestade real ou um fenômeno artificial, observei atentamente. Descobri então o teto do teatro, que imitava

perfeitamente um céu límpido, iluminado por um sol artificial. Presumi que as nuvens fossem criadas por alguma substância química capaz de simular sua aparência natural. Não pude compreender de onde provinham os estrondos da tempestade, nem como aquelas montanhas, vales e paisagens em movimento podiam ser projetados diante dos olhos do público. Mas uma coisa ficou clara para mim: nossos teatros terrenos estão muito longe de alcançar a grandiosidade daquele que acabo de descrever.

Se o filho do meu amigo atua em um teatro como esse, certamente pode representar todos os episódios da vida material e recriar os acontecimentos com magnificência, enquanto, na Terra, mal conseguimos reproduzir pequenos incidentes da existência.

Podemos concluir, a partir desta sessão, que o dia de pranto na Terra é um dia de alegria no mundo espiritual, pois fortalece, pela lembrança, os laços entre aqueles que se amam, esperam-se e devem viver eternamente juntos. Suponho que o leitor não se incomodará por eu ter registrado esta experiência e a compartilhado com ele.

Alphonse Cahagnet

APARIÇÃO DE UMA JOVEM QUE SE SUICIDOU EM JULHO DE 1855

O Sr. B..., tendo lido com grande interesse a obra *Os Arcanos da Vida Futura Revelados* e já tendo solicitado diversas aparições por intermédio de Adèle, veio hoje para que essa vidente chamasse sua cunhada, uma jovem que, há poucos dias, suicidou-se por asfixia com carvão, em consequência de uma decepção amorosa.

Adèle rapidamente entrou em contato com essa pessoa. A descrição que fez dela ao Sr. B... foi reconhecida como exata, ainda mais porque a falecida tinha um olho cego e traços peculiares, os quais deveriam mais afastar do que atrair qualquer envolvimento amoroso. Seguiu-se a conversa entre o cunhado e a falecida:

— Por que razão se suicidou?
— Por motivos que não devo revelar.
— A pessoa pela qual declarou, por escrito, que deixava a vida não a amava, então?
— Ele não sabia que eu o amava.
— Onde o conheceu?
— É um conhecido de infância.
— Em suas últimas vontades, especificou minuciosamente os detalhes do seu enterro e do adorno de sua sepultura, assegurando que deixava fundos suficientes para cobrir as despesas. Sua vontade foi rigorosamente cumprida: véu branco, mortalha branca, coroa branca, nada foi omitido. No entanto, os custos do enterro não puderam ser cobertos com o pouco que deixou, já totalmente gasto com a cerimônia. Sua mãe sabia que você possuía uma soma de seiscentos francos. Onde está esse dinheiro? Não conseguimos encontrá-lo.
— Se mencionei os detalhes do meu enterro e da minha sepultura, foi porque sabia que poderia pagar pelos custos com o que possuía. Se pedi uma coroa branca, é porque a merecia adornando o meu caixão. De fato, eu tinha essa soma, mas a emprestei e não quero revelar a quem. Vocês dizem que não podem cobrir as despesas que solicitei; não encontraram um comprovante do *mont-de-piété*?

— Não encontramos nada, e, no entanto, cada pedaço de papel foi revistado por sua mãe.
— Vocês encontrarão, tenham certeza, pois ele existe.
— De qualquer forma, mesmo que o encontremos, pode não ser suficiente para cobrir todas as despesas.
— Será suficiente.

— A questão é encontrá-lo.
— Será encontrado.
— Seria melhor indicar onde está.
— Não sei mais, pois vocês mudaram tudo de lugar; mas garanto que será encontrado.

— Como se sente desde sua morte?
— Pior do que antes.
— Por quê?
— Porque não deveria ter feito o que fiz.
— Como se deu seu despertar e quais foram seus primeiros pensamentos?
— Saí do estado de asfixia como quem desperta após uma noite agitada.
— Soube imediatamente que estava morta?
— Tive dúvidas, pois ainda me via deitada e cheia de vida. Não sei quem me fez levantar, e fiquei muito surpresa ao ver meu próprio cadáver ainda no leito. Não pude mais duvidar que havia deixado a vida material, mas um vazio terrível tomou conta tanto dos meus pensamentos quanto ao meu redor; não sabia mais quem eu era, onde estava, nem o que deveria fazer!

Meu quarto tornou-se insuportável! Vesti-me e fui até sua casa. Dirigi-me especialmente ao seu espírito. Fiz com que recordasse os nomes das pessoas que eu desejava que estivessem no meu funeral. Influenciei-o para que se lembrasse da pessoa que amava... Por isso, ele compareceu ao meu enterro!

Eu mesma estive lá, depois vaguei de sua casa para a de alguns amigos e parentes...

— Em sua carta, disse que queria convidar todas as pessoas que conhecia para o seu funeral. Mas eu não conhecia todas, e não sei se cumpri seu desejo.
— Sim, pois ele estava lá... e foi para ele que generalizei o convite.
— Refere-se ao jovem que tomou café da manhã comigo?
— Sim.
— Eu mal o conhecia, seu nome estava apagado da minha memória; não sei por que pensei nele.
— Eu já lhe disse: fui eu que trouxe seu nome à sua mente.
— Mas esse jovem não fazia ideia de que estava testemunhando o desfecho trágico de um amor que inspirou involuntariamente. Ele me disse até que o suicídio é um crime e que, longe de ser uma prova de amor, é um sinal de desapego aos entes queridos.
— Ele nunca soube do amor que eu sentia por ele!... E tem razão, suicidar-se é um crime.

Adèle afirmou essa última declaração, pois tem horror ao suicídio. Eu lhe disse:
— Não é humano desprezar o túmulo dessa infeliz, em vez de deixar cair sobre ele

uma lágrima! Sabes quanto esse coração deve ter sofrido, sendo tão amante e, ao mesmo tempo, desprovido dos atrativos que a sociedade exige para ser amada em troca? Vê essa alma sensível e generosa, oculta sob a feiura que descreveste, buscando, como qualquer outra jovem e como seu coração ansiava, um olhar de ternura na sociedade, e encontrando apenas o mais absoluto desprezo. Acrescenta-se a isso uma boa educação, uma vida solitária, uma mudança de temperamento causada por sua posição...

Oh! Para mim, há razões suficientes para justificar o que fez. Resta-nos esperar que Deus lhe perdoe, em nome de sua dor moral.

Adèle respondeu-me:
— Eis como são vocês, homens: indulgentes para perdoar em situações que não lhes dizem respeito! Mas perdoam ao condenado que foge do cárcere? Ou ao prisioneiro que escapa da prisão? Não. Ao contrário, apressam-se em recapturá-los e lançá-los de volta à cela.

Saibam que nossa estadia na Terra é determinada, assim como a de um prisioneiro. Se a deixamos antes do tempo, encontramo-nos na mesma condição dos fugitivos: não podemos nos fixar em lugar algum, pois nos falta o salvo-conduto que apenas a morte natural concede.

Os suicidas são marcados na fronte, não com ferro em brasa, mas com o selo da reprovação espiritual, assim como os condenados o são entre os homens. Todos os espíritos que cumpriram sua existência em ordem afastam-se imediatamente do suicida, considerando-o um egoísta, um mau servidor que recusou cumprir a missão que lhe foi confiada. Ele rompeu com a sociedade ao se separar dela; a sociedade espiritual age da mesma forma, até que o tempo de sua punição se esgote. Somente então poderá reencontrar a harmonia celeste.

— E qual é essa punição?
— Errar, como essa jovem, nos níveis mais baixos da atmosfera terrestre, sem poder elevar-se.

— Que locais lhes são designados? O que fazem?
— Erram em lugares apropriados à sua condição. Fazem apenas o que podem, não o que querem. Essa jovem, por exemplo, vagueia junto à mãe e a alguns amigos terrestres.

De acordo com o que sabemos sobre a faculdade que os Espíritos têm de ver os seres e os lugares pelos quais nutrem afeição, tal como você próprio o faz tão facilmente no seu estado de sonambulismo, essa jovem pode encontrar-se, conforme deseja, junto do Espírito que ama, e usufruir das criações contidas no globo atrativo que o Espírito Swedenborg nos deu a conhecer no terceiro tomo dos *Arcanos*.

Ela só pode ver, usufruir e possuir as imagens dos seres e das coisas que conheceu na Terra; mas apenas até ao tempo em que os conheceu. Consequentemente, nunca tendo falado de amor com aquele que ama, apenas pode vê-lo e repetir o que aconteceu. Isso poderia satisfazer aqueles que não acreditam estar mortos; mas aqueles que, pelo contrário, se afastam da vida terrena porque esta lhes é

insuportável, não conseguem regressar ao passado dessa vida e nele encontrar qualquer prazer.

Essa pessoa, que sabe estar espiritualizada sem qualquer progresso, sem poder usufruir de uma criação na qual não lhe é permitido entrar, só pode desfrutar do estado de que te falo, que é um estado de privação semelhante ao nada!... Acredita no que te digo, pois assim é.

Três dias após essa sessão, recebi uma carta do Sr. B... anunciando-me que o comprovativo da penhora de que se falava anteriormente tinha sido encontrado e que o valor suposto do objeto empenhado (dado o pouco que tinha sido emprestado) lhe parecia suficiente para cobrir as despesas ainda pendentes.

Diante de um facto desta natureza, poder-se-á argumentar que o lúcido viu no pensamento do Sr. B. essa particularidade que ele próprio desconhecia, tanto mais que a espiritualizada era tida como possuidora de seiscentos francos em caixa, o que está longe de justificar a necessidade de um empréstimo...?

APARIÇÃO QUÁDRUPLA

A 1 de outubro, três dias após a aparição do Sr. de Gasparin, fomos mais bem-sucedidos com uma jovem senhora chamada Mendricky, residente no número 31 da Rue aux Ours, em Paris, que solicitava a aparição de sua mãe.

Esta última apareceu em todas as condições necessárias para ser bem reconhecida, pois a jovem senhora era algo cética; um silêncio capaz de desconcertar o melhor dos narradores, poucas ou nenhumas respostas às questões necessárias para encorajar a lúcida nas suas investigações; nada faltava, mas a boa-fé não estava ausente. Assim, realizámos uma sessão de uma hora e cinquenta minutos, que não decorreu em silêncio, posso assegurar.

Adèle forneceu detalhes bastante precisos sobre a fisionomia dessas jovens, permitindo que a consultante as reconhecesse bem, exceto pelos traços mais marcados daquela que se apresentava como tendo vinte e dois anos. A senhora reuniu as suas recordações e reconheceu que a sua irmã teria exatamente vinte e dois anos.

Recordou-se também de um menino que sua mãe teve e que morreu pouco depois de nascer, o que corresponderia à idade do que Adèle viu, uma vez que, segundo ela (como se lê nos *Arcanos*), as crianças que morrem antes dos três anos não ultrapassam essa idade no além.

A consultante pediu para perguntar à sua mãe se ela se ocupava dela.

— Sim.

— E do meu menino?

— Ocupo-me dele também; ele cresceu bastante ultimamente.

— Ah! senhor, exclamou a consultante; mas isso é inacreditável!

— No entanto, é preciso acreditar, respondi a essa senhora.

— E o meu pobre menino que perdi há pouco tempo, conheceste-o? Terei errado ao desmamá-lo?

— Conheci-o; não foi o desmame que causou a sua morte, mas o pouco desenvolvimento do seu peito; os pulmões funcionavam mal; deves ter percebido pela dificuldade que ele tinha em respirar e pelo chiado quase constante que apresentava.

— Ah! não quero saber mais nada; vocês assustam-me! É aterrador de tão verdadeiro e, ao mesmo tempo, de tão profundo.

— Estas coisas não têm nada de assustador, minha senhora.

Elas são, pelo contrário, muito reconfortantes.

— É isso mesmo que quero dizer.

Em seguida, as lágrimas dessa jovem voltaram a inundar o seu rosto; e ali ficámos.

Repetimos: lamentamos que sábios da estirpe do Sr. Gasparin não sejam testemunhas de factos semelhantes; desejamos que esse senhor siga o nosso conselho; ao magnetizar ele próprio, não tardará a obter resultados dignos das suas meditações.

Alp. Cahagnet

APARIÇÃO DO COMANDANTE LA FORGUE DE PAC

(13 de fevereiro de 1856)

Não preciso de pedir a descrição desse Espírito, visto que Adèle já o tinha visitado várias vezes durante a sua doença e nada poderia acrescentar ao retrato tão preciso que anteriormente me fizera dele.

Dirijo-lhe as seguintes perguntas:

— Como se encontra?

— Muito bem.

— Tem consciência da sua espiritualização?

— Certamente.

— Quais são as suas ocupações atuais?

— Continuo a cuidar dos meus pobres doentes.

— Que cuidados pode oferecer-lhes, visto que já não está junto deles para os magnetizar?

— Continuo a interceder junto de Deus em favor deles.

— Desde a sua espiritualização, estudou alguma maneira superior de magnetizar para tratar doenças?

— Não conheço nenhuma melhor do que a oração. Essa era a que eu preferia e é a que aconselho a todos os meus irmãos como sendo a mais eficaz.

— No entanto, ocasionalmente usava óleos e plantas.

— Sim, mas era para um número muito pequeno de casos, e mesmo esses remédios eram influenciados pela oração.

— Viu o Espírito Swedenborg?

— Não; vi o Cristo.

(Adèle faz-me notar que esse bom Espírito parece ter o Cristo em grande veneração).

— Como viu o Cristo? Como Deus ou como Filho de Deus?

— Como todos os homens devem vê-lo: em Espírito como nós, mas um Espírito superior pelo seu amor e pela sua grande caridade para com os seus irmãos.

— Então não o reconhece como sendo Deus?

— Não; todos os Espíritos da sua sociedade, da qual faço parte, veem-no apenas como um irmão que muito sofreu pela humanidade.

— Porque é que os sacerdotes cristãos não o veem da mesma forma?

— Porque insistem em não querer ver a luz onde ela realmente está.

— Então ainda habita as suas terras terrenas?

— Não; estou nelas apenas pelo pensamento.

— Tem algo a revelar aos homens?

— Aconselho-os a amarem-se uns aos outros, a acreditarem e a esperarem na bondade divina.

— A pessoa que me pediu para fazer aparecer a sua presença recomenda-se a si tanto pela saúde quanto pelo consolo espiritual.

— Sempre que ela me chamar pelo pensamento, estarei ao seu lado e farei o possível para a acalmar.

Adèle afirma sentir-se muito feliz na esfera desse bom Espírito e diz que ele é um dos mais caridosos que conhece.

Não fiz esta aparição senão para instruir os magnetistas-espiritualistas sobre a posição atual de um homem cuja perda terrena é irreparável.

Alp. Cahagnet

APARIÇÃO DE BLESSON

Já mencionámos anteriormente o nosso amigo e irmão em Deus, Blesson, o primeiro mártir do magnetismo, espiritualizado em plena via pública após uma magnetização que acabava de realizar.

Acreditamos que os nossos leitores não precisam de mais informações para reconhecer imediatamente um dos magnetistas mais dedicados e corajosos que já existiram. Também sabem que, se não os informamos mais frequentemente sobre as nossas relações diárias com os nossos irmãos espiritualizados, é porque temos tantas coisas a relatar que nos falta sempre espaço para o fazer.

Mas, já que hoje estamos a citar aparições, achamos por bem falar um pouco sobre Blesson.

Acabávamos de realizar uma aparição externa quando decidimos encerrar a sessão com uma troca de boas recordações com o nosso amigo. Adèle, em comunicação com ele, expressa-se assim:

— Ele tem sempre o mesmo ar alegre que tinha na Terra; está acompanhado do seu amigo, o Sr. Meunier *(ex-marchand de vinagre na Rua Saint-Martin, espiritualizado alguns meses depois de Blesson).*

A lúcida entra em conversa com este último e mal consegue repetir-me tudo o que ele lhe diz, tanto a ela quanto ao seu amigo. A mesma força que ele possuía no seu discurso parece transmitir-se à lúcida; ela está animada, gesticula e enfatiza as suas palavras, cujo tom, por momentos, recorda o charme da linguagem das oficinas.

Pergunto a Blesson se está feliz, se ainda se ocupa da sua casa, se se encontra orientado e o que faz, enfim, se o seu amigo sabe que ele se espiritualizou.

Blesson leva a mão à testa, como costumava fazer entre nós, e exclama:

— Não me falem da minha casa nem dos meus negócios; fora isso, estou feliz... Os Espíritos dão-me trabalho para os magnetizar e colocá-los em comunicação com os homens da Terra, como já vos disse. Mas é sobretudo aquele grande vinagreiro ali *(apontando para o seu amigo presente)* que me absorve...

— Blesson, magnetiza-me mais um pouco para que eu possa ver Clarisse *(esposa deste último).*

— Que vejas Clarisse, que vejas Clarisse; deseja-o e vê-la-ás como eu. Mas não, ele segue-me para todo o lado; somos como São Roque e o seu cão; ele não sabe o que fazer nem para onde ir sem mim. Terás saudades dos teus pickles, glutão? Terão tempo de apurar até que os visitemos. E as ameixas!... Ah! comerciante de ameixas, eu farei com que proves ameixas espirituais, que são muito mais perfumadas do que as tuas. Diz-me, estás insatisfeito por eu te ter atraído até aqui? Não tens tudo o que desejas? Estamos ou não livres das nossas amarras terrenas?

Blesson, dirigindo-se novamente a Adèle, diz-lhe:

— Oh! agora tenho casas; este medroso aqui (apontando para o seu amigo) ainda imagina que sofre!... Ora vamos! Acorda, dorminhoco, e alegra-te por estares onde tantos outros gostariam de estar.

Adèle entra numa conversa íntima com esses dois Espíritos. Não consigo anotar tudo o que ela me diz, e, mesmo que conseguisse, esses detalhes só teriam valor para aqueles que conheceram esse zeloso magnetista. A lúcida assegura que ele continuará a magnetizar por toda a eternidade. Ele mostra-lhe a mão e diz:

— Há fluido aqui dentro!

Mas Adèle surpreende-se ao vê-lo de luvas, uma vez que ele não as usava em vida. Esse Espírito queixa-se de um amigo que, segundo ele, não cumpriu a sua promessa para com os seus filhos. Fala-nos também de uma jovem que sabe estar grávida e comenta:

— Ah! desta vez, ela não me terá para cuidar dela. Psit! Não lhe acontecerá nada pior.

Blesson assegura-me que se tornará perceptível para mim através de toques e que me magnetiza sempre que lhe peço esse serviço. Devo confessar que senti menos a ação magnética dos meus amigos – e até a dele em particular – durante os primeiros seis meses da minha doença do que a sinto agora que ele está espiritualizado. Ele continua:

— É assim que seguimos uns atrás dos outros; acreditamos estar bem estabelecidos aqui na Terra por muitos anos e, de repente, psit! Passamos para o outro lado e abandonamos a nossa concha sem arrependimentos.

— Oh, minha irmã corpulenta, – diz ele a Adèle – quando for a tua vez de partir, eu encarregar-me-ei de ser o teu guia.

— E este medroso aqui, – referindo-se a mim – também o introduziremos; abriremos os seus olhos espirituais, tal como ele abriu os nossos. Ele será o nosso aprendiz depois de ter sido o nosso mestre. Oh, meu velho, estou à tua espera, a ti e aos irmãos. Enquanto isso, vamos, comerciante de vinagre; psit! Vamos embora! Hoje tenho de ver o Sr. Swedenborg. Adeus, irmã, até à próxima oportunidade.

Dou apenas um vislumbre muito pálido desta sessão, que foi tão animada quanto emocionante. Não sei quem teria desejado que terminasse, e ninguém poderia duvidar que Adèle estava verdadeiramente em comunicação com o nosso amigo. Essas cenas não se escrevem nem se pintam; veem-se uma única vez, e felizes são aqueles que guardam a consoladora lembrança delas.

Observação

Blesson demonstra uma liberdade muito maior connosco agora do que quando estava na Terra. As casas que ele afirma possuir no seu estado atual refletem o afeto que tinha por uma bela propriedade que possuía em Paris, a qual foi forçado a vender devido a investimentos ambiciosos. Sempre guardou grande pesar por essa perda.

A jovem mencionada estava, de facto, grávida. Acreditamos que ele não se queixa injustamente do amigo citado. Eram três que haviam assinado um compromisso: o primeiro deles a partir tomaria conta dos filhos dos outros, se os houvesse. Apenas um dos dois sobreviventes ofereceu-se para cumprir a promessa. No entanto, a esposa do

nosso amigo não precisou desse apoio. Muitas outras revelações igualmente precisas nos foram feitas, mas as circunstâncias impõem-nos silêncio.

Alp. Cahagnet

ESTUDOS ANATÓMICO-MÉDICOS

(21 e 26 de janeiro de 1856)

Somnâmbulos Ravet e Adèle Maginot

O escopo de uma obra intitulada *Revelações do Além* (ver o final desta coletânea), apesar de amplamente expandido, revela-se ainda insuficiente para incluir os estudos que continuo a realizar com o sonâmbulo Ravet, de quem falei no primeiro tomo da *Enciclopédia*. Sou, portanto, forçado a transcrever o excedente para esta publicação. Seria lamentável, creio, deixar no esquecimento detalhes como os que se seguem.

No dia 21 de janeiro, questionei o lúcido acima referido sobre dúvidas relativas à missão dos guias espirituais dos homens na Terra – sessão essa mencionada na obra citada. Depois disso, Ravet pediu alguns conselhos ao seu guia sobre o tratamento de uma ferida na perna, ferida que o inquietava e lhe causava grande sofrimento.

Quatorze anos atrás, enquanto brincava com um camarada, Ravet levou um pontapé na parte da frente da perna direita, o que lhe causou uma ferida que permaneceu aberta, apesar de todos os cuidados que dedicou ao longo desse tempo.

Até que, certa noite, o seu irmão espiritualizado apareceu-lhe em sonho e revelou-lhe um remédio que rapidamente levou à cicatrização dessa ferida. *(Ver no primeiro tomo da Enciclopédia o artigo: "Cura por um morto.")*

A ferida permaneceu fechada por quase um ano, mas depois reabriu. Adèle conseguiu fechá-la novamente, mas ela voltou a abrir-se após cerca de nove meses de cicatrização. Foi por isso que, nesse dia, o lúcido consultou o seu guia.

Ravet tem as pernas cobertas por varizes de um volume incrível, o que, creio, dificulta ainda mais a cura definitiva da sua ferida.

Há cerca de um ano, sofreu outro acidente que quase lhe trouxe os mesmos problemas que o primeiro. Durante algum tempo, sentia um desconforto sob o tornozelo interno da mesma perna. Pensando tratar-se de uma farpa alojada na pele, tentou retirá-la com um objeto cortante e, inadvertidamente, atingiu um pequeno nervo imperceptível, que se havia estendido para fora da epiderme e formado uma pequena protuberância.

Dois meses de tratamento magnético e um pouco de unguento Canet foram necessários para fechar essa pequena ferida.

Mas, nesse mesmo dia, essa mesma ferida ameaça reabrir-se e, o que é ainda mais surpreendente, uma ferida semelhante surgiu exatamente no mesmo ponto da outra perna, correspondendo à posição da primeira.

Peço ao lúcido que questione o seu guia sobre o que pode estar a causar essa persistente reabertura da ferida, mesmo após um longo período de cicatrização, e como se pode explicar o fenómeno do surgimento da segunda ferida.

— Isso deve-se ao hábito que o humor corporal adquiriu de sair por essa abertura.

— Para compreender tal hábito, seria necessário supor que esse humor tem a capacidade de desenvolver um padrão de comportamento e, consequentemente, de ter consciência do que faz.

— Sim, ele tem plena consciência disso.

— Poderia aceitar essa explicação com base na vida que eu já suspeitava e que vocês nos confirmaram, que anima as moléculas materiais mais simples; mas o humor que já saiu não está mais lá para "se lembrar" de que saiu por essa abertura, e o humor que ainda não saiu não poderia ter adquirido esse hábito.

— Precisas de ter passado por um caminho qualquer, que sabes que conduz a determinado lugar, para conhecê-lo e utilizá-lo quando necessário? Já te disse que não há nada inanimado nem desprovido de pensamento no universo; portanto, os corpúsculos que compõem a substância humoral comunicam-se entre si e sabem, por esse meio, por onde seus companheiros passaram para atingir outro estado, o que, para eles, é uma forma de liberdade. Essa ferida era um caminho cuja porta é continuamente vigiada por alguns deles, e, quando grandes emigrações se tornam necessárias (devido à abundância das massas), os guardiões removem, assim como souberam colocar, os materiais obstrutivos que haviam sido posicionados temporariamente. Assim, a porta reabre-se e a emigração prossegue.

— Do que é composta essa secreção?

— Da espuma do sangue.

— O que produz essa espuma?

— O excesso ou a falta de certos constituintes do sangue.

— Por que razão a segunda ferida se abriu espontaneamente?

— Porque surgiu uma abertura impercetível que facilitou a sua reabertura. A secreção é constantemente transportada no fluxo da circulação sanguínea. Às vezes, ela encontra obstáculos no seu percurso devido a compressões ou outras causas. Quando isso acontece, os corpúsculos que a compõem agrupam-se e fazem enormes esforços para continuar o seu trajeto. Esses esforços geram aquilo a que chamam inflamações, que, por sua vez, resultam em rasgos e feridas. Uma vez formada a ferida, ela não é fácil de fechar, especialmente se estiver próxima de canais de circulação intensa.

— Esses corpúsculos têm um centro de ação ou algum tipo de organização?

— Certamente, formam um pequeno povoado com o seu próprio governo, leis, hábitos e necessidades. Já te disse isso antes.

Observação

Não creio que Ravet tenha qualquer predisposição para um sistema de pensamento que me é fácil aceitar, dado que já o explorei amplamente nas minhas obras. Esse lúcido partilha da opinião de quase todos os outros que consultei sobre a saúde: devemos desconfiar mais do nosso próprio conhecimento do que do de outro lúcido. Ele prefere que eu consulte Adèle sobre o tratamento a seguir.

Foi isso que fiz alguns dias depois. Eis o que Adèle nos disse:

— Por que razão essa ferida se reabriu?

— Porque, apesar de estar fechada, não se continuou a aplicar o unguento que a fechou durante pelo menos dois meses.

— O que esse unguento teria feito sobre um tecido saudável?

— Esses tecidos não estavam tão saudáveis a ponto de não precisarem mais de um fortificante, e esse unguento era exatamente isso.

— Mas isso não me explica por que se reabriu!

— Porque a secreção adquiriu o hábito de passar por ali!

— Falas em "hábito". Mas que hábito pode ter uma secreção dentro do corpo para fazer algo que nunca fez antes? Pois, se já o tivesse feito uma vez, não voltaria ao corpo para repetir!

— Crianças que têm o hábito de correr pelos campos ou junto à água não acabam, por vezes, vítimas de algum buraco ou de uma queda num precipício? Se proíbes todas as crianças do bairro de irem até esses lugares perigosos, apenas estimularás o desejo de irem, e, por isso, mais acidentes ocorrerão. O mesmo acontece com o percurso que essa secreção tem seguido durante anos devido à circulação. Ela passa frequentemente por essas aberturas, por onde tantos dos seus componentes desaparecem. Todos sabem que essas aberturas existem e passam por elas quando não querem ou não podem mais viver entre os outros.

— Para que isso acontecesse como dizes, essa secreção teria que estar viva e ter consciência.

— Onde existe algo morto na criação? Se nada está morto, então tudo age, não? E agir e pensar são a mesma coisa; não se pode fazer um sem o outro. Pois bem! Vocês são ingênuos ao acreditar que tudo isso não pensa. Quem pensaria por eles? Quem guiaria esses seres "mortos" no que vocês dizem ser a sua própria vida? Ah! Os vossos sábios poderiam viver cem anos com os olhos tão abertos quanto os meus e ainda assim não saberiam explicar tudo isso. Mas saibam que somos um mundo, um universo inteiro e vivo.

Adèle aconselhou Ravet sobre o que devia fazer, e eu permaneci, pela primeira vez, sob o impacto dessas explicações quase idênticas fornecidas por dois lúcidos distintos sobre a constituição da matéria.

Ravet, tendo lido as minhas obras, poderia facilmente pensar como eu. Mas Adèle, que não leu nada, que se recusa a ler e que só se sente à vontade na cozinha, dizer-me tais coisas foi algo que realmente me surpreendeu.

Ela não possui comunicação de pensamentos, e, se a tivesse, teria certamente me dito isso de maneira explícita. Assim, concluí que ainda estamos nos primeiros passos dessas descobertas e que estou no caminho certo para compreendê-las.

Que os magnetistas estudiosos se dediquem a essas pesquisas, especialmente após a leitura da obra citada; não se arrependerão dos seus esforços.

APARIÇÃO DE UM ECLESIÁSTICO POR OUTROS ECLESIÁSTICOS

No dia 12 de março de 1855, recebi uma breve nota do Sr. Abade Almignana, na qual esse venerável amigo me informava que dois eclesiásticos, tendo lido sua última brochura intitulada *Do Sonambulismo, das Mesas Girantes e dos Médiuns, etc.*, manifestaram o desejo de entrar em contato com ele. Para esse fim, ele lhes prometeu que faria o possível para obter de Adèle uma sessão de aparição, chegando a marcar o dia e a hora para o dia 14 do corrente mês, sem me dar outra alternativa senão aceitar essa experiência.

Confiei naqueles que nos guiam e nos iluminam nesses estudos. Se tivesse tido a oportunidade de aconselhar o Sr. Almignana quanto à conveniência desse tipo de prova para pessoas que, na sua maioria, são fortemente hostis a tais fenômenos, teria pedido que não dispusesse de mim dessa maneira. No entanto, a situação revelou-se diferente do que eu imaginava. Os dois eclesiásticos que acompanhavam o digno abade pareceram-me indivíduos de grande instrução, acima da média, e ocupavam posições que, em tempo oportuno, poderiam conferir-lhes autoridade nessa importante questão.

Após os preparativos habituais, para alinharmos as questões que iríamos abordar, achei por bem chamar Adèle, conforme o estado do meu espírito. Digo "conforme o estado do meu espírito" porque, sendo extremamente sensível, consigo perceber com precisão onde estou e com quem estou. Como toda a força e serenidade de um lúcido parecem depender inteiramente do estado do seu magnetizador, este último nunca deve responder às suas dúvidas com receio. O sucesso de qualquer estudo reside na confiança e no fervor com que é conduzido.

Adèle entrou no sono com grande facilidade, embora parecesse estar numa sacristia, a julgar pelas longas batinas e pelos mantos acolchoados que adornavam o nosso pequeno recinto. Foi o Sr. Abade quem teve a honra da primeira aparição: esse senhor pediu para ver sua mãe. Adèle descreveu-a com um nível de detalhe e precisão tão grande que ele não quis mais nada além de comunicar-se com sua mãe querida através da lucidez da médium. Muitas das confidências dessa mãe arrancaram lágrimas de amor dos olhos desse bom filho. O espanto e as exclamações não faltaram.

Adèle disse:

— Essa senhora tinha a audição um pouco reduzida e uma voz com um timbre notável, tanto pelo som quanto pela doçura. Gostava muito de flores, cultivava violetas com carinho e, mais do que isso, falava com elas como se fossem seres animados.

Essa revelação, sendo precisa, dissipou imediatamente a ideia de que se tratava apenas de uma imagem projetada, pois uma imagem não fala nem pode reproduzir o som da voz da pessoa que representa.

O abade perguntou à sua mãe quantos filhos ela teve.

Adèle respondeu:

— Quatro.

Erro.

— Teve filhos e filhas?

— Apenas uma filha.

— Novamente um erro, pois ela nunca teve filhas.

— Essa senhora está lhe dando essa resposta? — perguntei a Adèle.

— Não, mas vejo bem os filhos dessa senhora, e há junto dela, neste momento, uma jovem de 15 anos, no máximo, que ela deve ter perdido nessa idade.

Adèle começou a descrevê-la, mas foi interrompida pelo abade, que reconheceu essa jovem como sendo a irmã de sua mãe. Era uma irmã de quem sua mãe sempre falava e por quem nutria grande saudade.

O abade então perguntou quantos filhos homens ela teve.

— Três, respondeu Adèle, o que, somando com essa jovem, dá os quatro filhos que eu havia mencionado.

— Sim, ela teve três filhos, mas estão vivos ou mortos? Onde estão? Ela sabe?

— Eles ainda estão na Terra. Dois estão em posição vantajosa, mas o terceiro encontra-se numa situação precária.

— Onde estão?

Até esse momento, o abade não havia dito nada que permitisse supor que era filho da senhora que solicitara, muito pelo contrário. Parecia-me que ele, de propósito, tentava ocultar sua ligação com ela.

Adèle prosseguiu com várias revelações sobre a relação entre os três irmãos, seus temperamentos e suas afeições.

A sessão foi encerrada após uma hora de diversas pesquisas.

O outro eclesiástico, pároco de uma grande cidade próxima a Paris, desejava submeter a Adèle algumas questões em nome de uma senhora que possuía conhecimentos espirituais e desejava uma aparição, além de alguns conselhos sobre seu estado atual.

Adèle, bastante cansada, duvidava de suas forças. Magnetizei-a novamente, e pedimos a aparição da pessoa cujo nome nos foi dado.

A descrição foi tão minuciosa e precisa quanto a primeira. Consequentemente, a lúcida estabeleceu contato com o espírito presente, resultando numa conversa de uma hora. Não posso repetir aqui os assuntos íntimos abordados, pois apenas devo reter aquilo que é útil para todos, e não informações que possam comprometer de alguma forma aqueles envolvidos no sigilo dessas questões.

O pároco ficou tão satisfeito quanto o abade, e o Sr. Almignana, oculto atrás dos dois senhores, ria discretamente do seu espanto — um espanto que ele próprio experimentara na sua primeira sessão de aparição comigo.

Tudo ocorreu maravilhosamente bem, exceto no que dizia respeito à causa da espiritualização da pessoa solicitada. Adèle havia se enganado.

Fraqueza pulmonar, convulsões estomacais, palpitações cardíacas, inflamação intestinal e um estado geral de debilidade eram mais do que suficientes para causar a morte, mas não foram a causa. Todos os detalhes fornecidos por Adèle estavam corretos, mas o homem morreu em consequência de um acidente, que não deixava margem para dúvidas.

Adèle, extremamente cansada, fazia esforços sobre-humanos para identificar a verdadeira causa da morte, mas não conseguia.

— Sei que ele morreu em decorrência de uma queda, mas não consigo ver essa queda.

— Olhe bem, respondeu o pároco. Foi de um telhado ou de uma janela?

— Vejo uma casa, árvores, uma escadaria, uma cadeira... Sei que ele não caiu de muito alto, mas não o vejo cair.

— Peça-lhe para lhe mostrar.

— Oh! Vejo um cavalo... depois uma carruagem... sim, sim! A carruagem virou! É isso! É isso!

— Sim, é isso mesmo, confirmou o pároco. Mas ele estava sozinho na carruagem?

— Não, eram três.

— O que aconteceu com os outros dois?

— Um fraturou o ombro, o outro sofreu uma contusão na cabeça.

— E o terceiro?

— O terceiro sofreu uma lesão interna da qual morreu algum tempo depois.

— Sim, isso é exato. Ele está feliz?

— Muito mais do que estava na Terra.

— Por quê?

— Porque foi forçado a seguir uma profissão que não era do seu gosto.

— Qual era essa profissão?

— A de padre.

— Quem o obrigou a seguir essa vocação?

— Seu pai e sua mãe... Não, essa mulher era sua madrasta.

— Tem certeza?

— Absoluta, pois ele me diz isso.

— Como ele está vestido?

— Como padre. Diz que sofreu muito, o que o tornou muito triste e pensativo.

— Qual era sua verdadeira vocação?

— Medicina. Ele estudava medicina antes de ser forçado a tornar-se padre.

O Entorno Dessa Senhora Lhe Convém?

— Sim.

— Quem compõe esse entorno?

— Você, em primeiro lugar, depois uma mulher mais jovem e um senhor idoso.

— O que sou para essa senhora?

— Um consolador.

— E o que ela é para mim?

— Uma pessoa inteiramente devotada a você.

— E esse senhor idoso, o que ele representa para essa senhora?

— Um homem digno, mas um tanto rabugento.

— Ela se sente bem na sua companhia?

— Sim, no que diz respeito ao afeto.

— E de outro modo?

— Oh! Não há nada a temer. Seu tempo já passou, e ele o utilizou muito bem.

— O que esse senhor pretende fazer em relação a essa senhora?

— Uma viagem.

— Para onde?

— Para Argenteuil.

— Com que propósito?

— Para me consultar sobre ela.

— Ele pretende ir sozinho?

— Não, você deve acompanhá-lo. Pelo menos, essa é sua intenção.

— Se essa senhora recuperar a saúde, poderá retomar sua profissão?

— Diga-lhe que já trouxe crianças suficientes ao mundo e que deixe essa tarefa para os outros.

Essa senhora era parteira. Se entrei nesses detalhes, não foi por indiscrição, pois não menciono nomes, mas sim para que o leitor compreenda essas conversas longas e íntimas que frequentemente se estabelecem entre os consulentes e a lúcida. Consultas que, sem dúvida, levam os primeiros da dúvida à certeza absoluta.

Foi exatamente isso que aconteceu após essa conversa de duas horas e meia. Os dois eclesiásticos expressaram apenas um único pesar: o fato de serem obrigados, devido à sua posição, a manter silêncio sobre fatos dessa natureza. No entanto, prometeram voltar para me ver e estudar essa questão com mais profundidade.

O Sr. Abade Almignana, da Rua Bernard, nº 16, em Batignolles, pode atestar a completa exatidão desse relato.

APARIÇÃO TERCIÁRIA

O Sr. Tildeman, um estrangeiro estudioso e abastado, grande admirador dos fenômenos espirituais, tendo lido tudo o que escrevemos sobre essa questão e desejando comprovar por si mesmo a veracidade de nossos relatos, veio acompanhado de sua esposa e de uma jovem americana para solicitar de Adèle uma aparição para essa senhora.

Esta última, embora vivendo em meio às mais curiosas manifestações espirituais já ocorridas na Terra, parecia não estar familiarizada com esses fenômenos. No início, demonstrou indiferença aos detalhes fornecidos pela lúcida sobre a pessoa que solicitava. Mas, como em tudo o que fazemos não podemos prever todas as etapas do processo, o interesse dessa senhora aumentou gradualmente à medida que os detalhes se sucediam.

A descrição foi extremamente precisa, incluindo curiosas particularidades que preferimos omitir. Mas o que tornou a experiência ainda mais fascinante foi que, ao lado da dama que apareceu, a lúcida viu uma jovem de cerca de 15 anos, que tomou como filha da espiritualizada. No entanto, essa última não tinha nenhuma filha espiritualizada.

A pessoa que apareceu espontaneamente sem ser chamada não pôde ser imediatamente reconhecida com base na descrição fornecida pela lúcida. Mas, após um momento, a consulente a reconheceu perfeitamente como sendo sua irmã, e não sua filha.

Durante essa busca, um jovem oficial, estudante de uma academia militar, também se apresentou junto à espiritualizada, sem que ninguém o tivesse solicitado. Ele se fez reconhecer como sendo seu filho.

A consulente pediu que a lúcida descrevesse a doença que levou à espiritualização desse jovem.

A lúcida respondeu imediatamente:

— Não vejo nenhuma doença... espere... oh, isso é estranho... que estranho...

— O que é estranho? — perguntei a Adèle.

— Que maneira curiosa de se espiritualizar!... Imagine que eu o segui enquanto ele caminhava rapidamente. E, de repente, sem qualquer aviso, seu corpo desaba e sua alma se eleva... Ele não está mais lá... Não vejo mais nada...

Ao ouvir esse relato, a senhora ficou muito emocionada e nos disse:

— Meu irmão morreu afogado!

Pensei que, para poupar a lúcida do impacto dessa visão triste, haviam mostrado apenas o suficiente para que ela entendesse que se tratava de um acidente, uma causa inesperada que levou à sua espiritualização.

Pode-se imaginar o imenso espanto dessa senhora e como, em um único instante, ela foi completamente convencida da possibilidade de comunicação com os espiritualizados, algo que antes considerava impossível.

Adèle estava um pouco fatigada após essa sessão, o que a tornou menos disposta a tentar uma nova aparição para o próprio Sr. Tildeman. No entanto, ela tentou, mas a pessoa solicitada não apareceu em condições de ser reconhecida.

Foi uma tentativa frustrada? Talvez. Mas a lúcida foi muito explícita, e os detalhes não faltaram.

O Sr. Tildeman esforçou-se para recordar se a descrição fornecida poderia corresponder a algum membro de sua família.

De repente, uma luz lhe veio à mente.

Ele perguntou a Adèle:

— O Espírito que apareceu tem realmente os nomes pelos quais foi chamado?

— Sim, respondeu a lúcida, exceto que ele tinha um terceiro nome, que era o primeiro dos três.

— Agora me lembro! — exclamou o senhor. Era um primo que tive nas Índias, onde se espiritualizou exatamente na idade, da maneira e nas condições que você acabou de descrever!

A conversa tornou-se então mais fluida entre o espiritualizado e a lúcida. Assim, de uma sessão que parecia ser um fracasso, conseguimos obter uma experiência altamente instrutiva, que, mais uma vez, refuta a ideia de que tudo isso se trata apenas da leitura de pensamentos.

APARIÇÃO SÉXTUPLA

Frequentemente, realizamos uma aparição para um visitante que parece dar-lhe mais ou menos importância, o que nos faz duvidar, por vezes, do bom resultado desse estudo... Recebemos muitas pessoas e registramos poucos relatos formais de nossas

sessões. Assim, nossa memória nem sempre é suficientemente fiel e detalhada para nos lembrar, de imediato, do estudo feito por determinado visitante há vários anos.

Foi o caso de hoje, 14 de março de 1857.

Ao consultar Adèle, soubemos que haveria uma sessão de aparição no próximo sábado.

— Para quem?

— Para o Sr. C.

— Esse nome me é familiar, ele já foi um dos meus leitores.

— Sim, ele o conhece bem.

— E eu também... É aquele jovem estudante que me pareceu tão sincero quanto cheio de dúvidas próprias da sua idade. Ficarei feliz em revê-lo.

Chega o sábado, e nosso visitante comparece pontualmente ao encontro. Mas ele já não é o jovem com o ar típico do Quartier Latin, com um visual talvez um tanto despreocupado. Agora, apresenta-se como um homem respeitável, com uma aparência muito distinta. A fala despreocupada do jovem foi substituída pela reflexão do estudioso.

Nosso visitante, agora tão sério quanto um lorde, inicia a sessão com estas palavras:

— Teria a gentileza de chamar minha mãe, Madame G.? Não posso traduzir seus nomes para o francês, pois não há equivalentes nesta língua.

— Não importa, digo a Adèle. Chame a mãe do senhor.

Após alguns segundos de espera, Adèle afirma que ela está presente e começa a descrevê-la detalhadamente, como de costume.

— Você deve se lembrar dela, diz o visitante. Há alguns anos, você a fez aparecer.

— Vejo tantos Espíritos que não posso me lembrar de todos.

— Os detalhes que você me dá são precisos, mas gostaria que mencionasse algo característico, como, por exemplo, há quantos anos ela faleceu.

— Há mais de dez anos.

— Sim, faz vinte e cinco anos.

— Você está enganado, responde Adèle rapidamente. A vigésima quarta primavera ainda não se completou.

Após alguns momentos de reflexão, o visitante exclama:

— Isso é incrível! É absolutamente correto! Dentro da Páscoa deste ano, fará vinte e quatro anos!

Adèle prossegue:

— Sua mãe tinha olhos muito bonitos, de extrema doçura, emoldurados por longos cílios.

— Isso é verdade.

— Ela se espiritualizou após um parto.

— Sua morte foi complicada por um aborto espontâneo, de fato.

— Complicada? Diga determinada, pois a fraqueza de seus pulmões não havia atingido o grau que se supunha.

— Sim, não há dúvida, é minha mãe que você vê. Esses detalhes me bastam.

— Mas não vejo apenas sua mãe. Há também uma menina ao lado dela.

— Mas ela nunca perdeu uma filha.

— Sim, perdeu. É a criança do aborto espontâneo.

— Pode ser...

— Também vejo ao lado dela um menino pequeno.

— Sim, é verdade que ela perdeu um filho. Que idade ele parece ter?

— Entre quatro e cinco anos.

— Ele tinha quatro anos e alguns meses. Você não vê outra filha com ela?

— Não. Ela me diz que os avós a levaram e que não está com ela.

— Quem são esses avós?

— Aqui estão: duas senhoras, um velho cavalheiro e sua irmã. Esta última não chegou a completar dezasseis anos.

(Segue-se uma descrição detalhada, confirmada pelo visitante.)

— Ela faleceu de uma doença pulmonar.

— Sim, esses detalhes são exatos, tanto quanto posso me lembrar.

— Quem são as outras três pessoas?

— Uma das senhoras mais velhas é avó da menina e a amava muito. Por isso, não pode deixá-la, e é por isso que sua mãe não a tem ao seu lado... A outra senhora é mais jovem. *(Segue-se a descrição, que revela ser a irmã da mãe do visitante.)*

— O velho senhor é seu avô... Sua mãe me diz que ainda restam dois filhos na Terra: sua irmã mais velha e você.

— Isso é absolutamente exato.

— Ela me diz que o menino que está com ela era o primogênito de sua irmã, que ficou com os avós.

— Isso também está correto.

— Essa jovem gostava muito de música.

— Sim, tocava piano com grande sensibilidade.

— O que sua mãe tem feito desde que se espiritualizou?

— Tem se ocupado muito de você, de sua irmã e de seu pai. Ela raramente sai de suas esferas... Além disso, continuou seus interesses, sendo os principais a jardinagem e a leitura. Oh! Ela lê muito.

— Que tipo de livros? São recordações dos livros que lia na Terra ou são livros espirituais?

— São livros espirituais, mas que tratam de todas as questões, tanto de lugares quanto de assuntos terrenos. Cada um escreve e lê conforme seus gostos e tipo de estudos. Nada muda, a não ser a continuidade dos gostos terrenos para aqueles que a eles se apegam. E há progresso e elevação para aqueles que desejam avançar e se elevar. Não faltam meios para estudar.

— Você me diz que minha mãe tem se ocupado de nós e de meu pai. Ela sabe em que condição ele se encontra agora?

— Sim, e sabe mais do que gostaria, dada a ternura que ainda sente por ele... Ela me diz que, neste momento, ele sofre de um distúrbio mental, que já não tem plena posse de sua razão, e que é sua irmã quem cuida dele. Ela gostaria que você fosse vê-lo o mais rápido possível, pois ele não verá o fim deste ano.

— Então ele não está em Paris?

— Oh! Está muito mais longe que isso.

— Posso concluir o que pretendia fazer antes dessa viagem?

— Não.

— Ela sabe o que eu pretendia fazer?

— Sim, é uma viagem. Você fará isso depois.

— Tudo isso está absolutamente correto. Mas meu pai sempre teve tendências para problemas mentais, não?

— Não, diz ela. Seu pai era um dos homens mais brilhantes de seu círculo, um espírito extraordinário. Apenas recentemente seu estado piorou... Além disso, ele não é mais jovem. O que ele sente agora é mais um retorno à infância do que uma verdadeira loucura.

— Isso também é verdade. Meu pai sempre foi uma referência, alguém admirado e consultado.

Pergunto a Adèle:

— Se essa senhora está triste com a condição de seu marido, e se o Espírito não é sujeito à loucura, não poderia manter contato com ele de forma mais clara?

Ela responde:

— Acredita que esse senhor não sofre com seu próprio estado? Não sabe que essa senhora só pode se comunicar com o Espírito do marido através do corpo dele? O Espírito não pode se afastar do corpo por um instante sequer. São inseparáveis até

que seu tempo de união termine. A alma sofre por estar submetida às limitações dos mecanismos materiais que lhe foram dados nesta existência. Ela não pode mais funcionar plenamente... É como uma máquina cujas engrenagens estão quebradas ou emperradas.

Quando a Alma se Encontra Aprisionada ao Corpo

Quando a alma se encontra demasiado agitada pelo fluxo torrencial da circulação ou paralisada pela estagnação desta, não pode mais retornar ao seu domínio. Assim, a alma torna-se simultaneamente guardiã e prisioneira do corpo material – esse invólucro que ela lançaria ao vento, se pudesse e se lhe fosse permitido. No entanto, deve devolvê-lo àquele que lho deu, tal como o recebeu: à terra.

Após isso, torna-se mais leve e descobre que a vida espiritual é ainda mais doce.

Pensa na dor presente da alma desse senhor, cujo corpo outrora ágil e cujo espírito tão brilhante fizeram a admiração dos círculos de sua época – e que agora se encontra reduzido a esse estado de infância tão triste! Oh! Ela o ama demasiado para não partilhar desse sofrimento. Mas dentro de dois meses, estarão reunidos e felizes.

— Que Deus o ouça, responde nosso ex-estudante, que não perdeu uma só palavra dessa triste e profunda descrição. Então, ele dirige estas palavras à lúcida:

— Não posso aprofundar tudo o que o seu sistema apresenta de complexo. Mas detenho-me na necessidade de estudar a veracidade das aparições, que para mim (após o que acabo de ouvir mais uma vez) são possíveis. Em suma, elas demonstram que a alma, após separar-se do corpo material, desfruta de uma existência correspondente às suas afeições... Não quero ir além disso. Fico com essa conclusão, e aceito-a ainda mais porque me promete o cumprimento do que desejo ardentemente: viajar e estudar.

— Tenho apenas uma pergunta a lhe fazer. A matéria é para você, no seu estado presente, o que era no seu estado normal?

R. Não. A matéria, que no estado de vigília nos opõe resistência, não nos oferece agora a mesma barreira. Ela não é mais do que um estado em que Deus nos colocou para nos permitir apreciar a harmonia da Sua obra.

— No entanto, a matéria resiste ao Espírito, como no caso do meu pai.

R. Sem dúvida! O Espírito ligado à matéria experimenta a resistência da matéria. Mas o Espírito espiritual (ou a alma) só conhece a resistência da criação espiritual. E mesmo essa resistência está apenas relacionada ao desejo que se tem de dela desfrutar. No momento em que a alma deseja libertar-se dessa resistência, substituir essa resistência ou simplesmente ver as formas e suas transformações na aparência de um mesmo espaço, tudo se encontra onde ela deseja – algo que não acontece no estado material, onde tudo está fixado temporariamente nessa condição.

— O que é então a matéria?

R. A matéria é exatamente o que vês: um conjunto de éter. Mesmo o granito, que te parece tão sólido, não é senão éter. E o homem é ainda menos do que o éter, pois o

éter é uma criação divina, enquanto o homem carnal é apenas um fruto da matéria, um produto menos precioso do que o éter que forma o granito.

— A matéria, composta de éter, retornará ao éter? Você acredita na espiritualização da Terra assim como na espiritualização do homem?

R. Sim, certamente acredito... É-nos impossível determinar uma data para a formação da Terra, assim como não podemos determinar uma para a sua espiritualização. Mas acredito firmemente que a Terra terá um fim – não no sentido de uma destruição do mundo, pois nem o mundo nem a Terra podem terminar, mas sim um fim gradual de estado.

A Terra será espiritualizada no futuro, assim como foi no passado. Isso porque ela depende da lei divina: é uma criação divina e tem um propósito que Deus determinou.

— Chega, chega! Você deve estar cansada. Essas questões levantam outras, que prefiro não abordar para não me cansar também... Ficarei com as crenças que a leitura dos *Arcanos da Vida Futura Revelados* me inspirou. Julgaremos o restante na vida espiritual.

R. Para terminar, sua mãe me diz que você se casará dentro de dois anos.

— Casado? Eu nunca pensei nisso. Não me preocupo nem desejo isso.

R. No entanto, ela me mostra uma jovem que pensa nisso, e que gosta bastante de você.

— Quem é essa jovem? Eu a conheço?

R. Sim, muito bem. Não faz muito tempo que você a viu... É uma jovem loira. *(Segue-se uma descrição muito detalhada de sua aparência e de seus sentimentos, que levam o senhor a reconhecê-la.)*

— O quê?! — exclama o consulente. Essa jovem? Mas se eu praticamente a vi crescer e tantas vezes a fiz saltar nos meus joelhos! É verdade que a vi há menos de um ano. Mas como essa garota pode me amar? Certamente deve ser apenas uma amizade pura.

R. Sim, muito pura – e de um amor igualmente puro. Se ela tivesse coragem, diria isso a você. Mas vocês, homens, não aceitam que as mulheres expressem diretamente seus sentimentos. Sejam vocês a dar o primeiro passo, ou o restante vos parece uma indecência.

— Não é bem assim. O que as mulheres não podem dizer, sabem bem expressar e fazer entender. Cada um tem sua própria linguagem.

R. Pois bem, tente compreender a linguagem dessa jovem, ou não a tente... De qualquer maneira, ela será sua esposa dentro de dois anos.

— Que tudo seja para o melhor.

Assim terminou essa sessão interessante, que poderia ter sido ainda mais rica em detalhes, se o interlocutor o tivesse desejado.

É sempre assim: quando penso ter concluído meus estudos sobre essas intermináveis questões, elas se apresentam novamente ao meu espírito, despertando novas reflexões.

Quantas discussões desse gênero já foram conduzidas em pequenos círculos dentro do meu gabinete! Quantas vezes os mais estudiosos reconheceram que estavam lidando com Espíritos tão estudiosos quanto eles, que inspiram os lúcidos!

Jamais Adèle esteve tão lúcida como nesta sessão.

Deixo ao leitor a tarefa de apreciar essas revelações e de compará-las com tudo o que é publicado atualmente por tantos estudiosos espiritualistas.

O saber e a lógica parecem estar do lado de Adèle, sem dúvida.

O futuro classificará esses estudos onde devem estar.

Alp. Cahagnet

PREDIÇÃO, APARIÇÃO E PERMANÊNCIA DE PENSAMENTOS

Cerca de seis semanas antes da festa de Pentecostes, uma jovem recém-casada – cujo caráter leviano rivalizava com sua beleza – veio, acompanhada de sua mãe, consultar Adèle a respeito das consequências de uma briga conjugal. Ela queria saber, dizia, quem estava errado: ela ou seu marido.

Recusei-me a realizar essa sessão como algo além de um estudo, isentando-nos de qualquer responsabilidade e enfatizando os possíveis erros e interpretações equivocadas dos lúcidos. Mas, mesmo assim, a consulta foi realizada.

Não me é permitido entrar nos detalhes, pois pertencem ao domínio do sigilo absoluto. No entanto, posso relatar que Adèle disse à jovem senhora:

— Pode estar certa de que estarão reunidos no Pentecostes. Vejo vocês passeando juntos na festa de Argenteuil, felizes e em harmonia. Tome nota disso, pois assim será.

Essa predição parecia absolutamente impossível de se concretizar, pois a separação do casal havia sido formalizada pelas autoridades. Além disso, o estado de espírito de ambos era tal que eu teria apostado cem francos contra um que essa reconciliação jamais aconteceria.

Agora, imagine o meu espanto quando, no dia da referida festa, ao passear com Adèle pelo local do evento, fui repentinamente interrompido por ela. No mesmo instante, a jovem mulher nos abordou e, ao lado do marido, murmurou furtivamente no ouvido de Adèle, com um sorriso de satisfação:

— Pois bem, profetisa! Você acertou.

Eu não pensava mais nesse caso, assim como em tantos outros que tratamos em nossos estudos. Mas achei esse episódio digno de atenção, pois reafirmava a possibilidade das predições – possibilidade que nunca neguei, embora dela desconfie com justa prudência.

Esse evento também demonstrava que esses jovens estavam predestinados a se encontrar e passear juntos naquele dia e naquela hora exata, de modo que Adèle os visse, exatamente como havia afirmado.

Diante de fatos como esse, como podemos decidir, afinal, se há ou não livre-arbítrio?

APARIÇÃO E CONFIRMAÇÃO DE UM PAI FALECIDO

O Sr. D** de Angers, após ler os *Arcanos*, desejou, em sua primeira viagem a Paris, fazer-nos uma visita para verificar pessoalmente a veracidade daquilo que o livro continha.

Esse senhor nos explicou que nunca se interessara por tais fenômenos, mas que eles lhe pareciam suficientemente intrigantes para despertar sua curiosidade. Ele não conhecia o magnetismo além do nome.

Solicitou a aparição de seu pai, e Adèle o atendeu, fornecendo-lhe detalhes sobre ele. Alguns desses detalhes não puderam ser confirmados pelo consulente, simplesmente porque ele desconhecia tais informações.

Ele havia sido separado de seu pai ainda muito pequeno, aos três ou quatro anos de idade. Seu pai, viúvo e com cinco filhos – o mais velho com apenas cinco anos –, teve que confiar a criação dos filhos a diferentes parentes, alguns permanecendo na região, outros sendo enviados para longe.

Adèle descreveu uma série de desventuras que o pai do consulente enfrentara ao longo da vida: inundações, incêndios, perdas de gado, entre outros.

O consulente revira seu pai apenas uma vez na vida, o que facilitou seu reconhecimento das características descritas por Adèle. Além disso, alguns detalhes familiares mencionados durante a sessão foram suficientemente precisos para abalar suas dúvidas quanto à veracidade de nossas pesquisas.

Tão satisfeito ficou, que comprou todas as nossas publicações disponíveis sobre o assunto.

SONHOS, INFLUÊNCIAS ESPIRITUAIS E CONFLITOS NÃO RESOLVIDOS

Alguns dias após essa sessão, em 5 de maio de 1857, o Sr. D** retornou à nossa casa para nos relatar algo curioso.

Ele havia sonhado, pela primeira vez, com suas duas irmãs falecidas.

— Achei estranho, pois nunca antes havia sonhado com elas, disse-nos.

Além disso, desde nossa última conversa, ele havia procurado seu irmão, que conhecera melhor a vida do pai. Perguntou sobre os detalhes fornecidos por Adèle, e todos se confirmaram como verdadeiros.

Intrigado, mencionou também ter lido em *Magia Magnética* sobre as influências negativas que os homens podem exercer uns sobre os outros, e sobre o perigo que isso pode representar para os que são suscetíveis.

Ele, então, perguntou se Adèle poderia verificar se estava livre desse tipo de influência.

Quando Adèle entrou em transe, respondeu:

— Vejo junto de você um padre que tem algo contra você. Ele não deseja seu mal, mas está magoado com sua conduta para com ele. *(Segue-se uma descrição detalhada, que faz o consulente reconhecer o padre de sua paróquia.)*

— Vejo também outra pessoa, mas que não pertence mais a este mundo há três ou quatro anos. É um homem de tal idade... *(Nova descrição, confirmada pelo consulente.)*

— Ele morava perto de você. Vocês tiveram algum desentendimento, e ele guardou rancor. Não é um espírito maligno, mas era uma pessoa avarenta e muito sensível a perdas financeiras.

— Há ainda outro vizinho. Esse está bem vivo e é um comerciante que sente inveja de você. Não sei se atua no mesmo ramo que você, mas esse, sim, não é uma boa pessoa. Vocês tiveram um conflito que ele não esqueceu. Ele não perdoa facilmente. *(Segue-se outra descrição, que permite ao consulente identificá-lo.)*

Até aquele momento, o consulente tentava evitar as revelações, desviando a atenção de Adèle ou argumentando que essas pessoas não poderiam ter ressentimentos contra ele.

Porém, por fim, admitiu:

— De fato, o padre da minha paróquia pode ter se incomodado com minha conduta religiosa, pois nunca segui as tradições. Não iluminei minha casa para a Imaculada Conceição nem fechei minha loja aos domingos, como fazem meus colegas. Mas esse homem não é mau. Nos vemos regularmente, e ele até compra de mim quando precisa. Ele sabe que me preocupo apenas com meus negócios e não com assuntos da Igreja.

— Também é verdade que tive uma disputa com o segundo homem mencionado por Adèle. Foi uma disputa sobre um prédio, que terminou com o tribunal nos forçando a cada um pagar quinhentos francos. Eu nunca lhe guardei rancor por isso. Mas ele, sendo avarento como era, pode ter ficado ressentido. Poucas semanas depois dessa perda, seu corpo inchou e ele morreu rapidamente. Visitei-o durante sua doença e teria ficado muito triste se soubesse que isso ainda o perturba no além.

— Quanto ao terceiro... Ah, sim, eu o reconheço muito bem! Foi um caso semelhante, outra disputa levada à justiça. Mas ele perdeu uma quantia maior, entre cinco e seis mil francos. Sei que eu estava com a razão, e ele não gostou. Na época, discutimos

tão intensamente que quase resolvemos a questão à espada – um reflexo dos meus anos de serviço militar.

— Naquele momento, fiquei profundamente ofendido e teria duelado com prazer. Mas, felizmente, tudo ficou por isso mesmo, pois hoje eu me arrependeria. Não gosto de brigas ou ressentimentos entre homens. Vivo feliz com minha família e gostaria de compartilhar essa felicidade com todos.

— Mas volto a essas questões espirituais... Elas me surpreendem cada vez mais.

Astronomia: Aparição do Espírito de Galileu

Notícias dadas ao sonâmbulo Ravet sobre a cometa prevista para 13 de junho de 1857

Pergunta: Solicito sua presença hoje para que nos instrua, se possível e conforme sua vontade, sobre um fenômeno anunciado por um astrônomo e um astrólogo.

O primeiro prevê uma cometa para o dia 13 de junho deste ano, que poderia trazer grandes perturbações ao nosso globo. O segundo prevê, por essa razão, o fim do mundo nesta data.

Um terceiro cientista, o Sr. Babinet, sugere que ríamos dessas previsões, pois afirma que o evento não representa nenhum perigo para a Terra. Qual dos três tem razão?

O último.

Uma cometa aparecerá nessa época?

Sim, mas será menos assustadora do que se pensa.

Qual será seu efeito sobre nosso globo?

Grandes variações atmosféricas.

O que é uma cometa?

Um planeta que está se regularizando.

Regularizando sua forma ou seu movimento?

Seu movimento e sua forma já são regulares, mas sua absorção ainda é irregular.

Como devemos entender sua influência sobre os globos que ela mais se aproxima?

Como um planeta que atravessa os limites atmosféricos desses globos, podendo influenciá-los tanto por seu movimento quanto pela absorção que mencionei.

Um cometa tem uma atmosfera como os outros globos?

Todos os globos possuem uma atmosfera; nenhum está privado dela. Mas ela é diferente para cada um e corresponde à sua constituição. É dessa diferença que surgem as influências que os globos exercem uns sobre os outros e, ao mesmo tempo, a harmonia geral.

Saiba que a atmosfera dos globos é o produto das emanações do centro desses globos, assim como a chama de uma vela é o produto de seus constituintes.

Os globos estão, em relação à sua atmosfera, exatamente como o pavio de uma vela está em relação à sua chama. O globo é o pavio, e a atmosfera é a chama.

A INFLUÊNCIA DAS COMETAS E A ROTAÇÃO DA TERRA

Você me disse, em Revelações do Além-Túmulo, que nossa Terra está cercada por quatro camadas atmosféricas – duas girando com ela no mesmo sentido de sua rotação e duas em sentido oposto.

Isso não poderia ser de outra maneira, e tal fato prova o que lhe disse sobre as emanações atmosféricas do seu globo.

Tudo o que pode acompanhar a rotação da Terra a acompanha. O que não pode, devido à sua distância, opõe resistência às camadas inferiores da atmosfera, pois essas mesmas camadas enfrentam resistência ao contato com a vastidão do espaço em que giram.

Aquilo que vocês chamam de “cauda” das cometas não passa de uma descarga do excesso de calor do seu núcleo. Essa descarga penetra e provoca uma impressão na atmosfera do globo que ela toca.

Os globos que não recebem essa emanação não veem essa luz que sua Terra percebe.

A Terra geralmente recebe influências das cometas, mas não dá nada em troca. Ela só troca energia com os globos mais próximos dela.

As cometas, ao contrário, absorvem partículas dos globos distantes que encontram em seu percurso.

A Terra, portanto, recebe das cometas certas manifestações que se traduzem em sua superfície por um aumento de calor, muitas vezes mais intenso do que em outros períodos – tudo dependendo, no entanto, da distância entre elas.

Há uma grande abundância de cometas no universo, e elas contribuem significativamente para sua beleza.

AS COMETAS PODEM CAUSAR CATACLISMOS?

É possível que um cataclismo, como o que está sendo previsto, ocorra devido à aproximação de uma cometa com um globo?

Sim, meu amigo.

(O Espírito de Galileu pronuncia essas palavras com muita benevolência, mas também com grande certeza, segundo o lúcido.)

Dizem que algo semelhante já aconteceu antes. Ao estudar a constituição do nosso globo, observou-se que as montanhas mais altas contêm fósseis marinhos, o que sugere que já estiveram submersas em tempos muito antigos. As cosmologias

religiosas atribuem esse fenômeno a um dilúvio que teria coberto toda a Terra. Isso parece impossível, pois significaria que as águas teriam substituído uma parte da atmosfera terrestre. Pensei que nosso globo poderia ter assumido diferentes posições no espaço, influenciado pela passagem de planetas muito próximos, o que teria deslocado os oceanos para novas depressões. Como devemos explicar esses cataclismos ou esse suposto dilúvio? Qual dos dois realmente existiu e qual foi sua causa?

Para que serviria um dilúvio?

O que você chama de dilúvio não foi nada além de um deslocamento das águas, causado pela influência de planetas que, ao passarem muito próximos ao seu globo, alteraram sua posição.

A gravidade das águas contribuiu para esse deslocamento. Da sua estagnação e dos seus fluxos surgiram novos leitos e profundidades desiguais, que podem ter sido reformados por novos cataclismos semelhantes.

(Como escrevo sob o ditado do lúcido, leio essa resposta para ele. O Espírito de Galileu não acha que ela expressa perfeitamente seu pensamento e me pede para corrigi-la desta forma:)

Um dilúvio, no sentido tradicional, não pode existir.

Uma mudança na posição da Terra – ou melhor, uma mudança em sua inclinação – também não pode ocorrer.

Há uma lei que determina que as águas percorrem sucessivamente todo o globo, mudando de lugar ao longo do tempo.

AS CAUSAS DOS DESLOCAMENTOS DAS ÁGUAS NA TERRA

Como esse deslocamento ocorre?

Conheço duas causas principais para esses movimentos. A primeira e mais constante é o calor central da Terra, que ocasionalmente empurra as águas para sua superfície. Isso ocorre através de um tipo de convulsão interna, que causa elevações em certas partes do globo. As águas, mantendo o equilíbrio da Terra, impedem que ela mude de inclinação. A segunda causa é a passagem dos cometas, das quais falamos. Elas provocam compressões atmosféricas sobre a Terra, forçando suas águas a se deslocarem em direção ao centro.

Esse efeito sobre o globo é semelhante ao que uma compressão em seu próprio corpo faria: forçaria você a suspirar.

A Terra solta um "suspiro" dessa natureza, que resulta no levantamento de certas áreas e no afundamento de outras. Dessa elevação do solo surge o deslocamento das águas.

Busca de um Tesouro

Carta a M. Mathieu, Ex-Farmacêutico das Forças Armadas

Caro senhor,

No dia 1º de maio de 1857, tive o prazer de receber as duas senhoras que teve a gentileza de me encaminhar. Desejo prestar-lhe publicamente um relato do que ocorreu entre nós.

O senhor sabe que o tipo de sessão que essas senhoras desejavam não me agrada muito e que só as realizo a título de estudo. Tomei todas as precauções necessárias para manter minha consciência e nossa ciência a salvo de qualquer acusação maldosa. Assim, iniciamos a sessão da seguinte forma:

Assim que Adèle entrou em transe, Madame ... solicitou informações e pediu a aparição de M. C...

Adèle imediatamente afirmou ver um senhor muito idoso e começou a descrevê-lo, como é de seu costume nesses tipos de evocação. No entanto, Madame ... a interrompeu:

— Isso é desnecessário, nunca vi esse senhor. Só sei sobre sua causa de morte.

— De que doença ele faleceu?

Ele não morreu de doença. Foi um súbito fluxo de sangue para o coração, como em um caso de apoplexia. Ele morreu instantaneamente.

— Isso é correto, ele faleceu por asfixia. Onde ele morreu?

Não foi na França... Foi muito longe... O clima é muito quente por lá... Ah! Foi na América ou em alguma dessas regiões, pois esse senhor adorava viajar. Mas já faz muito tempo que ele morreu... Pelo menos cinquenta anos.

— Isso também é verdade. Esse senhor poderia guiá-la até a propriedade que possuía na França antes de falecer?

Sim, sem dúvida... Ah, mas que belo lugar! Não é uma propriedade pequena. Há muita água ao redor... O edifício principal é elevado em relação ao solo. Parece que foi construído sobre uma elevação do terreno, mais alta do que toda a área ao redor. É preciso subir um lance de escadas para entrar...

— Aonde ele está me levando agora?

— Estou em uma adega, uma adega relativamente pequena. Há uma segunda adega logo atrás, maior que a primeira. Elas não são muito largas, mas são longas; é possível tocar o arco do teto com a mão. O acesso à segunda adega tem uma inclinação suave. Antigamente, havia degraus ali.

— No fundo da segunda adega, à direita, há um tipo de parede irregular?

— Ele está prestando muita atenção à base dessa parede. Vejo ali uma pedra talhada, assentada com cimento romano. Ela forma uma espécie de porta para um esconderijo... Um esconderijo que contém um tesouro.

Alp. Cahagnet

PESQUISA DE UM TESOURO
AO SR. MATHIEU, EX-FARMACÊUTICO DAS FORÇAS ARMADAS

Caro senhor, em 1º de maio de 1857, tive o prazer de receber as duas senhoras que o senhor teve a gentileza de me indicar. Desejo relatar publicamente o que aconteceu entre nós. O senhor sabe que o tipo de sessão desejada por essas senhoras não me agrada muito e que só as realizo a título de estudo. Tomei todas as precauções necessárias para manter minha consciência e nossa ciência protegidas de qualquer acusação maliciosa. Assim, começamos o estudo conforme o costume:

Assim que Adèle entrou em transe, a senhora M… pediu informações e solicitou a aparição do senhor C… Adèle imediatamente descreveu um homem muito idoso e ia dar sua descrição, como costuma fazer nessas evocações, mas a senhora M… disse: "Isso é desnecessário, nunca vi esse senhor, apenas conheço a causa de sua morte. De que doença ele morreu?"

Resposta: Ele não morreu de doença, foi uma súbita congestão sanguínea no coração, semelhante a uma apoplexia; ele morreu de repente.

Isso é correto, foi por asfixia. Onde ele morreu?

Não foi na França… É muito longe… Faz muito calor lá… Ah! É na América ou em algum lugar dessas regiões, pois esse senhor gostava muito de viajar. Mas já faz muito tempo que ele morreu… Pelo menos cinquenta anos.

Isso é verdade. Esse senhor poderia conduzi-la à propriedade que ele habitava na França antes de sua morte?

Sim, ele pode… Ah, mas que lugar bonito! Não é uma propriedade pequena, há muita água ao redor… O edifício principal é elevado do solo, ouço dizer que foi construído sobre um terreno mais alto que a área ao redor. É preciso subir uma escadaria para entrar… Oh! Para onde ele está me levando? Estou em uma adega relativamente pequena, há outra maior ao lado, não são muito largas, mas são compridas, é possível tocar o teto arqueado com a mão. Para chegar à segunda há uma leve inclinação, antes havia degraus. No fundo da segunda adega, à direita, há uma espécie de parede irregular… Ele está muito atento a uma parte inferior dessa parede, onde vejo uma pedra talhada selada com cimento romano. Ela forma uma espécie de porta para um esconderijo que contém um tesouro.

Esse senhor sabe que esse tesouro existe?

Sim, mas ele não quer que seja encontrado.

Foi ele quem o escondeu?

Não, mas ajudou a colocá-lo lá. Foram outras pessoas que o precederam nessa propriedade que o esconderam. Ele sabia da existência e o conservou lá após a morte delas… Já houve mais de um tesouro escondido nessa casa, que foram retirados por seus proprietários em tempos de guerra e revoluções, pois essa propriedade é muito antiga.

Você tem certeza de que há um tesouro onde indicou?

Tenho certeza, a menos que ele esteja me enganando.

É um tesouro considerável?

Oh, sim! Há prataria, muitas moedas de ouro e prata, joias, mas nenhum documento.

Esse senhor permitiria que eu encontrasse esse tesouro, considerando que minhas intenções, que ele pode ver, são destinadas a boas causas?

Resposta: Oh, não! Ele parece muito inquieto e até me chama de ladra.

Por que ele a conduziu ao local do tesouro então?

Foi assim que aconteceu: Quando a senhora M… pediu que ele me levasse à propriedade, ele percebeu imediatamente que se tratava da busca pelo tesouro. O medo de que eu o encontrasse fez com que ele se transportasse instantaneamente para sua antiga moradia, onde eu o segui um pouco contra sua vontade. Quando vi que ele se dirigia apressadamente para um lugar, concentrei-me ali. Como ele não está acostumado a ver alguém nesses locais, pensou que eu era uma ladra e ficou muito inquieto… Ele saiu…

Mas não estávamos sob a casa principal, e sim sob uma menor, uma espécie de celeiro com um pequeno sótão contendo palha e feno, não é muito grande… Agora ele corre para outro lugar. Entramos no edifício principal pelo vestíbulo. Ao fundo, há uma porta pequena à esquerda… A outra também não é grande… Aqui estão mais duas adegas; mas é na menor que ele para… Ele ainda teme algo…

Oh! Tem algo ali no meio. Pode-se sondar com um instrumento de ferro. Se encontrarem, a poucos centímetros do solo, uma pedra relativamente grande e a levantarem, é ali que está o tesouro, caso não esteja no primeiro local onde o segui… Ele tenta me despistar, mas não nos deixamos influenciar tão facilmente. Afinal, há pouco a fazer, então vale a pena tentar.

Esses detalhes são apenas um resumo dos muitos outros que Adèle forneceu à senhora M…, todos os quais, sem exceção, estavam de acordo com a topografia do local.

Você vê alguém presente nesses lugares agora?

Não há muitas pessoas, pois, desde que estou aqui, só vi um menino de dez a doze anos, vestindo uma blusa, etc.

Tente ver mais alguém.

Ah, há muitos espíritos! Encontra-se um a cada instante, pois essa propriedade pertenceu a muitas pessoas. Parece que cada um dos antigos moradores que lá faleceram deseja permanecer, então vejo muitos deles.

Se há tantos espíritos nessa propriedade (observo para Adèle), eles devem se ver entre si e ter sentimentos sobre essa convivência.

Sim, vejo alguns conversando entre si, enquanto outros passam sem se olhar, como você faria ao ignorar alguém que não deseja ver.

Você pode ver uma senhorita Constance entre eles?

Aqui está uma senhora muito idosa que aparece para mim (segue a descrição). Ela está sentada em uma poltrona devido à sua fraqueza e idade avançada. Até treme ao levar algo aos lábios, etc.

Conheço essa senhora idosa, mas não é a pessoa que estou procurando. A outra faleceu antes dela.

Eis que uma mulher mais jovem se aproxima lentamente.

Segue-se a descrição e a causa da morte, que são reconhecidas como exatas. Uma longa conversa se estabelece entre esse Espírito e a senhora M…, que o chamou. Essa senhora parece estar muito satisfeita com tudo o que a clarividente diz em nome do Espírito presente.

Adèle continua dizendo:

"Eu não gostaria de habitar essa propriedade; ela traz má sorte e continuará trazendo para todos que a possuírem. As pessoas morrem nela em grande número. Quando a morte entra ali, não sai levando apenas um… Você deve saber algo sobre isso; se estivesse em seu lugar, ficaria feliz ao vê-la passar para outras mãos."

O que você diz é verdade. Perdi muitas pessoas ali; mas me desfaço dela com pesar. Gosto muito dessa propriedade, não sei se aqueles de minha família que morreram nela também gostavam e se é por isso que me sinto tão bem ali. Não tenho medo algum. O que você me disse sobre as adegas parece ainda mais provável porque ouvi muitos ruídos lá frequentemente, dos quais nunca consegui encontrar explicação. Longe de me assustar, quando morava quase sozinha nesta propriedade, eu me levantava à noite e, armada com uma lanterna, ia até os lugares onde ouvia esses ruídos. Eles cessavam quando eu me aproximava e recomeçavam assim que eu voltava para a cama. No entanto, nada de ruim me aconteceu.

Você está mais tranquila do que eu estaria se estivesse desperta, pois lhe asseguro que, se eu ouvisse tais ruídos e soubesse que existem tantos Espíritos de diferentes naturezas ali como os vejo agora, não me sentiria confortável. Muitos deles não me tranquilizam, posso garantir, pois muitas coisas aconteceram nesses lugares que não foram nada bonitas. Há ali histórias sombrias a serem descobertas.

Como lhe digo, caro senhor, tudo isso é apenas um resumo dessa interessante sessão, da qual essa senhora ficou muito satisfeita e que ela certamente lhe contou com mais detalhes.

O que resta agora é encontrar esse tesouro, e esse é o grande obstáculo de todos os clarividentes e buscadores de tesouros. Os anais do sonambulismo estão cheios de buscas como essa, a maioria das quais resultou apenas na ruína daqueles que tentaram e no descrédito das perceções sonambúlicas. Se todos seguissem meus conselhos sobre isso, os trabalhadores permaneceriam em repouso, e os clarividentes direcionariam sua visão para algo mais seguro.

A sessão que você acaba de ler não está completa aos meus olhos. Aceito tudo o que essa senhora reconheceu como verdadeiro na lucidez de Adèle; mas ainda preciso esclarecer algumas questões psicológicas com essa clarividente sobre os habitantes ocultos desse castelo, o que faremos em outro momento.

Receba minhas saudações fraternas,

Alp. Cabagnet

REVELAÇÕES DO GUIA DE RAVET SOBRE AS FACULDADES DE HUME
13 de outubro de 1857

Quando Ravet está em companhia de seu guia e pronto para responder às minhas perguntas, submeto-as a ele da seguinte forma:

Seu guia lhe prometeu analisar as faculdades mediúnicas e as manifestações espirituais do médium Hume; ele o fez?

Sim.

Esse médium produz essas manifestações por sua própria força espiritual, como algumas pessoas pensam, ou são obra de Espíritos que o acompanham?

Essas manifestações podem ocorrer de três maneiras:

Espíritos desencarnados: São manifestações exclusivamente espirituais, como as que ocorrem na América. Nesses casos, os Espíritos libertos da matéria utilizam-se de sua própria energia para produzir efeitos físicos, como ruídos, deslocamento de objetos e fenômenos similares.

A alma do médium em interação com os Espíritos: O espírito do homem, ainda ligado ao corpo material, pode agir auxiliado pelos Espíritos ou até mesmo de forma independente. Hume se enquadra nessa categoria devido à sua constituição nervosa particular. Ele pode se desprender de seu corpo físico mais facilmente do que outras pessoas e, graças à sua força de vontade, manifestar sua presença em diferentes lugares, produzindo sons, toques e até mesmo movimentação de objetos. No entanto, para esses últimos fenômenos, ele conta com a assistência de Espíritos que o acompanham de perto.

A influência dos Espíritos sobre o homem material: Nesse caso, os Espíritos atuam diretamente sobre o corpo e os órgãos do médium, sem que este tenha consciência. Quando um ser humano deseja se comunicar com o mundo espiritual, ele inconscientemente chama os Espíritos para ajudá-lo. Da mesma forma, Espíritos que desejam se manifestar utilizam o corpo físico e os sentidos humanos para se expressar.

A pessoa que os Espíritos escolhem como intermediária geralmente mantém uma relação afetiva com eles e se presta bem a esse tipo de comunicação, muitas vezes sem perceber conscientemente o que está acontecendo. Você mesmo, ao se comunicar com os Espíritos por meio de aparições, é um desses instrumentos. Os Espíritos que não conseguem ser vistos ou se fazerem compreendidos por aqueles que ainda estão na Terra buscam intermediários como você para estabelecer contato com os vivos.

MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

E SUA REPETIÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS

As manifestações que hoje tanto surpreendem vocês não são nem novas, nem extraordinárias. Sempre ocorreram, em todos os séculos, tanto publicamente quanto em círculos fechados, acessíveis apenas a iniciados. Cada era teve suas próprias manifestações espirituais, assim como os séculos futuros terão as suas.

Esses fenômenos ocorrem, de tempos em tempos, para manter o espírito humano desperto para a existência futura. Se tivessem acontecido apenas em um único período da história, hoje seriam apenas um relato antigo, e vemos como o homem tem dificuldade em acreditar naquilo que não viu ou não vê. Mesmo diante da evidência, ele ainda duvida.

É por um efeito da graça divina que os Espíritos, ocasionalmente, trazem algum conforto e esperança de uma existência melhor além da vida terrena. No entanto, os Espíritos fazem isso com parcimônia, para não perturbar excessivamente os homens nem despertar neles um desejo intenso de deixar este mundo. Mas saibam que sua capacidade de manifestação é imensamente maior do que aquilo que revelam.

O que devemos esperar dessas manifestações espirituais?

O mesmo que as anteriores produziram: um estado de dúvida, oscilando entre a negação e a afirmação.

Elas continuarão? Se expandirão ou cessarão?

Cessarão, como as anteriores, até que outras surjam no futuro. No momento, são o que se pode chamar de uma moda passageira.

Essas manifestações não poderiam ser resultado de um estado patológico contagioso da mente humana?

Não. Elas são uma "contaminação", mas uma contaminação necessária do espírito, um impulso coletivo que o move a buscar respostas e não algo que possa ser explicado como uma doença.

Observações Finais

Compartilhamos a opinião do guia de Ravet sobre as manifestações espirituais: elas são espaçadas ao longo da história e são úteis para manter o homem consciente da continuidade da existência, incentivando-o a preparar sua alma para a vida futura, assim como se prepara para o presente.

O homem trabalha, economiza e planeja sua velhice porque sabe que sua força física e mental diminuirá com o tempo. Mas ele deveria também se preparar para a existência além da morte. Como fazer isso, se suas únicas fontes de conhecimento sobre a vida futura são doutrinas filosóficas, religiosas ou sociais limitadas, que

frequentemente são moldadas pelo orgulho, pela sede de poder e por interesses individuais, ao invés do bem comum?

Cada século precisa de novas revelações para manter essa busca ativa. Infelizmente, a cada nova manifestação espiritual, surgem indivíduos que, movidos pelo orgulho e pelo entusiasmo exagerado, formam grupos e se tornam seus líderes, explorando seus seguidores.

Por outro lado, os livres-pensadores, que rejeitam a fé cega e se baseiam na razão, temem que esses fenômenos sejam ameaças à sociedade e, por isso, se tornam seus maiores opositores, taxando-os de superstição ou fanatismo. No entanto, ao invés de buscar a verdade e esclarecer essas manifestações, eles tentam sufocá-las, impedindo que qualquer progresso seja feito nessa área.

Diante desses extremos, reafirmamos nosso lema: "Abaixo toda igreja, abaixo todo mestre dogmático, abaixo todo inventor de sistemas fechados! Viva o altar universal, presente em todos os lugares e em todos os corações, e viva o estudo permanente da verdade!"

Sabemos que, diante das manipulações de tantos exploradores da consciência humana, há sempre o risco de que mais pessoas sejam enganadas do que libertadas. No entanto, toda questão tem seus aspectos bons e ruins.

A inteligência passiva, que precisa de um guia e não sabe caminhar sozinha, continuará se deixando conduzir por esses falsos mestres. Mas não devemos, por medo de críticas infundadas, esconder a luz sob um véu de silêncio. Que aconteça o que tiver de acontecer! Nós sempre defenderemos a liberdade de investigar e registrar essas manifestações.

Sobre o grau de "maravilhoso", a novidade ou a antiguidade dessas manifestações, já tratamos suficientemente em nossa obra *Magie Magnétique*, de modo que não há necessidade de repetirmos aqui.

Não deve haver limites para o poder absoluto do espírito. Esse é o nosso princípio.

Alp. Cahagnet

4 de fevereiro de 1858

EXPLORAÇÃO DOS SONHOS E DA CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL

Há alguns dias, tentei iniciar este estudo com Uavct, que, para isso, entrou em contato com o espírito de Hipócrates. No entanto, naquela ocasião, a visão e as disposições espirituais desse clarividente não estavam adequadas para tal investigação.

Não me iludo sobre a dificuldade deste estudo, especialmente porque desejo confrontar, por meio da assistência de um clarividente e de uma inspiração superior, aquilo que expus em *Lumière des morts*, *Études sur l'Homme* e outros trabalhos. Hoje, com um estado mais favorável, o clarividente Ravet se mostra disposto a abordar essa questão em profundidade. Para torná-la compreensível e suficientemente complexa, formulo-a da seguinte maneira:

A Experiência da Projeção no Sonho

Poderia ter a gentileza de me ver deitar, fechar as pálpebras, cessar de pensar materialmente e entrar na existência dos sonhos? Gostaria que me visse atuando nesse estado, sendo influenciado por ele e influenciando-o, e então retornando ao estado material com a lembrança, mais ou menos nítida, do que vi ou fiz.

O meu guia me responde que você não pode ser um sujeito de estudo para essa questão, pois você sonha por si mesmo e não através dos outros. Existem homens que só conhecem essa existência dos sonhos por meio dos outros, enquanto outros a experimentam em si mesmos.

Ravet observa que não compreende bem essa resposta. Eu o incentivo a prosseguir, pois com o tempo, talvez compreenda melhor.

O ESTADO DA ALMA DURANTE O SONO

"É curioso", continua Ravet. "No momento em que perdemos a consciência do estado material, a alma sai do corpo, cercada pelo reflexo sutil deste. A alma, em si, é um ponto sem forma definida, mas não pode prescindir da aparência de seu corpo material; por isso, uma espécie de reflexo envolvente sempre a acompanha como uma névoa."

Quando a alma se desprende assim, dirige-se para os lugares de seus desejos, atraída por forças desconhecidas. No entanto, nesse percurso, pode encontrar obstáculos de todo tipo – naturais ou impostos intencionalmente por outras almas que, estando no mesmo estado, buscam influenciá-la para o bem ou para o mal.

Essas jornadas oníricas estão sujeitas a duas influências principais:

O estado de espírito no qual a alma foi mergulhada pelas experiências do dia.

Os centros espirituais que a alma atravessa ou com os quais interage. Esses centros podem amplificar sentimentos positivos ou negativos, conforme as afinidades espirituais do sonhador.

AS IMPLICAÇÕES ESPIRITUAIS DOS SONHOS

Meu guia observa que essa questão é ainda mais complexa, pois a alma pode, durante o sono, reviver desejos passados ou presentes. Um desejo de vinte anos atrás pode se manifestar novamente no estado onírico, permitindo que a alma experimente essa aspiração como se fosse atual.

Assim, em nossos sonhos, frequentemente nos encontramos em épocas passadas de nossa vida e revivemos suas circunstâncias, sem poder alterá-las.

Além disso, os Espíritos não utilizam palavras para se comunicar, como os homens fazem na Terra. A fala é uma necessidade do corpo material, que é incapaz de expressar pensamentos diretamente. Os homens desenvolveram combinações de sons para transmitir ideias externamente.

Por outro lado, os Espíritos comunicam-se por meio da projeção direta de seus pensamentos, transmitindo imagens e sensações uns aos outros. Essa forma de comunicação pode ser comparada ao sonambulismo magnético, onde os clarividentes "veem" os pensamentos dos outros como imagens vivas, tão reais quanto as cenas do mundo físico.

Os Espíritos, bons ou maus, interagem com a alma humana durante os sonhos através dessa linguagem visual e emocional. A clareza e a beleza dessas imagens determinam a experiência do sonhador. Se a visão da alma estiver perturbada ou mal preparada, essas imagens surgem confusas, causando ansiedade e perturbação.

A perceção espiritual segue a mesma lógica dos sentidos materiais: só somos influenciados pelos lugares e seres espirituais depois de "vê-los". Se nossa perceção estiver obscurecida, a experiência pode ser distorcida, como um reflexo imperfeito em um espelho embaçado.

A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS SONHOS

Quando a alma vagueia fora do corpo durante o sono, pode ser absorvida momentaneamente pelas energias de outros Espíritos, perdendo temporariamente a consciência de si mesma. Nesse estado, age e sente de acordo com os seres espirituais com os quais interage.

Essa dependência momentânea explica por que, nos sonhos, às vezes vivemos situações e sentimentos que parecem não ser nossos, mas que pertencem a outras entidades.

Os Espíritos desencarnados usam essas influências para instruir os vivos sobre a linguagem do mundo espiritual – ou, em alguns casos, apenas para se divertirem às custas dos sonhadores, assim como os humanos contam histórias fantasiosas para entreter as crianças crédulas.

Portanto, essa questão é extremamente complexa, pois depende tanto do estado material do sonhador quanto de sua disposição espiritual ao adormecer.

Se a pessoa passou o dia contrariada, com raiva, inveja ou desejo de vingança, levará esses sentimentos consigo na transição para o estado onírico. Os Espíritos que a observam podem intensificar essas emoções ou, ao contrário, acalmá-las, conforme suas intenções e afinidades.

A Absorção do "Eu" e a Influência dos Espíritos

Você mencionou a absorção do "eu" pelos pensamentos de outros seres durante o sonho. Essa absorção também ocorre com os Espíritos desencarnados? Poderia, em certas circunstâncias, durar indefinidamente?

Não, não pode durar indefinidamente. Mas pode se prolongar por um tempo considerável. Os Espíritos desencarnados não são dependentes dessa absorção. Isso acontece apenas com os humanos, que tentam penetrar nos pensamentos e estados dos seres espirituais para compreendê-los. No entanto, ao fazer isso, tornam-se vulneráveis à influência deles.

Essa busca consciente de conexão espiritual faz com que os homens se submetam temporariamente às emoções e impressões de outras entidades. Durante esse tempo, eles perdem a perceção de sua própria identidade e assumem as experiências dos seres espirituais com os quais entram em contato.

Esse fenômeno pode explicar, em parte, a natureza dos sonhos vívidos, as experiências extracorporais e até mesmo certas alucinações.

Portanto, estudar os sonhos não é apenas compreender um fenômeno psicológico, mas também um estudo profundo das relações entre a alma humana e o mundo espiritual.

Além disso, existem seres muito voluntariosos e muito poderosos que podem tornar outros seres dependentes de seus próprios pensamentos, assim como você pode fazer em certas circunstâncias com o magnetismo; mas essa dependência é apenas momentânea e está ligada apenas ao estado material, que é um estado de provações de todos os tipos.

Prolongar esse estado indefinidamente equivaleria ao aniquilamento do ser, o que não pode acontecer onde existe uma lei maior, uma força de conservação que nenhuma vontade humana pode vencer.

No entanto, nos nossos sonhos, às vezes somos mortos e passamos por todas as angústias da morte.

Sim, mas também acontece que você desperta no estado material tão cheio de vida quanto antes dessa morte ilusória. São conhecimentos que você precisa adquirir sobre todas as fases da existência material.

Entendo melhor o que você diz-me, pois as suas informações coincidem com aquelas que achei por bem transmitir em Lumière des Morts e, atualmente, num livro que está para ser publicado, intitulado Études sur l'Homme. No entanto, ignoro até que ponto, tanto você quanto eu, estamos realmente certos sobre essa questão delicada e complexa. Por exemplo, se estamos de acordo sobre a forma e a transmissão dos pensamentos, não sei se concordamos igualmente sobre a natureza dos sonhos.

Você me disse, primeiramente, que a alma poderia retornar a um desejo anterior de vinte anos ou mais e usufruir dos meios desse desejo. No entanto, esse fato nem sempre parece exato, pois há tantas coisas que a alma deseja e que nunca pode ver ou possuir!

Saiba que os pensamentos são como sementes: algumas germinam plenamente, outras em menor proporção, e outras jamais germinam. Os pensamentos nada mais são do que as sementes de toda a existência e de todas as sucessões de estados da existência; eles estão sujeitos às mesmas leis que as sementes materiais. Conforme o meio em que circulam, encontram diferentes condições e riquezas para sua germinação.

Por isso, você não pode esperar usufruir de todos os seus desejos.

Existem também muitos seres que não sonham?

Todo ser sonha, clara ou obscuramente. Aqueles que não têm lembrança de seus sonhos são como espelhos embaçados que não refletem nenhuma imagem.

Dada a concordância entre suas revelações e minhas intuições, devo concluir que estou no caminho certo e que produzi algo útil com o livreto do qual falei: Études sur l'Homme?

É uma centelha de verdade caída sobre a Terra.

Essa centelha terá um efeito digno dessa verdade?

Não, não imediatamente… Ao falar sobre este livreto, dirão: "É da escola de Cahagnet".

Mas eu sou apenas um estudante, não tenho a intenção de fundar uma escola.

Eu sei, mas isso não impedirá que digam o que tiver que ser dito.

Então esse livreto não será compreendido?

Não no seu tempo… Pouquíssimos o compreenderão; a maioria fingirá compreendê-lo, dizendo: "De onde Cahagnet tirou isso?"... Só quando você não estiver mais aqui suas obras serão levadas em consideração.

O meu único desejo é ser útil ensinando a verdade. Se soubesse que estava propagando um erro, não escreveria por nada neste mundo.

Há uma diferença entre você e os escritores em geral: estes escrevem para viver, enquanto você vive para escrever. Você está no caminho certo. Não tema a ignorância. Continue seus estudos, você fará o bem e isso não lhe fará mal.

Uma conversa então se inicia entre mim e o guia de Ravet; ela dura pelo menos uma hora. Abordamos os temas metafísicos mais difíceis. Ela se encerra com a total aprovação desse Espírito, o que me faz concluir com a esperança de que os estudos continuarão cada vez mais esclarecedores.

Alphonse Cahagnet

ESTUDO SOBRE O SONO E OS SONHOS

Fevereiro de 1858

Há alguns dias, já havia tentado iniciar este estudo com Ravet, que, para esse propósito, havia entrado em contato com o espírito de Hipócrates. Mas, naquele dia, tanto a visão quanto as disposições espirituais desse clarividente não estavam preparadas. Eu não me iludia quanto à dificuldade do estudo, sobretudo porque desejava verificar, com a ajuda de um clarividente e de uma inspiração superior, o que já havia dito em *Lumière des Morts, Études sur l'Homme* e em outras obras minhas.

Hoje, em um estado melhor, o clarividente Ravet diz estar disposto a aprofundar essa questão importante. Eu a apresento da seguinte maneira, para simplificá-la e, ao mesmo tempo, torná-la complexa o suficiente para ser compreendida:

Por favor, tenha a bondade de me observar deitar, fechar as pálpebras, parar de pensar materialmente e entrar nessa existência dos sonhos, ver-me agir ali, influenciar e ser influenciado, para então retornar ao estado material com uma lembrança mais ou menos nítida do que vi ou fiz.

Meu guia me responde que você não pode me servir de sujeito de estudo para essa questão, pois você sonha por si mesmo e não pelos outros. Ou seja, há homens que conhecem essa existência apenas por meio dos outros; ao contrário, há aqueles que a conhecem por si mesmos e em si mesmos. "Não compreendo bem essa resposta", acrescenta Ravet.

"Vá em frente", digo a ele, "sem dúvida você a compreenderá melhor ao longo deste estudo".

"É muito estranho", continua o clarividente. "No momento em que se perde a consciência do estado material, a alma sai de seu corpo físico envolta pelo reflexo desse corpo. A alma é um ponto sem forma precisa, mas que não pode se separar da forma de seu corpo material. Por isso, uma espécie de cópia desse corpo a envolve em todas as circunstâncias e a segue como uma névoa. Quando a alma assim se desprende do corpo físico, ela vai aos lugares de seus desejos, sendo atraída por forças que lhe são desconhecidas."

Nesse percurso, a alma pode encontrar obstáculos de todos os tipos que estão naturalmente em seu caminho ou que são colocados intencionalmente por outras almas que, como ela, estão no mesmo estado e desejam influenciá-la para o bem ou para o mal. Essas peregrinações ainda dependem de dois outros fatores:

1° O estado de espírito em que as fases de sua existência durante o dia a mergulharam; 2° Os centros de espíritos desprendidos do estado material pelos quais ela passa ou se aproxima, espíritos que, devido às suas afeições por certas sensações de bem e de mal, fazem com que ela as sinta com mais ou menos intensidade.

Essa questão é muito complicada, diz meu guia, porque também pode acontecer que a alma entre nos assuntos de seus desejos passados ou presentes; ou seja, se ela desejou ser algo ou estar em algum lugar, mesmo que esse desejo tenha vinte anos ou mais, a alma pode se reencontrar e entrar nesse estado de desejo, usufruindo dele quando surgir a oportunidade.

É assim que, em nossos sonhos, nos encontramos em idades passadas de nossa existência e sofremos as consequências desses momentos sem poder mudar nada.

— Você sabe, continua meu guia, que os espíritos não usam a palavra para se comunicar entre si, como os homens da Terra fazem.

A palavra é uma necessidade da densidade de seus corpos, que não podem expressar tão facilmente quanto os nossos os assuntos de seus pensamentos. Assim, o homem combinou uma série de sons que convencionou ter significados constantes, permitindo-lhe expressar seus pensamentos externamente. Ele ajustou, como se faz com uma criança, o órgão vocal para produzir determinados fluxos de ar por meio da língua, que, ao se posicionar de forma vertical, horizontal, diagonal, ondulada, etc., modifica esses fluxos de ar de maneira a formar os sons que compõem a fala. Esse

meio de comunicação entre vocês é muito barulhento para nós e influencia a ordem dos pensamentos meditativos que temos. Assim, comunicamo-nos apenas através da troca direta de pensamentos, ou seja, por meio da visão e das sensações que esses pensamentos produzem.

Vocês podem, em certas condições, corresponder-se dessa maneira na Terra, pois, através do sonambulismo magnético, vocês representam para seus clarividentes as imagens vivas de seus pensamentos, que eles descrevem como sendo tão reais quanto aquelas que percebem materialmente.

Pois bem! Esse tipo de comunicação é amplamente utilizado pelos espíritos que, bons ou maus, entram em contato com sua alma no estado de sonho. Dependendo de quão belas, claras, suaves e agradáveis sejam essas imagens, assim será o estado pelo qual você passará ao vê-las. Se, no entanto, sua visão não estiver em condição adequada para apreciar todos os detalhes, você experimentará apenas confusão e perturbação de todos os tipos. Pois saiba que é necessário ver os pensamentos antes de senti-los. Isso se assemelha à sua experiência material: vocês só entram na influência de um lugar depois de vê-lo.

Pode acontecer também que, devido à má disposição da sua visão, as representações dos pensamentos dos espíritos não produzam em você um reflexo adequado, assim como um espelho embaçado ou coberto por uma substância que impede sua função reflexiva.

Quando sua alma vagueia fora do corpo material, seja para usufruir de seus próprios pensamentos ou daqueles dos espíritos e dos lugares que lhe são estranhos, ela pode momentaneamente ser absorvida pelo estado de pensamentos dos seres estranhos a seu corpo, perdendo então a consciência de si mesma e passando a agir e sentir conforme os pensamentos do ser que a absorveu. Essa capacidade, por um lado, e essa dependência, por outro, causam essas transposições nos temas de seus sonhos, fazendo com que você se aproprie de elementos pertencentes ao domínio dos espíritos desencarnados ou daqueles que, como você, estão apenas em um estado de semi-liberdade. Esses espíritos apresentam tais elementos intencionalmente para instruí-lo sobre a linguagem representativa do mundo espiritual ou para zombar de você, assim como vocês fazem com as crianças, contando-lhes mil histórias absurdas para testar sua credulidade.

Você vê, portanto, que essa questão é ainda mais complexa, pois depende, como eu disse, do estado material e do estado de espírito em que você entra no sonho. Se você foi contrariado, ficou com raiva, invejoso ou plenamente satisfeito em todas as fases do seu dia, levará consigo, no reflexo de seu corpo material, esses estados de espírito. Os espíritos com os quais você entra em contato ou que simplesmente observam seu estado agitado podem amplificar ou acalmar essas emoções, dependendo de suas inclinações e, sobretudo, das invejas e ciúmes que sua posição desperta neles.

Pergunta: Você fala da absorção do "eu" por meio de uma espécie de transfusão dos pensamentos dos seres com os quais entramos em contato. Essa absorção também ocorre entre espíritos desencarnados? Poderia, eventualmente, prolongar-se indefinidamente?

Resposta: Prolongar-se indefinidamente, não; mas pode durar mais ou menos tempo. Os espíritos desencarnados não são dependentes dessa absorção; ela se impõe apenas aos homens da Terra, que, por sua vez, buscam penetrar no ser e nos pensamentos dos outros para compreender seus estados e sensações.

Eles então se submetem à dependência que escolheram para si.

Além disso, há seres muito voluntariosos e poderosos que podem tornar outros dependentes de seus próprios pensamentos, assim como você pode fazer em certas circunstâncias com o magnetismo. No entanto, essa dependência é apenas momentânea e está ligada exclusivamente ao estado material, que é um estado de provas de todos os tipos.

Prolongar esse estado indefinidamente equivaleria ao aniquilamento do ser, o que não pode ocorrer onde existe uma lei maior, uma força de conservação que nenhuma vontade humana pode vencer.

Pergunta: No entanto, em nossos sonhos, às vezes somos mortos e passamos por todas as angústias da morte.

Resposta: Sim, mas você também desperta no estado material tão cheio de vida quanto antes dessa morte ilusória. São conhecimentos que você deve adquirir sobre todas as fases da existência material.

Pergunta: Entendo ainda melhor o que você me diz, pois suas informações coincidem com aquelas que eu mesmo transmiti em *Lumière des Morts* e, atualmente, em um livro que está no prelo intitulado *Études sur l'Homme*. No entanto, ignoro até que ponto, tanto você quanto eu, estamos realmente certos sobre essa questão delicada e complexa. Por exemplo, se estamos de acordo sobre a forma e a transmissão dos pensamentos, não sei se concordamos igualmente sobre a natureza dos sonhos.

Você me disse que a alma poderia retornar a um desejo antigo, datando de vinte anos ou mais, e usufruir dos meios desse desejo. No entanto, esse fato nem sempre parece exato, pois há tantas coisas que a alma deseja e que nunca pode ver ou possuir!

Resposta: Saiba que os pensamentos são como sementes: algumas germinam plenamente, outras em menor proporção, e outras jamais germinam. Os pensamentos nada mais são do que as sementes de toda a existência e de todas as sucessões de estados da existência; eles estão sujeitos às mesmas leis que as sementes materiais. Conforme o meio em que circulam, encontram diferentes condições e riquezas para sua germinação.

Por isso, você não pode esperar usufruir de todos os seus desejos.

Existem também muitos seres que não sonham?

Todo ser sonha, clara ou obscuramente. Aqueles que não têm lembrança de seus sonhos são como espelhos embaçados que não refletem nenhuma imagem.

Pela concordância entre suas revelações e minhas intuições, devo concluir que estou no caminho certo e que produzi algo útil com Études sur l'Homme?

É uma centelha de verdade caída sobre a Terra.

Essa centelha terá um efeito digno dessa verdade?

Não imediatamente. Dirão, ao falar sobre esta brochura: ‘Isto é da escola Cahagnet.’"

Eu sou apenas um estudante; não tenho intenção alguma de fundar uma escola.

Eu sei; mas isso não impedirá que digam o que deve ser dito.

Então esta brochura não será compreendida?

Não no seu tempo... Pouquíssimos a entenderão; a maioria desejará parecer que a compreende, dizendo: "Onde Cahagnet foi buscar isso?"... Somente quando você não estiver mais aqui suas obras serão levadas em consideração.

O meu único desejo é ser útil ensinando a verdade. Se eu soubesse que estava propagando um erro, não escreveria, seja pelo que fosse.

Há uma diferença entre você e os escritores em geral: estes escrevem para viver, enquanto você vive para escrever. Você está no caminho certo. Não tema a ignorância. Continue seus estudos, você fará o bem e isso não lhe trará mal algum.

Uma conversa então se inicia entre mim e o guia de Ravet; dura pelo menos uma hora. Abordamos os temas metafísicos mais difíceis. A conversa termina com a total aprovação desse Espírito, o que me leva a encerrá-la com a esperança de uma sequência de estudos cada vez mais esclarecedores.

MÉDIUNS E SONÂMBULOS

O ESPÍRITO DE PHÍDIAS REVELANDO A ADÈLE OS MEIOS DE ESCULPIR O PÓRFIRO

Em 5 de maio de 1856, uma jovem dama inglesa solicitou a Adèle uma sessão para esclarecer-se sobre os Espíritos que escreviam por sua mão, visto que ela era médium. Um cavalheiro, elegantemente vestido e de um conhecimento pouco comum, acompanhava essa dama. Ambos falavam francês tão perfeitamente quanto um acadêmico. A aparência dessas pessoas indicava uma posição elevada.

Mencionamos esses pequenos detalhes como introdução a essa sessão, pois algumas vezes nos deparamos com pessoas de alta distinção que, por precaução ou por um senso de dignidade, nos visitavam de forma anônima.

Por um acaso, descobrimos um dia que havíamos dado uma sessão dessa maneira para o ministro Palmerston. Assim como hoje, também tivemos a oportunidade de dar conselhos e fazer revelações que talvez fossem corretas sobre um método que, dizem, há muito tempo se perdeu. Se esse método for válido, a pessoa a quem o revelamos poderá utilizá-lo sem torná-lo público.

Achamos apropriado mencionar o nome da dama que acompanhava esse senhor, a fim de sustentar nossa citação com um nome. Esta senhora chamava-se *Lady Katherine Flemini*, filha de Lord Cochrane.

Quando Adèle entrou em transe, essa dama pediu papel e tinta, tirou uma pena de sua carteira, arregaçou a manga e deixou à mostra uma mão e um braço do mais belo alabastro, aguardando a influência espiritual.

Quase imediatamente, essa linda e delicada mão começou a deslizar sobre o papel, escrevendo algo que não sabemos o que era.

Então, essa dama perguntou ao médium que estava conduzindo sua mão:

Quem está segurando minha mão e a guiando neste momento?

É uma menininha de apenas dois anos de idade, uma criança que você perdeu mais ou menos nessa idade. (Segue a descrição da menina.)

De fato, eu perdi essa menina. Mas como ela sabe e pode responder às perguntas que escrevo sob sua influência?

Por si mesma, ela sabe muito pouco, pois deixou a Terra cedo demais para conhecer todos os mecanismos desta existência. No entanto, ela serve apenas como um elo entre você e um jovem que se espiritualizou há cerca de seis anos, aos dezoito anos de idade. (Segue a descrição desse jovem e seu nome, Henri, que são reconhecidos como muito precisos.)

Como essa influência ocorre, já que você disse que é minha filha quem guia minha mão?

Essa criança guia sua mão porque a dela, por sua vez, é conduzida por esse jovem cujo retrato acabei de lhe dar. A mão da sua filha não passa de um intermediário, um meio fluídico para estabelecer uma conexão mais forte com você e exercer maior influência sobre sua mão.

Se é esse jovem que me guia a mão, ele só pode responder com base em suas próprias afeições, que eu sabia serem muito boas e inclinadas à verdade. Então, por que escrevi mais de duzentas páginas nas quais mal encontro duas que sejam aceitáveis, ou seja, verdadeiras em relação a tudo o que me foi revelado ou predito?

Não é apenas ele quem guia sua mão; você está cercada por um grande número de influências, como mencionei no início. Vejo outro espírito, de cerca de cinquenta anos: um espírito jovial, que gosta de rir e, sobretudo, de pregar peças nas damas. Ele frequentemente se aproxima de você e conduz sua mão de uma maneira diferente. Você deve ter notado que a escrita que você produz não é sempre igual, que às vezes escreve muito mais rápido, que se encontra em estados diferentes ao escrever e que, por exemplo, pode passar repentinamente de um estado de perfeita calma para a inquietação.

Isso é muito exato. Esse espírito seria então aquele que se apresenta com o nome de B...?

Sim, exatamente.

A pena com a qual escrevo foi influenciada por Isaac, como me foi afirmado por médiuns clarividentes?

Sim.

Quem me deu o anel que uso no dedo e ele foi influenciado por algum espírito?

Esse anel não foi dado a você pelos espíritos, mas foi trazido por eles; eles o pegaram de outro lugar. Ele foi influenciado pelo espírito brincalhão do qual lhe falei.

Mas, já que esse espírito brincalhão também é mentiroso, que nos fez realizar ações ridículas ao nos prometer coisas maravilhosas — como, por exemplo, nos fazer ajoelhar diante de uma suposta Virgem e um suposto Cristo que não conseguimos ver, nem obter aquilo que nos prometeram —, eu gostaria, sem me desfazer desse anel, que é de grande valor pelos diamantes que o adornam, de livrá-lo da influência desse espírito brincalhão. O que devo fazer para conseguir isso?

Você deve deixá-lo, todas as noites, por nove dias seguidos, em um copo com água fresca até a manhã seguinte. Depois disso, poderá usá-lo como antes e, sobretudo, não deverá mais chamar esse espírito.

Esse simples procedimento será suficiente para remover sua influência sobre o anel?

Sim, porque esses espíritos não apreciam a pureza da água e, além disso, ao deixar de pensar nele e, principalmente, ao não mais chamá-lo, ele se afastará de você como veio.

Como posso parar de escrever as bobagens que venho escrevendo há tanto tempo e entrar em contato com um espírito instruído que responda logicamente e com verdade às minhas perguntas?

Basta que, todas as noites, das nove às dez horas, você se recolha em uma oração mental a Deus e chame sua filha e o jovem Henri para que eles conduzam sua mão, como fazem ocasionalmente. Se você se sentir em um estado de tranquila serenidade, entregue-lhes sua mão. Caso contrário, se sentir qualquer contrariedade, recuse. Dessa forma, obterá resultados muito superiores aos que obteve até agora.

Por que essa hora, das nove às dez, é preferível a qualquer outra?

Porque é o momento em que os espíritos perturbadores sentem necessidade de descanso. Vivendo na atmosfera da Terra, eles sentem a influência dos dias e das noites, assim como vocês, e, portanto, experimentam a necessidade de repouso. Os espíritos superiores não estão sujeitos a essa necessidade e, nesse horário, podem estabelecer contato com menos interferência do que em qualquer outro momento do dia.

Como pode a pena influenciada por Isaac ser conduzida por espíritos inferiores?

Porque esse espírito não é Deus; ele só pode comandar aqueles que lhe são subordinados. Além disso, os espíritos brincalhões, que proliferam aos bilhões na esfera terrestre, riem dessa pretensa autoridade. Se você soubesse com que pressa e alegria esses espíritos de ordem inferior se juntaram aos primeiros espíritos que produziram essas manifestações, ficaria assustada e não poderia duvidar, nem por um instante, de que esses contatos entre os humanos e tais espíritos só podem resultar em um ensino obscuro e em um emaranhado de mentiras. Eles adoram zombar da sua credulidade.

Você me disse que o anel que uso não foi dado a mim pelos espíritos, mas sim trazido por eles. Isso é verdade e aconteceu assim: eu tinha uma médium clarividente que o usava no dedo. Uma noite, enquanto ela estava em transe, esse anel desapareceu do dedo dela e surgiu no meu, sem que eu tivesse qualquer participação nisso. Mas voltemos às nossas perguntas. Há fenômenos extraordinários acontecendo na América e na Inglaterra; são operados apenas por esses espíritos brincalhões?

Eles são realizados tanto por espíritos brincalhões quanto por espíritos sérios. Há espíritos muito respeitáveis que os auxiliam com intenções morais e de instrução espiritual para os homens.

Essa dama pediu ainda a aparição de vários espíritos e pareceu satisfeita com as respostas de Adèle. No entanto, ela me disse:

— *Como o senhor, explica as seguintes contradições? O espírito de Swedenborg apareceu para Adèle e a levou até a Lua, uma viagem relatada no seu Tomo III dos Arcanos. Esse mesmo espírito apareceu e guiou o primeiro médium da América até esse planeta, mas este último não disse nada semelhante ao que Adèle relatou, pois afirmou que esse globo é inabitado por falta de uma atmosfera adequada aos seres vivos.*

Recebo perguntas semelhantes todos os dias de pessoas que possuem médiuns clarividentes ou que ouviram médiuns dizerem coisas completamente contrárias ao que meus clarividentes disseram. Só tenho uma resposta para essa objeção: o tempo é um grande mestre; somente ele dirá quem realmente esteve em contato com os espíritos da luz e mais se aproximou da verdade.

Peço a essas pessoas que leiam atentamente meus livros, bem como os de outros autores, e que meditem sobre as respostas dos médiuns não publicados, antes de julgar. Devem analisar onde reside a lógica que mais se adequa ao nosso raciocínio e à nossa necessidade de livre apreciação. Além disso, não devem se impressionar cegamente com os enfadonhos sermões espiritualistas da América, que parecem mais um reflexo de um *spleen* extremo do que um estudo sério sobre os temas abordados. Ao contrário, devem prestar atenção às respostas obtidas e à coerência do sistema descrito. É no conjunto, na clareza, na lógica e na liberdade desse sistema que residirá todo o seu mérito — ou seu ridículo.

"Entendo esse tipo de estudo de outra maneira," disse eu à dama. "Procedo neste campo da mesma forma que em todas as questões materiais: quando um espírito professor não me convence com suas demonstrações, submeto-lhe minhas dúvidas e redobro minhas perguntas. O que é mal ensinado ou mal compreendido precisa de respostas tão claras quanto bem solicitadas. Se questiono, é porque não sei aquilo que pergunto. Creio estar diante de um ser superior, e sua superioridade justifica minha pergunta. Das duas, uma: ou devo saber, ou devo ignorar; a ignorância é a estagnação da vida, enquanto o conhecimento é seu alimento.

Se o estudo me coloca perguntas nos lábios, é porque colocou respostas em outros. E confesso a você, senhora, que, mesmo se estivesse diante de Deus neste momento, perguntaria se faço bem ou mal ao buscar a verdade. De acordo com sua resposta, não me sentiria mais constrangido em lhe fazer uma pergunta do que ao primeiro espírito que encontrasse. Ao contrário, eu me sentiria ainda mais à vontade para

perguntar, pois saberia antecipadamente que estou praticando um ato de humildade que não pode desagradar a Deus, e que esse ato traria em si mesmo minha gratidão ao autor de coisas tão incompreensíveis."

Oh, sim! Reconheço nessa explicação a franqueza de seus estudos; mas nem todos podem pensar como você. O senhor que acompanhava essa dama amável pediu a Adèle que chamasse a aparição do famoso escultor grego Phidias.

"Aqui está ele," disse a médium clarividente. "É um homem de cerca de cinquenta anos, de aparência meditativa, com a testa franzida na raiz do nariz, etc. Ele está vestido de maneira estranha; não sei se usa uma calça curta ou um tipo de legging. Está envolto em uma espécie de manto, e seus braços estão nus. Ah! Mas que braço forte!"

Pergunte a esse espírito se ele ainda se dedica à escultura.

"Sim, ele me diz que esculpe diamantes agora."

Então ele soube esculpir o pórfiro quando estava na Terra?

"Sim."

Ele aceitaria me guiar nessa arte?

"Com certeza! Pouquíssimos ainda pensam nele; afinal, ele não se espiritualizou ontem... Já faz muito tempo. Seus alunos já não se lembram dele, então ele ficaria feliz em inspirar os homens da Terra."

Ele pode me ensinar como esculpia o pórfiro?

"Era com ouro."

Precisemos melhor: o ouro era usado para polir ou para esculpir?

"Para polir."

Mas, para esculpir, nenhuma ferramenta conhecida até hoje pode realizar esse trabalho?

"Oh! Mas é claro. Ele me diz que negligenciaram demais a liga de metais, e que é apenas dessa liga que se pode esperar alguma solução."

Qual seria a liga necessária para confeccionar uma ferramenta capaz de esculpir o pórfiro?

"Ele me diz... aço... espere... sim, platina... espere mais um pouco... sim, é isso mesmo, ouro. Os três melhores e mais fortes metais da criação."

Quais seriam as proporções dessa liga?

"Deve-se usar apenas um décimo de ouro."

E depois?

Resposta: "Quantidade igual de aço e platina, ou seja, nove vezes mais do que de ouro. Ou, se preferir entender de outra forma, quatro partes e meia de aço, quatro partes e meia de platina e uma parte de ouro... espere... ah! Mas não é ouro amarelo

que deve ser usado. Ele me diz que deve ser ouro verde, aquele ouro mais esbranquiçado, sabe?"

Como a ferramenta deve ser feita?

"Misture esses três metais na fundição e molde uma ferramenta com um cabo de uma polegada quadrada. Em seguida, a ponta deve ser um pouco mais larga e plana, como um cinzel. Mas ele me diz que a lâmina deve ser ligeiramente arredondada, com uma espessura equivalente a três lâminas de navalha. Não afiada como uma navalha, ao contrário, deve ser um pouco arredondada."

E para polir o pórfiro?

"Ah! Para isso, usa-se ouro."

Apenas ouro?

"Não, ouro com óleo."

Qual formato de peça de ouro deve ser usado?

"A forma não importa; mas ele diz que deve ter cerca de meio quilo."

Ele acha que, com essa ferramenta que você descreveu, eu conseguiria cortar uma coluna de pórfiro que tenho?

"Sim. Mas daqui a três dias, ele lhe enviará uma inspiração ao acordar, dizendo se você terá sucesso com essa ferramenta... porque, atualmente, ele não se ocupa mais disso, apenas de esculpir belos diamantes."

Esse senhor fez ainda algumas perguntas a Adèle, mas, muito cansada após uma sessão de duas horas, ela não pôde continuar. Este relato é apenas um breve esboço das muitas questões tratadas nessa sessão. Não queria que fosse desconhecido por meus leitores.

Mas, ah! Quantos relatos semelhantes guardo em minha mente e que, por falta de tempo e recursos, não posso transpor para o papel! Em vez de me ajudarem, tudo parece, ao contrário, me envolver em um círculo de silêncio absoluto. Uns insistem em dizer que estou morto, outros que estou louco, e há aqueles que afirmam que não publico mais nada.

Observação: Não sabemos se o platina era conhecido no tempo de *Phidias* e se seria fácil fundir esses metais, pois a platina tem um ponto de fusão mais alto que o ouro, e o aço também requer uma temperatura diferente. Portanto, seria necessário fundir esses metais separadamente e combiná-los apenas depois que cada um atingisse uma temperatura adequada.

Mas também ouvimos esse espírito pedir três dias de reflexão para inspirar o artista que lhe fez as perguntas mencionadas. Dada a capacidade dos espíritos de fazerem o que quiserem com o que desejam, como Adèle nos observou, pode ser que aquele que foi consultado use essas matérias no mundo espiritual, sem que essas mesmas substâncias tenham a mesma eficácia na Terra. Assim, aceitamos essa revelação apenas como um conselho.

As observações da consulente nos parecem muito racionais e revelam um espírito mais estudioso do que entusiasta. De fato, quantos médiuns escrevem sob a influência de espíritos desconhecidos ou de espíritos cujos nomes tiveram autoridade nas ciências e nas artes, e colhem apenas deceções — seja por sua credulidade passiva, seja pelo orgulho de querer fazer melhor do que os outros —, em vez de apenas desejar trazer ao templo do conhecimento humano mais uma solução útil à coletividade!

O que encontramos em grande parte dos escritos americanos e ingleses? Apenas um conjunto de conselhos mais ou menos morais, mais ou menos religiosos, e, consequentemente, mais ou menos úteis para a instrução dos homens.

Quantos manuscritos existem que, se fossem publicados, apenas aumentariam o tédio e até mesmo o desprezo por essas sublimes revelações espirituais! Estamos muito longe dessa maneira de proceder, que temos procurado ensinar.

Cada médium se acredita um redentor, altera, acrescenta, impõe, quando necessário, uma massa de proposições à afirmação original, sob o pretexto de um aprimoramento — propostas que não resistem a um exame de alguns minutos. Cristos, Virgens, anjos, sábios, artistas estão presentes em todas as mesas, respondem complacentemente a todas as perguntas tolas e grosseiras que lhes são feitas, fazem os móveis dançarem, beliscam, picam e atormentam de cem maneiras diferentes todos os adeptos dessas manifestações e, como resultado, levam os mais esclarecidos a buscar a verdade em outro lugar.

Ah! Se esses iluminados fizessem, antes de tudo, um estudo rigoroso dos supostos espíritos sábios que os inspiram, não seriam lançados nesse pântano de deceções que, longe de promover sua educação espiritual, apenas aumenta sua incredulidade em relação a essas coisas admiráveis.

Confessamos, com pesar, que nada pode resultar desse caos de manifestações diversas, exceto um atraso para os estudos que realizamos e uma grande doença mental contagiosa que consumirá mais de um cérebro inflamado por esse zelo pseudo-científico-espiritual.

Os verdadeiros estudiosos voltarão ao nosso método de proceder nesses estudos, utilizando médiuns clarividentes bem orientados, como ensinamos a fazer e como ainda pretendemos ensinar. Só aceitamos as manifestações físicas das mesas como um meio de despertar a inteligência dos mais resistentes, e direcionamos as mentes mais sensíveis para os calmos e estudiosos contatos dos médiuns magnéticos com os espíritos.

O futuro nos dará razão; mas quantos transtornos, quantos erros, quantas deceções surgirão até lá! Encontramos mais uma vez aqui essa dualidade entre trevas e luz — dualidade sem dúvida necessária para a plena compreensão humana.

Alphonse Cahagnet

APARIÇÕES DO AVÔ E DO NETO – MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS DO ÚLTIMO, AOS CINCO ANOS

28 de janeiro de 1858

O Sr. ..., professor e estudante de espiritualismo, amigo de nosso médium clarividente Ravet, sob o peso da dor de ter perdido recentemente um filho de cinco anos, pede a nosso médium que tente entrar em contato com essa criança, se possível, e que permita a presença de sua esposa nessa sessão, a fim de fortalecer sua fé em nossas crenças e, além disso, proporcionar-lhe algum consolo em sua dor atual.

Ravet me pede que o coloque em transe com esse objetivo. O Sr. e a Sra. ..., pais do espírito evocado, estão presentes. Eu não via essa experiência com muito otimismo, pois sei que Ravet não possui, ou não demonstrou até hoje possuir, a mesma capacidade de detalhamento que Adèle. Além disso, havia uma quase incrédula a ser convencida, e essa mesma senhora desejava solicitar a aparição de seu pai, que somente ela, entre nós, conhecia.

As perguntas a serem feitas foram escritas com antecedência pelo pai da criança, que, junto com sua esposa, assumiria um papel de observador.

Como você está?

Muito bem.

Com quem você está?

Com o vovô.

Você sabe o que eu depositei no seu caixão?

Sim.

Você pode mostrar a Ravet?

O médium tenta ver o que a criança lhe mostra, mas Ravet só consegue perceber flashes fugazes de luz. Os objetos não lhe aparecem iluminados permanentemente como ocorre com Adèle.

Seria uma limitação do nervo óptico físico que interfere nessa faculdade de visão, como observei em muitos médiuns clarividentes? Eu não sei.

Depois de alguns esforços, Ravet vê uma bela coroa branca que a criança lhe mostra.

O pai reconhece que realmente depositou essa coroa no túmulo, mas deseja que seu filho mostre ao médium o objeto que ele próprio colocou dentro do caixão.

Ravet se expressa assim:

"Não consigo ver bem o que ele está me mostrando... Ele faz dançar diante de mim um círculo negro que parece estar preso a um cordão elástico... Esse círculo é brilhante como vidro... Espere... há flores pintadas sobre ele... Veja, é uma rosa e um botão de rosa... Não consigo ver mais nada..."

Ele está contente por eu ter colocado esse objeto em seu caixão?

Ele me diz que teria preferido que você o tivesse guardado.

O Sr. M... nos conta que seu filho desejou, apenas alguns dias antes de sua espiritualização, um pequeno relógio-medalhão de vidro negro, no qual estavam pintadas uma rosa e um botão de rosa. Ele o comprou e o colocou no caixão, acreditando que isso lhe agradaria.

Eu faço observar a esse senhor que a resposta da criança sobre esse assunto me parece muito justa, pois, sendo esse seu último desejo, ele teria sentido mais prazer ao vê-lo nas mãos do pai em alguma ocasião especial.

A Sra. M... pede a Ravet que chame o espírito de seu pai, Sr. M...

Após um minuto de espera, o médium clarividente diz ver se aproximar um homem idoso, usando um boné, óculos e um avental com um bolso no meio, no qual ele coloca as mãos.

Ravet imediatamente destaca essa vestimenta peculiar para facilitar o reconhecimento do espírito.

A Sra. M... rejeita de imediato essa aparência, afirmando que não corresponde à de seu pai.

O médium pede novamente a presença do espírito; o primeiro se afasta para dar lugar a um segundo, que, como o primeiro, usa um boné e óculos, mas desta vez parece ter substituído o avental por um colete fechado e cruzado sobre o peito.

O médium descreve a aparência desse novo espírito, e a descrição é aceita, ainda mais porque contém duas particularidades notáveis. O espírito mantém o queixo firmemente apoiado sobre a gravata, com as duas pontas do colarinho bem coladas às bochechas, e possui apenas uma coroa de cabelos ao redor da parte de trás da cabeça.

O médium também acerta nos detalhes do caráter e dos afetos desse senhor.

Uma conversa íntima se inicia então entre a Sra. M..., sua filha e esse espírito, mediada por Ravet. A conversa parece muito racional à senhora, especialmente quando o médium observa que o espírito de seu pai costumava usar frequentemente a expressão "diabo" para expressar surpresa ou embaraço. Além disso, ele o trata por "tu", como se o conhecesse há muito tempo.

A Sra. M... confirma que seu pai usava essa expressão com frequência e que tinha o hábito de tratar os jovens por "tu".

O Sr. M... pergunta ao seu sogro se foi ele quem proporcionou à sua filha uma manifestação espiritual que a surpreendeu e emocionou muito na sexta-feira passada.

Ravet responde que essa manifestação foi resultado da ação conjunta dos espíritos da família, que se uniram para trazer, por meio dessas provas materiais, fé, esperança e consolo ao coração dessa senhora.

O médium, surpreso com o que a criança lhe diz, exclama:

— Mas seu filho pequeno está puxando seus joelhos e gritando: "Fui eu, mamãe, que movi essa caixa!"

— Foi uma caixa que se moveu? — pergunta o médium.

— Tente vê-la — responde a senhora.

— Vejo o pequeno mexendo e revirando objetos dentro de uma caixinha de costura; ele deve ter realmente movido essa caixa e não apenas produzido um ruído interno.

Isso é exato. Fui apenas eu que ouvi esse barulho e vi essa caixa se mover?

Não, seu filho mais velho também ouviu e viu, pois seu irmão lhe disse: "Faça o mesmo!"

Por que essa manifestação aconteceu?

O pequeno responde: "Foi para te fazer acreditar nas mesas girantes. Quando papai fazia as mesas girarem, você não queria acreditar nessas coisas. Pois bem! Eu quis fazer você acreditar; por isso, baguncei tudo o que estava dentro da sua caixa."

Mas o que você faz agora? — pergunta a senhora.

"Estou quase o dia todo com você, com meu irmão e com meus amigos, com quem brinco. Sou trazido para casa, depois vêm me buscar..."

Observação:

Aqui, mencionamos apenas os fatos mais marcantes dessa aparição, pois a conversa e as informações íntimas obtidas nessa sessão tiveram um grande impacto sobre as pessoas envolvidas, que estavam profundamente abaladas pela perda dolorosa que sofreram.

A satisfação que experimentaram ao poder estabelecer um contato tão fácil com aquele por quem sentiam tanta saudade foi evidente.

Deixamos para nossos leitores a tarefa de apreciar os detalhes curiosos dessa sessão, como fazemos com todas as outras que apresentamos.

Lamentamos apenas que, devido à posição delicada do consulente, não possamos divulgar seu nome.

Entretanto, sabemos de antemão que nossos leitores nos concedem toda a sua confiança e que somos responsáveis perante Deus pelas inverdades que poderíamos cometer contra eles.

No dia seguinte a essa sessão extraordinária, a consulente lembrou-se muito bem de que seu pai, que era um antigo farmacêutico, usava um boné, um avental com bolso e óculos enquanto trabalhava em seu laboratório, exatamente como o médium o viu da primeira vez.

Esse espírito, portanto, deve ter mudado de vestimenta instantaneamente para ser melhor reconhecido por sua filha.

ESTUDOS SOBRE A VELHICE NA INFÂNCIA, A LOUCURA E AS FUNÇÕES DA VIDA MATERIAL

Pelo médium clarividente RAVET
19 de fevereiro de 1858

No dia 10 deste mês, coloquei Ravet em transe para lhe submeter algumas questões fotográficas. Seu guia apareceu-lhe vestido e armado de uma forma que eu não havia provocado e cuja explicação não me é permitida fornecer ao leitor. Menciono apenas que o que ele previu nessa ocasião se realizou perfeitamente.

Hoje, 19 de fevereiro, peço-lhe que pergunte a seu guia se ele está disposto a tratar da velhice e da infância na qual ela entra.

O guia de Ravet, com aquele tom breve e desembaraçado que lhe é característico, responde:
— É verdade, falemos sobre a velhice que não envelhece.

Pode nos dizer a que se deve a infância na qual alguns idosos entram antes mesmo que a idade tenha pesado o suficiente para permitir esse estado? E, de modo geral, de onde vem essa infância da velhice?

O idoso que entra na infância é uma alma que não abandonou completamente seu corpo, mas o suficiente para não mais conseguir organizar e dirigir seus pensamentos.

Mas essa apatia, essa inércia, por um lado, e essa exigência infantil ou esse comportamento brincalhão que se nota nesse estado, a quem ou a que se devem?

Repito-lhe: devem-se ao abandono do corpo por parte de seu diretor e ordenador. Os pensamentos, em relação ao domínio abandonado que habitam, tornam-se semelhantes a uma sala de aula onde, na ausência do professor, os alunos assumem seu lugar e fazem as coisas mais estranhas, mais ousadas, mais turbulentas e mais exigentes. São os primeiros a querer dominar, impor obediência e obter o que desejam.

Em outros casos, quando esses mesmos pensamentos já estão habituados a esse estado, eles próprios são pensamentos infantis, como se observa em crianças lentas, pouco ativas e estagnadas em tudo.

O que pode levar a alma a se separar assim de seu corpo material?

O desencanto com essa condição ou ausências prolongadas. Você se lembra que eu disse, ao tratar do sono (1), que a alma, à noite, quando todas as partículas materiais de seu corpo estão em repouso, abandona esse corpo para captar impressões externas que se relacionam com suas afeições.

Pois bem, na infância da velhice, são almas retardatárias, negligentes e pouco preocupadas com o estado material. São como um professor que confia sua classe a um assistente, ou como um mestre de oficina que deixa seus trabalhadores cuidarem do local. Como nem todos os seres gerenciam as coisas da mesma maneira, quando o professor ou o mestre de oficina retornam ao seu domínio, encontram tudo em uma ordem que não é a deles e sentem uma enorme fadiga para restaurar a organização ao seu gosto.

Essa fadiga gera o desencanto, e o desencanto leva à separação. Mas, como nessa separação não pode haver um rompimento completo da ligação entre os dois estados

— pois isso seria uma espécie de suicídio —, a alma assim separada, ainda ligada ao seu corpo, sofre duplamente ao vê-lo nesse estado sem poder restaurar sua harmonia.

É a matéria que domina e age sem direção harmoniosa. Não há mais ordem, distinção, apreciação ou organização: é o triunfo do caos.

O que você me diz parece aceitável para aqueles que, como eu, não têm uma grande afeição pelo estado material. Mas a infância da velhice também é observada em pessoas despreocupadas, no que se chama vulgarmente de viveurs (boêmios), que só enxergam e amam a existência material.

Não confie nessas aparências muitas vezes enganosas. Os homens de quem você fala são, por vezes, os mais despreocupados em relação ao seu corpo e à existência material quando estão em estado de sonho.

Saiba que aqueles que riem com os lábios muitas vezes choram no coração.

Além disso, há casos de lesões nos órgãos do corpo que causam esses distúrbios nas funções do pensamento.

Algumas crianças nunca conseguiram atingir plenamente as funções vitais do pensamento e, por isso, permaneceram em estado de idiotia durante toda a sua existência terrestre.

Isso acontece porque suas almas, demasiadamente ausentes de seus corpos, não organizaram nem dirigiram, desde o princípio, a ordem de seus pensamentos. É a mesma causa, é a mesma indiferença que produz os mesmos efeitos.

Qual a diferença que seu guia faz entre esse tipo de infância da velhice e a loucura?

Uma diferença muito grande. A infância da velhice, como eu disse, é o domínio da carne sobre o espírito; já na loucura, é o espírito que domina a carne.

No primeiro estado, o homem sabe pouco; no segundo, sabe demais. É verdade que ele não obtém uma existência mais harmoniosa, mas, pelo menos, na loucura, ele está em uma forma de existência real, enquanto na infância da velhice ele está apenas no sono da existência.

É o próprio homem que determina, como no caso da infância da velhice, seu estado de loucura?

Sim. Na loucura, é o orgulho dos pensamentos ou sua tensão excessiva em uma única direção que determinam esse estado.

No entanto, há muitos casos de loucura que não parecem se encaixar no que você descreve. Por exemplo, há os que se sentem perseguidos por feras, assassinos, policiais; aqueles que têm ideias de impudicidade, roubo, crime, grandeza ou dependência, divindade ou ateísmo; enfim, mil pensamentos bizarros que deixam a medicina, a fisiologia e todas as ciências perplexas.

Todos esses tipos de loucura têm causas específicas. Há aqueles que mencionei, que abrangem todas as aspirações desordenadas das quais muitos dos casos que você citou dependem. Mas há também casos de obsessão externa e obsessão pessoal, que são muito comuns.

A obsessão externa vem de vinganças provocadas pela pessoa ou por seus antepassados, de invejas relacionadas à sua posição, ou simplesmente de espíritos que têm necessidade de fazer o mal e perturbar os seres humanos.

Já a obsessão pessoal vem do próprio indivíduo, cujo olhar interior é tão iluminado pelo estado de seus pensamentos que ele tem o poder de vê-los externamente, da mesma forma que eles se produzem dentro dele. Ele os torna vivos, anima-os com sua intensa atividade mental, de modo que esses pensamentos são para ele tão materiais quanto são para vocês quando os objetivam através dos trabalhos manuais que realizam.

Pergunta: Você mencionou vinganças relacionadas a antepassados ou ao próprio indivíduo, bem como inveja e desejo de fazer o mal. Se isso for verdade, então ninguém está a salvo dessas vinganças ou de ser alvo da inveja dos outros?

(1) Referência ao Tomo III da Enciclopédia, página 310.

Não aborde essa questão, ela é muito complexa. Essas dependências e maldades existem, acredite na minha palavra; mas elas são controladas e paralisadas por influências mais fortes. Aqui, estamos falando da ciência do direito e do dever, e não é qualquer um que pode tocá-la.

Vamos falar um pouco sobre a obsessão pessoal, pois eu mesmo estou um pouco sob sua influência. Eu me obsesso, conscientemente, com diferentes dependências que minha razão rejeita, mas que meu corpo me obriga a suportar. Como posso estar em uma revolta aberta contra minha própria razão?

Ah! No seu caso, trata-se de uma complexa combinação de estudo e doença. Através de seus estudos, você mergulha profundamente no domínio de seus pensamentos, remexe todos eles e não lhes permite retornar ao seu domínio respectivo. Eles estão constantemente em estado de alerta para responder ao seu chamado, e isso faz com que alguns, que você agitou mais intensamente, agora o agitem em retorno.

Ao buscar a causa de tudo o que você estuda, como faz, você se distancia excessivamente do estado material, o que faz com que ele lhe pareça mais pesado do que para qualquer outra pessoa.

Você o suporta a contragosto e, por isso, negligencia cuidar do seu corpo e satisfazer todas as suas necessidades. Mas a carne tem suas exigências, e por isso ela impõe com força que você lhe conceda o que lhe é devido.

Você deve compreender que isso leva ao esgotamento, e a doença acaba por invadir todo o ser. Seus órgãos, pela própria constituição, já não estão em boas condições; portanto, precisam de mais cuidados e atenção do que os de outras pessoas, algo que você não observa em relação a eles.

Por meio de suas meditações intensas, você está constantemente ensinando a todos os corpúsculos que compõem seu corpo tudo o que observa. Sem perceber, você os instrui com o que descobre e, com isso, os torna dependentes de suas próprias dependências. Esses corpúsculos, que fazem parte do nosso invólucro material, são, em relação a nós, como alunos diante de um professor: conforme o ensino, assim será o aprendizado e o conhecimento dos alunos.

Isso acontece com todos os seres que meditam e analisam minuciosamente os objetos de sua observação. Essa é a razão da força de suas convicções — e, ao mesmo tempo, das convicções de todas as suas células constituintes.

Vou dar um exemplo: você estudou todos os níveis de limpeza e percebeu, nesse campo, coisas que noventa e nove em cada cem pessoas não percebem nem suspeitam. Por essas observações, chegou ao ponto de não ousar tocar em nada sem antes lavar as mãos, tornando-se escravo de um hábito que agora deseja abandonar, pois percebe a impossibilidade absoluta de estar verdadeiramente limpo em toda a extensão do termo.

O que acontece, então? Seus dedos e todas as partes externas e internas do seu corpo que são suscetíveis ao contato — partes que você educou e submeteu às suas exigências — tornaram-se agora dependentes, por si mesmas, dos hábitos que lhes foram impostos.

As papilas de seus dedos parecem secas e agitadas até que você as mergulhe na água. As do seu estômago também ficam entorpecidas à mera visão de algo que não lhe parece limpo. Essa coisa lhe causa repulsa, impedindo a função digestiva e, em certos momentos, levando até mesmo a convulsões e dores agudas.

Para se curar, você precisaria dedicar o mesmo tempo a uma meditação oposta, a fim de ensinar ao seu corpo que o que lhe foi ensinado anteriormente não deve ser mantido. Isso, no entanto, é um processo muito mais longo do que você imagina.

Essas obsessões são contagiosas. Eu mesmo, depois do que você me ensinou e me fez observar, frequentemente sinto a necessidade de interromper uma refeição ou de lavar as mãos antes de tocar em algo — algo que nunca fiz antes de conhecer suas preocupações a esse respeito.

Com esse exemplo que tirei de você, percebe-se que ocorre o mesmo com todos os seres, embora cada um tenha sua obsessão específica: alguns em um aspecto, outros em outro. Cada um está submetido a esse tipo de dependência obsessiva de acordo com suas diversas observações.

No entanto, observa-se essas mesmas dependências em crianças cuja inteligência ainda não é capaz de tais observações. Nossa pequena irmã, Alphonsine Maugis, está atualmente em um estado semelhante, e essa criança tem apenas cinco anos.

Essa criança é criada de maneira extremamente limpa por seus pais. Ao menor contato com algo sujo ou à menor mancha, ela é repreendida e alertada de que não deve tocar nessas coisas.

Sem perceber, os pais fizeram com o corpo dela o que você fez com o seu, o que gerou nela essa grande repulsa que manifesta agora.

Além disso, a doença pela qual ela passou recentemente colocou seus nervos em um estado de medo e ansiedade difícil de descrever.

Se você visse isso como eu vejo, diria: "Quanta responsabilidade na criação de tantos seres! Quanto conhecimento e senso de organização das coisas são necessários para alcançar a harmonia perfeita na vida material!"

Meu guia me diz: "Chegará um tempo em que anatomistas, médicos e fisiologistas estudarão o homem em todos os detalhes dos órgãos que o compõem."

Atualmente, a medicina tenta dividir seu conhecimento classificando-o em especialidades, tratando apenas de um tipo de doença ou procedimento cirúrgico. Mas essas especialidades ainda são puramente materiais; limitam-se ao conhecimento e à classificação dos componentes visíveis e tangíveis do ser humano.

No tempo de que falo, essas mesmas ciências se voltarão para o interior do ser, e não para seu exterior; para a vida que estimula, e não para a vida estimulada; para as divisões dos constituintes dos órgãos, e não apenas para a totalidade desses órgãos.

Um anatomista, por exemplo, conhecerá as verdadeiras funções de um braço, com todas as suas complexidades internas e as subdivisões dos elementos que o compõem. Hoje, eles ainda estão apenas no que se revela por si mesmo — músculos, nervos, ligamentos e ossos.

Eles estudarão o principal propulsor da existência material, que é o ar. Verão como ele entra e funciona, como agora vou lhe mostrar, especialmente no pulmão.

Quando falam dessa força, fazem-no apenas com base em intuições e deduções, como um cego fala sobre cores e formas.

Se pudessem atingir nossa compreensão e enxergar, como nós vemos, todas as subdivisões das funções dessa existência, não poderiam acreditar que passaram tanto tempo ignorando coisas tão belas e naturais.

Meu guia me mostra, diz Ravet, o ar entrando no pulmão. Essa entrada e essa força só podem ser comparadas às leis da gravidade.

É pelo mesmo efeito da gravidade que ocorre a expansão e a extensão das partes, causando compressão sobre os órgãos mais próximos desse órgão. O estômago, por exemplo, também recebe ar através de seu tubo superior, bem como aquele que penetra, por assim dizer, pela compressão do pulmão.

O ar que esse órgão recebe através do esôfago não é nada além de um conjunto de corpúsculos diversos. Esses mesmos corpúsculos estão sujeitos a diferentes temperaturas e parecem ter diferentes níveis de vigor.

Há aqueles que permanecem nesse tubo porque sua natureza exige apenas um calor moderado; outros descem mais fundo, onde também se acomodam; outros ainda penetram muito mais adiante — esses são os mais vigorosos, capazes de suportar temperaturas muito mais elevadas que os primeiros.

Eles são turbulentos, estimulantes, impetuosos e, ocasionalmente, dominam os corpúsculos vizinhos. Quando a absorção dos alimentos os perturba ou desloca, surgem lutas, vitórias, derrotas, fugas e ataques.

Disso resultam as aglomerações e os agrupamentos densos que se manifestam na forma de ventos e gases. Os ventos e gases não são outra coisa senão aglomerações de corpúsculos aéreos que percorrem a imensidão do estômago e dos intestinos.

Conforme os meios que atravessam e os locais em que permanecem, assim são os distúrbios que esses gases ocasionam, o que pode ser percebido pelos espasmos,

síncopes ou cólicas que surgem nesses casos. Quando, por meio da entrada de novo ar ou de substâncias medicinais apropriadas para esse efeito, ocorre a dilatação e a liberação ruidosa desses gases aglomerados, é fácil reconhecê-los pelo som que fazem ao sair e, principalmente, pelos odores que exalam.

Todo esse mecanismo me é mostrado como o de uma guerra entre os homens: as mesmas forças brutas, as mesmas defesas e as mesmas derrotas; tudo é combinado e executado da mesma maneira.

Já que estamos falando dos gases, há doenças em que eles são muito mais fortes, numerosos e perturbadores do que em outras.

Isso não é surpreendente. Se você visse o interior de um corpo como eu vejo, perceberia que ele é, em todos os aspetos, como uma caixa de embalagem cheia de utensílios mais ou menos frágeis. Tudo está arrumado, encaixado e preenchido de tal forma que não pode ser facilmente deslocado. É um equilíbrio perfeito.

Mas, quando ocorre uma doença, ou devido a uma superexcitação causada pela destilação de líquidos ou ácidos mais ou menos corrosivos, as funções alimentares cessam, criando, consequentemente, espaços vazios. O excesso de líquidos ou ácidos gera focos de calor mais ou menos intensos que, por sua vez, causam febres e uma atonia generalizada.

A circulação então se torna mais ou menos obstruída, ocorrendo congestionamentos, ou melhor, aglomerações, como em uma cidade inquieta às vésperas de uma revolução.

Esses congestionamentos provocam inchaços, dilatações e deformações (permita-me essa palavra) dos órgãos onde ocorrem, de modo que, mesmo quando a saúde retorna, esses órgãos permanecem deformados e já não contribuem para uma circulação harmoniosa no futuro.

É daí que surgem essas condições debilitantes que, sem serem doenças evidentes, impedem que o corpo funcione como antes.

Meu guia me diz que o pulmão é o centro, a força, a vida da existência material, e que o coração é o centro da vida espiritual.

Esses congestionamentos também podem, ao gerar esses focos de calor, criar necessidades específicas, como a vontade intensa de beber água, como você já sentiu.

Há corpos que, por essas razões, quase não possuem água, enquanto outros, ao contrário, necessitam do contato com o fogo devido ao excesso de humidade.

Outros ainda, de repente, tornam-se excessivamente húmidos ou secos, o que é essencial para a existência material.

Isso pode ser observado nas necessidades que essas pessoas sentem de deixar, por exemplo, uma calçada seca e quente para andar sobre um caminho mais húmido, um gramado ou um barranco; ou no prazer de estar próximo a rios, de expor a testa quente à chuva de uma tempestade.

Esses seres não percebem que são suas papilas nervosas — seja dos pés, dos braços ou da testa — que os conduzem e que apreciam essas gotas de chuva ou o frescor do orvalho da água.

Tudo isso parece acontecer mecanicamente, mas, na realidade, são necessidades e grandes satisfações dos corpúsculos que compõem nosso invólucro material.

Repito, há um vasto campo de estudo a ser explorado sobre essa questão.

O conjunto de tudo o que você me disse esta noite, especialmente sobre a vida e as necessidades dos corpúsculos que formam nosso corpo material, está em perfeita concordância com a brochura que tenho atualmente no prelo, intitulada *Estudos sobre o Homem*.

Você só conhece essa brochura pelo nome e não tem a especialidade da comunicação de pensamentos, o que me faz supor que estou no caminho certo ao tratar, como você, dos constituintes do ser humano.

Para lhe dar uma ideia do conteúdo, peça ao seu guia que preste atenção à leitura de alguns trechos dessa brochura.

Então, leio para Ravet os parágrafos 16, 40, 62, 63, 64 e 65 dessa obra, que seu guia considera muito precisos, mas ainda muito avançados para o atual estágio dos estudos humanos.

Ele diz-me:

"Deixe o sucesso dessas proposições para alguns séculos no futuro; só então poderemos julgar sua verdadeira extensão."

Assim termina essa curiosa sessão, que confirma parte dos meus estudos anteriores sobre essas questões, especialmente o que Adèle disse na *Enciclopédia Magnética*, tomo III, sobre uma questão semelhante feita por um filho sobre o estado mental de seu pai.

Consulte a página 112 desse volume para mais detalhes.

Deixamos aos nossos leitores a tarefa de apreciar e comparar essas convergências de opiniões sobre o mesmo tema.

Alphonse Cahagnet

DOENÇAS

CURA MAGNÉTICA
ANGINA DIFTÉRICA

No artigo anterior, mencionei que a pequena Maugis foi acometida de angina diftérica, um tipo de crupe, mas de natureza mais violenta e ainda pouco estudada.

Essa doença atingiu Argenteuil com grande intensidade. Um décimo das crianças foi afetado, e um quarto delas, senão mais, veio a falecer.

Já faz mais de seis meses que essa enfermidade persiste e ainda não desapareceu completamente.

Não apenas as crianças foram atingidas; os adultos também não ficaram imunes.

A doença se manifesta por uma dor de garganta que progride tão rapidamente que, em dois ou três dias, forma-se uma condensação espessa de muco no laringe, bloqueando completamente a passagem de alimentos, líquidos e, por fim, do ar.

O sufocamento é a consequência inevitável.

A medicina tem se dedicado com grande empenho a combater essa afecção terrível e obteve algum sucesso com dissolventes na forma de sais.

Adèle, porém, não teve um único fracasso no tratamento dessa enfermidade, usando apenas a insuflação de alúmen em pó na parte posterior da boca, com um tubo de pena de ganso ou qualquer outro objeto similar.

O contato desse sal é extremamente doloroso para o paciente, mas seria ainda mais se as áreas afetadas não estivessem cobertas pelo muco espesso.

A ação do alúmen é dissolver e desagregar essa camada espessa, facilitando sua eliminação pela tosse e pelos reflexos de irritação causados pelo contato com o sal.

O melhor a fazer, assim que a doença se manifesta, é induzir vômitos com xarope de ipeca ou outro emético apropriado, para evitar que os mucos se fixem no laringe e no esôfago.

Essa doença, como todas as suas similares, não surge sem causa.

Adèle acredita que a origem está na contaminação da água devido à prolongada seca que enfrentamos, que propiciou o surgimento de miríades de microrganismos nocivos.

Os sedimentos e lamas de rios, lagoas e poças secas, expostos pelo calor, facilitaram sua proliferação.

Esses microrganismos, segundo a médium, buscam diferentes níveis de calor nos corpos humanos para se alojarem e se reproduzirem.

Alguns permanecem na parte posterior da boca, outros descem até o laringe e o esôfago.

Os mais resistentes alcançam o estômago e os intestinos, causando uma grande variedade de inflamações que a medicina oficial mal consegue nomear e combater.

Esses microrganismos parecem não pertencer à mesma família, pois lutam entre si, e essas batalhas internas naturalmente causam graves distúrbios nos órgãos, especialmente nos intestinos.

Por isso, é aconselhável manter o corpo limpo com lavagens intestinais de azeite de oliva, raiz de alteia, semente de linho e folhas de papoula, quando necessário, para acalmar os sintomas.

Cataplasmas também são muito úteis, pois, junto com a infusão de *Capillaire de Montpellier*, ajudam a manter uma leve umidade nos intestinos e no trato urinário, o que reduz o calor excessivo que esses microrganismos buscam.

Isso paralisa sua atividade, impedindo que formem vapores condensados que se transformam em muco no esôfago, no laringe e na parte posterior da boca.

Um lenço embebido em óleo de camomila, amarrado ao redor do pescoço, também pode ser de grande ajuda.

Um homem robusto sente dor de garganta; no dia seguinte, nenhum líquido consegue passar. Ele sente um corpo estranho obstruindo sua garganta, ameaçando estrangulá-lo. Quem poderá livrá-lo disso? Ele sabe que crianças morrem dessa condição e não está nada tranquilo quanto ao seu próprio destino.

Então, em um momento de intensa dor e desespero, ele enfia os dois dedos na boca, alcança o que o está sufocando e o arranca abruptamente. Uma grande perda de sangue se segue. Chamam o médico, que encontra a situação pouco comum e prescreve o que acredita ser adequado.

Duas horas se passam; o sangramento cessa, o paciente se sente melhor e, no dia seguinte, retoma seu trabalho.

Uma mãe, que já perdera todos os filhos e tinha apenas uma menina de dez anos, vê sua filha ser acometida por essa terrível doença. O médico é chamado imediatamente, mas todos os remédios falham.

O momento crítico chega e a ciência médica declara que não pode garantir a vida da criança. A angústia toma conta da casa.

O pai, incrédulo, não entende como sua filha pode ter "uma película na garganta" e insiste que não compraram tal coisa há anos. Ele chega a afirmar que o médico está errado.

A mãe, embora não seja mais instruída, ouviu que a doença de sua filha se chama "angina diftérica" e que é uma espécie de membrana que se forma na garganta do doente. Ela também ouviu dizer que, se essa membrana fosse removida, a criança poderia ser curada.

Desesperada, ela reflete e não consulta ninguém além de seu amor materno e da sentença médica. Ela pensa: *Se eu arrancar essa membrana, minha filha será salva... Mas e se eu a matar?*

Ela compartilha seu plano com o marido, que imediatamente a repreende. Diz que o médico é um tolo e que sua esposa é ainda mais tola por acreditar nisso. Ele não quer "ver sua filha ser assassinada", e então foge, deixando a pobre mulher sozinha em sua dor e incerteza.

Um estertor angustiante da criança tira a mãe de sua hesitação. Em um salto, ela corre para a cama da filha agonizante, invocando Deus em busca de ajuda e pedindo perdão pelo possível crime que está prestes a cometer.

Com mãos trêmulas, ela abre a boca da menina, enfia os dedos o mais fundo que pode, agarra essa "carta de condenação à morte", essa pele sufocante, e a arranca enquanto desvia o olhar e tapa os ouvidos.

O mesmo fenômeno observado anteriormente ocorre, e os mesmos resultados se seguem: a criança é salva.

O pai, ao ver a membrana retirada, não pode mais duvidar de sua existência. Ele finalmente percebe que não é preciso ir a um açougue para comprar essa "película"; a própria natureza tem seus fornecedores, e eles a entregam gratuitamente.

FEBRE ESCARLATINA

A febre escarlatina também se manifestou esse ano. Não satisfeita com seu manto escarlate vibrante, quis também tomar parte no domínio de Netuno, transformando suas vítimas em verdadeiras ilhas onde a ciência médica dificilmente conseguia aportar.

Muitas "passagens" para o outro mundo foram emitidas em nome dessa tirânica deusa.

A ciência, acostumada até então às visitas quase inofensivas dessa doença, não esperava sua nova artimanha. Assim, no exato momento em que o médico acreditava ter vencido, a morte também clamava sua vitória: um inchaço repentino da epiderme acolhia em seu interior todos os fluídos corporais, transformando uma pobre criança frágil em um ser inchado, irreconhecível.

Nenhum tratamento externo absorvente, nenhum adstringente interno, conseguia romper esse ciclo de dezoito dias inatacáveis, a menos que fosse agravado por uma imprudência do próprio doente, como pegar um vento frio ou ingerir bebidas geladas demais.

Quando isso acontecia, a desolação se instalava no lar material, enquanto o hino da liberdade era entoado no lar espiritual.

Eu perguntei a Adèle, enquanto ela estava em transe magnético, qual era a causa principal desse inchaço, que até então não havia sido tão observado nessa doença.

Ela respondeu que a causa estava na absorção de *animálculos* (microrganismos invisíveis) em estado de luz ardente, organismos altamente inflamáveis, por assim dizer, que haviam saturado a atmosfera.

Mas essa febre sempre existiu. Se é causada por esses microrganismos, por que eles não provocaram esse fenômeno antes?

Resposta: Porque sua natureza era menos inflamável no passado e eles estavam menos propensos a se tornarem tão virulentos quanto agora.

Esses microrganismos atacam a pele ou o interior do corpo?

Eles são absorvidos pelo interior. Como as crianças têm tubos musculares mais flexíveis do que nós, esses microrganismos rapidamente os atravessam, preferindo o ar livre.

Se, por alguma razão, não conseguem escapar — por exemplo, devido a um resfriamento que contrai esses tubos —, causam danos mortais internamente.

Por outro lado, se conseguem recuperar sua liberdade, o doente sofre seus efeitos externamente.

Quando esses microrganismos ficam alojados nas pequenas bolhas vermelhas que surgem na pele, eles queimam as papilas mais delicadas da epiderme.

Para evitar isso, o corpo direciona todos os líquidos internos para a superfície, eliminando umidade excessiva e regulando sua temperatura.

Como resultado, as funções intestinais ficam desordenadas, o trato urinário seca, a salivação se torna escassa e a febre se espalha.

Deve-se beber bastante e comer pouco, para manter húmido o foco interno de calor que ameaça a vida do doente.

A prova de que isso é verdade é que, geralmente, a recuperação vem acompanhada de uma renovação completa da pele.

A pessoa literalmente "troca de pele", algo que pode ser notado nas escamas farinhentas que se desprendem facilmente, revelando uma epiderme nova, mais fresca, mais rosada e, portanto, mais viva.

Pergunta: Tudo isso parece correto. Mas se esse ar é respirado por todos, por que não causa os mesmos efeitos em todos?

Resposta: Acontece com essa doença o mesmo que ocorre com todas as epidemias e enfermidades contagiosas: há predisposições, idades e resistências cuja compreensão nos escapa ou, pelo menos, exigiria um estudo mais aprofundado do que essas perguntas que você me faz de improviso.

Observação

Dessa breve análise dessas duas doenças — que causaram tantas lágrimas e gritos de dor este ano —, concluímos que ambas são provocadas pela absorção de microrganismos que nasceram e se fortaleceram nas mudanças atmosféricas dos nossos tempos.

Não rejeitamos essa hipótese, pois ela está de acordo com nossa teoria sobre a vitalidade de todas as partículas da natureza, um conceito que exploramos em nossas outras obras, especialmente em *Estudos sobre o Homem*.

Acreditamos que nossos leitores apreciarão essa breve digressão sobre medicina, antes de retornarmos às questões espirituais.

TRATAMENTOS MAGNÉTICOS

Na angina diftérica, o magnetismo é usado com sucesso como um calmante, aplicando insuflações quentes sobre a garganta e passes magnéticos fortes do peito aos pés.

Na febre escarlatina, o magnetismo das bebidas e passes magnéticos ao longo do corpo ajudam a aliviar e refrescar o doente.

Aplicações de óleo de camomila ou banha de porco sobre toda a pele também ajudam a reduzir a sensação de queimadura causada pela febre.

Entre as bebidas recomendadas estão infusões de flor de borragem, capilária, alteia e violeta.

A alimentação deve ser leve, evitando alimentos secos, e sustentada por caldos não fermentáveis, preparados com legumes ou grãos que aquecem o corpo.

INFORMAÇÕES SONAMBÚLICAS SOBRE UMA CURA MAGNÉTICA

Pelo médium clarividente RAVET
16 de maio de 1858

Ravet, ao me fazer uma visita, sentiu a necessidade de dormir e me pediu para magnetizá-lo para esse fim. Quando ele estava pronto para responder às minhas perguntas, eu não sabia para que utilizar esse transe, pois não havia me preparado para essa sessão. Então, pedi-lhe que perguntasse ao seu guia qual estudo seria o mais útil para realizarmos.

Comece estudando a si mesmo.

Isso é o que faço todos os dias, e é o que acabo de incentivar os homens a fazerem com a publicação do meu livro *Estudos sobre o Homem*.

No entanto, como você previu, essa obra não tem sido bem recebida, a julgar pelo pequeno número de vendas e pelo silêncio dos principais jornalistas para os quais a enviei para avaliação.

Continue esses estudos, pois são os melhores e mais úteis.

Mas os homens precisam tratar de questões que lhes são mais ou menos desconhecidas.

Você só pode tratar dessas diversas questões no momento certo. Agora, é preciso permitir-se um descanso; avançar rápido demais e cavar fundo nesses estudos pode expor seu corpo a grandes problemas. Veja o estado da sua saúde, perceba a fadiga da sua mente e aceite, pelo menos um pouco, esse descanso.

Que seja feita a vontade daqueles que me inspiram e me desejam o bem, e pelos quais sou grato. Mas hoje, gostaria que você visse o que aconteceu entre mim e nossa querida Nini Lecocq, há alguns dias, quando, como no caso de Alphonsine Maugis, senti-me impelido a ir até o leito dessa criança moribunda e tive a felicidade de trazê-la de volta à vida. Não sei se tive a mesma sorte com a pequena Nini. Você pode se transportar até lá e me ver enquanto a magnetizo? Observe bem a causa, os distúrbios, a potência e as forças úteis que o magnetismo pôde lhe trazer.

Após o tempo necessário para essa observação, Ravet se expressou da seguinte forma:

Antes de deixar Ravet falar, devo observar que essa menininha, de cerca de oito anos, havia sido acometida pela febre escarlatina, que este ano se mostrou particularmente terrível em Argenteuil. Apesar de já estar em recuperação, encontrava-se na fase de inchaço que, neste ano, seguia essa doença.

Ela já conseguia se levantar e brincar com sua irmã mais velha, que também fora atingida pela febre. A mãe das crianças havia saído por um instante e, ao retornar, Nini subitamente reclamou que não conseguia mais ver sua mãe, apesar de ter os olhos abertos.

Esse primeiro sintoma foi seguido por uma espécie de paralisia geral, forçando-a a ser colocada de volta na cama. Ela ficou nesse estado, com os olhos fixos, respirando com dificuldade, como se o laringe estivesse convulsionado ou obstruído por mucosidades.

Após uma hora de magnetização realizada por nosso amigo Alphonse Maugis e do tratamento que se julgou adequado para essa letargia, o pai da criança veio à minha casa consultar Adèle.

Ela, ao entrar em transe, aconselhou imediatamente chamar um médico, dizendo que o caso era urgente e que não queria assumir tal responsabilidade sozinha. Disse que havia uma congestão sanguínea e cerebral e recomendou compressas, entre outros procedimentos, até a chegada do médico.

Em particular, Adèle me confidenciou, antes que eu a despertasse:

Essa criança ficou contrariada, e essa foi a única causa de sua recaída. Ela estava melhorando, mas temo que não consigamos salvá-la.

Aflito com essa notícia, que poderia tirar do meu amigo uma criatura tão adorável — e considerando que ele já havia perdido uma filha da mesma idade há apenas um ano —, fiquei muito perturbado.

Uma hora depois de receber essa triste notícia, fui tomado por uma súbita inspiração de ir magnetizar a criança, embora soubesse que o pai e nossos amigos já haviam feito tudo o que podiam.

Naquele dia, eu mesmo estava sofrendo muito. No entanto, senti como se o espírito da irmã falecida da menina pegasse minha mão esquerda e me puxasse em direção à casa da doente.

Obedeci a esse impulso e corri para lá, temendo encontrar a casa mergulhada em completo desespero.

Ao chegar, vi que a criança estava em um estado terrível, incapaz de dizer uma única palavra. Seus olhos estavam fixos, suas pupilas tão dilatadas que tomavam quase toda a córnea. Ela parecia olhar para a esquerda, como se visse algo que prendia sua atenção, e fazia esforço para se levantar, provavelmente tentando alcançar os lugares de sua visão.

Comecei a magnetizá-la suavemente, depois com mais intensidade, tentando aliviar a cabeça e restabelecer a circulação.

Após meia hora de trabalho, o estado dela piorou e a agonia parecia iminente. Os espasmos na garganta eram horríveis.

Com grande dificuldade, enfiei meus dedos entre suas mandíbulas contraídas até o fundo da boca, tentando remover algo que pudesse estar obstruindo sua respiração, mas consegui apenas eliminar secreções mucosas.

Recorri então às insuflações quentes sobre a garganta e às fricções, mas sem sucesso.

O pai, e a mãe — que segurava um terceiro filho doente nos braços — estavam tomados pelo desespero.

O médico não chegava...

Eu já havia magnetizado a criança por uma hora e conversava mentalmente com sua alma e com o espírito de sua irmã, que ainda parecia estar ao lado da cama.

Passei de demonstrações gentis a ordens rigorosas, exigindo que ela me obedecesse e restabelecesse o equilíbrio em seu corpo.

Eu estava em um estado de extrema tensão interior, embora não o demonstrasse. Via a criança me escapar, mas me recusava a abandoná-la.

Em um último esforço, a arranquei da cama e a coloquei no meu colo, ignorando o risco de contrariar o inchaço, pois havia um inimigo ainda mais perigoso a combater: a morte apertava a garganta dessa menina, e sua cabeça estava cada vez mais quente.

Pedi ao pai que se ajoelhasse e segurasse as pernas da filha, empregando toda a força magnética possível para atrair o sangue para baixo.

Enquanto isso, colei a testa dela contra a minha e seu coração contra o meu, unindo esses dois centros vitais e concentrando meu pensamento na restauração do equilíbrio entre nossos estados físicos — mesmo que, para isso, eu precisasse dividir com ela o bilhete de passagem para o outro mundo.

Passamos mais uma hora assim. O pai e eu estávamos encharcados de suor.

Não sei se nem mesmo Hércules poderia ter nos arrancado essa joia preciosa nesse momento, pois nossos corpos estavam fundidos ao dela.

As convulsões do laringe diminuíram um pouco, permitindo uma respiração mais tranquila.

Coloquei a menina de volta na cama com mais esperança do que antes...

A melhora foi lenta, mas constante. No entanto, ainda não me permiti comemorar.

Os olhos continuavam fixos, sem enxergar a matéria, e pequenas convulsões ainda agitavam o lado esquerdo do corpo.

Mas sua cabeça repousava no travesseiro, parecendo encontrar algum conforto ali — algo que eu não havia conseguido alcançar em duas horas contínuas de magnetização.

O médico finalmente chegou e diagnosticou congestão cerebral, causada pela separação da albumina do sangue, algo comum nesse tipo de febre, se encontra separada do sangue, albumina que poderia coagular num instante pelo calor da cabeça... que a criança dava pouca esperança. Esse sábio estudou, interessou-se pela criança, aconselhou o que considerou necessário em tal caso; retornou até mais tarde para um novo exame e não pôde dar qualquer esperança: o caso era mortal!

Saí daquela casa de dor, tendo, no entanto, um pouco mais de esperança no coração. Por um instante, acreditei que a criança estava salva e não me enganei, pois na manhã seguinte, às dez horas, ela já estava completamente em seu estado normal de inchaço escarlatino e até mesmo pediu comida. Não foi utilizado nenhum outro remédio além de dois vesicatórios volantes aplicados nas pernas e um excitante vomitivo; mas a melhora já se sustentava antes mesmo desses adjuvantes. Como eu não sabia mais sobre a causa dessa melhora, desejei ser esclarecido por Ravet a esse respeito.

Eis, disse ele, o que me respondeu:

"A criança foi contrariada pela irmã; seu estado normal, muito sanguíneo, aliado ao seu estado igualmente normal, muito nervoso, complicado pela doença e pela febre, a colocou em uma dependência absoluta de querer, a qualquer custo, a coisa de sua cobiça naquele momento. Sua irmã, ao não obedecer a todos os seus caprichos, contrariou-a, e essa contrariedade não foi para ela senão uma excitação, um impulso, um distúrbio, uma invasão muito rápida dos corpúsculos assim agitados em direção ao centro, ao diretor, ao grande escritório de todas as locomoções, que é o cérebro.

Cada corpúsculo, sentindo-se impedido, comprimido, contrariado em seu percurso, esforçou-se para alcançar o local de suas necessidades; consequentemente, todos os corpúsculos, sofrendo a mesma restrição e tendo as mesmas necessidades, empregaram as mesmas forças de ascensão em direção ao cérebro, que, invadido, não pôde mais funcionar nem comunicar as vontades da alma a todas as extremidades do corpo e, por reflexo, as extremidades ficaram vazias devido ao excesso na parte superior. Daí nasceu o véu que cobriu a visão, uma névoa que impediu qualquer distinção da matéria, apesar das necessidades e dos esforços imensos da alma para restabelecer as funções indispensáveis desse órgão...

Todos os remédios materiais tornaram-se insuficientes em tal circunstância, pois os corpúsculos materiais desses remédios não poderiam comunicar à alma a esperança, nem a força de que ela precisava.

Era necessário espalhar sobre todos esses corpúsculos sensações de frio e de calor. O magnetismo, ou a emanação vital de um corpo de natureza semelhante, poderia ser o único a fornecer o que era necessário.

Você chegou munido desse agente e, acima de tudo, com aquilo que marca todos os seus graus de existência: a vontade. Você salvou essa alma angustiada; você restaurou a harmonia à sua envoltura material.

É muito curioso — observa Ravet — **como o frio e o calor se encontram reunidos em uma única coisa!** O frio representava o repouso de que esses corpúsculos necessitavam após sua ascensão precipitada; o calor, por sua vez, era a harmonia de que precisavam igualmente para retornar aos seus respetivos lugares e ali funcionarem como antes.

Dessas duas potências nasce a eletricidade ou a vida, a propulsão normal que é e constitui toda a existência do corpo.

Os corpúsculos do corpo e de suas circulações, na criança, encontravam-se, naquele instante (para lhe dar uma ideia mais clara de sua agitação), como os habitantes de uma cidade à beira de uma revolução: cada habitante está inquieto, questiona, corre, busca a causa e a solução dessa revolução; daí surgem os congestionamentos nas praças públicas, nos ministérios e até no palácio.

Há invasão, compressão e quebra dos locais e objetos que obstruem a inquietação e a agitação geral. Mas que um orador conhecido, poderoso, venha acalmar a multidão, que seja sereno e lhes transmita confiança na honra e na ordem de todos, e então cada um retornará para sua casa, cheio de esperança, retomando suas funções como antes desse tumulto passageiro.

Se, ao contrário, a revolução seguir seu curso, a realidade presente desaparecerá para dar lugar a outra. **Foi esse o estado da criança quando você chegou com forças suficientes para restaurar a ordem no lugar perturbado.**

Quem pôde me conceder tais forças, eu que, por possuir tão poucas e pelo estado sensível e abatido que você bem conhece, não poderia, em nenhuma outra circunstância, realizar nem um quarto do que fiz nesta?

Você foi assistido para esse fim; você veio trazer uma contraordem por parte de seres superiores àqueles que haviam colocado essa criança nesse estado.

Quem foi essa assistência? Teria sido por intermédio do espírito da irmã da doente?

Pouco importa para você; você foi convocado, você obedeceu; regozije-se com os resultados que obteve.

A irmã estava ao seu lado; eu a vejo à esquerda do leito da doente; ela não a abandona um só instante e deseja levá-la consigo. Esse espírito é um espírito superior, de amor, de amizade, de pureza e de bondade. Ele não poderia viver na Terra; era demasiado celeste para suportar por mais tempo o nosso egoísmo repugnante.

Nosso irmão Lecocq perdeu um dos mais belos tesouros do céu no dia em que essa criança lhe foi arrebatada. O homem não pode compreender, como eu compreendo no meu estado atual, a suavidade, a pureza, a beleza dessa criação. Essa querida criança sabia que sua irmã estava doente e sofria ainda mais naquele momento do que antes; por isso, recomendou-a a você.

Mas, quando viu que você não se contentava apenas em aliviar sua dor, que também a impedia de partir, ela ficou profundamente entristecida e afastou-se de você com um semblante tão dolorido que eu não saberia descrever: essas três pequenas meninas verdadeiramente se amam.

Por que o próprio pai não teria sido tão bem assistido quanto eu nesta ocasião?

Porque o pai não é você; ele tem seus próprios laços espirituais e você tem os seus. Seu coração não é menos bondoso que o seu, especialmente para com as crianças, que ele ama muito; mas, eu repito, ele não é você. Seu estado, suas afeições, não são os mesmos que os seus.

Regozije-se, não apenas porque a vida material foi restituída a essa criança, mas porque a visão e a liberdade dos membros do lado esquerdo de seu corpo também foram recuperadas. A graça foi completa.

A alma dessa criança ouviu e compreendeu minhas exortações?

Certamente; elas foram para ela uma lei, uma força, um consolo e uma harmonia.

Ao ver-se apoiada por uma alma tão devotada e poderosa naquele momento, ela conseguiu restabelecer com mais força e rapidez a ordem entre seus corpúsculos em estado de rebelião.

O mesmo aconteceu quando você ordenou mentalmente ao espírito de sua irmã que não fizesse esforços para levá-la deste mundo. Esse espírito afastou-se de você com menos alegria do que quando o abordou.

Se você soubesse com que facilidade os espíritos, livres da matéria e que ainda conservam ternos afetos por nós, sabem o dia de nossa libertação e como pouco nos abandonam...

É exatamente como uma família que sabe que um dos seus cumpre a mesma pena no presídio que todos já cumpriram e que, em determinado dia, seu registro será liberado.

Oh! Então há festa no lar e alegria em todos os corações. Que contraste de estados: choramos por aquilo que os torna felizes!

Assim terminou essa interessante sessão, realizada sem qualquer preparação, e que, no entanto, não é uma das menos instrutivas e consoladoras entre todas as que já realizamos até hoje. Contém várias proposições que os estudantes magnetistas, verdadeiros observadores imparciais, saberão reconhecer.

Nos limitaremos a destacar que: se a palavra, em todos os distúrbios do Espírito, tem o poder de acalmar suas agitações, o pensamento deve ter, nos mesmos distúrbios da alma, o poder de acalmar suas emoções.

Que não se confunda, no homem, o Espírito e a alma, pois o Espírito é a voz coletiva dos corpúsculos do corpo; voz, por assim dizer, material, que exige contato, movimento, manipulação e até mesmo o som dos corpos. Enquanto que a alma é uma voz eminentemente espiritual, que exige apenas a esfera, o toque sutil, o aroma, diria eu, do pensamento.

Numa boa magnetização, manipule o corpo e **FALE MENTALMENTE À ALMA**.

Que nossos leitores fortaleçam sua fé no poder curativo do agente magnético ao lerem este artigo, e que não desesperem em ocasiões semelhantes, senão apenas ao se abrir a porta dos céus, que é o túmulo material.

SEGUNDA APARIÇÃO DO ESPÍRITO PHIDIAS

Em 13 de maio de 1856, o mesmo artista mencionado na página 320 do **tomo III** desejou obter novas informações do Espírito Phidias, visto que este havia dito, em sua primeira aparição, que refletiria sobre a ferramenta que ensinou para esculpir o pórfiro.

O evocador me contou que teve uma visão (como havia sido predito por Adèle) na segunda noite após a promessa feita pelo Espírito Phidias a esse respeito.

Essa visão era uma estátua de mármore branco representando uma mulher de pé; no entanto, o vidente não se recordava exatamente do que ela segurava na mão.

Assim que a médium disse que o Espírito Phidias estava presente, esse senhor o questionou da seguinte forma:

Você refletiu sobre a ferramenta cuja composição e forma me ensinou? Posso mandar fazer uma semelhante?

Sim, acredito que você conseguirá esculpir o pórfiro com ela.

Foi você quem me enviou a visão que tive ontem de manhã, entre dois estados de sono?

Sim.

O que representava a estátua que me mostrou?

A História.

Então, era um livro que ela segurava na mão?

Sim.

Por que me apresentou esse tema em vez de outro?

Eu o apresentei como um modelo de forma e graça; ainda lhe mostrarei outros.

Você está decidido a me iluminar com seus conhecimentos sobre essa arte?

Sim, e você terá sucesso. Um dia chegará em que esculpirá estátuas em ouro.

Diga, então, que poderão ser fundidas, caso o ouro se torne suficientemente comum para isso, e não esculpidas, pois isso seria mais dispendioso.

O ouro se tornará suficientemente comum para isso, e a escultura será sempre muito mais valorizada do que a fundição. A arte é e sempre será arte. Você já encontrou muitas minas de ouro, mas ainda encontrará muitas outras. Em breve, será descoberta uma na Rússia, que conterá aquele ouro verde de que lhe falei; será uma mina considerável.

Em qual região da Rússia essa mina será descoberta?

Na região mais fria, visto que o ouro amarelo se encontra em regiões mais quentes.

Você poderia me dizer a que distância de São Petersburgo, por exemplo?

A cerca de quatrocentas léguas.

Está localizada na Rússia mesma?

Fica entre a Rússia e a Sibéria.

Isso é tudo o que pode me dizer sobre esse assunto?

Sim, essa descoberta ocorrerá em breve, creio eu.

Devo falar sobre isso ao imperador da Rússia?

Não, ele não acreditaria em você, pois não tem conhecimento íntimo da região.

Então será na Rússia que esculpirei estátuas em ouro?

Pode estar certo de que fará isso.

Você poderia mostrar a Adèle um modelo que eu poderia executar?

Adèle então disse ver uma mulher muito bonita segurando em seu dedo uma andorinha que parecia pronta para alçar voo.

Quem é essa mulher?

É a segunda estátua que esse Espírito lhe mostrou, junto com aquela que representa a História.

Só me lembro da primeira. Mas quem é e o que representa essa estátua que o Espírito está lhe mostrando?

Ela representa o Tempo.

O Tempo e a História combinam bem juntos, mas normalmente o Tempo é representado como um velho.

Esse é um erro, pois o Tempo não é nem velho nem jovem; ele é como eu o vejo.

O que significa essa andorinha que essa mulher tem pousada no dedo?

Ela representa a velocidade e a leveza com que o Tempo passa. O braço dessa mulher está graciosamente estendido para a imensidão, que o pássaro parece medir com os olhos e cobiçar atravessar. Oh! Se você pudesse ver como essa estátua é bela, bem feita e cheia de expressão! Você gostaria de fazer uma semelhante?

Eu preferiria esculpir um grupo com várias figuras.

Após um momento de espera, a médium disse que o Espírito Phidias lhe mostrava um grupo composto por uma mulher um pouco mais velha, acompanhada por duas jovens, que pareciam ser suas filhas.

O que esse grupo representa?

A Instrução Religiosa. Que expressão bela e cheia de religiosidade tem essa mulher (que suponho ser a mãe das outras duas)! Sua fisionomia é tão doce!... Seus olhos estão voltados para o céu, que ela contempla e indica com o dedo às jovens ao seu lado, com um amor inexprimível. Ela se apoia no ombro de uma delas. A outra, à sua direita, está um pouco separada e parece igualmente arrebatada pela contemplação. Oh! Nunca se farão coisas tão belas na Terra!

É o que penso também. Mas eu preferiria um grupo histórico, que ainda não tenha sido esculpido, algo de tema militar. Phidias pode lhe mostrar um?

Há muitos... ele está procurando... ele me diz que será para mais tarde.

Mais tarde, realizei várias sessões para esse artista, todas relacionadas à sua arte. Esse talentoso escultor desejava oferecer a Napoleão III uma escultura representando o imperador pronto para montar a cavalo, e outra retratando seu filho protegido por uma águia.

Adèle, sempre sob a orientação de Phidias, observou em cada sessão:

1º Que o cavalo, pronto para ser montado por Napoleão, tinha uma das pernas levantadas de maneira desproporcional em relação à pose do animal, algo que o artista não havia notado e que inicialmente não podia acreditar. No entanto, alguns dias depois dessa observação, ele voltou para dar razão à médium e pediu-lhe que corrigisse novamente seu pequeno mestre.

2º Quando Adèle pôde responder, ela examinou longamente o assunto e encontrou um lado da garupa (ou, para falar de maneira mais compreensível, uma nádega) muito mais volumoso que o outro; um novo desapontamento que, apesar de algumas argumentações, foi mantido pela médium.

3º Uma segunda vez, o artista voltou para dar razão ao Espírito Phidias; ele havia percebido o defeito e o corrigido: “A obra deve estar aceitável agora”, disse ele, aguardando com uma espécie de ansiedade a opinião do grande mestre. Ai de mim! Qual não foi seu desapontamento ao ouvir que a postura de Napoleão estava bem, mas que seu olhar estava errado, que não correspondia à ação que realizava, o que lhe tirava toda a segurança e até mesmo toda a graça.

4º Uma terceira vez, a falha foi corrigida, e a obra estava finalmente apresentável. Chegou a vez do grupo representando a criança protegida pela águia; várias observações foram feitas da mesma maneira, e em cada uma delas o artista reconheceu sua exatidão. Isso nos prova que, por melhor que seja o olho material, mesmo os mais treinados para a apreciação das formas, ele não se compara ao olho espiritual, por mais ideal e imaginário que se diga que ele seja.

Questões mais íntimas encerraram cada sessão. Esse senhor (cujo nome e posição honrosa conhecemos hoje) pareceu extremamente satisfeito. Se pudéssemos dizer mais?... Mas o silêncio que nos é imposto é religiosamente respeitado por nós.

Não desejamos extrair dessas sessões mais do que aquilo que nos é permitido publicar. Acrescentaremos apenas que esse senhor teve uma segunda visão no momento em que ia mandar fabricar a ferramenta recomendada. Nessa visão, ele viu a ferramenta com uma forma totalmente diferente da que pretendia dar a ela.

Essa ferramenta poderá ser fundida por um operário habilidoso que esse senhor encontrou. A informação citada não pode, sem dúvida alguma, ser fruto da imaginação desse senhor; além disso, não acreditamos que esse sábio tenha uma imaginação tão volúvel a ponto de agir sem mais exame.

VIAGENS E ESTUDOS SOBRE O PLANETA MERCÚRIO,

PELO MÉDIUM RAVET, SOB A CONDUÇÃO DO ESPÍRITO GALILEU

INTRODUÇÃO

PRIMEIRO ESTUDO

Nossos leitores já leram as interessantes descrições sobre o planeta Lua, mencionadas no tomo III de *Os Arcanos da Vida Futura Revelados*, descrições colhidas nas viagens feitas pela médium Adèle Maginot a esse globo, sob a condução do Espírito Emanuel Swedenborg.

Esse Espírito já havia publicado *As Terras Planetárias e Astrais*, etc., que dão sequência ao *Tratado do Céu e do Inferno*, traduzido por Pernetty, obra que produziu e continua a produzir uma impressão agradável. Obtivemos o mesmo resultado com a publicação das viagens mencionadas.

Não querendo nos deter por aí, perguntamos ao Espírito Galileu se ele gostaria de conduzir nosso médium Ravet a algum planeta de sua escolha. Sua resposta foi afirmativa. No entanto, circunstâncias imprevistas de trabalhos manuais impediram Ravet de continuar seus estudos desde a publicação de *Revelações do Além-Túmulo* (1), da qual ele é o protagonista.

Sentindo-se agora mais livre e disposto, ele mesmo propôs retomar esses estudos. Lembrei-lhe, então, do compromisso previamente assumido com o Espírito Galileu de realizar uma ou várias viagens planetárias, ao que ele acedeu com prazer.

Quando esse médium entrou em sono magnético, pedi-lhe que chamasse o Espírito Galileu, o que ele fez prontamente, informando-me quando esse Espírito estava presente. Fiz então um breve resumo de nossos novos estudos, que Galileu aceitou com prazer.

Confiei, portanto, o médium Ravet aos cuidados e à condução desse bom Espírito, recomendando-lhe que ele próprio rompesse o silêncio que sua viagem causaria entre nós dois. Com tudo devidamente entendido e aceito, recebi os adeuses do médium e permaneci aguardando-o por pelo menos trinta minutos, durante os quais ele não deu qualquer sinal exterior de existência.

Quando retornou a mim, pedi-lhe que me contasse o que havia observado em sua viagem. Ravet se desculpou pela imperfeição e pela pobreza de sua linguagem ao expressar as impressões que sentiu e os conhecimentos que adquiriu instintivamente sobre as coisas que iríamos tratar.

— "Não, essas coisas não se escrevem na pobre língua que eu falo", disse ele.

Respondi a Ravet que acrescentaria a pobreza da minha à dele e que o leitor, acostumado às descrições grosseiras das coisas que tratamos, acrescentaria o que considerasse adequado.

Suprimirei aqui grande parte das perguntas que fiz a esse médium, a fim de tornar essa narrativa mais fluida e, ao mesmo tempo, mais interessante. Copio textualmente, mas conecto as frases.

Primeira viagem – 17 de novembro de 1857

Ravet falou assim:

— "Estando fora do meu corpo material, senti-me atraído por uma força ascensional que não saberia descrever. Sentia que essa força vinha do Espírito Galileu, que, no entanto, eu sabia estar ao meu lado.

Não poderia dizer que caminhava ou que voava para atravessar os espaços, mas posso afirmar que experimentava uma sensação semelhante à de deslizar com grande rapidez.

Pouco a pouco, entrei em uma espécie de escuridão que me permitiu distinguir, em um horizonte imenso, um globo luminoso, de pequena forma.

Quanto mais me aproximava desse globo, maior ele se tornava e mais brilhante sua luz se tornava.

Quando cheguei bem próximo, ocorreu um efeito de trevas que não consigo compreender. Por um momento, pensei que era noite; mas, assim que pisei no solo, a luz voltou, permitindo-me apreciar o que o Espírito Galileu desejava me mostrar.

Nos encontramos em uma cidade de grande extensão, com ruas bastante semelhantes às nossas. As casas não eram muito altas.

Minha impressão foi a de estar em uma cidade manufatureira, e logo me vi dentro de uma oficina de construção bastante grande, capaz de abrigar cerca de duzentos trabalhadores.

As paredes me impressionaram por sua construção. Eram erguidas sobre alicerces e formadas por um tipo de granito; quero dizer que eram muito mais espessas na base do que no topo.

Eram sustentadas no exterior por arcobotantes de ferro que alcançavam aproximadamente a metade de sua altura. Essa oficina tinha cerca de seis a sete metros de altura, iluminada nas laterais e no centro; não reparei se era por vidro."

O interior me pareceu bastante estranho; o piso era em forma de cúpula, mal conservado, e, no entanto, ladrilhado e cimentado; apenas os lados eram ocupados pelos trabalhadores. Não vi, como bancada, senão uma espécie de viga de madeira ao longo de toda a extensão, servindo de mesa de trabalho. Ouvi batidas ao fundo; queria ir ver quem fazia aquele barulho, mas, no mesmo instante, meu guia me disse: "Vês que esses homens estão avançados?"

Eu me sentia pouco à vontade e não ousava olhar diretamente para o trabalho desses operários; mas o que me pareceu perceber foi que desconheciam o uso do parafuso para pressão; que as alavancas e cunhas haviam alcançado proporções maiores entre eles do que entre nós: pode-se dizer que, em relação a eles, ainda estamos na infância do uso da alavanca. Com essas cunhas, ajustavam muito habilmente sua obra em mandíbulas embutidas nas vigas e pareciam usá-las com grande destreza. Não vi nenhuma bigorna ali; no entanto, ouvi barulhos de forja ao fundo.

Esses homens têm, em geral, estatura semelhante à nossa, talvez um pouco menores; mas sua corpulência é impressionante, e sua força deve ser extraordinária, a julgar por um homem que vi saindo de um estaleiro de madeira. Ele carregava nas costas uma carga de madeira que, sem exagero, equivalia a quatro das nossas. Essa carga era disposta de forma diferente da nossa, mais espaçada em seus ganchos, creio eu, mas aparentava cobrir inteiramente suas costas, dos rins aos ombros. Esses homens têm cabelos negros e um pouco crespos, barba muito espessa, lembrando cerdas; sua pele é bronzeada, seu caminhar é ágil e até bastante marcial.

Eles usam uma espécie de calça curta, que chamarei de calção, pois é larga nas laterais e se prende abaixo dos joelhos com fitas laranja e pretas. Não sei se esse tipo de ligadura é um enfeite, mas visualmente não fica ruim: me disseram que ela tensiona o tendão e aumenta sua força. Em suas cabeças, usavam chapéus planos, de formato quadrado, mas sem aba. Esses homens fazem caretas ao falar, movendo a boca para a direita e para a esquerda à vontade, o que não é agradável de se ver. Sua fala tem um tom sibilante, como se fosse soprada, causando um efeito peculiar no ouvido. Suas feições são mais longas e também mais largas do que as nossas.

Saímos daquele ateliê e fomos para o campo. Não vi árvores ali; era uma terra cultivada, mas os sulcos eram muito profundos e elevados nas laterais, como observamos em Argenteuil nos jovens vinhedos. No fundo desses sulcos, vi uma espécie de ervilha verde, semelhante às nossas, mas com ramos menos extensos. A vegetação me pareceu muito rica, porém atrofiada. No topo desses sulcos crescia outro arbusto cujas folhas eram triangulares e dotadas de pequenas pontas, provavelmente para atrair eletricidade e conduzi-la através de seus ramos até o fundo do sulco, onde atingia a outra planta, que aparentemente necessitava dessa energia. "Veja como em todo lugar o homem estuda e aperfeiçoa a agricultura", observou Ravet.

Não muito longe dali, vi uma grande planície, parecida com um parque, onde uma mulher guardava cavalos — ou pelo menos o que eu chamaria de cavalos, pois não sabia exatamente como nomear aquelas criaturas. Imaginem-nos do tamanho de nossos burros, mas com um dorso anguloso, formando uma corcova de aproximadamente 15 centímetros, que se estendia e desaparecia conforme se moviam.

O seu andar não era como o dos nossos quadrúpedes, pois moviam as duas patas dianteiras ao mesmo tempo e depois as duas traseiras. As patas dianteiras eram muito recuadas sob o peito; sua marcha lembrava mais saltos do que um caminhar regular. Ao se encolherem para se impulsionarem, a corcova de suas costas se formava, desaparecendo quando esticavam as pernas traseiras. Seus pescoços tinham uma

espécie de bolsa de pele pendente, e suas cabeças lembravam as de um burro, embora seus pescoços fossem mais parecidos com os de um camelo.

A mulher que cuidava deles estava a uns vinte passos de mim, o que não me permitiu ver todos os detalhes de seus traços. Sua cintura parecia talvez um pouco menor que a dos homens, mas bem desenvolvida; sua postura e forma de andar eram metódicas. Seus cabelos negros estavam graciosamente presos sobre as orelhas por dois grampos, deixando-as à mostra — provavelmente consideradas um traço de beleza entre aquele povo, mas que, entre nós, não causariam grande impressão, pois eram relativamente longas. Um lenço de cor laranja, amarrado de forma aparentemente desleixada, mas com um certo charme na parte de trás da cabeça, contrastava bem com seus cabelos negros.

Ela vestia um corpete justo ao corpo, destacando um busto bem proporcionado, mas mal ajustado a uma saia curta. Suas pernas eram nuas e finas, e seus pés ainda mais delicados, calçados com uma espécie de sandália de tira larga preta, brilhante e adornada nas bordas com uma faixa de lã branca. Essa sandália, ou tamanco, não cobria os dedos dos pés, que ficavam expostos, revelando unhas consideravelmente escuras — o que indicava que a limpeza era menos valorizada do que a vaidade entre essas mulheres. "A mulher de todos os mundos nasce vaidosa", exclamou Ravet.

Também vi, continuou o narrador, carruagens com rodas semelhantes às nossas, puxadas por esses cavalos de formato peculiar que mencionei. Não prestei muita atenção às casas, pois ainda estava muito emocionado com minha viagem.

Acreditei ter chegado à Lua, como a irmã Adèle; imaginem minha surpresa ao descobrir que estava em Mercúrio. Esse planeta está mais próximo do Sol do que o nosso e tem aproximadamente o dobro do diâmetro da Terra.

Há estações nesse planeta?

Todo corpo celeste que gira tem suas estações, respondeu-me o Espírito de Galileu.

Qual é a temperatura aproximada?

Semelhante à do verão na Terra.

O frio é intenso?

Não, há apenas quedas de temperatura, mas pouco percetíveis. Pode-se dizer que esse planeta tem apenas duas estações.

Como é o reino vegetal?

Muito rico em espécies, mas atrofiado, ou seja, com pouca altura em relação ao solo.

E o reino mineral?

Extremamente rico, principalmente em ferro, cuja extração é muito mais fácil do que na Terra.

Você mencionou que, ao subir pelo espaço, a luz foi diminuindo conforme se aproximava de Mercúrio, o que facilitou sua visão da luminosidade do planeta. Isso significa que os espaços não são tão iluminados quanto os planetas?

O espaço é mais escuro porque a luz solar se dispersa muito mais, enquanto perto dos planetas e em sua direção, a luz encontra maior resistência e atração. Ela se fragmenta ao atingir esses corpos, formando faíscas luminosas, o que não ocorre no vácuo espacial. É por isso que os planetas são mais iluminados do que o espaço ao seu redor.

Então essa luz se comporta como aquela contida no sílex, que, ao contato com o aço, produz faíscas?

"Não faça tal comparação", disse-me Galileu; "não há nada de semelhante entre esse choque brutal e o contato da luz solar com os globos. No segundo caso, trata-se de uma absorção, uma fusão, uma imersão amorosa; é uma necessidade de contato, um prazer, uma felicidade no encontro entre as moléculas luminosas do Sol e as dos globos, algo que não pode ser descrito em sua linguagem."

"O Sol parece irradiar, de fato, mais especificamente sobre os globos do que nos espaços. Mas eu acreditava que os raios se propagavam igualmente luminosos nesses espaços?"

"Sim, eles se espalham luminosos pelos espaços; mas essa luz não é comparável àquela que se funde com os globos, pois não é animada, por assim dizer, pelas mesmas sensações cintilantes de amor que experimenta ao contato com os globos. Também não se trata de um mero raio que você deve chamar essa interação, mas sim de uma ondulação contínua e contígua de centelhas luminosas, embora projetadas em jatos."

"Você acredita que o Sol seja um planeta, ou apenas um raio do Sol espiritual, como me disse o Espírito Emmanuel Swedenborg?"

"Não pude me aproximar suficientemente desse foco inacessível para me pronunciar a seu respeito; estou apenas no estudo de suas manifestações."

"Para não abusar de sua gentileza hoje, permitiria que fizéssemos estudos futuros sobre esse assunto?"

"Estou pronto para instruí-los conforme meu conhecimento. Afinal, não sou eu uma centelha divina que esteve envolta em carne, e que os homens decidiram nomear Galileu? Retornei à minha fonte para continuar meus estudos e compartilhá-los com os homens quando houver oportunidade."

"Quando estará disponível para outra sessão?"

"Na próxima terça-feira, esse dia me convém bem."

"Antes de nos despedirmos, permita-me dizer que observamos vários cometas este ano, conforme você nos previu. Creio que devo lhe dizer que suas previsões estavam corretas; penso até que a influência desses cometas foi benéfica para nosso planeta, pois, no dia 15 de novembro, não experimentamos o frio habitual dos anos anteriores. Pelo contrário, tivemos temperaturas de até quinze graus."

"Não lhe disse que esses corpos celestes, ao regularem seu movimento, absorvem o excesso de calor ou o redistribuem para os globos que não estavam sendo devidamente abastecidos? Foi isso que ocorreu com o seu planeta. Saibam que

existem cometas que só foram observados na infância da astronomia e que aparecem para seu mundo a cada mil anos. Diante de suas vastas órbitas e dos círculos que traçam sem restrições, como o homem não se ajoelha, cheio de admiração e gratidão ao seu Criador?... Como pode duvidar da infinitude do espaço?", exclama Galileu ao se despedir de Ravet.

Agradecemos a este nobre Espírito por sua amável generosidade, e então devolvi Ravet ao seu estado normal.

SEGUNDO ESTUDO

24 DE NOVEMBRO DE 1847

"O Espírito de Galileu poderia conduzi-lo novamente ao planeta Mercúrio, desta vez para uma capital, para que possamos conhecer seus monumentos, ciências, artes, costumes e governo?"

"Essa pesquisa lhe agrada tanto que deseja aprofundá-la? Quem verificará esses detalhes e confirmará sua exatidão?", questiona o Espírito de Galileu.

"Queremos realizar esse estudo tão detalhadamente porque não conhecemos nenhuma obra que o aborde desse ponto de vista, e esperamos que, no futuro, outros médiuns clarividentes possam verificar essas informações."

"Posso poupá-los dessa viagem por meio desta luneta, que lhes permitirá ver as coisas do seu interesse. Eu me encarrego do restante."

O Espírito de Galileu entrega ao médium uma luneta especial, que, além de facilitar a observação à distância como qualquer instrumento óptico, permite-lhe, por vezes, "entrar" nos lugares que vê e percorrer com proximidade os objetos de sua admiração. Os magnetistas mais avançados, que estudaram a teoria do homem como um microcosmo, compreenderão facilmente essa habilidade. O Espírito de Galileu, nessa ocasião, apenas dissolve as aparências de distância que nos separam dos objetos de nossa observação e nos impede de apreendê-los sob o ponto de vista de Leibniz, um conceito metafísico indescritível para nossa razão atual.

Digo a Ravet:

"Primeiramente, observe as construções, os habitantes e seus costumes. Tente acompanhá-los do amanhecer ao anoitecer, excetuando o trabalho, e limite-se apenas à observação de seus hábitos."

Após o tempo necessário para um médium em tal circunstância, Ravet inicia seu relato:

"Depois de passar por algumas ruas tortuosas, pavimentadas, mas sem calçadas, uma porta de uma casa foi aberta para mim. Lá, vi o interior de uma cozinha de disposição bastante peculiar: era iluminada por janelas com quatro vidraças cada, feitas de porcelana azul, o que conferia uma luz muito suave e agradável. No centro dessa sala, que era espaçosa e extremamente limpa, havia um fogão de porcelana com um formato muito particular: tinha a altura de uma mesa e era perfurado por vários orifícios quadrados, nos quais estavam encaixados, de forma precisa, utensílios de

cobre. Esses utensílios me pareceram tanto panelas de cozimento quanto recipientes de mesa, pois havia diante de cada um deles uma cadeira de madeira com braços e um assento de madeira habilmente trabalhado. Isso me levou a supor que esse fogão também servia como mesa de jantar para os habitantes do local.

Não vi ninguém ali; tudo estava preparado, provavelmente, para a refeição. Entrei, então, em um cômodo adjacente, muito espaçoso, mas vazio de móveis. No entanto, era coberto por tapetes de uma beleza extraordinária; tanto o piso quanto as paredes estavam revestidos com eles. Uma iluminação absolutamente incomum iluminava o ambiente, vinda de uma sala vizinha, separada apenas por uma cortina leve, tecida com palha, mas de uma palha tão fina quanto seda.

Esse tipo de tecido permitia a passagem da luz através de grandes lacunas deixadas propositalmente em sua trama, o que ainda mais suavizava a luz já filtrada nos condutos pelos quais passava.

Nesse cômodo iluminado, não havia janelas, caixilhos ou qualquer tipo de abertura que conhecemos. Em vez disso, havia espécies de grandes buquês de flores azuis e amarelas embutidos nas paredes. Essas flores tinham cálices que se assemelhavam bastante aos das nossas violetas marinhas, mas com um diâmetro de pelo menos dez centímetros. A luz se infiltrava pelo fundo dessas flores, que eram feitas de vidro extremamente transparente, e se difundia profusamente pelo ambiente, irradiando-se em colunas luminosas do tamanho dos cálices que as projetavam.

Admirei esse sistema de iluminação, que é muito difícil de descrever com precisão para vocês."

Uma mulher me apareceu na sala dos tapetes, que presumo ser uma espécie de sala de espera ou de passeio. Ela caminhava pelo ambiente; seu traje era dos mais belos e luxuosos que se possa imaginar. Um corpete justo ao corpo, feito de um tecido que não pude identificar, assim como sua saia, pois ambas as peças estavam literalmente cobertas de flores – sim, flores frescas e delicadas, pequenas como miniaturas, quase todas com pequenas plumas facetadas ao centro. Essas plumas eram como agulhas e resplandeciam com uma luz semelhante ao brilho refletido pelas lantejoulas dos figurinos de nossos teatros. No entanto, as flores me pareciam naturais. Não poderia descrever sua forma nem suas cores, pois eram extremamente variadas.

Entrei então em uma terceira sala, igualmente bela e ricamente decorada com tapetes. No meio desse ambiente, havia almofadas empilhadas umas sobre as outras, servindo como assentos e leitos de repouso. Três mulheres muito jovens e belas estavam presentes; uma delas estava languidamente deitada sobre as almofadas, parecendo indiferente ao que acontecia ao seu redor. As outras duas estavam ao seu lado. Suas vestimentas eram tão elegantes quanto as da mulher que vi anteriormente. Certamente, essas mulheres são apaixonadas por flores – verdadeiros jardins ambulantes.

Nos tapetes que cobriam essa sala, notei padrões de flores, pássaros e diversos animais, todos muito bem representados. O que predominava nesse estilo decorativo era uma composição de quadrados artisticamente entrelaçados, produzindo um efeito visual muito agradável. O luxo desse ambiente me pareceu de um gosto refinado.

Essas tapeçarias, com cores vibrantes, pareciam substituir nossos quadros e papéis de parede – e, sem dúvida, os substituíam de maneira vantajosa.

Ao sair dessa sala, fui para um local que me pareceu uma exposição de trabalhos em vidro. Ah! Estamos muito distantes do que vi ali! Ou, para ser mais exato, não conheço nada semelhante em nosso mundo. Imaginem ver buquês de flores feitos do mais puro cristal, medindo mais de um metro de altura e proporcionalmente volumosos. A composição dessas peças era magnífica. Notei alguns com flores coloridas, cujos cálices eram contornados por finíssimos filetes de diferentes cores, o que resultava em um efeito deslumbrante.

O local era imenso, e não faltavam exemplares desse tipo de obra, que me pareceram verdadeiros mestres da arte. Homens circulavam pelo ambiente; pareciam operários, pois vestiam algo semelhante às nossas blusas azuis e usavam aventais amarrados ao corpo. O que achei peculiar em suas vestimentas foram os capuzes da mesma cor, pendendo sobre as costas e presos às golas das blusas. Esses homens tinham cerca de cinco pés de altura, com uma constituição robusta e bem proporcionada.

A cor azul me pareceu ser um elemento nacional entre esse povo.

Mais adiante, vi crianças vestidas também com blusas, mas de diferentes cores. Usavam chapéus planos. Alguns estavam melhor vestidos do que outros – afinal, a pobreza e os trapos não são desconhecidos nem mesmo entre eles.

Passei então para uma fábrica de vidro, um imenso edifício construído inteiramente de tijolos. Para chegar até lá, atravessei um corredor abobadado muito longo e escuro.

Saindo dali, decidi examinar as casas pelo lado de fora. Todas tinham aproximadamente três andares, com abundância de pequenas janelas, que, embora não fossem dispostas simetricamente como as nossas, seguiam uma distribuição regular de acordo com o estilo de construção. O topo das casas tinha algo de oriental: eram terraços escalonados, cada um parecendo pertencer a um morador distinto. Havia escadas particulares levando a cada nível. Embora todas as casas fossem feitas de tijolos, suas fachadas eram pintadas de branco.

Que tipo de religião existe entre esse povo?

"Há várias", respondeu o Espírito de Galileu, "mas a predominante é a adoração da natureza, especialmente do Sol."

Eles possuem templos e sacerdotes?

"Sim, mas já enfrentaram revoluções nesse aspeto."

Como a família se forma? Quais são suas estruturas?

"A família se forma como entre vocês, por meio da união."

Como funcionam a justiça criminal e a justiça correcional?

"A pena de morte não existe. Em seu lugar, há um tipo de trabalho forçado. Os condenados são obrigados a realizar trabalhos públicos para os quais tenham habilidades. Já as penas correcionais consistem em privar os indivíduos daquilo que mais apreciam e contrariá-los em seus gostos."

Como são as relações entre as potências? Existe guerra?

"Como em toda parte."

Como está a astronomia nesse mundo?

"Em estado de observação, mas com dados precisos. Fiquei satisfeito com a exatidão de seus cálculos. Eles não estão na infância da ciência, podem acreditar nisso", afirmou Galileu.

Como é a navegação?

"Eles possuem embarcações que oferecem menos superfície do que as suas. São mais longas e muito cônicas. Ainda dependem de remos. Esses barcos são construídos a partir de árvores cortadas ao meio, com o lado plano voltado para dentro e o lado curvo voltado para fora. São entrelaçados de maneira semelhante aos seus cestos, mas suficientemente bem ajustados para não permitirem a entrada de água. Como há poucas extensões de mar nesse mundo, a navegação não é tão desenvolvida quanto a de vocês."

Como é a armaria?

"Eles possuem sabres e um tipo de fuzil com arco, através do qual lançam pedras a grandes distâncias. Eles não conhecem a pólvora."

Como é a música?

"Vejo que possuem instrumentos de corda semelhantes às nossas harpas, mas com uma forma diferente. As cordas são muito numerosas e de igual comprimento, esticadas dentro de um quadrado sobre espécies de tubos que amplificam o som. Eles também têm algo parecido com nossos chalumeaux (um tipo de flauta antiga)."

E a escultura?

"Eles são escultores e modeladores. Vi belíssimos ornamentos e rostos muito bem esculpidos, mas estavam inseridos em cálices de flores, o que não me pareceu muito harmonioso. Todos os tetos que observei eram arqueados, com abóbadas; a marcenaria é muito bem trabalhada."

E a pintura?

"Eles são excelentes pintores."

Quais são seus meios de transporte?

"Muito pesados e pouco eficientes. Eles não conhecem o vapor; conhecem a eletricidade, mas não sabem aplicá-la."

Eles conhecem a imprensa, a escrita e a aritmética?

"Todo povo industrializado possui sua própria escrita e seu próprio sistema aritmético. Eles ainda utilizam manuscritos com caracteres hieroglíficos, cujos sinais expressam muito mais informações do que os seus."

Como são a dança e os jogos?

"A música sempre inspira a dança. Seus jogos são tranquilos e meditativos, convencionais e carregados da seriedade característica desse povo."

APARIÇÃO DO ABADE ALMIGNANA

Em 26 de outubro de 1888, no dia seguinte a uma confidência que me foi feita por um amigo íntimo do venerável abade Almignana – que nossos leitores já conhecem há tempos como um fervoroso estudioso e defensor das nossas pesquisas, tanto em vida quanto no mundo espiritual – pedimos à nossa médium Adèle que tentasse entrar em contato com esse Espírito para esclarecer melhor a informação que nos havia sido confiada.

Quando esse bom amigo se aproximou de nós, perguntei a Adèle como ela o via e que impressão recebia ao observá-lo.

Ela me respondeu que o via em um estado espiritual muito mais sereno do que às vezes era em vida. "Ele está acompanhado", disse ela, "por sua antiga governanta, a bondosa Sylvie, a quem reencontrou no mundo dos Espíritos. Ao me ver, ele disse: 'Olha, é Santa Filomena.'" Você sabe que, em seus momentos de bom humor", comentou Adèle, "o Sr. Almignana costumava me chamar assim."

Você está feliz?

"Feliz o suficiente para não desejar retornar à Terra, nem sentir falta dela de nenhuma forma."

Você viu seu irmão (antigo cônego, mencionado no tomo 5 dos Arcanos da Vida Futura Desvelados)?

"Sim."

Vocês concordam sobre suas antigas divergências teológicas?

"Concordamos o suficiente para nos encontrarmos com prazer."

Sua espiritualização ocorreu de forma natural?

"Ela ocorreu como você já sabe."

Sei que houve uma investigação judicial sobre esse caso, que, pelo que sei, foi encerrada.

"Mas eu não a abandonei."

Você poderia me fornecer alguns detalhes sobre essa espiritualização?

"Esses detalhes me foram revelados, mas fui ordenado a manter o mais absoluto silêncio. Essa questão agora pertence à justiça divina, e não à justiça humana."

Você possuía documentos muito importantes relacionados à correspondência filosófico-religiosa, que você mencionou algumas vezes. Essa correspondência está hoje perdida para nós?

"Ela não está perdida para aqueles que se apoderaram dela. O objetivo que eles tentaram alcançar foi apenas parcialmente atingido; a astúcia se volta contra a própria astúcia. O melhor dessa correspondência não caiu nas mãos que a aguardavam. Um dia, tudo será recuperado, e isso será um revés para aqueles que acreditaram possuí-la em seu próprio benefício. Não se preocupe com essa questão. Aprecio o interesse que você demonstra por mim, mas deixarei essa questão sob meu cuidado."

Encontrou alguns de nossos amigos espiritualizados, como Swedenborg, por exemplo?

"Recebi apenas a visita de Blesson."

Mas, observou Adèle: "Você sabe que o Sr. Almignana não era muito familiarizado com as obras de Swedenborg."

Encontrou Mesmer, de Puységur, Deleuze ou Chardel?

"O Sr. Almignana era mais adepto do sonambulismo do que do magnetismo; por isso, ele não procurou nem chamou esses Espíritos."

Encontrou médiuns sonâmbulos? Ou ainda se interessa por mesas girantes?"

"Ainda não tive tempo para isso. Oh! Minha querida, a orientação aqui não acontece tão rapidamente quanto eu pensava e quanto você poderia acreditar. É como uma verdadeira mudança de residência; é necessário tempo para organizar tudo e se estabelecer. Mas, em breve, cuidarei disso."

Adèle acrescenta que Sylvie se opõe a que seu mestre se ocupe dessas questões, como fazia na Terra, pois acredita que isso o perturbou e agravou sua condição de saúde. Como essa mulher, por seu grande apego e sincero devotamento, exerceu certa influência sobre o espírito de seu mestre, este a escuta bastante – e ainda mais porque sua mente estava muito cansada devido aos intensos estudos que realizava com tanto vigor. Esses estudos realmente afetaram sua saúde e, por isso, ele agora precisa do descanso de que usufrui.

No entanto, esse bom Espírito me assegura que pensa frequentemente em nós e que um dia me dará sinais materiais de sua presença. "Tenha paciência e espere", diz ele.

Divulgo esta breve e instrutiva sessão aos meus leitores, tanto para cumprir a promessa que lhes fiz no *tomo III* deste livro quanto para homenagear a memória de um homem tão puro e respeitado como jornalista magnético.

Alphonse Cahagnet

VIAGENS E ESTUDOS SOBRE O PLANETA MERCÚRIO

Por Ravet, o clarividente

Terceiro Estudo – 2 de dezembro de 1857

Quando Ravet me informou que estava em companhia do Espírito de Galileu, pedi que lhe dirigisse as seguintes perguntas:

O planeta Mercúrio é dividido em nações, como a Terra?

"Mais ou menos, mas com base em raças humanas."

Ele também é dividido em continentes, como o nosso planeta?

"Eles conhecem muito bem seu próprio globo e o dividiram por zonas climáticas, e não por continentes."

Então há diferentes climas em Mercúrio?

"Sim, como em todos os globos, há regiões mais frias e mais quentes."

As raças humanas são distintas entre si?

"As variações de cor da pele são menos acentuadas do que na Terra. A tonalidade predominante é o marrom."

Existem muitas línguas em Mercúrio? Elas são complexas?

"Sim, há muitos idiomas, e eles são complicados, especialmente em termos de dialetos. A língua mais amplamente falada se assemelha à dos povos indígenas da Terra, embora seja mais desenvolvida."

Os governos são monarquias ou repúblicas?

"As grandes fortunas governam, como acontece em toda parte."

Como são organizados os tribunais?

"A gravidade do caso determina o número de juízes. Quanto mais sério o julgamento, maior o número de juízes envolvidos. Nesse aspeto, eles estão mais avançados do que vocês. As questões menores são resolvidas por especialistas, de forma semelhante à de seus tribunais de arbitragem trabalhista."

Existem academias científicas, museus ou instituições semelhantes?

"Não. Eles possuem conselhos que recebem e analisam declarações, julgando as questões apresentadas. No campo das artes e ofícios, os mestres guardam seus próprios trabalhos em seus ateliês, e a qualidade das obras é o que garante sua reputação e fortuna. Não há coleções públicas como em seu mundo."

Eles conhecem relógios?

"Perfeitamente."

Eles conhecem a bússola?

"Não. Eles quase não navegam, mas possuem outros instrumentos de orientação."

O galvanismo é conhecido em Mercúrio?

Sim, e é muito mais potente do que em seu mundo. Eles o utilizam, mas sua aplicação ainda não é generalizada. Eles conhecem essa energia há muito tempo."

Eles possuem iluminação a gás?

"Eles têm menos escuridão do que vocês, pois a variação entre dia e noite é menor. Eles possuem um gás produzido pela reação de metais com água preparada para esse fim. Eles não extraem gás do carvão mineral, pois têm pouco desse recurso."

Eles conhecem moinhos de água ou de vento?

"Não."

Como são os alimentos básicos em Mercúrio, como pão e vinho?

"Eles produzem massas semelhantes às suas. Suas bebidas são extraídas de raízes e tubérculos, e as sementes dessas plantas também são utilizadas para tingimento."

Como funcionam os sistemas de comércio?

"Eles possuem moedas de curso forçado, mas há muito comércio baseado em trocas diretas."

Eles utilizam peso, medidas ou contagem para as transações?

"Eles utilizam balanças baseadas em molas em espiral, com um ponteiro central que indica a diferença de peso. Também possuem unidades de medida e fazem comércio com base na contagem."

Existe escravidão entre eles?

"Não há escravidão no sentido de comércio de pessoas, mas há castas subordinadas a outras. No entanto, essas hierarquias são aceitas com mais resignação do que em seu mundo."

Quais são os animais domesticados em Mercúrio?

"A maioria deles são os cavalos-asininos de que já falei. Há também muitas vacas, embora sejam menores que as da Terra. Eles possuem uma grande variedade de animais domésticos, utilizados para as mesmas finalidades que vocês. Suas formas, no entanto, são bastante diferentes das que conhecem. Vejo aqui um enorme pássaro que me parece ser a versão mercuriana da cegonha. Ele é um animal de curral, mas, em vez de penas, seu corpo é coberto por um pelo longo e rígido... Eles possuem aves magníficas."

Como é a vegetação em Mercúrio?

"As florestas são impenetráveis, mas as árvores não são muito grandes. Suas folhas são pequenas e densas. Vejo uma árvore cujas folhas são idênticas às do cânhamo terrestre. Essas árvores parecem vibrar com vida, pois crescem muito próximas umas das outras e não permitem passagem entre elas. As maiores se encontram nas margens dos rios, mas não ultrapassam oito metros de altura e seus troncos são apenas um pouco mais largos que o corpo de um homem.

Outra árvore me impressiona: tem um formato cônico, semelhante a um pinheiro. Seus galhos são planos e horizontais, curvando-se nas extremidades como um pescoço de cisne. Cada galho termina em uma única folha que tem a forma de uma mão. Sua coloração é de um verde esbranquiçado, e sua aparência sugere um aviso ao viajante: 'Não se aproxime!'"

A magia e o magnetismo humano são conhecidos em Mercúrio?

"Sim. Os sacerdotes conhecem os princípios fundamentais dessas forças."

O sonambulismo natural existe?

"Sim, em níveis mais elevados do que em seu mundo. Eles possuem uma visão orientalista das aspirações espirituais."

O que eles acreditam sobre a vida após a morte?

"Eles acreditam que irão habitar o Sol, pois ele é a maior força que conhecem e respeitam. Eles também são extremamente apaixonados por flores, que consideram recipientes da própria essência vital do Sol."

Nesse momento, Ravet, pressionado pelo horário, pede para ser despertado.

Quarto Estudo – 8 de dezembro de 1857

"O Espírito de Galileu poderia conduzi-lo ou permitir que veja um templo mercuriano durante uma cerimônia religiosa?"

Após um momento de preparação, Ravet diz ver o templo, mas encontra grande dificuldade em descrevê-lo: "Nunca vi nada semelhante, e sua estrutura se distancia tanto das nossas construções religiosas que não sei como descrevê-lo."

Com a ajuda das perguntas e sugestões que lhe proponho, ele finalmente se expressa da seguinte forma:

"Imaginem um hemiciclo semelhante ao de nossos teatros – ou seja, a parte reservada ao público, excluindo o palco, que aqui é substituído por uma parede de configuração muito peculiar.

O hemiciclo é separado dessa parede, assim como um grande portal de entrada poderia ser colocado a alguma distância de sua moldura. Essa parede tem a mesma forma curvada do topo do hemiciclo, mas com um diâmetro menor em todas as direções. Ela está posicionada de forma a projetar sua sombra sobre o hemiciclo de maneira que os raios solares sigam um trajeto horizontal ou diagonal, conforme são lançados pelo Sol ao subir no horizonte – ou, para ser mais exato, conforme esse planeta os recebe, devido à sua posição em relação ao astro.

Se colocarmos um objeto opaco diante de uma fonte de luz, seus raios só contornarão suas bordas e seguirão em linha reta para atingir um objeto maior posicionado para recebê-los. Esse princípio foi aplicado na construção do templo: o hemiciclo é muito maior que a parede, de modo que sua disposição permite a recepção dos raios solares durante todo o dia – ou nos dias que foram identificados como propícios para essa entrada de luz. Acredito que a cerimônia só ocorra em momentos considerados oportunos.

A parede está voltada para o leste, ou seja, oculta a parte frontal do templo. O espaço do hemiciclo, no entanto, também se abre para o leste. Assim, quando o Sol surge no horizonte, seus raios penetram no templo pela esquerda dos fiéis. À medida que sobe, ilumina o centro do espaço e, ao descer, banha o lado direito.

O interior do hemiciclo consiste em uma imensa escadaria de pedra, com degraus muito largos, longos e espessos, de forma que servem simultaneamente como assentos para sentar, base para se ajoelhar e escada para se deslocar. Um corrimão auxilia os fiéis a alcançarem os lugares desejados.

Para melhor compreender essa disposição de assentos em formato de escada, imagine uma ferradura, com suas extremidades tocando o chão e o arco elevando-se suavemente até o topo da estrutura. Os degraus ou assentos são organizados de maneira semelhante aos de escadas helicoidais, o que significa que os assentos superiores ficam virados lateralmente para a parede do templo.

Essa disposição tem um propósito, explica o Espírito de Galileu: ela é necessária para o tipo de cerimônia realizada. Há dois ofícios por dia, cada um com duração de três horas – um pela manhã e outro à tarde. No ofício da manhã, os fiéis devem se posicionar no lado esquerdo do templo, de modo que, no momento do sacrifício, estejam totalmente banhados pela luz solar, que, nesse horário, já atingiu um ângulo elevado o suficiente para ultrapassar a borda esquerda da parede e iluminar majestuosamente metade do hemiciclo.

O mesmo ocorre no ofício da tarde, mas com os fiéis posicionados no lado direito. Dessa forma, todos se voltam para os raios solares. Apenas os fiéis posicionados nos assentos superiores ficam ligeiramente de lado em relação à parede, que, além de servir como um grande para-sol, também funciona como um altar principal, onde os sacerdotes realizam o rito.

Os sacerdotes estão, portanto, de costas para o Sol e de frente para os fiéis. São quatorze ao todo, divididos em duas fileiras: sete na frente e sete logo atrás. Eles veneram números ímpares, então o sétimo sacerdote é o oficiante principal. Ele se posiciona em um assento elevado, como se estivesse em um púlpito.

A cerimônia começa com uma prédica ou instrução, mas não consigo compreender o que ele diz. Quando chega a hora do sacrifício, ele se ajoelha, e todos os fiéis fazem o mesmo. O Sol, sem dúvida, os abençoa nesse instante, de acordo com sua crença.

Os sacerdotes não apresentam nenhuma distinção aparente de hierarquia. Todos vestem roupas ajustadas ao corpo, semelhantes às vestimentas espanholas. Um pequeno manto é preso em um dos ombros e cai sobre as costas até a região lombar. A cor dessas vestes é um belo violeta, com reflexos azulados, semelhantes aos das penas de pombo. Há ainda alguns ornamentos em preto, que parecem ser aplicações costuradas no tecido, e não bordados.

Uma particularidade notável é que suas calças são fendidas nas laterais e possuem uma pequena franja desde o joelho até o tornozelo, deixando visível parte da pele. Esse detalhe simboliza humildade, significando, talvez, que o sacerdote continua sendo um homem de carne como qualquer outro.

'Mas', acrescenta o Espírito de Galileu, 'como você pode ver, eles também se disfarçam, como em toda parte.'"

Eu havia me esquecido de mencionar que os sacerdotes que não estão oficiando usam chapéus cônicos de tecido da mesma cor de suas vestes. No topo desses chapéus há uma pequena chama, provavelmente alimentada por alguma substância

contida na estrutura. Os sacerdotes que pregam, por outro lado, ficam de cabeça descoberta. Os sete sacerdotes posicionados atrás são aqueles que irão oficiar no serviço religioso da tarde.

Não há cânticos nem música. Um silêncio absoluto permeia a cerimônia. O interior do templo não possui pinturas ou ornamentos; é completamente branco e uniforme. Os próprios fiéis vestem-se, sem exceção, de branco, o que sugere uma convenção rigorosa, pois não há ninguém vestido de outra cor – homens e mulheres estão igualmente trajados.

A única distinção visível entre os presentes é que alguns homens, provavelmente dignitários, possuem uma discreta barra dourada na borda inferior de seus pequenos mantos. O exterior do hemiciclo é composto por arcadas que facilitam a entrada e saída do templo."

D. Você mencionou que esses sacerdotes veneram números ímpares, especialmente o número 7. Eles atribuem a esse número a mesma simbologia esotérica que alguns filósofos em nosso mundo?

R. "Sim. Eles também apreciam muito os números 7 e 21."

D. Eles veem no número 7 uma representação astronômica ou hermética?

R. "O Espírito de Galileu me diz que você já deveria saber a resposta, pois estudou esse assunto, mas estava seguindo um caminho equivocado."

Ravet não consegue continuar a sessão, exausto pela dificuldade de descrever o templo e pelo tempo que passou assistindo à cerimônia.

Não ousamos fazer observações sobre o conteúdo desta sessão, preferindo deixar que o leitor a aprecie por si mesmo. Apenas comentamos que ficamos impressionados com a simplicidade e a engenhosidade do templo, assim como com a vestimenta dos fiéis.

O branco adotado para a cerimônia, representando o ato mais nobre e puro da existência humana, nos parece muito mais adequado do que as vestimentas luxuosas usadas por nossos devotos aristocráticos.

Que diversidade de entendimentos, que grandeza nas conceções infinitas da humanidade e quanta variedade em suas formas de devoção!

Quinto Estudo – 16 de dezembro de 1857

"Na última sessão, o Espírito de Galileu permitiu que você visse um templo mercuriano durante uma cerimônia religiosa, o que nos deu uma ideia da religiosidade desse povo. Hoje, poderia nos mostrar a capital de uma das nações mais poderosas desse planeta? Uma cidade equivalente, por exemplo, às capitais da China, da Índia ou da Rússia na Terra?"

"O Espírito de Galileu responde que as nacionalidades nesse planeta não possuem capitais únicas; cada província tem a sua própria."

"Essas capitais são muito populosas?"

"Variam de cem mil habitantes a mais de um milhão."

"Você pode nos mostrar a sede governamental de uma dessas nações?"

Após um período de concentração, Ravet afirma estar vendo uma residência governamental.

"Quantos habitantes estão sob a administração desse governo?"

"Mais de cem milhões."

"Que tipo de governo é esse? Uma monarquia, um império ou uma república?"

"É uma mistura dos três – uma monarquia eletiva popular com instituições republicanas."

"Então a monarquia não é hereditária?"

"Ela é hereditária, mas os filhos (pois as mulheres não governam) precisam ser aprovados por uma eleição popular. Suas habilidades são avaliadas pelo conselho; se forem considerados aptos a governar, são apresentados ao povo. Se não possuírem tais capacidades, herdam apenas o palácio e a fortuna de seu pai, enquanto um outro governante é eleito."

"O que é esse conselho que você menciona? São ministros do rei ou representantes do povo?"

"Eles não são nem ministros nem representantes do povo no sentido que conhecemos. O conselho é composto por dezoito membros, o que corresponde numerologicamente ao número nove (pois, como já mencionei, eles veneram números ímpares).

Esses membros são escolhidos entre os mais velhos, sábios e experientes da nação e inicialmente indicados pelo povo. Quando um deles morre, o próprio conselho escolhe um substituto, garantindo que seja alguém de reputação sólida perante a sociedade.

Cada província delibera sobre seus próprios interesses em sua respectiva capital e, em seguida, envia suas resoluções ao conselho, que pode aprová-las ou rejeitá-las.

As decisões são sempre respeitadas, embora, como em nosso mundo, eles também tenham passado por revoluções políticas. O rei possui pouca autoridade ditatorial e nem mesmo tem o direito de presidir o conselho. Apenas ao atingir 60 anos, quando adquiriu suficiente experiência e sabedoria, ele pode assumir essa função.

Enquanto jovem, caso tenha talento, ele é treinado administrando as forças armadas. Em tempos de guerra, ele comanda o exército e tem autoridade absoluta sobre ele, sem precisar prestar contas.

Em tempos de paz, ele acompanha e comunica publicamente todas as decisões do governo. Seus poderes crescem à medida que sua inteligência se desenvolve e seu julgamento amadurece. Pode-se dizer que ele é um jovem rei na escola dos velhos reis, que constantemente corrigem ou ajustam seus erros."

"Onde ficam os exércitos?"

"Eles permanecem nas províncias e só são reunidos sob comando direto do rei em tempos de guerra. Cada província tem seu próprio contingente militar, que pode ser mobilizado para a defesa da causa comum.

Você pode imaginar que uma monarquia desse tipo, apoiada e amada pelo povo, não tem muito a temer de sua própria população. Além disso, se em algum momento perder esse apoio, pode ser destituída pelos mesmos que a colocaram no poder. Aqui, as liberdades de todos são garantidas porque estão nas mãos de todos."

"A cidade onde reside o rei é muito grande?"

"Não se trata de uma capital, repito, mas do centro administrativo do governo. Segundo o Espírito de Galileu, essa cidade tem apenas cem mil habitantes e é mais um local de descanso e lazer do que um centro político propriamente dito. Cada casa tem seu próprio jardim – nem todos são belos, mas os maiores são magníficos."

"Como são cobrados os impostos nessa nação?"

"Não existem impostos no modelo terrestre, ou seja, um orçamento fixo aprovado previamente. Cada província tem suas próprias reservas financeiras, que são constantemente abastecidas. Não há um sistema de arrecadação convencional; essas reservas é que sustentam os gastos públicos e são enviadas ao conselho, que só pode dispor delas.

Assim, a quantidade de obras públicas realizadas depende diretamente da riqueza acumulada em cada província."

"Você pode ver o rei e o conselho?"

"Sinto-me transportado para uma residência real... Vejo um vasto parque-jardim, cujas árvores são magníficas, com folhagem exuberante e um padrão harmonioso de plantio. As copas das árvores formam alamedas arqueadas, não muito altas, mas tão densas e bem aparadas que parecem moldadas em musgo.

O formato das folhas dessas árvores contribui para essa aparência, pois se assemelham às de nossas samambaias.

No centro da maior dessas alamedas, avisto uma espécie de torre de madeira, bem construída, com cerca de cinco metros de altura. No topo dessa tribuna real, está o rei, discursando para o povo reunido aos seus pés.

Não entendo a língua em que ele fala, mas sinto que ele incentiva o trabalho, a moralidade, a justiça e, sobretudo, a paz. Ele expressa o desejo de estar presente entre o povo todos os anos.

Para selar esse momento, ele ergue um cálice muito alto, feito de prata (ou algo que se assemelha a ela), e brinda à saúde dos cidadãos.

A cena me parece curiosa – um rei bebendo assim em público –, mas se esse é o costume, reflete Ravet, então é natural."

Como é a vestimenta desse rei?

"Muito simples. Ele parece ter cerca de quarenta anos. Não posso avaliar sua altura porque a tribuna esconde a parte inferior de seu corpo.

Uma coisa que me chama a atenção em seu rosto é o formato de sua barba: ela é longa, mas separada em tufos distintos, aparentemente de forma intencional, pois a barba dos outros homens é como a nossa.

Ele usa uma espécie de coroa feita de pele de animal, sem enfeites de metal ou pedras preciosas. Seu traje é ajustado ao corpo, de cor marrom, mas coberto de desenhos negros – ornamentos orientais que parecem ter sido recortados e aplicados sobre o tecido.

Uma faixa feita da mesma pele da coroa – um material de pelo grisalho e branco – está passada ao redor do pescoço e cai sobre seu peito, terminando na altura do estômago.

O Espírito de Galileu me diz que esse é o maior símbolo de autoridade desse reino."

Pergunte ao Espírito de Galileu de que animal é essa pele.

"Ele responde que pertence ao animal mais destemido e corajoso de Mercúrio."

Como se vestem os membros do conselho?

"Todos de branco."

Peça a Galileu para mostrar a residência real em sua totalidade."

"O Espírito me conduz, continua o clarividente, até duas colinas relativamente altas, ligadas por uma ponte suspensa de ferro... Oh! Mas que obra magnífica!

A ponte tem um único pilar central sustentando sua estrutura e mede cerca de 30 metros de comprimento. Sua construção é extremamente refinada; não temos nada igual em nossa Terra, ou pelo menos eu nunca vi algo tão leve e delicado.

Imaginem as laterais da ponte sendo sustentadas por uma malha trançada de fios metálicos, ou por um ferro trabalhado com a leveza das redes de pesca. Pequenos losangos entrelaçados formam um padrão estético agradável e parecem dar grande solidez à estrutura."

Você vê o palácio real?

"Sim! Ali está um palácio...

É um imenso monumento, com arcadas e colunas. No entanto, essas colunas são relativamente baixas, não ultrapassando dois metros e meio de altura.

Os pedestais são robustos e rústicos – parecem grandes esferas achatadas. Já as bases são mais trabalhadas, com sulcos facetados, esculpidos com grande precisão... Nunca teria imaginado esse tipo de ornamento, mas é muito agradável ao olhar.

O capitel se assemelha ao estilo coríntio, mas sem a precisão técnica da nossa arquitetura clássica. Em vez disso, é decorado com folhas esculpidas, que, apesar de não serem tão refinadas, criam um efeito harmonioso.

O palácio tem três andares. As janelas são grandes, mas compostas por pequenos vidros, semelhantes às antigas janelas de igrejas, com painéis encaixados em molduras de chumbo.

As vidraças do primeiro andar são multicoloridas; as do segundo andar são violetas; e as do terceiro, azuis. Além disso, as janelas são arqueadas na parte superior, não retangulares como as nossas."

Você pode entrar no palácio?

"Sim, estou agora em uma vasta sala de receção.

Ela mede cerca de 18 metros de comprimento e 10 metros de largura, sem contar duas passagens laterais, separadas do corredor central por um duplo conjunto de colunas belíssimas.

Essas colunas são cobertas por esculturas em alto-relevo. Quando digo esculturas, refiro-me a padrões de folhagens extremamente delicadas e detalhadas, que se entrelaçam ao redor das colunas.

As duas passagens laterais formadas por essas colunas são reservadas aos soldados ou guardas nos dias de receção oficial. O corredor central, por sua vez, é destinado ao público."

Como é a decoração dessa sala?

"Não há ornamentos. As paredes são de um branco puríssimo.

No entanto, a luz filtrada através dos vitrais coloridos projeta sobre elas tons multicoloridos, criando o efeito de um arco-íris. O espetáculo visual é simplesmente magnífico.

Não vejo pinturas nem outros adornos.

O chão é uma espécie de mosaico muito bonito, e o teto abobadado segue a mesma coloração branca uniforme das paredes. Sua altura é de aproximadamente cinco metros."

Nesse momento, Ravet diz estar exausto e pede para ser despertado.

Sexto Estudo – 22 de dezembro de 1857

"O Espírito de Galileu já teve a bondade de nos instruir sobre a religião e o governo dos mercurianos. Poderia hoje nos ensinar sobre seu sistema de justiça? Ele já mencionou brevemente o assunto, mas eu gostaria de aprofundá-lo, pois o entendimento detalhado dessas três instituições fundamentais da vida social é indispensável para aqueles que desejam meditar sobre elas."

"O Espírito de Galileu está pronto para responder às suas perguntas. Formule-as."

"Gostaria que você conhecesse melhor o sistema judicial deles – como a justiça é aplicada, sua organização, e o cerimonial dessa importante função social."

"Tudo nesse povo reflete sua simplicidade e seu pensamento avançado sobre todas as questões...

O Espírito de Galileu não me mostra tribunais nem juízes sentados para julgar. Ele apenas me diz que as condenações são determinadas de acordo com o estado de espírito, a perceção e o nível de consciência do acusado.

O reclamante é ouvido, assim como as testemunhas, e então o acusado. É nesse ponto que os juízes mercurianos demonstram uma superioridade sobre os nossos: sua avaliação é inteiramente paternal e não sofre influência de advogados ou promotores. Eles interrogam o acusado livremente, colocando-lhe diversas situações hipotéticas para que ele diga como agiria.

Assim, sem perceber, o próprio acusado pronuncia sua sentença – ele mesmo justifica ou condena suas ações. Sua maneira de pensar e se expressar é analisada e orienta os juízes a seu favor ou contra ele.

Esses juízes têm um vasto conhecimento dos impulsos humanos, das paixões e das forças interiores que, em certas circunstâncias, dominam os homens. Eles sabem pesar esses fatores na balança da justiça."

"Então, eles aplicam atenuantes, como nós fazemos?"

"Não. Eles absolvem ou condenam.

Para eles, o fator essencial no julgamento é o caráter do réu e sua influência sobre a sociedade.

O indivíduo é considerado uma ameaça ou não? Deve ser afastado ou pode ser reabilitado? Mas ele não pode ser tratado como uma máquina que, a qualquer momento, pode ser movida por forças e tentações externas.

Todas as fraquezas humanas são consideradas antes de qualquer decisão, e o acusado, por meio de suas próprias palavras e justificativas, inclina a balança da justiça a seu favor ou contra si."

"O Espírito de Galileu tem algo mais a acrescentar sobre essa questão?"

"Não. Ele apenas me diz que homens e mulheres em Mercúrio são como em toda parte: o bom coração e a justiça existem ali como em qualquer outro lugar."

"Poderia nos instruir sobre outra questão, como a astronomia, por exemplo?"

"Pergunte."

"Como os mercurianos veem a Terra e o que pensam sobre ela?"

"Eles a veem da mesma forma que vocês veem o próprio planeta.

Eles pensam sobre vocês o mesmo que vocês pensam deles.

Não duvidam de que todos os globos são habitados.

Embora seu conhecimento da astronomia não seja tão detalhado e complexo quanto o de vocês, suas observações são extremamente precisas."

"Nossa Lua lhes serve como fonte de luz noturna? Ou eles têm uma Lua própria?"

"Sua Lua está muito distante para iluminá-los.

Eles não possuem uma única Lua como vocês, mas têm pequenos planetas que cumprem essa função."

"Então, esses planetas funcionam como luas para eles?"

"Sim."

"Quantos satélites eles possuem?"

"Três.

Por isso, suas noites são muito mais claras do que as suas – elas se assemelham a seus dias nublados.

No entanto, para os mercurianos, são consideradas noites, pois a luz do Sol que recebem é imensamente mais intensa do que a da Terra, proporcionando-lhes dias ainda mais luminosos."

"Quantas horas tem um dia em Mercúrio?"

"Após um longo momento de reflexão, o Espírito responde: a média é de onze horas."

"Quantas estações compõem seu ano?"

"Duas."

"Quantos dias há no ano mercuriano?"

"Diga 250, e ninguém poderá acusá-lo de mentiroso", responde Galileu.

"Eles conhecem a neve e a geada?"

"A neve não chega ao solo deles.

A geada é sentida apenas de forma leve.

Seus invernos são caracterizados mais por chuvas do que por frio."

"Eles experimentam tempestades atmosféricas?"

"Todo globo que possui calor sofre com a condensação desse calor."

"Eles têm ventos fortes, como nós?"

"Todo globo que gira tem seus ventos."

"Eles conhecem os meteoritos?"

"Sim.

Os meteoritos são fenômenos atmosféricos próprios de cada globo.

Não acredite que venham de outros planetas, pois a atmosfera de um globo não pode permitir a entrada ou saída de corpos estranhos ao seu domínio."

"Como os meteoritos se formam?"

"Eles são produzidos por fluidos metálicos condensados, liberados subitamente na atmosfera por veios metálicos ou minerais do próprio planeta.

A condensação desses fluidos ocorre tão rapidamente quanto a solidificação de metais derretidos ao entrarem em contato com um resfriador.

É um fenômeno extremamente curioso e extraordinário."

"Ravet pergunta: um planeta poderia girar em sentido contrário ao seu movimento habitual?"

"Se isso acontecesse, os habitantes desse planeta não sobreviveriam por mais de cinco minutos.

Essa inversão desestabilizaria a órbita dos demais globos e levaria à destruição total do sistema.

Não, cada coisa é o que deve ser.

Os habitantes de um planeta vivem de acordo com o movimento de seu mundo, suas pulsações são impulsionadas pelo próprio globo.

Eles são uma parte dele, assim como o sistema capilar é parte do seu corpo."

"O Espírito de Galileu tem algo mais a acrescentar para nosso aprendizado?"

"Sim.

Aconselho vocês a continuarem seus estudos, pois eles são o alimento da inteligência.

Mas não tentem compreender as causas primárias das questões que investigam, pois cada causa tem outra que a precede, e assim sucessivamente, até o infinito.

Isso significa que, ao seguir esse caminho, vocês se perderão em vastas abstrações e nunca encontrarão um ponto final.

Essa busca leva a elevações espirituais tão grandes que afastam o estudioso do mundo humano e o aproximam da Divindade.

Ao atingir tais alturas, não se pode mais comunicar com a Terra, pois os habitantes desse mundo não compreenderiam.

Seria como o oceano tentando se explicar a uma gota d’água.

Se a gota percebesse a imensidão do oceano, deixaria de ser ela mesma – seria absorvida por ele...

Sim, meus filhos, estudem com calma, sabedoria, ordem e moderação.

Eu os ajudarei com tudo o que sei.

Apesar de meus séculos de espiritualização, ainda avanço muito lentamente."

Ravet está profundamente emocionado com esse pequeno discurso e com o tom benevolente com que foi pronunciado.

Ele agradece em seu nome e no meu ao bom Espírito, que acrescenta:

"Sigam em frente, meus filhos. O que vocês sabem é quase nada em comparação com o que ainda resta a conhecer. Os homens da Terra são os aprendizes e os instrumentos do mundo espiritual, sem sequer perceberem. Seus cientistas se

acreditam muito mais do que realmente são. Sua liberdade de ação se assemelha à de uma criança em seu carrinho, tentando dar seus primeiros passos.

A estrada da vida é longa, e há muitos passos a dar nela.

Não, vocês não são o que pensam ser.

Precisamos ter muito cuidado em nossas comunicações com vocês, para falar a sua linguagem e sermos compreendidos..."**

Dizendo essas últimas palavras, o Espírito se afasta:

"Eu devolvo Ravet ao seu estado normal."

Observação:

As revelações que acabamos de ler geram naturalmente mil outras perguntas, mas decidimos suspendê-las por ora, devido ao pouco tempo que podemos dedicar a esses estudos e à incredulidade que certamente despertaremos.

Apenas arranhamos a superfície dessas elevadas verdades sobre o sistema planetário do nosso globo. Tanto nos estudos sobre a Lua (*ver Tomo III dos Arcanes de la Vie Future Dévoilés*) quanto em Mercúrio, buscamos demonstrar nossa necessidade de conhecer e compartilhar nossos aprendizados com os leitores.

Mas será que acertamos?

Pensamos que sim, para nossos leitores.

Mas quanto aos nossos opositores – quantos sarcasmos nos serão dirigidos! Quantos julgamentos errôneos e até insultos!

Somos iletrados, mais ávidos por conhecimento do que por expor esse conhecimento com refinamento. Não nos preocupamos com os adornos narrativos dos contadores de histórias de hoje; preferimos ir direto aos fatos, pois sabemos que seremos compreendidos em nossa simplicidade tão bem quanto esses autores que se preocupam mais com a grandiosidade do volume do que com a substância da história.

Repetimos: poderíamos produzir muito mais! Mas o excesso na forma prejudica a clareza, e o excesso de conteúdo pesa tanto na mente quanto no bolso.

Não nos faltam materiais – apenas nos desesperamos.

Talvez não pertençamos ao nosso tempo, ou talvez nosso tempo não pertença a nós.

Deixamos as trevas celebrarem seu triunfo e confiamos aos nossos amigos a tarefa de nos julgar com justiça.

Alphonse Cahagnet

ESTUDOS MÉDICOS

Sobre a dentição e as convulsões infantis, a fúria uterina e o onanismo

Por Ravet, sob a inspiração do Espírito de Hipócrates
12 de março de 1859

Já faz muito tempo que nosso clarividente Ravet, absorvido por seus trabalhos, não tem conseguido dedicar um instante às nossas pesquisas.

Hoje, contudo, tendo um pouco mais de tempo, ele se ofereceu espontaneamente para continuar os estudos.

Não recusamos essa generosa oferta de aprendizado e instrução.

Aceitamos com ainda mais prazer essa oportunidade, pois esse clarividente investiga com notável perspicácia os mais ocultos segredos da anatomia humana, descrevendo-os com um nível de detalhe digno do tema.

Ravet, assim como nós, não possui formação em anatomia conforme os ensinamentos acadêmicos.

Absorvido por sua carpintaria e marcenaria, ele pouco tempo tem para se dedicar a um conhecimento que está fora do domínio do seu ofício.

Nosso amigo, além disso, é de uma honestidade, franqueza e delicadeza espiritual que raramente se encontra.

Para ilustrar sua integridade, conto-lhes um episódio:

Eu me dedico à fotografia no tempo livre que posso conceder a essa ciência, que está repleta de implicações metafísicas.

Com a ajuda do clarividente Ravet, entrei em contato com o Espírito de Daguerre, sob cujos conselhos venho trabalhando há algum tempo.

Minhas perguntas são urgentes, e as respostas do bom espírito a quem as dirijo refletem tanto a minha falta de conhecimento quanto o pouco mérito que tenho para compreendê-las.

Assim, sou guiado por diretrizes imprecisas, que, no entanto, enriqueceram meu diário de pesquisa com uma vasta coleção de técnicas e métodos para alcançar resultados satisfatórios.

Entretanto, essa busca exige gastos.

Nosso bom Ravet, percebendo que algumas moedas estavam saindo do meu bolso sem que retornassem multiplicadas pelos frutos financeiros de minhas experiências, interrompeu seus conselhos, dizendo que não queria, de forma alguma, comprometer sua consciência com esse tipo de questão.

Eis o homem humilde que falará a seguir.

Que o estudem e lhe concedam a confiança e o respeito que ele merece!

SESSÃO COM O ESPÍRITO DE HIPÓCRATES

Quando Ravet entra em estado de sono mediúnico, peço-lhe que invoque o Espírito de Hipócrates, o que ele faz de imediato.

Assim que o espírito se manifesta, pergunto-lhe:

Estaria disposto a responder algumas questões médicas para minha instrução?

Hipócrates responde prontamente:

"Sempre se responde ao bom senso."

"Uma criança de apenas dois anos de idade sofre convulsões intensas a cada crescimento de um novo dente. Essas convulsões se concentram na região inferior do ventre, fazendo com que seus órgãos genitais ora inchem desproporcionalmente, ora se retraiam para dentro do corpo, tornando-se invisíveis. Isso amplifica consideravelmente seu sofrimento. Poderia me explicar esse fenômeno e a relação sensorial entre a cabeça e esses órgãos?"

"Os intestinos fornecem a substância óssea dos dentes – embora ossos e dentes não sejam exatamente a mesma coisa, longe disso.

Essa substância é inicialmente expelida pelos intestinos em um estado de fluido leitoso.

Ela então é transportada pelos canais sanguíneos e nervos até o local onde se fixará, tornando-se mais compacta e endurecida."

Ela (a substância óssea das dentições) muitas vezes encontra dificuldades ao longo desse percurso devido à estreiteza dos canais que atravessa ou aos obstáculos que encontra.

Sua permanência nesses canais inflama suas estruturas e causa grandes distúrbios nas regiões vizinhas.

Os nervos, espalhados por todo o organismo, sofrem muito ao entrar em contato com esse foco de tensão; eles reagem violentamente, tentando se afastar, retraindo-se sobre si mesmos.

É essa contração que gera as convulsões das quais você fala.

"Crianças, durante o crescimento dos dentes, já sofreram convulsões tão intensas que sucumbiram ou ficaram com deformações permanentes. Que força é essa, capaz de causar tais perturbações no organismo humano?"

"Esse é o maior esforço biológico do corpo, pois representa o nascimento do reino mineral dentro do próprio ser.

Os nervos, ao sofrerem essa agitação que acabo de descrever, podem pressionar órgãos como o pulmão, o coração ou outros órgãos vitais, a ponto de interromper sua vibração.

Em casos menos graves, a tensão dos nervos torna-se tão intensa que eles perdem sua elasticidade natural. Privados dos fluidos lubrificantes que os nutrem, permanecem rígidos no estado em que foram forçados a se colocar – daí surgem as deformações que você mencionou."

"Adultos, devido à cárie dentária, à perda dos dentes ou ao crescimento dos dentes do siso, também experimentam dores intensas. Isso significa que a sensibilidade dos nervos dentários é extremamente elevada?"

"A sensibilidade dos nervos dentários é proporcional tanto em crianças quanto em adultos.

Vocês não têm ideia da complexidade das funções e da extrema sensibilidade do menor nervo do organismo humano – e especialmente dos nervos dentários.

No caso das cáries, o esmalte – que é uma espécie de verniz protetor da dentição – desaparece.

A formação de uma cavidade ou fissura na estrutura da dentição expõe o nervo motor da raiz, permitindo a entrada de ar diretamente sobre ele.

Esse ar, que não passou pelo processo de filtragem e aquecimento natural, atinge o nervo de maneira abrupta, causando uma interrupção repentina no fluxo energético e respiratório da própria dentição.

Essa perturbação gera uma sensação dolorosa, irritante e, consequentemente, inflamatória.

A interconexão do sistema nervoso é tão estreita que essa dor se propaga pelo organismo inteiro.

A inflamação resultante afeta a circulação sanguínea e a distribuição dos nutrientes pelo corpo.

Por isso, ao extrair um dente afetado, a dor desaparece, pois o nervo que era responsável pela sensibilidade dessa área é desligado e perde sua função.

Em alguns casos, quando o dente cai aos pedaços, a raiz pode não causar dor, porque o nervo que a alimentava já se fundiu a um nervo vizinho.

Tais fusões entre nervos são fenômenos curiosos e dignos de estudo.

Além disso, os nervos intestinais e estomacais possuem um nível de perceção tão apurado que, no exato momento em que os dentes tocam um alimento, o organismo já sabe se essa substância é dura ou macia, e se será fácil ou difícil de triturar.

Se vocês aceitam que a vida está presente em cada parte do ser, não podem negar que há uma conexão íntima entre elas.

É uma rede de comunicação elétrica tão eficiente quanto o sistema telegráfico que conecta as cidades de suas nações."

"Se os problemas do sistema dentário podem afetar até mesmo as vias urinárias, o oposto também ocorre? Os distúrbios urinários podem repercutir no cérebro e no pensamento, como observado na 'fúria uterina'?"

O Espírito de Hipócrates responde em um tom reflexivo:

"A fúria uterina já causou mais loucuras do que a razão jamais conseguiu combater."

E continua:

"Esses distúrbios são causados pela secreção excessiva de muco, resultante de uma digestão ineficaz e de substâncias mal preparadas pelos órgãos responsáveis.

Esse muco ainda contém elementos altamente fermentáveis, que, ao passarem pelos delicados canais das vias urinárias – que são sua fonte de nutrição e sustentação – encontram obstáculos devido ao tamanho das partículas.

Essas partículas ficam retidas, fermentam dentro dos canais, irritam suas paredes, inflamam os tecidos e desencadeiam intensos esforços para tentar circular livremente.

Como não foram devidamente processadas pelo sistema digestivo, essas substâncias fermentáveis geram uma carga elétrica excessiva em partes do corpo que já são altamente sensíveis.

Isso provoca um profundo desequilíbrio em todo o organismo.

Além disso, os indivíduos predispostos a esses distúrbios possuem tecidos extremamente frágeis e uma elasticidade excessiva em suas estruturas corporais.

Essa característica facilita o fluxo e a ação dos mucos que acabei de descrever."

"Como entender que uma pessoa acometida por essa terrível doença possa perder completamente sua dignidade, sua modéstia e até mesmo seu senso de honra, comprometendo sua reputação sem o menor cuidado, como se fosse um animal irracional?"

"É uma força avassaladora, uma necessidade de eliminação e purificação das substâncias que sobrecarregam, inflamam e, por vezes, queimam os tecidos.

Trata-se de uma inversão do comando biológico: agora é o sistema reprodutivo que assume o controle e subjuga os demais órgãos – assim como ocorre durante a eliminação da urina, das fezes, das lágrimas, ou até mesmo nos impulsos de fome, sede e sono.

Esse processo ilustra a perfeita interdependência entre todos os grandes mecanismos do corpo humano.

Os pensamentos podem se tornar escravos desses impulsos ou, ao contrário, ajudá-los a se regular, dirigindo e facilitando sua função, conforme suas respetivas atribuições no organismo.

É um campo de estudo profundo e misterioso que vocês ainda não podem compreender completamente.

No plano material, a solidariedade entre todos os órgãos é tão grande que a relação entre a cabeça e os órgãos genitais é particularmente forte.

Se, por exemplo, as pessoas tivessem o hábito de cerrar os dentes firmemente ao levantar objetos pesados, evitariam muitas hérnias e outros problemas de esforço físico.

A conexão nervosa entre os dentes e os testículos é evidente – assim como, no caso das mulheres, a contração do útero pode afetar diretamente os nervos da garganta."

"Crianças que sofrem dessa condição desde o berço buscam instintivamente meios de aliviar suas necessidades, mas acabam apenas agravando o problema e destruindo sua própria saúde. O senhor conhece algum método para atenuar essas agitações?"

O Espírito responde em tom severo:

"Que os pais sejam mais sábios e que a alimentação seja mais nutritiva."

"Na sociedade atual, esse conselho é impossível de ser seguido. O problema é grande demais para as crianças, para que o senhor não se interesse pelo sofrimento delas. Por favor, conceda-nos alguns conselhos sobre esse assunto."

"São germes prejudiciais que precisam ser destruídos, e um sangue que precisa ser purificado. Isso só pode ser feito em crianças por meio de depurativos, cuja ação, sendo agressiva e difícil de suportar, deve ser suavizada por substâncias calmantes e refrescantes ao mesmo tempo.

Ou seja, os depurativos não devem ser administrados em grandes quantidades, nem de forma isolada, sem o auxílio de substâncias calmantes. Isso porque a ação do depurativo é remover as impurezas aderidas às paredes dos órgãos, o que inevitavelmente causa uma sensibilidade semelhante à de uma ulceração nas áreas que ficaram expostas.

Por isso, o calmante deve agir ao mesmo tempo que o agente irritante, para aliviar as dores locais.

Além disso, os resíduos eliminados pelo depurativo tendem a se acumular em alguma parte do corpo, criando um novo foco de inflamação. Esse segundo foco, somado ao primeiro, também precisa ser combatido com substâncias refrescantes.

Portanto, três forças devem ser empregadas ao mesmo tempo: depurativos, calmantes e refrescantes."

"Pode nos indicar quais são essas substâncias e como dosá-las?"

"Use a seguinte mistura:

1 grama de folhas de salsaparrilha (não da raiz),

Uma pitada de sementes de linho,

Um pedaço de grama-cidreira do tamanho de um dedo,

Dois copos de água.

Ferva tudo por dez minutos.

Essa infusão deve ser consumida em jejum e enquanto o corpo está ativo, ou seja, não deve ser tomada à noite antes de dormir. Isso porque, quando o corpo está em movimento – andando, trabalhando ou realizando qualquer atividade –, as substâncias ingeridas têm maior facilidade de se dividir e se infiltrar no sangue e em todo o organismo.

Somente para distúrbios estomacais aceito infusões noturnas, pois, nesses casos, a absorção lenta pode ser benéfica.

Para adultos, a dose pode ser **triplicada**, substituindo as folhas de salsaparrilha por sua raiz.

Além disso, **a higiene corporal não deve ser negligenciada**. Recomendo **banhos locais** com a mesma infusão que se bebe, para garantir que nenhuma substância ou muco eliminado pelos poros dessas áreas permaneça ali, evitando irritações."

RECOMENDAÇÕES PARA OS DISTÚRBIOS DA DENTIÇÃO

"Para ajudar os dentes a romperem a gengiva, pois muitas vezes estão presos sob uma película muito fina e flexível, passe suavemente o dedo sobre a área da gengiva onde o dente está nascendo. Pressione levemente o local e, se possível, belisque a gengiva entre dois dedos, como se estivesse segurando o próprio dente e quisesse puxá-lo para fora.

Dê à criança alimentos pegajosos, como alcaçuz preto ou balas duras (como açúcar de cevada), para chupar. O esforço que ela fará para descolar esses doces da gengiva e dos dentes, seja com a língua ou com os dedos, ajudará no rompimento da gengiva.

Para aliviar a dor e prevenir convulsões, segure o pescoço da criança com as duas mãos e massageie suavemente a parte inferior da mandíbula e as laterais do rosto, puxando as mãos levemente para trás."

Tratamento das inflamações intestinais causadas pelo nascimento dos dentes

"Use compressas mornas sobre o abdômen da criança.

Coloque suas mãos sobre os **rins**, pois isso ajudará a acalmar os grandes feixes nervosos que partem da coluna vertebral e que são responsáveis por essas crises."

Tratamento das congestões cerebrais e pulmonares causadas pela dentição

"Para aliviar esses sintomas, sopre levemente e com ar frio sobre o abdômen da criança.

Isso terá um impacto positivo sobre todos os nervos e vasos sanguíneos dos pulmões e do cérebro, ajudando a reduzir as convulsões."

Tratamento para os espasmos musculares e a rigidez dos membros

"Se a criança estiver sofrendo espasmos severos, siga este procedimento:

Segure firmemente os pés da criança em suas mãos, mantendo as pernas esticadas.

Peça a outra pessoa para segurar os braços da criança estendidos em forma de cruz.

Mantenha essa posição durante toda a duração da convulsão.

Esse método simples pode prevenir complicações graves."

Após essas explicações, Ravet, sentindo-se cansado, agradece ao Espírito de Hipócrates por seus conselhos.

Hipócrates, por sua vez, assegura que estará sempre disponível para fornecer orientação em casos semelhantes.

ESTUDO MÉDICO SOBRE AS INFLUÊNCIAS ATMOSFÉRICAS

Realizado por Adèle Maginot

Esse estudo está diretamente relacionado ao anterior e, por isso, decidimos incluí-lo aqui.

Sessão de 27 de fevereiro de 1859

"Pode encontrar um remédio para as fortes dores de cabeça que a tia de nossa prima Lecomte sofre? Você já examinou essa pobre mulher antes. Poderia se interessar novamente por sua condição?"

"Sim, eu a vejo. Suas dores são neurálgicas e são causadas por um problema na circulação do sangue e dos fluidos.

Para aliviar o sofrimento, recomendo:

> Aplicar sobre o topo da cabeça folhas frescas de verbena amassadas entre dois panos,
>
> Humedecer essas folhas com uma água sedativa bem diluída.

O alívio será rápido."

Uma doença misteriosa

"Você já observou os sintomas dessa doença, que tem chamado a atenção dos mais eminentes médicos de Paris e Montpellier.

Dizem que os fenômenos inexplicáveis associados a essa condição despertaram grande interesse na comunidade médica.

*Mas essa mulher já sofre há cerca de **quarenta anos**.*

Ninguém consegue entender como seu corpo ainda resiste a essa condição e qual força a mantém viva.

Por favor, investigue a causa raiz dessa doença e nos explique o que encontrou.

Para ajudá-la nessa pesquisa difícil, informo que essa paciente sofre de inchaço extremo nos ossos, o que levou um de seus médicos a diagnosticar sua condição como "aneurisma ósseo".

O que exatamente significa esse termo?"

"Precisamos voltar muito no tempo. Essa pessoa nunca teve boa saúde, nem mesmo quando era criança. Ela sempre foi frágil e necessitou de cuidados especiais. Não

posso afirmar com certeza quando ela foi exposta ao mercúrio, mas vejo claramente que essa substância afetou seu corpo. Pode ter sido absorvida desde o nascimento (pela transmissão da mãe) ou pode ter sido administrada diretamente a ela como pomadas mercuriais para tratar ataques de paralisia ou hidropisia (acúmulo de líquidos).

O mercúrio afetou seu sistema ósseo, que na época ainda era muito frágil. Ele perfurou e enfraqueceu os ossos, tornando-os porosos como uma esponja. O verniz natural que reveste os ossos perdeu sua resistência normal, permitindo que se expandissem de maneira anormal.

Esses inchaços são locais e intermitentes, semelhantes a fluxões (inflamações localizadas).A causa é uma quantidade excessiva de ar absorvido pela boca, que se infiltra nos ossos em vez de ser expelido naturalmente. Essa pessoa também possui uma hipersensibilidade extrema, o que facilita esse tipo de absorção anômala."

Essa investigação sobre as influências atmosféricas continua a explorar as condições misteriosas dessa paciente, incluindo sua cegueira temporária quando viaja em determinada direção.

A explicação parece envolver a absorção excessiva de partículas solares elétricas, que afetam sua visão de forma súbita.

Você sabe que o Sol é um astro fixo e que, ao contrário, dizem que são os planetas que giram e orbitam ao seu redor. A Terra realiza um movimento semelhante com uma precisão extrema. Assim, devido a esse movimento contínuo de rotação sobre si mesma diante do Sol, não pode haver nascente nem poente. Não vejo por que o Sol não projetaria os corpúsculos terrestres da mesma forma e não lançaria igualmente os corpúsculos dos quais você fala, no mesmo estado, em todas as direções desse globo?

Não há nascente, entretanto, há uma suspensão do raio luminoso à noite durante doze horas, mais ou menos; assim como há um momento em que esse raio retoma seu domínio sobre uma parte do nosso globo. Essa parte, iluminada primeiro e nos permitindo perceber o Sol em primeiro lugar, foi chamada de nascente, pois esse astro, parecendo elevar-se acima do horizonte nesse momento, dá a ilusão de que está "nascendo". Pois bem, os corpúsculos que são os primeiros a serem projetados por esse astro, assim como aqueles do nosso globo que ele desperta, por assim dizer, de sua letargia noturna, entram em um estado completamente diferente dos corpúsculos das outras direções. Estes últimos não são despertados nem ativados tão abruptamente; portanto, sua vibração não é tão longa nem tão intensa. – O meio-dia, por mais iluminado que pareça para você, é muito menos brilhante do que o nascente; ou, para que compreenda melhor, esses corpúsculos luminosos têm menos potência de radiação do que aqueles de que falo. Informe-se sobre a direção em que as crises das quais tratamos ocorriam, e verá se estou certo.

Obs. Informei-me com as pessoas que solicitaram esta consulta, as quais, por sua vez, submeteram a apreciação de Adèle à doente e ao médico que a trata. Essa apreciação foi reconhecida como exata, pois era apenas na direção do nascente que as crises de cegueira acometiam a paciente.

Esse fenômeno deve-se à causa que Adèle aponta? Deixamos essa avaliação a cargo dos estudiosos, que terão competência suficiente para levá-la a uma conclusão adequada. Há uma coincidência de avaliação entre Adèle e o médico estudioso que trata a paciente há muitos anos. No entanto, há divergência quanto à causa do fenômeno ósseo. Não há conhecimento de nenhuma absorção mercurial, como Adèle sugere. Segundo ela, essa absorção poderia remontar aos pais, tornando a questão mais complexa e talvez insolúvel.

A paciente sente-se melhor com a aplicação de verbena na cabeça. Que possa experimentar um alívio ainda maior; esse é o desejo mais sincero de quem sabe reconhecer seu valor.

MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

NO SÉCULO XIX

(Resumido)

Um estudante espiritualista inglês de condição respeitável veio em outubro de 1858, acompanhado de uma notável figura bem conhecida por todos os espiritualistas parisienses, o Sr. T..., solicitar-nos uma aparição, expressando-se aproximadamente da seguinte forma:

— Bom dia, senhor Cahagnet. Eu conhece muito você, eu leu seus livros em Nápoles, onde eu teve muita satisfação. Eu quero felicitar você e dizer que eu acredita no espiritualismo; eu muito estudei e viu coisas surpreendentes, por isso eu acredita nos mortos, que eles também são vivos como nós. Eu deseja ver, por Adèle, os Espíritos, pois sei que essa é a maneira mais segura de satisfazer a curiosidade e convencer os incrédulos. Para provar a você que eu acredito, eu diz que eu almocei com o senhor conde deche dèche doche d'ouche há alguns dias; depois do almoço, o senhor conde disse para mim: "Você quer ver Espíritos?" Eu respondeu ao senhor conde: "Eu deseja muito ver Espíritos, eu quero sim."

Ainda havia sobre a mesa os utensílios do almoço. Eu pensava que iam retirar esses utensílios da mesa, que era muito grande e muito pesada; mas o senhor conde disse: "Não é necessário", e reuniu os objetos no centro, de modo que não nos atrapalhassem. Quase imediatamente, pancadas violentas e suaves foram ouvidas no teto e no chão do apartamento. Foi um verdadeiro tumulto! Depois, estando nós todos de pé, sem tocar na mesa de forma alguma, eu vi a mesa se levantar alto, alto assim (cerca de dezoito centímetros), várias vezes... Eu posso assegurar a você que eu viu muito bem. Eu certifica que eu viu muito bem... Você quer perguntar ao senhor X...

— Vou colocar Adèle em estado de ver esse Espírito. Por favor, sente-se e nos conceda alguns instantes. (Menciono a sessão seguinte para dar aos meus leitores uma ideia do ceticismo do consulente e provar que aquilo que ele afirma ter visto, ele realmente viu).

— Eu quero, eu quero muito, senhor Cahagnet. Eu gosta muito de você e de madame Adèle.

Quando Adèle entrou em transe, chamamos o Espírito mencionado, e a médium clarividente forneceu, como de costume, um retrato detalhado da entidade. Nosso visitante, imóvel como uma estátua, não confirmava nem negava esses detalhes. Por fim, não sabendo mais o que acrescentar ao que Adèle havia dito, a clarividente cessou de falar.

Nosso estudante então se pronunciou:

— Isso é correto, mas eu não conhecia muito bem esse homem, eu não posso certificar que Adèle viu bem ele. Eu prefiro pedir outro que eu conhece melhor.

Adèle chamou esse segundo Espírito e também forneceu um retrato detalhado. Diante do silêncio do solicitante, ele então disse:

— Sim, é ele. Eu reconhece que Adèle viu bem, mas eu quero um detalhe visível. Veja, Adèle, esse senhor tinha uma particularidade visível, muito visível. Então, se você me disser qual é, eu acreditarei que ele está presente.

Após dez minutos de busca infrutífera, sem ver nada de notável ou aparente, Adèle disse que não descobria nada peculiar nesse Espírito.

— Veja, veja bem, Adèle! Eu digo a você que era muito visível!

Exausta e sem encontrar nada, Adèle cessou sua investigação. Perguntei então ao estudante se essa particularidade era uma anomalia física, externa ou interna.

— Eu digo a você que é visível como o dia. Veja, Adèle.

Não querendo cansar mais a médium, pedi que interrompesse a busca e sugeri ao consulente que nos revelasse qual era essa particularidade, já que não conseguíamos identificá-la.

Este senhor, agora Espírito, eu o conheci muito bem. Eu o reconheço apenas parcialmente, apenas um pouco por meio de Adèle. No entanto, ela o viu corretamente; mas ele havia sido militar e, durante uma batalha, recebeu uma bala na cabeça, mais de trinta anos antes de sua morte. Isso é uma particularidade bem visível, eu acredito; portanto, não é exatamente ele quem veio.

Essa bala deixou marcas externas?

Não, de jeito nenhum. Ela entrou pelo olho, no canto, que era tão negro quanto o meu, mas estava certamente dentro da cabeça. Então, não é ele; peçam outro...

Mais afortunado na terceira tentativa, nosso visitante ficou eufórico e expressou sua satisfação a Adèle com os mais afetuosos elogios. E, ao sair, não parava de repetir:

— Ele disse que morreu de parto, isso é de uma exatidão impressionante! Depois, tudo o que ele disse... Ah! Desta vez é realmente ele; eu estou contente.

Observação

Se fiz questão de reproduzir quase literalmente as expressões desse estrangeiro, não foi para ridicularizar seu modo de falar, mas para destacar as dificuldades que surgem

em nosso caminho e mostrar o quanto o sucesso, em casos como esse, deve ser reconhecido como algo de grande mérito para os estudiosos.

No dia seguinte à sessão mencionada, dois visitantes igualmente respeitáveis me relataram o seguinte fato ocorrido com um deles:

O Sr. Génin, da Rua Bénard, 22, em Batignolles, e o Sr. Burret, funcionário de um escritório, também residente em Batignolles. Este último expressou-se da seguinte maneira:

— Caro Sr. Cahagnet, eu era, como você bem sabe, um grande crente nas manifestações espirituais, pois já tratei desse assunto em um livro especializado. Mas eu nunca havia testemunhado um fenômeno semelhante ao que vou relatar.

Saiba que, há algum tempo, estando na casa do Sr. Lecomte Dourches, que o senhor conhece muito bem, obtive, por meio de sua médium, a senhorita Blanche, um caso de escrita espiritual—ou seja, o que vou lhe mostrar.

Eu há muito desejava testemunhar pessoalmente essa manifestação específica. Um dia, encontrando-me na casa do Sr. Lecomte Dourches, tive a oportunidade de realizar esse desejo. Para isso, apresentei um pedaço de papel branco ao Sr. Lecomte, que o segurou por um instante e depois o entregou à médium Blanche. Após um breve momento, ela me devolveu o papel, que ainda tenho aqui. Veja o que contém.

Esse senhor me mostrou um pequeno pedaço de papel, no qual mal consegui distinguir uma linha de cinco a seis centímetros de comprimento, escrita de forma tão fina que não consegui ler uma única palavra. No entanto, tive a impressão de que o último termo se assemelhava a "amor" ou "a nós".

Esse senhor, desejando algo mais legível, pediu para repetir a experiência. Um segundo pedaço de papel, apresentado por ele, passou pelo mesmo processo e lhe foi devolvido contendo apenas, como sinal, um formato de **"V"** de aproximadamente um centímetro em todas as direções.

Esse senhor teria solicitado uma terceira tentativa, se não tivesse hesitado. O Sr. Lecomte, percebendo isso, disse:

— Nos dê um terceiro pedaço de papel, o que você está segurando na mão, por exemplo, e certifique-se de que não contém nenhuma escrita.

Esse senhor imediatamente abriu o pedaço de papel que segurava dobrado em quatro, há algum tempo, em sua própria mão. Qual não foi sua surpresa ao encontrar, no centro do papel, uma escrita semelhante à que ele havia obtido anteriormente, através do toque do Sr. Lecomte e da médium!

Esse papel **nunca saiu da mão do consulente**, havia sido dobrado por ele mesmo e nunca fora aberto. Como poderia conter uma escrita idêntica à anterior? Sem conseguir responder a essa questão, prometi a esse senhor que a colocaria diante de nossos opositores, para conhecer suas possíveis objeções.

Reflexão Final

Onde estão as explicações das transmissões de pensamento, das contaminações psíquicas e das alucinações diante desses fatos, que ocorrem em todos os lugares e

através de diversas pessoas nos dias de hoje? Como explicar essa maneira de escrever em um pedaço de papel dobrado em quatro, que permaneceu nas mãos de um homem que, embora cético, duvidava do sucesso da experiência?

Meu papel é **relatar os factos**... Concluam, caros estudiosos.

REVELAÇÕES CIENTÍFICAS DO MUNDO ESPIRITUAL

Há quase doze anos que mantenho o público informado sobre minhas relações com o mundo espiritual, por meio de clarividentes magnéticos. Acredito ter conquistado suficiente confiança por parte dele para chamar sua atenção para esta publicação. Não é de um novo gênero, mas traz uma leve mudança em relação aos estudos espirituais que tratei até agora.

O caminho que escolhi para trazer até ele as curiosas revelações a seguir é extremamente restrito, mas está de acordo com minha posição obscura e meus limitados recursos financeiros. Revelações da importância das que tratarei aqui teriam sido mais bem colocadas em alguma academia, cuja voz universal teria sido ouvida por um maior número de pessoas. Mas, infelizmente, para adentrar esses santuários do conhecimento, é necessário, nos dias de hoje, saber bater às suas portas com a cruz de um rosário. Esses emblemas da infância pouco convêm ao livre-pensador.

Restava-me a via dos jornais científicos, que, por sua vez, estão em aberta revolta contra as exigências das academias. No entanto, esses nascente santuários da ciência cobrem de desprezo o pobre proletário, que não tem outra inscrição acadêmica senão sua palavra bruta e seu pensamento puro, que carrega uma simples blusa nos ombros e braços vigorosos presos ao trabalho árduo. Assim, rejeitam esse pária, esse rejeito da criação, enviando-o para os padres, para ser subjugado, para os comerciantes ricos, para ser explorado, e para a defesa da pátria, para se livrarem dele.

Eu ainda tinha a opção da suposta imprensa liberal dos jornais políticos. Mas, certa vez, ofereci um de meus trabalhos ao célebre P…, não para que ele fizesse uma resenha no jornal *La Presse*, onde escrevia na época, mas para que ao menos me desse um comentário democrático. Nunca recebi sequer um aviso de recebimento. Pensando que a obra havia sido lida – já que fora entregue em mãos seguras –, perguntei a esse jornalista se ele havia recebido meu envio. Não obtive resposta.

Não insisti e voltei a perguntar se o silêncio em relação a um gesto tão distinto era prática comum na literatura da época. O silêncio repetido desse intelectual me ensinou que eu estava errado ao acreditar na fraternidade desses discursadores de

fraternidade. Algum tempo depois, li, em uma profissão de fé publicada pelo mesmo escritor, muitas proposições contidas na obra que lhe havia enviado de presente. Desde esse dia, nunca mais tentei me dirigir a esses fabricantes de artigos democráticos, polvilhados com as cinzas de um cigarro de cinquenta centavos.

Tive, no entanto, a fraqueza de escrever a M. de Lamartine, como se pode ler nesta obra. Mas escrevi a um homem que escreve, uma razão poderosa para receber o silêncio como resposta.

Restava-me o apoio de um editor. Ah! Se eu tivesse um manuscrito para lhes confiar e dinheiro para cobrir os custos de impressão, talvez pudesse esperar a entrada nesses tristes estabelecimentos. Mas me parece mais digno preservar minha liberdade.

Assim, procurei no bolso os meios para oferecer esta publicação adicional àqueles que, como eu, precisam conhecer o que ainda não sabem.

Em minhas relações com os seres do além-túmulo, não me limitei apenas a obter um relato histórico de sua existência presente. Pelo contrário, busquei comprovar melhor a veracidade dessa existência, pedindo-lhes que me iniciassem em alguns de seus estudos, para que eu pudesse apresentá-los aos homens da Terra como a prova mais evidente da lucidez da vida espiritual, sobre a qual venho falando há tantos anos. (Algo que já tentei fazer ao longo de um quarto volume de *Os arcanos da vida futura revelados*.)

Desejei continuar esse estudo e provar aos homens que um pobre ignorante, como eu, sem qualquer conhecimento acadêmico (além de algumas leituras), não poderia tratar das ciências mencionadas se não tivesse sido instruído por espíritos superiores. E não superiores apenas a mim, mas a toda a generalidade dos homens, já que quase todas as soluções apresentadas ainda estão em aberto nas melhores escolas.

Foi assim que o espírito de Galileu me transmitiu informações novas e particulares sobre o movimento da Terra, as causas do frio e do calor, o norte e o sul, as influências da Lua, as diferenças das marés, etc. Foi também por esse auxílio espiritual que pude conhecer e descrever a anatomia viva do corpo humano, tratar de mineralogia, física, eletricidade, galvanismo, entre outros temas.

Eu proponho, portanto, na continuação da *Enciclopédia Magnética Espiritualista*, seguir com meus estudos junto ao Espírito Galileu sobre as relações entre os globos celestes. Com o Espírito William Herschel, estudarei a natureza da luz, incluindo a do Sol, dos planetas, das estrelas, das nebulosas, dos cometas e dos instrumentos óticos. Com o Espírito Franklin, investigarei as manifestações espirituais de nossa época, os métodos utilizados pelos espíritos para o transporte e a transposição da matéria pela própria matéria, entre outros fenômenos.

Com o Espírito Daguerre, explorarei a arte fotográfica, as probabilidades e a possibilidade, não apenas de obter imagens, mas de purificar as cores naturais dos seres ou objetos capturados pela fotografia. As revelações que obtive sobre essa questão são de grande interesse, assim como as mencionadas anteriormente, que apenas aguardam permissão para sair do meu portfólio, onde se entediam por estarem afastadas do público.

(*) Ver *Revelações do Além-Túmulo*.

Quanto a esse aprisionamento forçado, tenho muitos outros escritos retidos que gostariam de ver minha bolsa satisfazer o impressor e trazer para minha mesa o pão do pensador. O tempo é um grande mestre, se os homens são grandes tolos. Um ritual qualquer, impondo alguma escravidão ridícula, encontraria cem mecenas dispostos a financiá-lo para percorrer as províncias. Mas proposições científicas, consoladoras e liberais, mal conseguem a esmola da caridade. Se este apelo tocar algum coração, que entre em contato connosco; saberemos demonstrar que só pedimos nosso pão depois da sobremesa dos outros, e que não reivindicaremos nenhum lucro com a venda dessas obras, exceto quando o financiador for devidamente reembolsado.

Alp. Gahagnet

ASTRONOMIA

AS RELAÇÕES ENTRE OS GLOBOS CELESTES

Pelo clarividente *Ravet*, sob a inspiração do Espírito *Galileu*

PRIMEIRA SESSÃO

Em 19 de abril de 1859, decidido a retomar nossas viagens planetárias com o clarividente Ravet, magnetizei-o com essa intenção, conforme seu próprio desejo. Quando ele entrou em sono magnético, pedimos que chamasse o bom Espírito Galileu. Assim que este Espírito se fez presente, dirigimos-lhe as seguintes palavras:

"Circunstâncias muito particulares interromperam nossas benéficas e instrutivas relações. Mas, recordando sua recomendação para que continuássemos nossos estudos, e prometendo nos auxiliar com sua luz, desejamos retomá-los neste dia. Pedimos-lhe, então, que nos conceda conhecimento sobre um planeta diferente de Mercúrio. Antes de mais nada, devemos lhe informar que a publicação do que nos ensinou sobre Mercúrio foi, em geral, muito bem recebida pelos homens (1).

Poucos argumentos foram apresentados contra suas revelações. No entanto, há uma objeção que nos parece ter algum mérito e que precisa ser comunicada para que a aceite ou refute. Trata-se do volume do planeta Mercúrio. O senhor estimou que ele era duas vezes maior que a Terra, ou, pelo menos, assim o mencionamos — talvez por erro de nossa parte. No entanto, a astronomia atual afirma que Mercúrio é, ao contrário, dez vezes menor que a Terra. O senhor poderia esclarecer essa questão?"

Após um momento de reflexão, o Espírito Galileu respondeu a Ravet:

"Meu amigo, é possível que eu tenha cometido um erro, absorvido como estou em minhas meditações. Mas subtraia o excesso que mencionei e creio que não poderão me acusar de engano. Sim, Mercúrio é menor que a Terra, mas apenas dentro das proporções que lhes indiquei.

Saibam que a astronomia cometeu muitos erros até hoje, especialmente na maneira de estimar os volumes dos planetas. Eles são calculados com base na linha reta, na linha curva e na extensão do seu brilho luminoso. No entanto, essa última avaliação nem sempre é precisa, pois o brilho das planetas nem sempre corresponde exatamente ao seu volume. Assim, um planeta menor pode ter um brilho mais intenso

que outro muito maior. O brilho luminoso está diretamente relacionado às interações entre os globos celestes."

Quem é responsável por esses raios luminosos que observamos nos planetas?

São raios de correspondência, de união, de aliança entre os globos. São trocas de amor e afinidade que vocês desconhecem. Por isso, recomendo que deixem de lado o estudo dos habitantes, costumes e modos de vida dos planetas e se concentrem apenas nas relações entre os globos.

Se continuarem com o primeiro tipo de estudo, os homens não receberão suas descrições com o mesmo interesse. Verão nelas apenas uma continuação mais ou menos questionável, possivelmente contaminada por devaneios. Por outro lado, as pesquisas que proponho despertarão maior interesse, serão melhor aceitas e acrescentarão muito mais ao conhecimento da humanidade. Elas são o objetivo central de todas as minhas meditações, pois são as questões mais grandiosas que conheço.

Não pensem que já consegui definir completamente suas causas. Não, estou apenas no começo dessa investigação. Mas esse início já é suficiente para enriquecer sua instrução atual."

D. *Aceitamos de bom grado sua generosa proposta. Não temos nenhuma condição a lhe impor; apenas aguardamos suas orientações. Quando será conveniente iniciarmos esse estudo? Há algum dia que prefira?*

Sempre tive uma grande afinidade pela influência de Saturno.

Então, iniciaremos em um sábado.

Sim, no sábado seguinte ao próximo.

Assim terminou essa sessão, enchendo-nos de esperança.

SEGUNDA SESSÃO

Ravet, fiel ao compromisso assumido, veio oferecer sua participação no estudo iniciado na última sessão. Imediatamente o coloquei em transe, e quando ele estava na presença do Espírito Galileu, dirigi-me a este através do médium com as seguintes palavras:

Vê-nos fiéis à palavra dada e prontos para ouvir seus fraternais e instrutivos ensinamentos. Como não sabemos qual tese deseja abordar, não temos nenhuma questão específica a apresentar. Poderia, por gentileza, nos dizer o que tem a nos comunicar sobre as relações entre os globos celestes?

Eis minhas primeiras proposições, respondeu o Espírito. Mas não pensem que posso apoiá-las com demonstrações baseadas na compreensão plena de suas causas. Não, repito-lhes que estou apenas no início dessa investigação eterna, cujo conhecimento completo pertence somente a Deus.

(Continua na próxima edição...)

UMA PALAVRA AOS SÁBIOS DE TODAS AS CIÊNCIAS QUE DESEJAM QUE NÃO HAJA OUTROS ESPÍRITOS NO MUNDO ESPIRITUAL SENÃO DEUSES, E QUE AS APARIÇÕES SEJAM MÉTODO EM NOSSOS ESTUDOS

Quando discutimos nossas proposições metafísicas e espiritualistas com aqueles que mal compreendem sua própria existência, somos imediatamente contestados com esta frase sublime: "Ah! Um homem morto não vale um cão vivo."

Quando nos dirigimos à classe comercial, ou seja, àquela que sabe que Voltaire não é Agostinho e que Barême não é Carême, um grande sorriso nos recebe, seguido destas palavras jocosas, que se acreditam espirituosas: **"Onde estão seus fantasmas? Quem voltou para falar de outra vida? Onde estão seus cenáculos de anjos?"**

Quando subimos a escada da instrução e nos dirigimos aos professores religiosos, não passamos de possuídos já meio entregues às potências infernais.

Se, por fim, nos dirigimos aos sábios diplomados, aos cientistas oficiais, então é preciso seguir o método dos pesos e medidas, dos números e das leis. Eles exigem provas idênticas, manipulação química, física, mecânica, anatômica, natural, histórica, indivisível e positiva!

O que fazer? O que responder? O que esperar diante de tais exigências e tão pouca observação do mundo que os cerca? Ficar em silêncio seria o meio mais seguro de não perder nada nem arriscar-se nesse jogo de controvérsias, no qual a última palavra sempre fica por dizer. Mas para que serviriam nossos pensamentos e nossa língua, se os primeiros não pudessem sair de seu domínio para explorar o domínio alheio, e a segunda não pudesse comunicar a outrem o que se passa em nós? Já que é uma necessidade de nossa inteligência, concedamos-lhe mais uma vez o capricho de dizer uma palavra a mais sobre a validade dos argumentos que nos são apresentados neste assunto.

Responderemos àqueles que desejam valer menos que um cão após a morte: **têm razão**, pois o que dizer a alguém que não quer ouvir?

Responderemos também àqueles que duvidam dos nossos espíritos e anjos: **têm razão**, pois o que dizer a quem só vive por e para um saco de moedas?

Responderemos àqueles que nos acreditam meio demoníacos: **têm razão**, pois o que dizer a quem baseia toda a sua existência no próprio diabo?

Mas quando temos que responder aos sábios diplomados, esses repositórios de todo saber, exceto da verdadeira observação, então nos tornamos mais exigentes. Pois, afinal, precisamos de algum estímulo para nossos estudos, e uma negação fundamentada em alguma base nos agrada. Entramos então na matéria e respondemos da seguinte forma:

1º Questão:

O que podem afirmar vocês, cientistas, de idêntico e matemático na ciência cosmogônica, diante da barreira bíblica que lhes impede, sob pena de danação, de investigar com a ótica os espaços para verificar suas afirmações sobre os astros que os percorrem? Como podem investigar, por observação, os vestígios dispersos de civilizações antigas, que surgem sob a forma de pagodes, templos, palácios, pirâmides e ruínas de cidades, cuja esplendor remonta a milênios antes do surgimento dos instrumentos de seu critério científico e respeito?

Vocês falam em criação, mas ignoram desde quando tudo existe. Cuvier, mais poderoso que Pacôme, cobre vocês de restos e fósseis de seres cuja existência nem suspeitavam. Não seria possível que sua querida Notre-Dame de Paris tenha sido erguida sobre outra Notre-Dame Vesta romana, assim como seu velho Palácio da Justiça pode ter substituído uma estrutura similar, sem que sua história, purificada dos "erros" do passado, tenha mencionado um só detalhe?

Os rebaixamentos de terreno em Paris desde 1830 revelaram centenas de vestígios desconhecidos até então. Podemos negar esses achados apenas porque vocês não os ensinaram? Não há entre vocês próprios, ainda hoje, contraditores de Cuvier na cosmogonia, de Dupuis na história religiosa, de Champollion na arquitetura antiga?

2º Questão:

O que podem apresentar de idêntico nos métodos de construção da colossal arquitetura antiga, que continuam a copiar sem jamais alcançar a mesma admiração que dedicam às obras do passado?

3º Questão:

O que produzem na ciência filosófica que se compare às proposições de Zoroastro, Hermes Trismegisto e Orfeu? Eles próprios eram apenas repetidores de observações ainda mais antigas, assim como Pitágoras, Platão, Sócrates e até mesmo os patriarcas do mosaísmo e do cristianismo não passaram de repetidores posteriores.

Apesar de seus templos grandiosos e venerados, apesar de seus professores elogiados e imortalizados, poderiam convencer Pio IX de que ele não tem mais direitos aos olhos de Deus do que o grande rabino dos judeus? Poderiam convencer Leverrier de que a Lua é habitada? Dumas, da possibilidade da transmutação dos metais? Bouillaut, da realidade do sonambulismo? Sandras, da potência do magnetismo humano? Não! Cada coisa tem seu tempo e lugar; o cérebro humano observa, mas não comanda.

4º Questão:

O que podem apresentar em metafísica tão profundo e lógico quanto as reflexões de Agostinho, Leibniz, Descartes, Boehme, Paracelso, Saint-Martin, Bacon e Giordano Bruno? Onde estão, entre vocês, os metafísicos dessas grandes escolas? Podem substituí-los por pregadores tão pouco inteligentes quanto pouco observadores?

5º Questão:

O que podem afirmar na astronomia, diante de suas mil e uma correções, hipóteses e conclusões que continuam inconclusas? Vocês ainda negam a influência da Lua sobre

a atmosfera e as águas da Terra, sobre o reino mineral, vegetal e animal, como se fosse possível que uma parte do Todo estivesse isolada das demais?

6º Questão:

O que podem demonstrar matematicamente na química, diante das substâncias "simples" que seus estudos afirmam existir, mas que se revelam compostas ao serem submetidas a novas manipulações? No dia em que, na fotografia (essa ciência nova que surgiu em seus laboratórios), conseguirem produzir três imagens idênticas do mesmo personagem em três dias consecutivos, acreditarei que são capazes de reproduzir qualquer fenômeno à vontade.

7º Questão:

O que podem dizer na física, diante das influências atmosféricas que determinam o sucesso ou fracasso de seus experimentos? O que podem garantir na eletricidade e no galvanismo, essas duas forças mais confiáveis que possuem para manifestações científicas, mas que ainda assim os obrigam a dobrar suas bobinas e pilhas para alcançar os mesmos resultados?

8º Questão:

O que podem garantir na medicina, diante dos ácidos e corrosivos do estômago, dos componentes do sangue e dos fluidos, das complexidades do organismo humano? Seus tóxicos, sedativos, estimulantes e calmantes são constantemente anulados por simples estados de distúrbio biliar, linfático, fluídico ou até mesmo ósseo! O que diriam se todos os doentes que vocês trataram espiritualmente viessem exigir provas concretas de cura? Se há uma ciência em que deveriam ser infalíveis, essa seria a medicina, pois a razão lhes impõe esse dever e o amor fraterno lhes deveria dar esse mérito.

9º Questão:

O que podem garantir na mecânica, sem a existência da alavanca — linear ou circular — que rege todos os mecanismos e cujo funcionamento depende de um simples ponto de apoio, de uma gota d'água, de ar ou de sangue? Será que vocês realmente controlam a matéria, ou apenas observam e tentam compreendê-la?

10º Questão:

O que vocês podem dizer sobre as artes e ofícios diante da fragilidade e incompletude de seu material de produção? Pintor, pode sempre garantir a identidade exata de sua obra, no verdadeiro sentido da palavra? Arquiteto, pode sempre garantir a solidez do terreno? Construtores de todos os tipos, vocês têm sempre à disposição os materiais, as avaliações e as manipulações necessárias para garantir o sucesso de suas obras? E vocês, simples montadores de dois pedaços de ferro ou madeira, podem garantir sempre sua qualidade, solidez e resistência contra qualquer argumento que se levante contra eles?

11º Questão:

Na ciência social, onde tudo o que precisam manipular são palavras e gestos, o que produziram de harmônico desde que se organizaram em nações? Não respondam, por

respeito a si mesmos, pois cada instituição que fundaram é apenas um corretivo de sua própria imperfeição nessa ciência.

12º Questão:

Na vida familiar e nas alianças amistosas, suas realizações são frequentemente marcadas pela deceção. Como podem, então, exigir de nós que façamos o que vocês próprios não são capazes de produzir de maneira segura em todas as áreas de suas manifestações?

Acreditem em nós: antes de exigirem que etiquetemos e cataloguemos os elementos de nossos estudos, comecem por classificar e organizar os elementos dos seus. Antes de nos dizerem: *"Mas produzam identicamente, segundo as leis da matéria,"* provem-nos que estudaram essas leis o suficiente para conhecê-las e dominá-las.

Parem com suas constantes controvérsias e incessantes retificações sobre seus próprios trabalhos antes de se considerarem no direito de nos apresentar modelos de operações dignas de serem copiadas. Vejam-nos como realmente somos: pessoas perdidas no meio de um mundo que, se não é totalmente desconhecido, pelo menos foi pouco estudado até hoje. Buscamos meios de orientação, classificações de estudos sérios e critérios inabaláveis, chamando todos para esse grande trabalho.

Se desejam dizer que armazenamos e expomos mal os fatos que descobrimos, eu concordo; mas negar esses fatos, isso não lhes concedo.

Cada coisa contém em si mesma sua própria lei de existência, saibam disso. Se lhes é permitido manipular as leis das afinidades para manter a continuidade da criação em todas as coisas, só podem fazer isso estudando-as — e é exatamente o que fazemos. Cansados de ver vocês estudarem a matéria sem proveito algum para a ciência das causas, voltamo-nos para o estudo do espírito, na esperança de obtermos mais sucesso.

Nossos meios não são os mesmos que os seus. Nossos laboratórios, oficinas e instrumentos estão submetidos a leis, e não as comandam. Tocam as afinidades, mas não as controlam. Nada movimentam sem o consentimento do Todo. Assim, as menores produções desses estudos dependem do desconhecido.

Se vocês são incapazes de submeter as causas aos efeitos, se não podem conter o infinito dentro do finito, então tampouco podemos manipular as causas e os princípios das nossas investigações.

Consequentemente, se na química as impurezas não são o espírito; se na física as sensações não são os corpos; se nas manifestações corpóreas as aparências não são os pensamentos, então não se pode pretender submeter o inconcebível ao concebível, a luz às trevas, o movimento à inércia.

Produzam, em vez de negar nossas produções. Avaliem, em vez de desprezar nossas avaliações. Sejam cientistas dignos desse nome, em vez de ignorantes indignos de tal título.

Diante das dificuldades que vocês mesmos enfrentam para produzir algo idêntico, decompor e recompor os elementos de seus experimentos com a ajuda de seus três

reinos materiais, querem que nós, sem os elementos apropriados às nossas pesquisas, produzamos com mais certeza?

Como? Querem ver diante da rutura entre a existência material e a espiritual as mesmas objetividades e manifestações?

Como? Exigem que nossas pesquisas, que só podem se enriquecer com os fatos que surgem dia após dia, avancem sem qualquer progressão ou sucessão?

Como? Esperam que apresentemos a vocês, em um único dia, espíritos divinos, quando vocês não conseguem nos apresentar, ao longo de cinquenta anos, um único espírito humano plenamente compreendido?

Vocês exigem soluções em segundos para problemas que séculos não puderam resolver!

Querem saber sem aprender!

Como? Aquele camponês, aquele banqueiro, aquele cientista cego, a quem vocês enterram sob seis palmos de terra ou sob um túmulo de mármore, despertaria no mundo espiritual capaz de conduzir sóis, quando não podia sequer alinhar dois de seus próprios pensamentos em plena harmonia?!

Vamos, ponham a mão na consciência: estão sendo justos?

O erro ou a loucura passaram por seus domínios ou pelos nossos?

O sonambulismo revelou mais a vocês em vinte anos do que os maiores entre vocês revelaram desde a criação, e ainda querem saber mais!

As *Revelações do Além-Túmulo*, que apresentei a vocês, trouxeram mais informações em um único dia sobre vinte questões científicas pendentes nas melhores escolas do que essas escolas foram capazes de esclarecer desde sua fundação.

Vocês ainda não estudaram, avaliaram nem verificaram as proposições contidas nesse livro e já querem mais!

Eu os compreendo: querem que descubramos para vocês um tesouro, um método de transmutação dos metais, uma varinha mágica que satisfaça seus caprichos, um globo celeste que lhes forneça tudo o que desejam!

Mas não vamos tão depressa! Tantas pesquisas e conquistas não se fazem em um dia. Elas pertencem ao domínio da eternidade.

Não é verdade, meus caros cientistas, que somos impacientes quando se trata de saber?

Então, na humildade de nossa insignificante inteligência, aprendamos a desejar e a esperar, a estudar e a produzir, a propor e a temer não poder demonstrar.

Digamos: *"Eu produzi, mas não sei até onde posso produzir."*

Se o mecanismo humano está submetido à direção de seus pensamentos, resta saber a quem está submetida a direção desses pensamentos.

Aprendamos, aceitemos, mas não imponhamos.

O SUICÍDIO É UMA AÇÃO REPREENSÍVEL

AOS OLHOS DO MUNDO ESPIRITUAL?

Desde que entramos em contato com o mundo espiritual e realizamos evocações, muitas vezes chamamos espíritos que se espiritualizaram por meio do suicídio. E quase sempre percebemos que nossos clarividentes se tornam menos nítidos ao descreverem a aparência física desses espíritos, além de se mostrarem hesitantes ao responder às perguntas dos solicitantes.

Principalmente quando precisam descrever o *tipo* de espiritualização, densas trevas parecem surgir subitamente. O clarividente percebe a morte súbita, sem qualquer doença física, mas nem sempre consegue ver com clareza o ato real da passagem desse espírito.

Assim aconteceu recentemente com uma jovem viúva que desejava evocar seu marido falecido. No entanto, ele não apareceu imediatamente; em seu lugar, manifestou-se um amigo do falecido. Os detalhes fornecidos pelo clarividente não correspondiam aos esperados pela viúva, mas coincidiam exatamente com os traços desse amigo, de quem o marido falecido frequentemente falava com sua esposa.

Após um novo chamado e a garantia do amigo de que o espírito do falecido viria, ele finalmente apareceu. Adèle, a clarividente, descreveu sua aparência com tanta precisão que foi reconhecido instantaneamente.

Seguiu-se uma longa conversa, mas Adèle só pôde descrever a *espiritualização* do espírito com as seguintes palavras:

"Vejo que ele morreu sem nenhuma doença. O sangue subiu com violência para os pulmões e para a cabeça. Ele não está em sua casa... Não sei onde está, mas pensa muito em você. Não consigo ver mais do que isso. É um tipo de espiritualização que não consigo definir."

A sessão até então foi muito satisfatória.

Então, a viúva revelou a verdadeira causa de sua morte:

"O meu marido era relojoeiro. Certo dia, um homem entrou na loja para vender um relógio. Como o meu marido não estava presente, eu mesma comprei o objeto, mas me esqueci de registrar a transação no livro de controle. Acontece que esse relógio havia sido roubado. Durante as investigações da polícia, o ladrão foi capturado e revelou que havia vendido o relógio para a nossa loja.

Os oficiais vieram imediatamente até nossa casa e encontraram o relógio — mas ele não estava registrado no livro. Isso resultou na prisão imediata do meu marido. Ele ficou detido por dois meses. No entanto, conseguimos reunir provas irrefutáveis de sua honestidade e boa conduta, e o caso nunca chegou a ser julgado. Infelizmente, por um infeliz descuido burocrático, a ordem de soltura não foi processada imediatamente, e ele permaneceu encarcerado por mais um mês.

Durante esse tempo, mergulhou em um profundo desespero. Ele acreditava que estava para sempre desonrado e que sua família não estava fazendo o suficiente para

tirá-lo daquela situação. Então, decidiu pôr fim à própria vida por asfixia. Ele foi tão astuto em ocultar seus métodos que ninguém suspeitou de nada.

No mesmo dia em que, após muito esforço, consegui garantir sua libertação, subimos até seu quarto e o encontramos ainda quente, recém-saído da vida material. Mas sua alma... onde estava?"

Essa história de suicídio, à primeira vista, parece compreensível e até repleta de circunstâncias atenuantes. No entanto, **o mundo espiritual não a julgou dessa maneira**.

Afinal, esse espírito ainda vagueia pela esfera terrestre. Enquanto sua *hora de chamado* não chega, as portas da existência espiritual permanecem fechadas para ele — e assim continuarão até o momento certo.

Esse espírito, portanto, **ainda vive de forma material**, além de carregar consigo todas as suas angústias, agora ampliadas pelos remorsos que lhe são impostos pela influência do mundo espiritual. Isso acontece porque ele precisa expiar sua falta: o erro de ter abandonado, antes do tempo, o posto que lhe fora confiado na Terra — um erro que todos podemos cometer, mas que traz consigo grandes consequências.

Ao tomar essa decisão, ele também deixou para trás a responsabilidade por duas crianças que Deus lhe confiara para trazer à vida e cuidar.

Sabendo que era sua esposa quem o chamava, ele **não ousava aparecer diante dela**. Sentia-se culpado pelas acusações infundadas que fez contra ela e pelo sofrimento no qual a deixou, de maneira covarde, segundo suas próprias palavras. Por isso, pediu a um amigo que também estava vagando na esfera terrestre para se apresentar primeiro em seu lugar.

Uma Experiência com a Baronesa P…

Em agosto de 1859, realizamos uma sessão para a senhora baronesa P..., como fazemos anualmente há mais de doze anos.

Essa senhora, conforme já publicamos anteriormente, nunca faz perguntas à clarividente. Em vez disso, Adèle conduz toda a conversa, revelando, em nome do espírito evocado, tudo o que aconteceu de novo tanto no mundo espiritual quanto na Terra, envolvendo o espírito e a solicitante.

Essa última sessão transcorreu como de costume. No entanto, madame P... não a considerou completa e desejou que Adèle visse com mais clareza e não esquecesse nenhum detalhe.

O objetivo era descobrir o que seu neto estava fazendo no momento.

Adèle respondeu que o espírito evocado informou que o jovem estava em sofrimento e como se estivesse "detido".

Ele explicou que, sendo um jovem oficial do exército, havia sido repreendido e punido.

O espírito então acrescentou que, em breve, o jovem se juntaria a ele, embora tivesse menos de vinte anos de idade.

E ali se encerraram os detalhes dessa comunicação.

Continuação da Correspondência com Madame P...

— *"Vamos, minha querida Adèle, vá até o fim,"* disse Madame P... *"Esses detalhes não me bastam, eu os quero mais completos."*

No entanto, nem Adèle nem o espírito puderam dizer mais, e a sessão foi encerrada ali.

Foi então que Madame P... nos revelou que o jovem em questão havia se afogado cerca de quinze dias antes, enquanto tomava banho no rio com vários de seus companheiros. Ela lamentava profundamente que ele não tivesse se reunido com seu velho amigo, que tanto o amara na infância. Além disso, ficou muito surpresa pelo fato de que o espírito não havia mencionado essa espiritualização.

Seria angustiante pensar que um espírito que parecia saber tudo o que acontecia ao redor de Madame P... — e que raramente se afastava dela em pensamento — não soubesse desse evento tão recente.

No entanto, algo a consolava:

"Dessa vez," disse Madame P..., *"ninguém poderá me dizer que Adèle vê essas coisas refletidas apenas na minha própria mente, como costumam argumentar meus amigos quando lhes conto sobre essas sessões."*

"Não, não se pode dizer que isso é apenas transmissão de pensamento, pois eu mesma sussurrei essas perguntas no ouvido de Adèle, para que ela me desse os detalhes. Além disso, em sessões anteriores, ela me revelou coisas completamente distantes dos meus próprios pensamentos no momento. Oh, tudo isso é tão grandioso e tão desconcertante para o orgulho humano!"

Eu prometi a Madame P... que, na próxima oportunidade, daria continuidade a esse estudo e a informaria por escrito.

Carta a Madame P. . .

Minha querida e estimada senhora,

Venho cumprir a promessa que lhe fiz na última sessão que tive a honra de conduzir para a senhora.

Eu estava ansioso para me informar, por meio de seu amigo espiritual, sobre as verdadeiras circunstâncias do trágico acidente que privou a senhora de seu tão amado neto.

Hoje, finalmente, obtive respostas. Segue o relato da sessão realizada em 4 de setembro de 1859.

Assim que o espírito se fez presente, Adèle iniciou a comunicação com as seguintes perguntas:

Diálogo com o Espírito

Você já sabia da trágica morte do neto de Madame P... quando teve seu último encontro com ela?

Sim.

Por que não mencionou esse acontecimento?

Porque essa *espiritualização* me abalou profundamente, e certamente teria perturbado minha querida amiga. Preferi poupá-la dessa angústia.

Mas esse abalo para você deve ter sido apenas passageiro, já que esse infortúnio trouxe o jovem para mais perto de você, não?

Não. Na verdade, é exatamente o contrário, e isso é o que me deixa tão consternado.

Então ele o ama menos do que antes?

Não, ele me ama tanto quanto antes — ou talvez até mais.

Então o que impede essa aproximação?

Existem razões que não posso alterar. Oro para que o tempo dessa separação seja mais curto do que está previsto ser.

Então, não é possível que os espíritos se reencontrem conforme seus próprios desejos?

Sim, mas apenas quando o merecem.

Você ou o jovem não merecem esse reencontro?

Ele. Ele não se tornou digno desse reencontro por causa da forma como ocorreu sua *espiritualização*.

Mas foi um acidente!

Sim, mas um acidente com um toque de voluntariedade.

D. Mas ele era tão jovem! Quem, nessa idade, poderia pensar e meditar sobre um suicídio?

R. Não houve suicídio no sentido estrito da palavra. Mas houve um *abandono*, uma entrega ao destino, uma falta de vontade de continuar.

Esse jovem havia sido repreendido por seus superiores no dia anterior e sentiu profundamente essa humilhação. Além disso, ele carregava razões que, para ele, tornavam a vida terrestre difícil.

Quando a ideia do banho surgiu, ele aceitou com prazer. Teve um pressentimento — ou melhor, um verdadeiro aviso espiritual — de que não voltaria.

No entanto, ainda assim, ele ignorou esse aviso. Saiu para nadar logo após uma refeição e, sob essa carga emocional, não resistiu ao destino. Mesmo no momento derradeiro, não fez nenhum esforço para se salvar. Pode-se dizer que ele *adormeceu voluntariamente* nas águas, sem se importar com o sono da morte. Por isso, seu erro foi classificado entre os suicídios atenuados — pois há, sim, circunstâncias

atenuantes. E é nelas que deposito minha esperança de que, em breve, ele venha a se reunir comigo.

Agora entende por que não pude dizer essas coisas à minha querida amiga. Preferi manter o silêncio. Fiquei e ainda estou muito abalado com esse infortúnio.

Além disso, eu já previa que uma espiritualização aconteceria no hotel onde essa boa amiga reside, e por isso a aconselhei a passar um tempo no campo.

Essa *espiritualização* de fato ocorreu, e eu teria preferido poupá-la desse transtorno.

Mensagem final do Espírito para Madame P. . .

Tem algo mais a dizer a Madame P...?

Não. Apenas tranquilize-a. Os *transtornos espirituais* que eu previa ao seu redor já passaram.

Que ela continue pensando em mim. Eu raramente me afasto dela.

Reflexão sobre o Caso

A senhora deve se lembrar, querida Madame, que Adèle, não conseguindo ver o acidente com clareza, ainda assim captou a sensação de punição, de detenção.

Ela atribuiu isso a uma falta disciplinar militar, e disse ainda:

"Esse jovem não demorará muito a se reunir com o Sr. C..."

Ela esteve muito próxima da verdade.

Apenas o espírito que conversava com ela escondeu esse detalhe da *espiritualização*, mas não conseguiu impedir que Adèle percebesse o estado de detenção espiritual no qual seu neto se encontra.

Essa detenção espiritual faz com que ele ainda não esteja verdadeiramente morto, pois sua espiritualização só ocorrerá no dia em que as portas do mundo espiritual finalmente se abrirem para ele.

Conclusão

Tudo isso possui um caráter profundamente misterioso, e sua clareza nos surpreende tanto quanto nos tranquiliza.

As leis espirituais se fazem presentes em tudo e em toda parte, e nossos estudos revelam, pouco a pouco, seu rigor e funcionamento.

Que essa pequena sessão traga à senhora tanta calma filosófica quanto resignação serena.

Com essa esperança, receba, madame e boa irmã em Deus, minhas saudações fraternas.

Alp. Cahagnet

REFLEXÃO FINAL SOBRE O SUICÍDIO E A VIDA ESPIRITUAL

Aqui nos deparamos com um dos casos mais intrigantes: uma punição espiritual aplicada até mesmo sobre um simples desejo de abandono, sobre um "deixar-se levar".

Se o espírito chama isso de "suicídio com atenuantes", podemos nos perguntar:

Se até a inexperiência de um jovem, ou mesmo a dor extrema que leva alguém a perder o gosto pela vida, recebe tal julgamento, quão severa deve ser a verdadeira punição espiritual para aqueles que cometem um suicídio deliberado?

Seria realmente justo que uma alma tivesse de viver, em total isolamento, o mesmo número de anos que deveria ter vivido na Terra?

Rejeitado até pelos espíritos inferiores, acusado por todos de covardia, tachado de operário indigno do *Grande Ateliê do Universo*...

Essas revelações são uma verdade incontestável? Ou refletem a ideia de reprovação terrena que tradicionalmente acompanha o suicídio?

Não Podemos Julgar a Prioridade do Suicídio no Mundo Espiritual

Não podemos afirmar categoricamente qual é o destino dos suicidas no mundo espiritual. No entanto, as razões dadas pelos Espíritos para justificar essa questão parecem muito racionais, ainda que não estejam isentas de argumentação.

Registramos essas revelações e as compartilhamos com nossos leitores, para que as avaliem conforme seu próprio discernimento.

Entretanto, aconselhamos cautela ao tratar desse tema.

E se aqueles que mais desejam deixar a existência terrestre não podem encontrar um "elixir filosófico" que lhes prolongue a vida, que ao menos não recorram a um veneno "espiritualizador", apenas para se depararem com portas que só se abrem no tempo e na hora determinados.

Alp. Cahagnet

REVELAÇÕES CIENTÍFICAS DO MUNDO ESPIRITUAL

SEGUNDA SESSÃO

Ravet, fiel ao compromisso assumido, veio oferecer sua participação na continuidade do estudo iniciado na sessão anterior.

Assim que ele entrou em sono magnético, e se viu na presença do Espírito Galileu, eu me dirigi a ele por meio do clarividente:

Vê-nos fiéis à nossa palavra e prontos para receber seus fraternos e instrutivos ensinamentos. Não sabemos qual tese deseja abordar, então não podemos sugerir nenhuma questão específica. Por gentileza, poderia nos dizer o que tem a nos ensinar sobre as relações entre os globos celestes?

Aqui estão minhas primeiras proposições, respondeu o Espírito. Mas não pensem que posso sustentá-las com demonstrações baseadas na compreensão completa de suas causas. Não, repito a vocês: estou apenas no começo dessa eterna investigação, cujo conhecimento absoluto pertence apenas a Deus.

1ª Lei: A Interdependência dos Globos

1. Nenhum globo pode ser removido ou deslocado do círculo de globos que o rodeiam; todos seguem a evolução de um único princípio unificador.

Se fosse possível que um globo se separasse desse círculo, ocorreria imediatamente uma fusão ou uma coesão forçada entre os outros, pois eles são interdependentes.

(1) Essa proposição parece ser a continuação e confirmação de uma questão que Ravet já havia feito ao Espírito, sobre a possibilidade de um globo girar em sentido contrário. O que aconteceria? (*Ver seus relatos sobre Mercúrio, Tomo IV, Encyclopédie Magnétique, página 20.*)

2. Podemos dizer que todos os globos estão conectados entre si, ainda que pareçam formar grupos separados a olho nu.

Essa conexão ocorre por meio de trocas de absorção e emissão mútua de energia.

3. O Espírito Galileu mostrou a Ravet um plano do universo.

Segundo o clarividente, esse plano consistia em um conjunto de círculos interligados, dispostos uns ao lado dos outros e sobrepostos.

4. Mas quem une todos esses globos?** Perguntou Galileu a Ravet.

Se não fosse dessa forma, o que os manteria conectados?

Cada globo contém em si um pouco de todos os outros globos, devido a essa cadeia de interações e trocas recíprocas.

2ª Lei: A Ilusão dos Raios Luminosos

5. Pode-se argumentar que os raios de luz e as trocas de energia entre os globos parecem ocorrer em linha reta, e, portanto, seria difícil aceitar que, na verdade, ocorrem em trajetória curva.

A resposta para isso é simples:

O círculo de cada globo é tão vasto que sua luz, ainda que emitida em linha curva, parece se propagar em linha reta para o observador.

6. O erro dos astrônomos por tanto tempo foi ver os círculos celestes apenas em uma dimensão, quando, na realidade, eles se estendem em todas as direções.

3ª Lei: O Homem e o Conhecimento do Cosmos

7. A vida humana é curta demais para permitir um estudo profundo dessas questões.

Séculos e eternidades mal seriam suficientes para compreendê-las por completo.

Quando o homem finalmente começa a compreender algumas dessas leis, ele passa do mais absoluto desconhecimento para a mais profunda admiração.

Nesse momento, ele percebe que está destinado a ocupar um lugar dentro da grande obra divina.

Mesmo sem ser seu regulador, ele se torna uma fração dessa regularidade universal.

Embora não possa alcançar o poder divino, ele pode atingir vastos conhecimentos e uma sabedoria tão elevada que sua comunicação com os humanos da Terra se torna impossível.

Nesses casos, sua conexão com os homens só pode se dar através de intermediários, pois sua linguagem e suas aspirações são completamente diferentes das terrenas.

Quando um sábio terrestre descobre, por meio da meditação e da pesquisa persistente, fragmentos das grandes leis que governam o universo, ele só o faz porque essas verdades foram transmitidas a ele por espíritos superiores.

Pois estejam certos de que é preciso uma eternidade para decifrar o livro das leis da criação de Deus.

4ª Lei: A Estrutura dos Sóis e dos Globos

8. Existe uma correspondência semelhante entre os sóis.

Embora cada sol seja o centro de um sistema próprio, todos fazem parte de um círculo sem limites, composto por sóis interligados.

Imaginem uma quantidade infinita de círculos interligados, expandindo-se até um limite desconhecido.

Dentro desse círculo infinito, alguns sóis possuem circunferências maiores e contêm um número maior de globos orbitando ao seu redor.

Os sóis maiores estão localizados nos limites mais afastados do universo conhecido, enquanto os menores estariam mais próximos do centro – se é que há um centro.

9. Os globos (ou planetas) que giram em torno de um sol se relacionam com ele da mesma maneira que a Lua se relaciona com a Terra.

Podemos, portanto, dizer que esses globos são como as luas de seus sóis.

10. Os sóis e seus globos trocam constantemente energia e matéria entre si, garantindo assim a regularidade e a conservação do equilíbrio universal.

Isso acontece porque uns são mais quentes ou mais frios, mais brilhantes ou mais opacos que outros.

A aliança entre os sóis tem o propósito de manter essa harmonia, pois o equilíbrio do cosmos não pode permitir excessos nem carências; tudo é distribuído de acordo com as necessidades do Todo.

5ª Lei: A Origem dos Sóis e a Teoria de Swedenborg

Qual é a verdadeira natureza dos sóis?

O senhor concorda com a teoria do Espírito Swedenborg, segundo a qual os sóis não são corpos físicos em si, mas apenas emissões luminosas de um sol primordial, um "sol espiritual"?

Swedenborg afirma que esse sol espiritual está localizado em um plano indescritivelmente elevado e que seus raios atravessam todos os globos, penetrando até os confins mais distantes da criação.

Segundo ele, nosso Sol — por exemplo — seria apenas uma concentração maior desse feixe de luz, que, ao passar por junções de globos, se projeta como uma fonte de calor e luminosidade.

Isso seria como a luz atravessando as frestas de uma porta mal fechada, criando a ilusão de um foco central, quando, na realidade, não passa de um fragmento desse "sol espiritual".

Continuação das Revelações do Espírito Galileu

R. *Não posso afirmar que os sóis sejam globos idênticos aos outros, feitos da mesma substância. Ao contrário, acredito que não são materiais, e, portanto, não são habitados por seres materiais.*

Acredito que os sóis são globos compostos de uma substância mista, entre o material e o espiritual. Eles são uma etapa no caminho da elevação e purificação dos Espíritos. São como estações na grande estrada eterna.

A Natureza do Conhecimento Humano

e a Memória do Passado

O senhor disse que são necessárias eternidades para conhecer a obra de Deus. Mas, ao longo dessas longas e difíceis investigações, o homem não corre o risco de se perder? Ele não se sentiria aniquilado diante do mistério do seu próprio "eu", do seu passado?

Jamais!

O passado do homem é como as letras do grande alfabeto do conhecimento. Ele é um vasto armazém, de onde a alma extrai sua observação para compor e interpretar o futuro.

No entanto, se existimos desde toda a eternidade, devemos ter um passado. Mas não temos memória dele, e, portanto, não podemos fazer comparações com ele. Como isso se explica?

Sim, vocês têm um passado. Mas um passado sem vibração de aprendizado.

O estado material é a primeira letra do alfabeto do conhecimento humano. É com essas letras – ou seja, com esses incontáveis estudos que lhes estão reservados – que vocês irão formar sílabas, palavras, frases, proposições e, por fim, soluções.

Vocês não podem excluir uma única dessas letras sem perder imediatamente a compreensão dessa linguagem do saber. Portanto, a primeira letra é tão essencial quanto a última. Seu estado material, que é o "A" desse alfabeto, é indispensável para que possam contribuir com sua parte na construção dessas soluções.

Nada, absolutamente nada, no seu existir pode ser descartado ou perdido.

Interlúdio e Reflexão sobre o Conhecimento Cósmico

Permita-me refletir sobre suas palavras e preparar algumas perguntas a esse respeito. Posso também apresentar as questões que nosso irmão Lecocq deseja lhe submeter?

Responderei conforme meu conhecimento.

(Aqui termina essa sessão, que merece ser meditada e talvez complementada posteriormente.)

Nota do Autor:
No início, pensei que nosso amigo M. Lecocq desejasse dirigir suas perguntas ao Espírito Galileu. No entanto, esse estudioso preferiu submetê-las ao Espírito William Herschel. Essas questões serão apresentadas adiante.

TERCEIRA SESSÃO

Data: 7 de maio

Na sessão seguinte, pedi a Ravet que chamasse a atenção do Espírito Galileu para a leitura em voz alta da ata da última sessão. Solicitei que ele excluísse qualquer ponto que considerasse inadequado ou impreciso.

Quando cheguei à oitava proposição, Galileu pediu para complementá-la com as seguintes palavras:

“O Sol, sendo a alma, a vida e o regulador dos planetas que o cercam, está continuamente em relação com eles por um efeito de emissão, que os mantém a uma distância necessária para essa relação.

Mas a emissão e a troca que esses globos fazem, como forma de compensação, tendem, ao contrário, a atraí-los cada vez mais para ele.

Portanto, é uma combinação harmoniosa que mantém esse equilíbrio de forças.

Se um globo absorvesse mais do que devolve, isso causaria desarmonia em todo o sistema. Essa desigualdade de ação levaria à fusão de todos os globos em um único corpo celeste.

Mas isso não pode acontecer, pois a troca entre eles é proporcional e sempre garantida.”

A Existência de Seres no Sol

Na nona proposição, Galileu pediu para completar sua resposta da seguinte forma:

“Não posso garantir que os Espíritos que habitam o Sol sejam os mesmos que vêm da Terra.

O que posso garantir é que todos os espaços do universo são habitados. Isso me leva a dizer que o Sol também deve ser habitado por Espíritos, assim como qualquer outro local do cosmos.

Mas quem são esses Espíritos? Isso eu não posso afirmar. A Terra, em relação ao Sol, é como a matéria em relação ao gás. Assim como vocês não podem segurar o gás com as mãos, também não podem compreender a substância do Sol. Os seres que habitam o Sol devem estar tão distantes da humanidade terrestre quanto o horizonte mais longínquo está do ponto de vista do observador. Eu quase ousaria dizer que eles devem ser Espíritos divinos, se comparados aos Espíritos terrenos.

Oh, meu amigo, não toquemos nessa questão! Não sei quando nos será permitido estudá-la.

Ainda estamos longe do estágio necessário para compreendê-la. Respeitemos, respeitemos aquilo que ainda não conhecemos.

Não é suficiente reconhecer que devemos tudo a esse astro, sem exigir saber mais do que isso?

Ah, conhecer os Espíritos que habitam o Sol está muito além do nosso domínio atual.”

Reflexão do Espírito Galileu sobre o Conhecimento Humano

Ravet observou que essa questão colocou o Espírito Galileu em um estado profundo de meditação e admiração. Ele acrescentou que o respeito de Galileu pelo Sol era quase divino. Em complemento, Galileu acrescentou:

“Sim, o homem, em primeiro lugar, está num estado de sono: ele ignora, busca, deseja.

No segundo estágio, ele entra em vibração: age, pensa, combina, conclui, adquire, acumula e armazena meios de observação para o futuro.

No terceiro estágio, ele revela o que aprendeu, analisa, vê e julga sob uma nova perspetiva.

Ele diz para si mesmo: ‘Ora, eu que acreditava que isso era assim! Oh, isso é impressionante! Isso não é sequer crível! Mas cada coisa está em seu devido lugar, a serviço de um propósito maior. Quem teria imaginado isso? Quem sequer teria suspeitado?

Mas então... Quem foi o ser que organizou, classificou e harmonizou todas essas coisas?’

A essa grande questão, segue-se a admiração, o respeito, o amor e a serenidade...

Esse terceiro estágio da existência humana é eterno, pois conduz a uma busca incessante pelo saber.

Cada nova descoberta é uma felicidade, uma alegria, uma bem-aventurança renovada.

É o infinito... É o infinito!..."

O Destino da Humanidade e a Ordem Universal

O senhor fala da humanidade como um ser pensante e estudioso. Mas e quanto à maioria dos seres humanos?

Refiro-me ao homem primitivo, ao camponês enclausurado no campo, ao banqueiro enclausurado em seu escritório, ao idiota, ao louco, àqueles que não conhecem e nem querem conhecer Deus, o céu, a Terra, a virtude, a fraternidade ou o propósito da vida?

O que acontece com essas almas?

R. *Pode haver condenados na obra de Deus?*

Cada um já não ocupa seu devido lugar dentro das grandes cidades da humanidade?

A hora de despertar de um é a hora de descanso do outro. Isso a torna menos necessária?

Os ricos e os pobres não são estimulantes uns para os outros na busca pelo bem-estar de todos?

Os problemas e os sofrimentos não são as lições que guiam a prudência e a segurança das sociedades?

Não, meu amigo. Não há condenados na obra de Deus. Aquilo que um homem não aprende com um mestre, ele aprenderá com outro.

Aquilo que foi reservado para amanhã é aquilo que deveria ter sido aprendido hoje.

Tudo acontece no seu devido tempo. Tudo se manifesta e vibra na sua própria hora. Tenham certeza disso.

As Relações dos Globos com os Habitantes do Cosmos

D. O senhor nos descreveu as relações entre os globos. Mas essas relações também se estendem aos seres que os habitam?

Os homens não são os corpúsculos dos globos que habitam? Os globos podem sofrer alguma influência sem que tudo o que os toca não sinta essa influência?

Saibam, portanto, que a solidariedade no universo é perfeita e que todas as suas partes estão sujeitas a essa interdependência.

Os Globos e a Influência sobre os Órgãos do Corpo Humano

O que quero perguntar é se, como os antigos acreditavam, os globos do nosso sistema planetário possuem relações diretas com cada um de nós, influenciando os órgãos do nosso corpo. Por exemplo, Saturno estaria ligado ao baço, Júpiter ao fígado, Marte ao estômago, o Sol ao coração, Vênus aos rins, Mercúrio aos pulmões e a Lua ao cérebro. Essa conexão poderia permitir a extração de fluidos desses globos para restaurar a harmonia do corpo humano, quando necessário?

Os vínculos entre os globos do seu sistema são tão bem estabelecidos que funcionam automaticamente, nos tempos e momentos certos.

Quando seus órgãos se veem privados dos fluidos que lhes são essenciais, é porque estão emitindo esses fluidos em excesso, sem absorvê-los com a mesma intensidade.

O mesmo ocorre com aqueles que acumulam fluido em demasia: isso significa que absorvem mais do que emitem. Mas como todo recipiente só pode conter o que cabe dentro de sua capacidade, chega um momento em que, estando vazio, ele se enche; e, estando cheio, ele transborda.

Assim, essa troca de fluidos e essa interconexão entre os globos sempre acontecem e não podem deixar de existir.

Os Antigos e a Divinização dos Astros

Os antigos levaram essa relação ainda mais longe e chegaram à divinização dos astros. O paganismo é uma prova incontestável disso. Eles acreditavam que os globos eram deuses ou moradas de deuses, associando-os também aos elementos da natureza, às forças produtivas do mundo e até às conceções humanas.

Isso demonstra uma tentativa de estudo filosófico sobre as relações do universo em suas diferentes divisões?

Os povos pagãos, como todos os povos primitivos, eram mais entusiastas do que observadores criteriosos. Eles exageraram no respeito que tinham pelos astros e na intuição que sentiam da relação entre os astros e o homem. Eles deveriam ter se limitado ao estudo dessas relações, sem cair na adoração dos astros nem em sua própria divinização.

É verdade que os astros são parte de Deus, e que devemos a eles nossa admiração e respeito. Mas não podemos ver Deus completo neles, nem podemos individualizar cada parte da criação divina e transformá-la em um deus separado. Isso não une a questão, mas a fragmenta. No entanto, os pagãos estavam mais próximos da verdade do que os cristãos em suas conceções religiosas. Os pagãos adoravam e respeitavam algo visível, real e grandioso, digno da admiração humana. Os cristãos, por outro lado, oferecem aos homens apenas uma história, um conto.

Quarta Sessão (14 de maio)

Nesta sessão, li para o Espírito Galileu a ata da última sessão.

Ele aprovou completamente seu conteúdo, mas ao chegar à oitava proposição, exclamou:

"O que os homens dirão ao saber disso?"

Os Cometas e os Laços que têm com os Outros Globos

Se, como nos disse, existe uma relação estabelecida entre todos os globos e entre estes e seus habitantes, as cometas também possuem essa conexão com os globos?

Certamente! Mas essa relação apresenta certas diferenças.

Os cometas são globos organizados em círculos próprios, mas a dimensão desses círculos nos é desconhecida.

Elas também descrevem órbitas circulares, mas esses círculos são imensamente vastos e atravessam todos os círculos dos outros globos.

Ao dizer que as cometas atravessam esses círculos, quero dizer que elas os influenciam, os conectam e os fortalecem em um vínculo maior.

Os Cometas e as Transformações na Terra

Se as cometas atravessam os círculos dos outros globos, então deve haver trocas de energia entre elas e o restante do universo?

Sim! Mas essas trocas não são iguais para todos os globos.

Cada globo não devolve sempre à cometa o mesmo que recebe dela.

Por exemplo, a Terra praticamente nada oferece às cometas ou, se oferece, é algo insignificante. Por outro lado, a Terra recebe muito delas.

Os Cometas Influenciam Guerras e Epidemias?

D. Pergunto isso porque os antigos acreditavam que os cometas podiam desencadear eventos importantes na Terra, como revoluções, guerras e epidemias. De acordo com essa teoria, a influência dos cometas poderia afetar o espírito humano, levando as nações ao caos. Isso é verdade?

Vocês não podem atribuir diretamente a essas influências cometárias a causa dessas grandes convulsões. Isso porque as guerras e epidemias possuem ciclos próprios, sujeitos a datas e condições que não nos é permitido compreender por completo. Para entender suas causas reais, precisaríamos remontar às causas das causas, algo que nenhum ser deve buscar ou esperar descobrir. No entanto, é verdade que as cometas são sinais, avisos, vibrações iniciais de grandes transformações.

Os Cometas Absorvem as Almas das Guerras e Epidemias?

Se a Terra perde tão pouco para as cometas, não poderia esse "pouco" incluir as almas dos que partem em massa durante guerras e epidemias?

Os Cometas e a Absorção de Almas da Terra

Após um momento de reflexão, o Espírito Galileu exclamou:

"Ah! ah! Esse sistema não seria ruim, se fosse admissível! Seria um meio como outro qualquer de transferir seres de um globo para outro. Mas isso não pode acontecer dessa forma, pois o salto seria muito alto e muito brusco.

Não devemos ver nessas absorções das cometas nada além de uma troca de fluidos necessária entre os corpos envolvidos."

Os Cometas e a Elevação das Almas da Terra

Não sugiro que as almas da Terra sejam transportadas diretamente para os cometas sem um processo progressivo e sucessivo de elevação. Mas, e se apenas as almas mais evoluídas da Terra fossem para os cometas, facilitando assim o povoamento dos planos espirituais mais próximos da Terra com as almas que partem?

R. *Não, não é assim que acontece.*

A influência dos cometas sobre o seu globo se restringe a espalhar na atmosfera terrestre um certo grau de calor e fluidos estimulantes, que são responsáveis por ativar a vibração de certos germes latentes no mundo.

Os Cometas e o Início de Conflitos e Epidemias

No entanto, nos dias de hoje, estamos prestes a iniciar uma guerra que, aparentemente, deverá agitar profundamente as regiões do globo onde ocorrerá. Mas, neste momento, não há nenhum sinal de inquietação. Pelo contrário, um calma quase perfeita parece reinar em todos os corações. Seria possível que essa guerra acontecesse de forma pacífica, "com luvas brancas"?

(Nota: Aqui o médium faz referência à Guerra da Itália contra a Áustria em 1859.)

Oh! Não se engane! Diga que essa guerra será feita com luvas vermelhas.

As agitações causadas pelos germes de que falei sempre começam com um grande período de calma, ao qual seguem inquietação, agitação e fúria.

No início, é porque a alma já sabe o que o corpo ainda ignora. Ela reflete sobre os horrores e as consequências tristes da guerra.

Seja pela guerra ou pela epidemia, a alma pressente a perda de pais, amigos ou conhecidos e as dores que virão.

Então, ela clama por justiça. Mas, enquanto isso, os germes da transformação continuam a se espalhar. Eles circulam pelo sangue, que muda seu estado devido às influências espirituais que mencionei.

Nesse ponto, os pensamentos que rodeiam esses germes são aquecidos pelo fogo do sangue, sentindo sua agitação, sua ira, sua resistência e seu caos. E assim, desse estado, surgem a guerra e a transformação da alma e do corpo.

Os Cometas e o Destino da Humanidade

Esses germes da guerra e da epidemia vêm diretamente das cometas?

Não, vocês não devem às cometas a criação desses germes. Apenas devem a elas a sua ativação.

Os Cometas Como Presságio dos Grandes Acontecimentos

Se as cometas ativam esses germes, isso significa que sua chegada ao nosso sistema planetário faz parte de uma espécie de ordem ou planejamento desses eventos?

Não, elas não trazem uma ordem. Elas são apenas o aviso do que está por vir.

Ps Cometas Enquanto Mensageiras Celestiais

Mas isso equivale a um comando divino, não?

Esses astros me parecem mensageiros, como correios cósmicos, que anunciam a chegada de uma vontade superior, determinando o que deve acontecer.

Não é bem assim...

Nesse momento, Ravet não compreendeu claramente as palavras do Espírito Galileu.

Com receio de que não fosse realmente ele quem estava presente, Ravet ordenou que o espírito se retirasse, invocando o nome de Deus, e declarou:

"Se você não é quem diz ser, se estiver aqui para nos enganar, saiba que não forçamos nenhuma instrução e não queremos alterar a verdade de nenhuma maneira!"

Mas o espírito permaneceu e respondeu com sua habitual benevolência:

"Sou eu, sim, Galileu. Sou eu quem vos responde. E creio estar vos dizendo toda a verdade que conheço."

"Não, os cometas não criam esses germes. Não, elas não trazem a ordem para sua ativação. Elas são apenas precursoras dessa ativação, que ocorre segundo ciclos de vibração próprios, assim como os cometas têm seus próprios ciclos para aparecer diante dos seus olhos."

O Papel dos Cometas no Equilíbrio do Cosmos

Você nos disse que os cometas dão mais à Terra do que absorvem dela. Como elas compensam o vazio deixado por essas emissões?

Elas estão constantemente em comunicação com os círculos das esferas dos outros globos.

Dessa forma, depositam em um globo aquilo que absorveram de outro e, assim, mantêm a harmonia universal. Já falei sobre isso antes.

A Cauda dos Cometas e o Processo de Troca Energética

Elas próprias também se equilibram, regulam-se e garantem sua própria existência através dessas trocas. O presente que os cometas oferecem aos globos é visível através da cauda luminosa que deixam para trás. Vocês chamam isso de "cauda do cometa", mas ela não é composta de nada diferente da atmosfera de todos os globos. Apenas possui um brilho e uma luminosidade muito maiores. Sem esse brilho, vocês não poderiam vê-la. A cauda também possui um grau muito elevado de calor. A velocidade com que os cometas percorrem o espaço cria essa esteira fluídica, que os círculos do sistema solar absorvem.

A Origem da Luminosidade das Cometas

Onde os cometas encontram os meios para acumular tanta luz e calor?

Elas adquirem essa energia através do contato com um número muito maior de sóis do que seu globo pode alcançar.

Os cometas estão muito mais próximos de vários sóis do que a Terra está do seu próprio sol, embora sua órbita seja muito maior que a da Terra.

É durante essa imensa jornada pelo espaço que elas encontram vários sóis e recebem deles o calor e a luz necessários para realizar suas trocas energéticas.

Os Cometas São Planetas Materiais Como a Terra?

D. Você acredita que os cometas são planetas físicos, globos materiais como o nosso?

Sim.

Os Cometas São Transparentes?

Recentemente, foi relatado que uma estrela foi vista distintamente através do núcleo de um cometa, sugerindo que ela pode ser transparente ou composta por uma matéria muito rarefeita. Isso é possível?

As pessoas acreditaram que estavam vendo através do núcleo do cometa, mas estavam enganadas. É assim que muitos erros foram cometidos na astronomia.

Pense bem: um ponto tão distante de seu globo quanto o núcleo de um cometa, especialmente visto por seus instrumentos óticos limitados, será pequeno o suficiente para que uma estrela, localizada ainda mais distante e alinhada com as bordas do cometa, pareça estar dentro de seu núcleo.

Isso não significa que o núcleo seja transparente. É apenas um efeito de perspetiva.

Os cometas são corpos sólidos.

Os Cometas São Habitadas?

Você acredita que os cometas são habitados por seres semelhantes a nós?

Não creio nisso. Mas não posso fornecer informações precisas sobre esse assunto.

Investigação Futura sobre os Cometas

Poderia investigar essa questão e nos dar uma resposta no futuro?

Sim. Diga ao Sr. Cahagnet que irei estudar esse tema e, no momento oportuno, compartilharei o que descobrir com ele.

Mas, até lá, como ele é alguém que nunca fica sem perguntas para tratar, vamos nos ocupar de outros assuntos por enquanto.

Observações sobre as Sessões

Muitas pessoas podem achar que essas sessões são curtas, apesar de cada uma delas durar quase duas horas.

Meu objetivo é apresentá-las ao público da forma mais pura possível, removendo tudo o que pode ser fruto apenas da minha interpretação pessoal.

Para isso, preciso ler os registros das sessões para o Espírito Galileu, garantindo que as informações foram corretamente compreendidas e transcritas.

Isso consome tempo, pois cada proposição leva a novas observações e explicações, algumas das quais reservo para mim mesmo, pois servem apenas para minha própria compreensão.

Além disso, Ravet, que atua como intermediário nas comunicações, mantém toda a reserva e ceticismo necessários para garantir a maior autenticidade possível das respostas.

Esse cuidado nos faz perder tempo, mas ao mesmo tempo nos dá mais segurança nos conhecimentos que recebemos.

QUINTA SESSÃO (28 de maio)

Na sessão seguinte, perguntei ao Espírito Galileu se a leitura dos registros das sessões o incomodava.

Ele respondeu com bondade:

"Sempre devemos proceder dessa maneira."

Correções e Complementações das Respostas Anteriores

Na primeira resposta da sessão de 14 de maio, o Espírito pediu que adicionássemos a seguinte frase:

"... e os regula."

Na segunda resposta, ele acrescentou:

"O vosso globo, sendo ele mesmo uma espécie de núcleo, perde muitos de seus fluidos para a Lua, que extrai dele o que ele não transfere aos cometas."

Na terceira resposta, ele pediu para corrigirmos a frase:

Em vez de "Não creio nisso", ele disse que deveríamos escrever:

"Não sei."

O Mistério do Anel de Saturno

Desde suas novas investigações, o senhor adquiriu conhecimentos positivos sobre a existência e a natureza do anel de Saturno?

Ah! Aqui estão novamente os homens da Terra com seu famoso anel de Saturno!

Mas saibam que Saturno não tem mais anel do que a Terra tem!

Aquilo que vocês tomam por um anel não passa do reflexo de um círculo atmosférico de outro planeta, dentro do qual Saturno está inserido.

Esse reflexo aparece alinhado com a sua visão e engana seus olhos, assim como engana todos os seus instrumentos óticos.

A posição desse círculo pode ser comparada a um ângulo agudo, enquanto a Terra, em relação a ele, pode ser comparada a um ângulo de 45 graus.

O Desaparecimento e o Retorno do Anel de Saturno

No entanto, dizem que esse anel desaparece e reaparece em diferentes momentos. Como isso pode acontecer?

Ele não pode desaparecer, pois não existe! O que acontece é que esse círculo atmosférico no qual Saturno está inserido se afasta ou se aproxima do planeta conforme ele se move em sua órbita. Isso faz com que ele se torne mais ou menos

visível da Terra. Para entender melhor, imagine um barril colocado de lado, de modo que apenas sua borda fique visível.

Agora, suponha que um dos bordos desse círculo atmosférico se entrelace com um círculo atmosférico de outro planeta. Isso criaria a ilusão ótica de um anel flutuante, que reflete a luz solar de forma intensa por causa de sua posição paralela.

Os Mistérios das Constelações

O que são exatamente as estrelas gêmeas? O que podemos dizer sobre as chamadas estrelas gêmeas e outros grupos de estrelas que parecem estar muito próximas umas das outras? A disposição delas nos dá a impressão de que operam dentro do mesmo campo esférico de influência. Isso é real ou apenas uma ilusão?

Isso é mais uma ilusão de ótica. As duas estrelas que mencionam, na verdade, estão muito distantes uma da outra, embora pareçam estar alinhadas paralelamente ao ponto de vista terrestre. Para ilustrar essa ideia, imagine que uma das estrelas tem o tamanho da Terra e a outra o tamanho da Lua. A mais distante delas é também a maior, e, por causa dessa distância, parece ter o mesmo tamanho da menor. Se vocês estivessem no espaço, olhando para a Terra e para a Lua, também teriam a mesma impressão: pareceriam ter tamanhos iguais e estar próximas uma da outra.

O nosso sistema planetário é composto por mais de sete planetas?

Tem! Além dos planetas que vocês conhecem, podem adicionar dois planetas a mais, totalizando nove planetas. Esses dois planetas desconhecidos são chamados Stuabon e Eucxide.

Os Planetas Invisíveis Fazem Parte do Nosso Sistema?

Se não conseguimos ver alguns planetas, isso significa que eles não pertencem ao nosso sistema planetário?

Vocês nunca compreenderão completamente o seu sistema planetário enquanto continuarem a classificá-lo em um plano bidimensional, como fazem atualmente.

Saibam que a Terra está posicionada na borda de um vasto sistema, e sua localização limita a visão dos planetas dentro da circunferência do seu próprio plano orbital.

A Terra Está na Borda do Sistema Solar

Para entender melhor a posição da Terra no sistema solar, faça o seguinte exercício mental:

Pegue uma maçã e corte-a horizontalmente em quatro fatias iguais. Cada uma dessas fatias representa um cinturão de planetas dentro do sistema solar. Agora, coloque a

Terra na borda da menor das fatias. Imagine que essa borda representa um dos polos do sistema solar.

Dessa forma, a Terra não consegue ver todos os planetas do sistema, pois sua perspectiva está limitada ao seu próprio plano orbital.

Os planetas invisíveis para nós estão localizados em órbitas superiores ou inferiores, pertencentes a outros cinturões planetários.

O Universo é uma Estrutura Encaixada de Esferas

O que chamamos de sistemas estelares e sistemas planetários não são entidades separadas, mas sim uma grande rede interconectada de esferas orbitais.

Cada sistema se entrelaça com os demais, formando camadas sobrepostas de globos e órbitas. É um conjunto de esferas engrenadas umas nas outras, como uma série de bolas encaixadas e interligadas.

Existem Sistemas com Mais ou Menos Planetas?

Existem sistemas planetários que contêm mais ou menos globos do que o nosso?

Oh! Eu não posso responder a essa pergunta com precisão! Esse estudo é muito mais vasto do que o estudo das almas e do mundo espiritual. Ninguém pode compreender completamente a totalidade dos mundos e suas populações. Se os cometas fazem parte dessa estrutura universal, imagine a complexidade dos sistemas aos quais elas pertencem e tente calcular suas subdivisões! Seria mais fácil para um simples inseto na Terra compreender todos os continentes e oceanos do seu planeta, do que para um espírito compreender todos os recantos do universo. Não vamos tão rápido nem tão longe... Os séculos mal são suficientes para iniciar esse estudo. Imaginem quanto tempo levaria para concluí-lo!

A Terra e Sua Capacidade de Exploração Cósmica

A Terra, por sua posição, movimento ascendente e descendente, rotação em 24 horas e translação ao redor do Sol, não deveria ter uma visão precisa do universo? Mesmo que não conheça os detalhes, ela não deveria pelo menos ter uma perceção global do cosmos?

Os observatórios astronômicos de Paris e dos seus antípodas* registram diferentes porções do céu, mas ainda assim são limitados pelo alcance das órbitas da Terra.* Cada círculo orbital da Terra define quais globos podem ser vistos e quais permanecerão invisíveis. Muitos globos simplesmente não podem ser detetados, porque estão posicionados além da perspetiva da Terra dentro de sua órbita.

Reflexão Final de Ravet

Essa sessão pode parecer curta, mas nos custou duas horas de estudo intenso.

Ravet enfrentou dificuldades para expressar verbalmente o que sentia e compreendia intuitivamente.

Ele percebeu muito mais do que conseguia descrever.

No final da sessão, exausto e reflexivo, ele exclamou:

"Para que nos serve tocar nesses mistérios?"
"O que realmente ganhamos ao saber tanto?"
"Estamos realmente avançando?"
"Temos algum ponto de apoio para descansar e sentir segurança nesse conhecimento?"
"Não! Quanto mais aprendemos, mais percebemos o quanto somos ignorantes."
"Quanto mais descobrimos, mais sentimos que não sabemos nada."
"E quanto mais buscamos o saber, mais nos afundamos na confusão do conhecimento."

Oh! se Deus ainda estivesse ali, em algum canto, para nos estender a mão e nos provar, assim, que não estamos no caminho errado na corrida que fazemos em sua direção, na aspiração que manifestamos de conhecer e louvar o autor de coisas tão grandes e tão complexas! Mas não; Deus próprio é o desconhecido, para sempre, talvez! já que suas obras, que deveriam conduzir a Ele, parecem levar apenas à complicação ou à negação do saber. Ah! que cansaço! Onde está, então, o lugar de repouso, a relva querida, pela qual aspiro com todo o meu coração, para ali depositar todas as dores desta vida terrestre e atrair para minha alma, com toda a possível atração do reconhecimento, um raio de amor, um raio benéfico, um raio divino, que expulse para sempre a dúvida do saber, e faça germinar para sempre o bem-estar da humildade e da inocência?

Oh! irmão, a bem-aventurança da admiração não pode ser uma palavra vã! Minha pobre cabeça repousando sobre um tufo sedoso de musgo espiritual; um céu sobre mim, um céu sob mim, um céu aos meus lados e o maior dos céus no meu coração, que é o amor por Deus. Sim, sinto que estarei melhor do que neste assento, na busca do porquê e do como, das relações entre os globos! Será em breve!... Eu sei, não estarei doente por muito tempo; já me foi dito várias vezes!... ela me espera!... Oh! dia feliz!...

Não posso dizer mais nada por agora. Essas últimas palavras de Ravet são toda uma história, cujo segredo repousa, até nova ordem, em meu coração; é tudo o que soube de mais consolador e mais digno de ser conhecido, em todas as revelações que me foram feitas até hoje.

SEXTA SESSÃO

Em 4 de junho de 1859, o Espírito Galileu não encontra nada a corrigir na última ata. Ele simplesmente acrescenta estas palavras à leitura da quinta proposição:
"Isto dará o que pensar."

Estou bastante embaraçado em continuar minhas perguntas, pois tenho tão poucas noções sobre a nobre ciência que tratamos, que ficaria mais feliz em ouvi-lo do que em questioná-lo.

Só posso responder às suas perguntas, ignorando até que ponto compreenderia meus estudos.

Bem, de suas proposições resulta que existem influências de globo a globo, e de sistema planetário a sistema planetário, assim como observamos em nosso próprio sistema pelas influências do Sol e da Lua. Influências são toques, seja pelo que for, por um corpo mais ou menos separado do corpo tocado, toques que produzem ou alteram sensações. Você vai mais longe, ao admitir correções, trocas, regularizações. Corrigir é deslocar, adicionar ou retirar; trocar é dar e receber; regularizar é medir, acrescentar ou transpor de lugar.

As trocas entre os corpos são, para mim, em tudo, semeaduras de utilidades para os corpos que trocam; utilidades só podem ser meios de vibração de coisas novas para esses corpos; meios de vibração só podem pertencer a corpos que tenham o poder de operar ou produzir o que os corpos que as adquirem não podiam fazer ou produzir.

O poder de operar e produzir supõe vida, o saber dispor e agir no ser operante. Encontramo-nos, assim, diante da vida dividida da natureza, que não poderia trocar ou transpor qualquer coisa que se tornasse sensível, se essa coisa não fosse sensível por si mesma; portanto, chegamos à conclusão de que, por meio dessas trocas, depositamos em outros globos meios de manifestações que nos pertencem, o que me parece bastante comparável a uma troca de produtos entre centros e colônias, e que me leva inevitavelmente, como na última sessão, a admitir que as almas humanas podem estar tão bem compreendidas nessas trocas quanto as almas etéreas de outros reinos do nosso globo.

O Espírito Galileu exclama de imediato:
"Oh! como você vai longe!... Eu já havia pressentido, já havia pensado nisso; mas... mas... como resolver? Como estudar e afirmar isso? No entanto, deveria ser como você diz... Adiemos esse estudo para quando analisarmos os cometas; quando estiver em condições de responder-lhe, o farei. Oh! veja onde o estudo da natureza nos conduz. Até hoje, limitei-me à forma, à classificação dos globos e às suas relações entre si; mas nunca estudei a vida dessas relações. É imenso! É IMENSO!"

Já que é tão benevolente a ponto de querer ocupar-se dessas questões, não as complico mais; aguardarei com prazer sua solução.

O Espírito Galileu parece muito satisfeito com essa contenção e confiança de minha parte; ele me deixa, diz Ravet, apertando-me a mão. Passamos a outros estudos, este vidente e eu, estudos que oferecem pouco interesse ao leitor.

Numa sessão posterior, pensei que era inútil chamar o Espírito Galileu para fazer-lhe a leitura da ata desta sessão, visto que as duas únicas respostas que ele deu são textuais
e sem importância; portanto, li-a ao vidente Ravet, que reconheceu sua exatidão.

Enquanto aguardamos a continuação desses interessantes estudos,proponho-me a abrir outros, de outra natureza, com o Espírito Franklin.

Alp. Cahagnet

EVOCAÇÃO DO ESPÍRITO WILLIAM HERSCHELL

SESSÃO DE 7 DE AGOSTO DE 1859

Continuação das perguntas dirigidas pelo Sr. Lecocq. Quando o Espírito Herschell está presente e pronto para responder às seguintes questões, eu as coloco assim:

O que são as estrelas? Como chega sua luz aos nossos olhos?

São globos materiais, mas suponho que nem todas sejam habitadas; mais tarde, direi o porquê dessa suposição. A luz das estrelas não é a mesma que a do Sol, pois esta última não é uma luz material, enquanto aquela o é. É uma luz por raios e emprestada... Trata-se de um efeito de ótica, o que a torna contínua e direta... Representa-se a estrela com ramificações, o que corresponde muito bem, figurativamente, à maneira como refrata a luz que recebe... O Sol é completamente diferente, ele ilumina em massa, ao infinito; mas as estrelas, que eu chamo de gigantes da imensidão, não têm nada em comum com a luz solar... A Terra recebe essa luz atômica como uma relação de trocas entre globos; mas essa luz não tem a mesma virtude da luz do Sol, no que diz respeito à matéria.

Se os homens pudessem se transformar em árvores ou em pedras, saberiam mais sobre as relações das luzes dos globos entre si do que no estado animal em que vivem. Essa luz é mais utilizada pelos dois reinos do que pelo seu. Estes últimos conhecem muito bem essas relações. Costuma-se ver a luz apenas como um meio de iluminação para agir, viajar, etc., mas ela tem uma utilidade muito maior do que essa; os reinos que cito sabem melhor apreciá-la e dispor dela; servem-se dela para tentar elevar-se a uma luz mais pura e completa; mas são impedidos de ir mais alto porque a Terra, à qual pertencem, sofreria e se enfraqueceria indubitavelmente...

Existem leis que impedem essas disjunções e as reagrupam, com o único objetivo de conservar cada coisa em seu lugar e volume... A luz das estrelas tem grande dificuldade em atravessar as camadas atmosféricas que a separam de vocês; por isso, lhes aparece fina e tênue; mas, repito, essa luz, sendo uma luz emprestada, não é comparável à do Sol.

O senhor ainda acredita que, nas nebulosas, o núcleo e a claridade circundante formam um sistema à parte?

Não posso responder a essa questão, pois, no momento, estou estudando um sistema contrário ao que antes afirmei sobre isso; não tendo certeza sobre este último, não posso me pronunciar.

O senhor ainda acredita que assistimos ao nascimento de novos sóis e novas estrelas?

Se fosse assim, de onde eles viriam? Viriam, então, das nebulosas; pois acredito que estas são a substância da matéria, que são globos em estado de eclosão, mas não posso afirmar essa proposição.

Existem vulcões lunares?

Todos os corpos que contêm calor estão sujeitos a erupções; mas não temam nada, eles não cairão sobre suas cabeças.

Existe possibilidade de determinar a distância da Lua?

Aproximadamente, sim; mas medi-la como se mede um quilômetro, não. Com base em seu movimento, pode-se chegar a uma estimativa.

O senhor ainda acredita que os cometas são corpos luminosos por si mesmos?

Os cometas e as nebulosas serão, por muito tempo, o tormento dos astrônomos... São duas das questões menos estudadas e menos conhecidas. Os dados que temos sobre elas são pouco precisos. O Espírito Galileu já lhes respondeu de maneira que eu não posso acrescentar mais nada a essa questão. Embora eu tenha vindo depois desse Espírito e enriquecido meus conhecimentos astronômicos com os dele e com todos os que lhe sucederam, assim como com aqueles que ele próprio pode ter ignorado, conhecimentos pertencentes a povos e tempos anteriores à sua existência material, ele não deixou de continuar seus estudos desde seu retorno ao mundo espiritual e, por isso, está à altura dos conhecimentos modernos, ocupando o lugar que merece ocupar.

Retornando às estrelas, o senhor supunha, em sua época, que todas tinham o mesmo tamanho, apenas situadas a distâncias diferentes; o que pensa agora?

Eu posso ter dito isso, mas não mantenho essa ideia. Muitas observações que fiz desde então me provariam o contrário... Superpostos, a razão seria válida. Existem globos de tamanhos semelhantes; mas essa não é uma regra para as estrelas, embora haja algumas de tamanho igual.

O senhor também reconheceu que um trigésimo das estrelas perdia intensidade luminosa; o senhor acreditava até mesmo que algumas desapareciam completamente da nossa observação visual?

Isso ocorre apenas por um efeito de deslocamento, que faz parecer que escapam à sua visão, e aquelas cuja luz parece falhar, é apenas um efeito de sobreposição.

Nesses casos, há um apagamento da luz em benefício daquela que se interpõe entre ela e a Terra; mas a luz de cada uma permanece a mesma. Se elas viajarem por muitos anos em tal posição, sobretudo considerando o curto tempo de vida do homem material e o período em que ele estuda, o erro se tornará fácil.

O senhor também disse que havia outras estrelas cuja intensidade aumentava?

A resposta anterior se aplica a esta questão.

O senhor também se ocupou muito com espelhos para a ótica; até onde acredita que se poderá chegar nesse campo?

Não pretendo que vocês consigam substituir a ótica do pensamento; mas, quanto à fabricação, há muito a ser tentado e feito. Chegarão a captar imagens de distâncias incrivelmente longas. Quanto mais convexas forem as lentes, mais tudo se confundirá. Há um limite a ser alcançado, e irão tateá-lo, progredindo pouco a pouco. O segredo está na curvatura e no tamanho. Uma lente é boa para uma coisa e não para outra. Quanto maior a distância, mais plana deve ser a lente. Ela deve estar alinhada com a direção de chegada dos raios... Sim, os raios chegam em círculo; isso é inegável!

Nos últimos anos de sua vida, o senhor se interessou muito pelo estudo da metafísica. Poderia nos dar algumas noções sobre esse estudo?

Sim, estaremos em família ao tratar desse assunto. Podemos nos ocupar disso sempre que quiserem. Conservei o gosto por esse estudo: é um dos cumes da grande ciência.

Aqui se encerra esta interessante sessão, que merece ser considerada e meditada.

Alp. Cahagnet

ESTUDOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS DE NOS DIAS

Por meio do vidente RAVET, sob a inspiração do Espírito Franklin.

Em 18 de junho de 1859, pedi ao vidente Ravet que evocasse Franklin para obter desse espírito sábio algumas informações novas sobre as manifestações espirituais de nossos dias. Assim que Franklin se fez presente e deu seu consentimento para esse novo estudo, fiz-lhe as seguintes perguntas:

Entre as diferentes noções que o senhor teve a bondade de nos transmitir, há alguns anos, sobre as manifestações espirituais de nossos dias, o senhor nos disse, a propósito da transpasse da matéria pela própria matéria, que bastava querer que o objeto material sobre o qual operava se espiritualizasse para que isso ocorresse, e que, consequentemente, ele poderia atravessar a matéria com maior facilidade, já que o senhor também desejava que ele se rematerializasse após essa transpasse, o que ele fazia igualmente. Refliti sobre essa proposição e a considero inteiramente comparável àquela contida nos livros tidos como sagrados, que dizem que Deus, tendo criado tudo por sua palavra, bastava-lhe dizer "Que assim seja" para que assim fosse.

Espíritos ainda imperfeitos que são (permitam-me essa opinião), já teriam essa potência que nossa inteligência parece conceder apenas a Deus, em vista do respeito e da fé que esse grande nome impõe?

Possuímos essa faculdade porque ela nos é concedida; mas está sujeita a condições às quais nós mesmos obedecemos. Só podemos operar em tempos e circunstâncias determinadas e sob a influência de potências superiores. Se os espíritos, assim como os homens da Terra, pudessem produzir tais manifestações ao seu bel-prazer, sua existência seria perturbada, e a harmonia da criação sofreria.

Com que propósito ocorrem essas manifestações que chamarei de acidentais?

Com o objetivo de atrair a atenção dos homens para estudos que eles negligenciam demais. Com o propósito de elevar seu conhecimento até a compreensão de Deus, de sua grandeza e do amor que lhe é devido.

Na época em que vivem, onde o esquecimento absoluto do respeito por Deus reina em seus corações, onde preferem o presente sensível ao passado e ao futuro, que pouco lhes importam, onde a religião cristã desaparece lentamente da Terra devido a seus ensinamentos enganosos, vocês precisam ser chamados à observação mais justa das coisas e de si mesmos. É por esse motivo que chamamos sua atenção para a questão importante do espiritualismo e que empregamos tantos meios para convencê-los de nossa existência.

Essas manifestações nem sempre têm um objetivo verdadeiramente religioso, pois frequentemente ocorrem por intermédio de pessoas que demonstram grande desprezo pela religião e, além disso, podem ser muito enganosas.

Há diferentes formas de ensino religioso. Os espíritos que facilitam essas manifestações não estão isentos de erro e orgulho. Pode-se até dizer que todas estão, em maior ou menor grau, impregnadas de um entusiasmo espiritual que roça de muito perto o orgulho.

O grande amor que esses espíritos sentem pelo autor de tudo o que veem e estudam leva-os a querer impor mais do que demonstrar suas crenças. É por isso que procuram impressionar os olhos mais do que a inteligência humana; pois, para falar com toda a verdade, a convicção adquirida lentamente, pelo estudo, é muito mais sólida e demonstrativa do que aquela obtida de forma abrupta, sem possibilidade de reprodução, tão necessária a qualquer prova.

As potências superiores acharam conveniente permitir essas manifestações com o objetivo, sem dúvida, de ligar com mais amor o mundo material ao mundo espiritual. Julgaram adequado dividir essas manifestações em diferentes tipos e grupos de operações, para poderem alcançar os homens por todos os meios possíveis.

Há muito de espetáculo nessas manifestações, o que resultará em um efeito muito fraco; mas, como ocorreu com as manifestações desse tipo nos séculos anteriores, sempre restará algo.

O tipo de manifestação que lhes foi designado será mais duradouro, pois estará sempre ao alcance de todos; porque, por meio dele, será possível estudar, compreender e demonstrar, dentro de certos limites, essas realidades e sua possibilidade de existência; porque os pensamentos registrados são sempre mais estáveis do que aqueles transmitidos oralmente ou visualmente, que se apagam com o evento que os provocou.

Essas últimas sempre geram contestação e não podem prevalecer, pois seria necessário torná-las permanentes, o que, repito, perturbaria a harmonia da existência humana. Mas isso não ocorre com o tipo de manifestação que lhes é permitido utilizar para a instrução espiritual dos homens. Esse tipo se baseia na instrução respaldada por fatos; consequentemente, seu sucesso está garantido sem causar perturbação. Apenas uma questão de tempo decidirá seu alcance.

D. Retomo minha questão sobre a transpasse da matéria, que nos conduz à criação da matéria. Não vejo e não conheço nada que não esteja submetido a uma lei, lei que cada coisa contém em si mesma. Assim, não podemos ver surgir de uma semente qualquer uma forma diferente daquela conhecida e preexistente dessa semente, salvo as alterações que possam modificá-la; mas isso depende apenas das condições impostas ao seu gênero, produzindo sempre a mesma forma e as mesmas características de forma.

Portanto, a existência material parece estar sujeita a essas condições harmônicas e não pode delas se desvencilhar sem risco de alterar sua natureza. Essas condições, por sua vez, estão sujeitas a fatores de tempo e agregação. Se são necessários mais de vinte mil anos para a formação do ouro, por exemplo, e tempos proporcionais para toda a ordem mineral, como podem vocês operar a transmutação metálica, como fizeram recentemente na América?

Como podem escrever a lápis sem o auxílio de um lápis material? Como podem, dentro de um papel dobrado, desenhar uma flor ou uma escrita ilustrada sem pincel nem tinta materiais? Vocês realizam essas coisas continuamente. A que lei as vinculam? Como as operam?

(1) Ver tomo IV, Encyclopédie Magnétique, página 147.

Aqui, já não se trata mais de simples audição de sons, que poderiam fazer crer em uma alteração momentânea do órgão auditivo. Já não se trata de visões passageiras, mais ou menos vaporosas, que poderiam ser interpretadas como alucinações acidentais do órgão visual. Não se trata mais de pressões ou transportes de objetos materiais, que poderiam ser atribuídos a um erro de observação ou dos sentidos. Essas cartas escritas, esses desenhos coloridos estão bem diante de nossos olhos, formados de uma matéria material que, no entanto, parece não estar sujeita a nenhuma lei física conhecida. Seja claro em seu ensinamento sobre este assunto e torne suas explicações compreensíveis.

Resposta. Nos é impossível, assim como a qualquer ser, criar algo a partir do nada. As matérias-primas, os elementos essenciais de tudo o que seus olhos veem, existem em um estado que a matéria não pode compreender. Esse estado não é, e não pode ser, uma criação nossa; ele existe por meio daquele que sozinho sabe produzi-lo e nos é concedido apenas para que possamos manipulá-lo conforme nossos desejos. Esse estado primitivo da matéria entra lentamente em vibração e coesão graças à vitalidade transmitida pelo Sol, centro vital do seu sistema planetário. O homem, dotado de todos os meios de observação possíveis e da inteligência necessária para sua posição superior entre os seres, tem se dedicado continuamente ao estudo das forças e manifestações da natureza, assim como vocês se dedicam ao estudo das relações entre o mundo espiritual e o mundo material.

Alguns homens chegaram a um tal grau de conhecimento e adquiriram um poder de atração da luz tão grande, que foram capazes de absorver uma quantidade superior de Espíritos propulsores, Espíritos vitais, Espíritos agregadores e dos próprios raios solares em comparação com outros homens. São essas absorções vitais que utilizam nas manifestações de formação instantânea da matéria que tanto os surpreendem. Por meio da certeza de sua vontade, eles invocam, comandam e manipulam os estados primordiais da substância material, criando assim uma coesão instantânea—coisa que, se submetida às leis naturais da matéria, exigiria um tempo infinito para existir. São esses mesmos Espíritos, que chamamos de "potências de primeira ordem", que nos permitem transmitir a vocês esse tipo de manifestação, a fim de estimular sua observação e conduzi-los ao estudo das causas dessas forças surpreendentes.

Agradeço a clareza de sua explicação, mas sua força argumentativa leva o homem a um tipo de divinização da qual desconfio muito. Por outro lado, essa explicação poderia ser refutada pela evidente ignorância de certos operadores materiais, para os quais basta fazer um gesto extravagante ou pronunciar uma frase incompreensível, sem qualquer entendimento linguístico, para operar esse tipo de manifestação sobrenatural. Tantos pastores humildes, sem instrução, tantos supostos sábios destituídos de inteligência, tantos indiferentes, mais apaixonados por bens materiais do que por esta ciência sublime, produziram e continuam produzindo essas manifestações. Isso não parece corresponder ao estudo profundo, persistente e sábio que o senhor atribui aos que detêm esses poderes.

Suas duas objeções têm seu fundamento. Estudar, conhecer e verificar a obra de Deus, dentro do que Ele nos permite compreender, para que nossa humildade se expanda até a admiração dessa obra, não é o mesmo que querer dispor dessa potência inteligente a ponto de imitar ou até mesmo superar essa obra. Em toda faculdade, existe o bem e o mal. O orgulho é o lado negativo, e a humildade é o positivo. Quanto à ignorância e às más intenções dos homens que operam nesse domínio na Terra: esse poder lhes é concedido em virtude de sua intenção orgulhosa e maldosa. A instrução e a posição social nada têm a ver com essas interações entre almas. A intenção é tudo. O mal tem o mesmo direito de existir que o bem; tem seus estudantes e seus mestres, assim como o bem, e ambos têm suas consequências.

Vocês percebem, nesses limitados contatos entre os homens da Terra e os Espíritos dispensadores dessas forças, a verdade do que lhes digo: essas manifestações estão menos sujeitas a uma lei de liberdade de ação do que a um princípio de servidão do ser. Sem essa limitação, a ignorância, o adormecimento da inteligência, a grosseria dos instintos não teriam nenhum freio, e a harmonia terrestre seria perturbada. Essas manifestações são permitidas, compreendam isso bem, para estimular o homem a estudar suas causas, o objetivo da obra divina, e a conservação e harmonia dessa obra. As manifestações ruins, nesse sentido, produzem tanto bem quanto as boas, pois aqueles que as estudam com sabedoria, respeito divino e amor fraternal extraem delas conclusões compatíveis com suas aspirações.

No entanto, vemos muitas vezes, ao final de um bom jantar, um grupo de boêmios entediados, sem saber o que fazer ou dizer, colocar mecanicamente as mãos sobre a mesa, esperando—e recebendo—manifestações desse tipo com a mesma indiferença com que os mais sábios dos filósofos herméticos as teriam buscado com orações

fervorosas, severas privações e ardentes votos de retidão. O que resulta dessa união despropositada, ou melhor, dessa mescla de espiritualidade e materialismo? Apenas uma grande risada... ou mais um bocejo?

Oh! Esse tipo de produção não é o mesmo que o primeiro de que tratamos, pois esses movimentos de mesas e todo esse tipo de manifestação pertencem mais ao domínio do próprio homem do que a uma aliança absoluta com o mundo espiritual. São as próprias almas dos participantes que operam; as mais instruídas nesse gênero (ainda que, em vida, pareçam ser as mais ignorantes nessas questões) se reúnem entre si, sem o conhecimento de seus corpos, e se divertem proporcionando convicções materiais para si mesmas, bem como para as almas menos desenvolvidas que operam com elas.

Há aqui demonstrações ocultas para os corpos, realizadas dessa maneira entre as almas e, pelo fato de essas demonstrações materiais se manifestarem nos móveis, os corpos, por sua vez, acabam instruindo e convencendo as almas que antes eram ignorantes. São dois tipos de demonstrações necessárias, que vocês poderiam achar fáceis de suprimir, mas lhes asseguro que ambas são importantes. Vocês podem pensar que apenas o esquecimento eterno e a indiferença resultam dessas experiências, mas lhes digo que a marca deixada na memória por esses eventos tem um valor próprio. Há momentos em que tais registros tornam-se úteis, tempos em que se busca relembrá-los e encontrar nessas observações um significado. Assim, as conclusões se transformam; a maior admiração pode suceder a mais completa indiferença, e a crença mais firme pode nascer da negação mais radical.

O que o senhor me diz sobre o entendimento das almas entre si, sem o conhecimento de seus corpos, me parece comprovado por nossos estudos sobre o sonambulismo, que nos permitem fazer a alma do sujeito, em estado apropriado, conversar com a alma de qualquer pessoa, próxima ou distante, que desejarmos interrogar. Essa questão torna-se imensa em suas consequências e nos prova que nossa alma pode estar mais frequentemente fora de seu corpo do que dentro dele.

Essa faculdade de comunicação entre almas nos prova ainda que elas podem preparar constantemente as ações de seus corpos por meio de convenções mútuas, sem que os corpos tenham consciência disso. Talvez uma parte da falta de livre-arbítrio no mundo material decorra desse entendimento entre as almas. Sou levado a pensar que, neste momento em que estamos em guerra com a Áustria, essa guerra nada mais é do que uma convenção, uma cena mais ou menos burlesca entre as almas de ambas as partes, que a conceberam e decidiram apenas para se entreterem às custas dos embaraços de seus corpos.

Não me surpreenderia vê-las atirando com prazer sobre esses corpos impassíveis, arrancando uma manga, uma perna ou qualquer outra parte, apenas para dificultar os movimentos físicos e se divertirem com os desafios e contratempos que impõem umas às outras. Será que, mais tarde, lamentariam esse jogo cruel? Pois seria muito mais difícil admitir que são Espíritos livres da matéria, instruídos, elevados e sábios, que instigariam ou ordenariam esse tipo de desordem.

Concordo que Espíritos recém-libertados dos laços materiais ainda possam se apegar a essas agitações terrenas, mas, considerando a faculdade que as almas possuem de

manipular seus corpos para tais fins, prefiro acreditar que são elas mesmas que se permitem tais carnificinas guerreiras—carnificinas que, para elas, não passam de meros passatempos.

Resposta. O Espírito Franklin diz com rapidez a Ravet: "Como? Ele pensa assim? Ele chegou a essa conclusão? Mas, saibam que ele pode estar certo! Oh! Oh! Ele não chegou a isso sem estudo... Está realmente convencido de sua proposição?"

Respondo a Ravet que essa ideia está, por enquanto, apenas no estágio de intuição, fruto das deduções que faço a partir de todas as discussões que tenho com os Espíritos. No entanto, essa intuição equivale para mim a uma convicção quase absoluta. O fato de a guerra parecer ser apenas uma aberração da inteligência humana me leva a crer que sua origem só pode estar naquilo que eu assinalei. Se quisermos admitir que há alguma utilidade nela, essa utilidade não pode ser outra senão uma brincadeira entre as almas.

Se é possível que almas, espiritualizadas ou não, se reúnam para facilitar manifestações de diversos tipos—que, a cada século, despertam o interesse dos homens da Terra—, então também é possível que se associem para qualquer outra empresa que lhes convenha. Como elas não podem se ferir a si mesmas, podem muito bem "brincar" de guerra, assim como brincam de teatro e outras representações, tal como crianças pequenas que simulam batalhas, escolas e inúmeros outros passatempos.

Se os sabres de madeira não causam destruição aos corpos infantis que os empunham, por que os canhões de Magenta causariam algum impacto nas almas dos adultos que jogam com eles? As roupas e os corpos deixados no campo de batalha são recolhidos pelos "Espíritos catadores" de nossa atmosfera terrestre (permitam-me essa expressão), assim como nossos catadores materiais recolhem aquilo que chamamos de lixo, que, quando submetido ao tratamento adequado, é reciclado e transformado em algo novo e belo.

Da mesma forma, creio que todas essas misérias aparentes—das guerras e de outros tipos de "espiritualização" forçada—passam por uma espécie de ciclo onde as próprias almas das chamadas vítimas recolhem, reformam e purificam a cena, preparando-a para novas manifestações de outra natureza.

Isso pode ser... Isso pode ser... Não afirmo, mas também não nego.

Ravet, muito cansado por essa sessão, que durou três horas, e profundamente emocionado por ela—visto que, desde o início, esteve cercado por uma grande quantidade de "quadros vivos", que, por sua oportunidade e conexão direta, pareciam ser o prelúdio e a confirmação de minhas últimas proposições—, pede para ser despertado.

(1) Para compreender melhor esse tema, recomenda-se ler o que está nas *Révélations d'Outre-Tombe*, página 270 e seguintes, sobre a espiritualização simultânea de um grande número de homens—revelações particulares feitas por Tomarin, o guia do sonâmbulo Ravet. Recomenda-se também a leitura das revelações do Espírito Emmanuel Swedenborg, no *Tomo III, Arcanes de la vie future dévoilés*,

página 245 e seguintes, sobre as afeições dos Espíritos, e na página 366, *Révélations d'Outre-Tombe*.

Fica claro, a partir das revelações anteriores, que as manifestações espirituais dos nossos dias, que tanto nos surpreendem por sua estranheza quanto por sua irregularidade, são obra da potência de espíritos superiores que, por meio de seus estudos, conhecimentos e sabedoria, julgam necessário, de tempos em tempos, nos iniciar tanto em sua existência quanto em suas faculdades. Também fica evidente que há espíritos igualmente estudiosos e avançados nesse tipo de manifestação, mas que as utilizam para alimentar seu entendimento orgulhoso e seu apego às coisas terrenas, da mesma forma que os primeiros as utilizam para promover a humildade e o amor divino.

Esses fenômenos nos surpreendem por sua recorrência, sem que nos tenhamos espantado com sua história, pois o homem sempre precisa ver, tocar, agarrar e se prender às coisas que o convencem. Para os homens do presente, aqueles que viveram nos séculos passados não passam de narradores de absurdos indignos da inteligência humana, assim como os homens de hoje serão considerados pelo século futuro como alucinados dignos de piedade. No entanto, a falta de uma lei que regulamente tais fenômenos e sua ausência no dia a dia não destroem sua permanência ao longo do tempo, nem invalidam a complexidade infinita das leis sob as quais se manifestam.

Quem nunca presenciou esses fatos tende a negá-los, pois à primeira vista parecem tão inadmissíveis quanto outrora pareciam as comunicações eletro-telegráficas, os efeitos do eletro-ímã, a garrafa de Leyden, a força do vapor, o raio, ou até mesmo os processos da procriação e da absorção das substâncias vitais, que foram consideradas inertes durante séculos. O mesmo ocorre com a ascensão do pensamento no ser humano e com a locomoção, tanto lenta quanto rápida, de tudo o que se move. Não conheço absolutamente nada que não se mova. Nenhuma explicação definitiva foi dada para essas simples questões, embora elas sejam constantemente estudadas em laboratórios, gabinetes científicos e instituições de ensino. E, no entanto, há quem insista em negar os fenômenos mais raros, ainda que não menos constantes, das manifestações espirituais de nossos dias.

"Bah!", dizem alguns, "a agregação instantânea da matéria pelo simples efeito da vontade humana é uma ideia ridícula e ainda mais absurdo é sustentá-la." Mas será que alguém já se deteve a questionar a agregação instantânea de todas as coisas, desde o germe humano ao germe mineral? Desde a mistura das substâncias na química até os processos da fotografia e do galvanismo? Desde a atração irresistível das boas ou más ações até sua reprodução contínua, sem jamais desaparecerem?

Acreditamos na contaminação sem contato direto entre os corpos nas doenças, nos estados nervosos, nas paixões amorosas, nos entusiasmos, nas convulsões sociais e nas guerras, que ocorrem sem planejamento prévio e sem um ponto de referência que seja plenamente admissível à razão humana. No entanto, queremos negar à alma a capacidade de agir e produzir fora do corpo aquilo que realiza tão bem quando está nele. Não queremos nos questionar sobre onde a alma obtém e como manipula a substância que reveste a matéria. Não queremos compreender como o reino mineral e

vegetal agregam e organizam essa substância invisível e primordial que constitui toda matéria.

Por que seria mais difícil para essa alma humana—reflexo em miniatura do universo em grande escala—atrair para si os corpúsculos metálicos do chumbo e agregá-los a uma folha de papel conforme sua vontade, do que esse mesmo metal formar, por si só, os magníficos cristais que admiramos, ainda que sejamos incapazes de explicá-los? Se essa fosse uma questão de comércio ou finanças, capaz de gerar lucro e prestígio, não haveria sábios, por mais céticos que fossem; nem debochados, por mais escarnecedores que parecessem; nem guerreiros, por mais indiferentes que se mostrassem a todas as outras coisas, que não se empenhassem em provar a realidade e a viabilidade desse conhecimento lucrativo. Nenhuma mesa, nenhuma cadeira, nenhum caderno de papel permaneceria em seu lugar. Esses trabalhadores de ganhos modestos, mas constantes, seriam festejados, e aquele que trouxesse o maior retorno seria o mais procurado.

Mas não é assim que acontece. Nossas manifestações espirituais nos trazem apenas sensações passageiras, deslumbramento momentâneo e frágeis vestígios materiais depositados diante de nossos olhos. Por isso, são classificadas como "perdas", e como não se pode enviá-las à prisão por dívidas, enviam-nas a Charenton (1). Assim foi, assim é e assim será o destino do "rei da criação": sua coroa o incomoda tanto que ele a troca pelo gorro de burro. Que nossos leitores meditem sobre as revelações de Franklin e não se deixem intimidar pelo ridículo imposto por aqueles que não são mais do que isso—ridículos.

REVELAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS NO MUNDO ESPIRITUAL

Em 4 de abril de 1860, após uma sessão de pouco interesse espiritualista, tive a ideia de perguntar a Adèle Maginot sobre a faculdade que os pais, no mundo espiritual, possuem de reencontrar seus filhos na idade em que estes se espiritualizaram. Essa simples questão se desdobrou da seguinte maneira, tornando-se uma das mais interessantes que já tratamos. Aqui está o estudo:

Há uma questão que ainda não compreendo completamente sobre as crianças no mundo espiritual. Você me disse anteriormente que os filhos que morrem antes dos três anos terrestres são admitidos na esfera celestial e que são seu mais belo ornamento, pois suas almas, ainda angélicas, não foram maculadas por nenhuma de nossas faltas. Por isso, vivem em um estado de inocência que é extremamente agradável a Deus. Como então se explica que, frequentemente, você vê crianças dessa idade reunidas a seus pais espiritualizados, sem que esses pais tenham sido admitidos na esfera angélica habitada por seus filhos?

Essas crianças não vivem com seus pais; apenas lhes é permitido vê-las. Para isso, Deus permite que atendam a esse desejo.

Por que essas crianças não crescem como aquelas que morreram em idade mais avançada?

Porque não desejam crescer. Aos três anos, não há ainda nenhuma dessas ideias que só surgem mais tarde, como o desejo de ser grande, de se tornar homem ou mulher. Essa aspiração só nasce alguns anos depois. Assim, quando essas crianças chegam ao mundo espiritual antes de atingirem essa fase de desenvolvimento, essa ordem de pensamento simplesmente não se manifesta, e elas permanecem na idade em que partiram.

A alma de uma criança com menos de três anos, por permanecer nesse estado infantil, não evolui nem se torna uma alma sábia, como pode acontecer com a dos adultos?

Não, pois toda a felicidade dessas almas consiste na confiança da inocência, no amor por Deus e na ausência de necessidade de conhecer qualquer outra coisa além de Sua bondade. Pouco lhes importa a grandeza de Deus, que nenhum homem pode compreender, e pouco lhes importa a obra de Deus, que nenhum homem pode conhecer completamente. Sua inocência as preserva de qualquer perturbação, ambição ou decepção. Como não desejam nada além do que já possuem, sua humildade lhes garante uma paz constante.

Qual foi, então, o propósito de sua breve passagem pela Terra?

Foi para cumprir a lei imposta a todos, a fim de experimentarem os contrastes entre o bem e o mal. No entanto, seu pequeno apego a esse aprendizado e o pouco que conheceram, tanto no ventre materno quanto fora dele, foram suficientes para que desejassem retornar rapidamente ao seu estado original. Como já te expliquei antes, a duração da vida terrestre está relacionada às afinidades primitivas da alma, que não consulta o espírito do corpo material para decidir se deve permanecer ou partir.

Se as crianças que morrem após os três anos crescem conforme seu desejo e se instruem de acordo com seu interesse, como podem os pais, que se espiritualizam vinte ou trinta anos depois delas, reencontrá-las no estado infantil em que as perderam, se assim o desejarem?

Eles as reencontram ao evocá-las no mesmo estado em que se separaram, pois, de outra forma, não poderiam reconhecê-las como desejam. É assim que eu procedo quando me pedem para chamar crianças que se espiritualizaram há muitos anos. Se não tivéssemos essa capacidade de retornar ao passado ou de reviver determinadas fases de nossa existência, não poderíamos nos reconhecer uns aos outros.

Como poderia descrever uma pessoa corretamente se tivesse que dar o retrato de um adulto quando, na realidade, ele me deixou na forma de uma criança? Como você sabe, é permitido reviver todas as fases da vida terrestre por meio das imagens armazenadas com o passar dos anos. São essas imagens que os pais revêm, assim como nós também as revemos; mas não são os seres completos, apenas partes deles.

No entanto, vocês conversam com essas imagens e sentem junto a elas as mesmas emoções que sentiriam na presença do ser verdadeiro?

Certamente, pois essas imagens não poderiam existir sem a presença do próprio ser que as anima. Mas compreenda bem que ele só pode dar vida a cada uma delas ao retornar ao estado de consciência correspondente àquele momento de sua vida.

Assim, se um espírito que hoje teria trinta anos, mas que se espiritualizou há vinte e cinco, for chamado por nós, ele só poderá aparecer na forma em que nos deixou—ou seja, como uma criança de cinco anos. Portanto, ele só poderá falar com o vocabulário e o conhecimento daquele tempo, pois apenas essa parte de sua consciência estará ativa no momento. No entanto, o conhecimento adquirido posteriormente não é apagado, apenas temporariamente suprimido para permitir a manifestação dessa fase anterior. Você vê, então, que cada ano material é preservado com tudo o que o constitui e que, ao ser chamado a reviver um período específico de sua existência terrena, o espírito só pode dispor das faculdades que pertenciam àquele estágio de sua vida.

Entendo. Mas se um pai deseja reencontrar seu filho no mundo espiritual exatamente na idade em que ele faleceu e faz de sua presença infantil um paraíso pessoal, mantendo-o ao seu lado por vinte anos nesse estado de criança, essa alma, assim forçada a permanecer como um filho para um irmão ou irmã caprichosos que se julgam seus pais, não sofre por esse tipo de amor?

Não pode sofrer, por duas razões. A primeira é que esse mundo está submetido a leis tão rígidas quanto o mundo material. Esse tipo de capricho só pode existir no estado transitório, ainda não completamente definido, que o espírito atravessa logo após deixar a Terra. Mas mesmo nesse caso, o tempo espiritual é muito diferente do tempo terrestre: o que aqui chamamos de vinte anos mal representa algumas horas para nós.

A segunda razão é que, tanto no mundo espiritual quanto no material, não há pai nem mãe que não sinta prazer em ver seus filhos crescerem e se desenvolverem. Esse desejo natural os leva, inevitavelmente, a elevar-se, de raio em raio, até alcançar a esfera onde seus filhos habitam. Em certas circunstâncias, isso pode ser apenas uma questão de perspectiva, tal como na Terra, quando colocamos nossos filhos em internatos distantes e não podemos vê-los tão frequentemente quanto gostaríamos. Mas, apesar dessa separação, o laço permanece verdadeiro, e o exemplo que te dou é perfeitamente aplicável a essa realidade.

Se pai e mãe não estão reunidos no mundo espiritual por razões superiores—sejam elas baseadas em sabedoria, honestidade, amor ou, ao contrário, em má conduta, desonestidade e ódio—, e se ambos amam igualmente seu filho, qual deles terá o direito de possuí-lo?

Aquele que o próprio filho preferir e aquele que, aos olhos do mundo espiritual, mais merecer. Você já não vê algo semelhante acontecer na Terra? Não é verdade que a justiça humana concede certos direitos de guarda baseados no que julga ser melhor para a criança? No mundo espiritual, a justiça é muito mais clara e perfeita.

E se uma ama de leite, por exemplo, tiver amado seu pequeno protegido tanto quanto a própria mãe, poderá ela usufruir da companhia da criança no mundo espiritual, assim como a mãe verdadeira?

Antes de tudo, a ama de leite, como qualquer outra mãe, preferirá seu próprio filho.

Mas há casos em que o contrário ocorre. Uma ama de leite, por meio da amamentação artificial, pode não ter filhos próprios.

Nesse caso, ela compartilhará esse amor com a mãe da criança, se ambas se espiritualizarem juntas. Caso contrário, aquela que partir primeiro usufruirá da presença do espírito da criança antes da outra. No mundo espiritual, em questões de amor tão profundo, não há precedência nem ciúmes. Cada um vê seu filho onde ele é recebido com amor.

Se, contudo, um pai e uma mãe de méritos iguais não puderem ser reunidos no mundo espiritual devido a diferenças de caráter, qual deles terá o direito de possuir seu filho?

Já te disse que no mundo espiritual há leis que preveem e providenciam para tudo. Portanto, em uma questão como essa, se o pai e a mãe da criança forem igualmente dignos de possuí-la, também serão dignos de abandonar suas diferenças para se reunirem na esfera de amor de seu filho. No mundo espiritual, não se é menos tolerante do que na Terra, e as concessões são feitas com igual generosidade.

Não seria assim no caso de pais de má índole; como te disse antes, seria o mais digno que a criança escolheria. E, no primeiro estado, quando a alma ainda acredita estar ligada à Terra, ela sofreria as mesmas consequências terrenas, vendo seu filho apenas em sonho ou revivendo-o em sua memória como uma imagem idealizada.

Pode acontecer que várias pessoas da família tenham amado a mesma criança com igual intensidade e que cada uma mantenha esse amor por ela. Como poderão satisfazer esse sentimento?

Nem todas se espiritualizarão ao mesmo tempo e, mesmo que isso ocorresse, a situação seria semelhante à da Terra, onde os pais podem confiar seu filho ao avô ou a outro parente e visitá-lo quando desejam. Se isso não ocorrer, aqueles que amam a criança irão vê-la na casa de seus pais, e ela mesma decidirá para onde deseja ir. Esse amor, como qualquer outro, tem seu início e seu fim de vibração. Todos os desejos e satisfações são previstos, e nenhuma alma purificada das falhas terrenas pode carregar queixas. Elas vivem em raios de amor, não em raios de perturbação como ocorre na Terra.

A partir dessas revelações, reconhecemos três maneiras de existir no mundo espiritual. A primeira consiste na faculdade de aceder a um tipo de daguerreotipia viva, imagens que refletem, mais ou menos, os desejos e lembranças terrenas. A segunda é a capacidade que toda alma tem de descer novamente através dessas camadas de elevação—que o vidente chama de "raios"—e retornar, conforme necessário, a um dos múltiplos invólucros materiais que ela usou ao longo dos anos, cada um marcado por suas particularidades físicas e vestimentas.

Resta, então, definir como uma alma que já atingiu seu pleno desenvolvimento espiritual pode aceitar retornar a esse antigo vestuário desgastado e de pouca afinidade amorosa para visitarmos. Como pode responder ao nosso chamado necromântico e descer a um raio inferior ao seu para permanecer connosco pelo tempo que desejarmos mantê-la em tal dependência? Para melhor compreender essa complexidade, podemos abstrair nossa existência terrena—que é apenas uma sucessão de pensamentos fugazes, como flechas cortando o ar—e perceber que esse modo de existir requer divisões, números e um calendário. Assim, poderemos compreender melhor a existência espiritual, que é um estado de meditação, calma e

repouso, dividido não da mesma maneira, mas apenas por sucessões de estados, sem a marcação de tempo como ocorre na Terra, com o nascer do sol, as estações ou os anos.

Dessa forma, entenderemos como um pensamento de amor que nos atrai ao seio de um ente querido, para nos fazer conhecer mais de perto as doces sensações desse afeto, jamais nos pareceria longo ou tedioso. Qual de nós, sob o olhar amoroso de uma mulher que acredita ser nossa mãe, não se sentiria feliz ao receber suas doces carícias? Mesmo que nossa instrução espiritual já nos tenha revelado que ela não é realmente nossa mãe, mas sim uma irmã, uma amiga, uma das inúmeras companheiras celestiais com quem compartilhamos a eternidade, sem nenhuma impureza ou limitação.

Quem não se sentiria feliz por estar rodeado de todos os cuidados imagináveis? De repousar seus lábios sobre um seio puro e cheio de amor maternal para ali absorver a quintessência da vida—esse leite virginal, produto tão doce da bem-aventurança amorosa do ser mais delicado? Quem, vendo essa irmã amorosa não conservar nenhum sentimento de pudor ao oferecer seus generosos cuidados, e percebendo que ela se vê bela e boa apenas ao se refletir em nossos olhos, ao beijar nossa testa, nossos lábios e cada parte do corpo, poderia se considerar infeliz e amaldiçoar tal escravidão tão doce?

O mesmo ocorre para a mulher, que recebe igual afeto fraterno de seu pai e irmão em Deus. Oh! Não sei... mas, se devo confiar na terna emoção que sinto ao escrever essas reflexões, não temeria passar anos no céu deitado no seio de minha boa mãe, ou saltar de alegria nos joelhos de meu bom pai.

A terceira maneira de existir no mundo espiritual é completamente semelhante à da Terra: mesmos desejos, mesmos hábitos, mesmos agrupamentos, sob a dupla influência dos afetos e das purificações. Lá não existe o caos de desejos insaciáveis, ambições ridículas e egoísmos anti-fraternos que geram todas as perturbações da existência terrena. A faculdade da perceção dos pensamentos substitui a necessidade da fala, que na Terra frequentemente oculta a verdade. Assim, os espíritos podem melhor se unir, compreender-se e amar-se, compartilhando o mesmo amor, como se extraíssem riqueza de uma mina inesgotável onde todos tomam sem jamais diminuir os direitos dos outros.

Essa nova análise, realizada quase quinze anos após a primeira sobre o mesmo tema, demonstra que Adèle Maginot continua tão lúcida e lógica quanto antes. Mesmo que se possa duvidar da veracidade absoluta de suas revelações, não se pode contestá-las facilmente, pois elas contêm, ainda que apenas em germe, a promessa de grandes e consoladoras verdades. Que todos os homens sinceramente estudiosos saibam delas tirar proveito.

APARIÇÕES DE MADAME BERNARD, DE SUA IRMÃ E DE SEU NETO

Paris, 15 de janeiro de 1860

Senhor Cahagnet,

Tendo testemunhado algumas experiências de magnetismo humano, considero desnecessário discutir sua existência, que é amplamente reconhecida por todos

aqueles que o estudaram com sinceridade. Há cerca de dois anos, ouvi falar sobre esse assunto e acompanhei debates a respeito, tanto por meio de livros especializados quanto em algumas sociedades que o praticam. No entanto, sem saber exatamente o que pensar, vi que ele era aceito por alguns e rejeitado por outros.

Assim, muitos dos efeitos maravilhosos descritos em seus livros, assim como os fenômenos igualmente curiosos e interessantes relatados por sua vidente, Madame Adèle Maginot, permaneceram para mim sem explicação...

Tendo eu mesmo atravessado grandes dificuldades e buscando consolação e esperança onde me parecessem mais verdadeiras, li seus livros. No entanto, ao chegar ao segundo volume de *Arcanes de la Vie Future Dévoilés*, não consegui continuar a leitura sem antes desejar confirmar por mim mesmo essas verdades consoladoras, que deveriam interessar a todos, especialmente aos que sofrem.

Confesso que precisava, se possível, obter alguns conselhos de minha mãe, de quem fui privado há vinte e três anos e por quem sempre conservei uma amizade sincera e um pesar tão puro quanto a mulher a quem esse sentimento se dirigia—tão virtuosa e boa ela foi para mim. Convencido de que a aparição que estava prestes a solicitar lhe traria uma verdadeira alegria interior, caso se realizasse, e certo de que não existia qualquer ligação entre vocês e minha mãe—esquecida por todos, exceto por mim, que vocês desconheciam completamente, assim como as pessoas ao seu redor—, senti aquela satisfação interior que todos experimentamos quando aguardamos uma boa notícia.

Foi com esse sentimento que, pela primeira vez, me dirigi à sua casa, no dia 18 de novembro de 1859, onde solicitei a aparição de minha mãe.

Note, senhor, que eu não negava a possibilidade desse fenômeno, mas tampouco tinha grande confiança. Eu duvidava e me propunha a observar tudo atentamente. Madame Adèle Maginot foi colocada diante de mim em estado de lucidez, e eu lhe disse o nome de minha mãe. Imediatamente, ela anunciou que a via. A descrição minuciosa de sua aparência, os detalhes sobre seus hábitos e as respostas exatas às inúmeras perguntas que fiz para satisfazer minha exigente curiosidade me abalaram profundamente.

Deixo à imaginação de todos aqueles que, como eu, foram privados do carinho materno e das alegrias da infância, o que se passou em meu íntimo naquele momento. Reconhecendo minha mãe em cada detalhe, como se cada palavra evocasse uma imagem viva dela, deixei de duvidar. Fui tomado por uma imensa felicidade e estava, enfim, convencido.

Mas essa aparição que me emocionava não parou por aí. Minha tia, irmã de minha mãe, falecida havia apenas três anos, também se apresentou a meu pedido, nas mesmas condições, e revelou questões familiares que teriam desconcertado até o mais incrédulo dos homens!

Essa pobre tia me disse que agora via claramente que eu merecia mais consideração do que aquela que me foi dada em vida. Mas o que me surpreendeu ainda mais foi uma aparição inesperada: a de uma criança do sexo masculino, falecida aos quatro anos em 1836, que, segundo Madame Adèle, desde então não deixava minha mãe. O

prazer que essa vidente sentia ao vê-lo era tão grande que, se você se lembra, senhor, ela chegou a dizer que se tratava de um pequeno ser privilegiado pelo Criador, tão belo ele era.

Essa criança, como lhe disse depois, era meu filho. Eu suspeitava que fosse ele quem sua vidente via, mas não quis reconhecê-lo de imediato, por receio de me comover demasiado. Quando, porém, ela disse: "Há do seu sangue nas veias desse lindo menino", fui tomado por uma alegria tão intensa que não pude mais esconder a verdade: aquele era, de fato, meu filho.

Desde então, os conselhos e previsões de minha mãe se realizaram perfeitamente, e o que ainda falta acontecer está bem encaminhado.

É com profunda gratidão, senhor, que lhe envio esta carta e autorizo sua publicação, caso julgue conveniente, como um testemunho fiel dessa experiência extraordinária. Em breve, lhe escreverei novamente para relatar os desdobramentos de nossa última sessão, cujas previsões, repito, já se concretizaram em parte.

Receba, senhor, os cumprimentos de um antigo cético que, no presente, é um homem convencido.

Com sincera gratidão, aperto sua mão e a de Madame Adèle Maginot.

Eugène Bernard
Engenheiro de obras, Paris, Quai aux Fleurs, nº 9

APARIÇÃO DE MADAME LECOMTE

Paris, 28 de fevereiro de 1860
A Monsieur Cahagnet

Senhor,

Envio-lhe um relato das diversas impressões que experimentei nas sessões que o senhor teve a gentileza de conceder-me, para satisfazer minha necessidade de esclarecimento. Submeto esse relato à consideração daqueles que estudam essas questões com seriedade, na esperança de que ele possa contribuir, ainda que modestamente, para a grande obra de fraternidade e consolação que o senhor empreendeu.

Quando perdi minha esposa—e me vi inconsolável—procurei, dentro do possível, obter provas da existência de uma vida após a morte, dentro das filosofias contemporâneas. Mas, para minha incredulidade e minha dor, eu precisava de algo mais do que meras teorias: eu queria provas palpáveis.

E bem, senhor, essas provas eu as obtive—melhores do que eu poderia esperar, e vindas de onde menos supunha.

Fui introduzido no estudo do magnetismo por meu amigo, senhor Bernard, cuja amizade só adquiri após o luto que me atingiu. Antes disso, eu carregava uma grande dose de ceticismo em relação a essa ciência. No entanto, ao testemunhar os efeitos surpreendentes que ela produzia, deixei-me convencer a acompanhá-lo até sua casa,

graças aos nobres esforços e à grande perseverança de meu amigo. Com isso, ele se tornou um dos responsáveis por me ajudar a continuar vivendo e a cuidar do berço de meus filhos pequenos.

Expressar em palavras o sofrimento moral que me consumia e me lançava num estado de perturbação indescritível seria impossível. Eu não pensava em nada além de seguir aquela que não estava mais comigo—para compartilhar sua vida, ou seu nada.

Ao chegar à sua casa, sua vidente, já em estado de transe, pediu o nome e sobrenome de minha esposa. Após um instante, anunciou que a via e descreveu, com precisão, tanto sua aparência física quanto sua personalidade. Cada palavra, cada gesto habitual dela foi retratado com uma exatidão perfeita.

Os detalhes mais minuciosos me foram revelados, muitos deles com mais precisão do que eu mesmo teria sido capaz de lembrar. Aliás, houve momentos em que, tomado pela emoção, neguei alguns desses detalhes, apenas para, depois, recordar-me claramente de que eram verdadeiros.

Bem, devo confessá-lo? Todas essas provas bem estabelecidas não foram suficientes para me convencer tanto quanto a conversa que se seguiu. Suas demonstrações, tão simples e ao mesmo tempo tão poderosas, baseadas em fatos puramente materiais, os argumentos irrefutáveis que apresentou a todas as minhas perguntas, sua fé tão forte e tão bem fundamentada por uma infinidade de fatos semelhantes, confirmados pela experiência, e a leitura de seus livros, difundidos por toda a Europa, onde cada questão de incerteza é exposta e resolvida sem mistério algum, tudo isso, enfim, terminou por me convencer.

Passei a suportar essa triste existência com muito menos sofrimento e com mais filosofia. Agora, ao refletir sobre tudo friamente e sem entusiasmo, percebo que cada detalhe dessas experiências foi profético e verdadeiro, mesmo em suas minúcias. Nas sessões que se seguiram—que para mim serão sempre uma fonte de estudo e observação—, sua bondosa e generosa vidente, Madame Adèle Maginot, revelou-me detalhes que estavam completamente perdidos e esquecidos para mim, mas cujos vestígios reencontrei pouco a pouco.

Ó, Deus, quão infinita é a Vossa sabedoria, Vós que fizestes o homem tão poderoso! Com que facilidade e segurança, senhor, sua vidente me transmitia esses detalhes, melhor do que eu mesmo poderia fazê-lo. Na minha memória, o retrato de minha esposa existia, mas como um todo indistinto; como pôde ela analisar com precisão cada detalhe, visível e oculto? Pois, mesmo que um retrato fosse vivo, quem poderia, à simples inspeção dos traços, discernir e julgar os pensamentos mais secretos de um coração?

Será que tenho duas memórias—uma imagética, separada da minha memória habitual, que não recorda tão bem quanto essa outra, desconhecida? Se isso for verdade, seria apenas mais um argumento em favor dos seus escritos, nos quais tudo é explicado com tanta clareza e precisão. Mas quem poderia fornecer a solução para esse mistério? Quem poderia analisar e discernir essas questões dentro desse turbilhão onde tudo parece confuso e entrelaçado?

Diante de dois princípios, concluo que o mais simples é o mais certo: minha esposa existe. A força que me provou isso desmonta o orgulho daqueles que acreditam poder explicar e compreender tudo apenas por meios materiais.

Agora que para mim a existência futura se tornou uma certeza matemática, suporto minha vida com muito menos sofrimento do que antes de minha desgraça.

Recebam, senhor, você e sua bondosa e generosa vidente, Madame Adèle Maginot, a mais sincera expressão de um coração grato, que não pode demonstrar de outra forma todo o bem que recebeu de vocês, senão através desta carta, que certamente não estaria diante de seus olhos hoje se eu não tivesse sido chamado de volta à vida por seus cuidados fraternos.

Portanto, aceitem, senhor e senhora, tanto por mim quanto por minha família e meus filhos, meus mais sinceros e reconhecidos agradecimentos.

Seu, de coração,

Lecomte
Engenheiro de obras, Rua de l'Hôtel Culbert, 7

APARIÇÃO DE MADEMOISELLE CAROLINE GUILLEMET

A Monsieur Chollet
23 de fevereiro de 1860

Caro senhor,

Peço desculpas por não ter respondido antes. No entanto, sendo obrigado a ir quase todos os dias a Paris para visitar uma tia idosa muito doente, não tenho tempo livre em todos os momentos.

Lamento que a sessão que realizamos não tenha sido exata em todos os detalhes. Mas não devemos atribuir esse insucesso a nada além da falta dos nomes e sobrenomes completos, dos quais estávamos privados. Tentamos um experimento difícil e falhamos.

Acredito que teremos mais sucesso hoje, se eu puder deduzir isso do belo estado em que Adèle entrou durante a aparição e do contato que ela estabeleceu com o espírito evocado.

Eis a descrição que ela dá de Caroline Guillemet:

"Vejo," disse ela, *"uma jovem de 12 a 13 anos—cabelos castanhos—testa normal, mas bem proporcionada—sobrancelhas espessas—olhos castanhos—nariz afilado—boca pequena—queixo arredondado, embora inserido em um rosto oval que deveria ter sido redondo, mas que a magreza tornou mais alongado—estrutura corporal magra e um pouco alta para sua idade—temperamento vivo, alegre e sincero (enquanto esteve saudável). Ela morreu de uma doença intestinal."*

Vejo também algumas particularidades:

O contorno dos olhos era ligeiramente marcado por olheiras.

Ela usava no pescoço uma pequena fita à qual estava presa uma espécie de medalha.

Essa jovem parece muito feliz por seu primo tê-la chamado e exclama: *"Oh! Como eu amava meu primo! Ele sempre cedia a todos os meus caprichos... Se ele acredita que eu vivo, então um dia estaremos reunidos... Ele chorou muito por mim,"* acrescenta ela ingenuamente, *"quando me chamarem de novo, aparecerei para vocês vestida com minha bela roupa celestial."*

Espero, senhor, que esses primeiros detalhes sejam tão exatos quanto deseja e que nos permitam obter mais informações conforme julgar necessário.

Na esperança disso, receba, senhor, minhas saudações fraternas.

APARIÇÃO DO ESPÍRITO DE CAZOTTE

9 de março de 1860
(*Enciclopédia Magnética, página 8*)

Há muito tempo eu desejava pedir a este bom Espírito que aparecesse a Adèle, para que eu pudesse questioná-lo sobre diversos aspetos de suas obras místicas publicadas. Como encontrei Adèle disposta a realizar esse estudo, aproveitei a oportunidade e conduzi a sessão da seguinte forma:

Poderia ter a gentileza de chamar o Espírito de Cazotte e me descrever sua aparência? Eu não teria como verificar essa informação de imediato, pois não tenho conhecimento sobre isso, mas no futuro seria interessante poder confirmar.

Aqui está Cazotte.

Pergunte a esse espírito se ele é realmente Cazotte, autor do livro O Diabo Amoroso.

Sim, sou eu mesmo, responde ele. Esse livro ainda existe?, acrescenta.

Sim, foi reimpresso várias vezes. Agora, por favor, descreva a aparência do espírito presente.

Vejo um homem com cerca de sessenta anos, cabelos brancos enrolados em cachos ao redor da cabeça, testa bastante ampla e elevada, olhos cinza e vivos, sombreado pelo osso das sobrancelhas. As sobrancelhas são pouco espessas, mas arqueadas, formando pregas sobre os olhos. O nariz é bem proporcionado, a boca comum, com lábios grossos, e o queixo arredondado. Sua fisionomia é larga e corada, a estatura é alta e a corpulência bem distribuída.

Veste um casaco de colarinho reto, com abas largas e grandes botões, mangas extremamente amplas, feito de um tecido marrom. Usa uma gravata branca, calção curto de cor verde-escura, sapatos com fivelas e pernas fortes, com panturrilhas robustas. Este homem deve ter morrido de um ataque fulminante, pois não o vejo falecendo por doença.

Poderia perguntar-lhe se ele se lembra de ter escrito um livro intitulado O Diabo Amoroso?

Sim, acabo de perguntar se esse livro ainda existe.

De facto. O que você pensa hoje sobre as conceções espiritualistas apresentadas nessa obra?

Sou capaz de apreciá-las; salvo algum erro, eu as sustento.

Acredita que o enredo de O Diabo Amoroso, tal como o descreve, pode realmente ocorrer?

É possível, sim, mas muito raramente, muito raramente. Se essa faculdade estivesse ao alcance irrestrito dos humanos, a harmonia da criação seria perturbada e a autoridade divina prejudicada. Pode acontecer, mas, repito, é extremamente raro.

D. Você também se lembra de ter deixado manuscritos tratando de questões espirituais, que foram posteriormente publicados sob o título Obras Póstumas de Cazotte?

Sim, deixei muitos manuscritos sobre esses temas. No entanto, eles contêm um grande número de erros. Eu acreditava estar conversando com os Espíritos citados nesses escritos, mas posso ter sido enganado por Espíritos mal-intencionados que criaram imagens ilusórias.

D. Em sua obra, você menciona possuir a capacidade de sair do seu corpo em espírito, como uma espada saindo de sua bainha, e que, ao fazer isso, o corpo espiritual, estando parcialmente liberto do corpo físico, lhe permitia observar toda a mecânica do mundo das causas e conversar livremente com os Espíritos desencarnados. Isso era realmente possível?

Eu acreditava sinceramente que saía do meu corpo dessa maneira, mas, na verdade, esse estado era idêntico ao que você mesmo experimenta (observa o Espírito para Adèle), e, por esse motivo, eu podia conversar em espírito com aqueles que me cercavam.

Você tratou de uma questão em particular que me interessa profundamente, um tema que nunca encontrei abordado com tanta clareza quanto por você, o que me trouxe grande satisfação. Quero expressar hoje meu reconhecimento por isso e pedir que me confirme, se possível, a validade dessa proposição.

Você escreveu que, no céu, existem apenas pensamentos que representam todas as coisas—por exemplo, que o pensamento "cabra" representa uma cabra, que o pensamento "montanha" representa uma montanha, que os pensamentos "tomilho" ou "serpol" representam essas plantas, e que, assim, o pensamento "montanha" sustenta o pensamento "cabra" que passeia sobre ela, e que o pensamento "tomilho" serve de alimento à cabra que o pisa ou o mastiga. Você ainda mantém essa ideia?

Sim, os pensamentos tomam a forma das coisas às quais se referem e, além disso, são animados pela vida dessas mesmas coisas. São os pensamentos que criam o céu de cada ser, assim como podem criar o seu inferno.

Existe um céu e um inferno, ou seja, um bem e um mal universais?

Sim, pois, em geral, o homem aspira ao que é melhor, e o melhor é o que é belo e bom.

No entanto, o homem também aspira ao que é feio e mau, pois muitas vezes se compraz naquilo que causa repulsa aos outros e gosta do que provoca perturbação.

Isso ocorre apenas devido a uma falsa transposição das coisas, como acontece no mundo material. Mas, se você fizesse vinte perguntas sobre esse tema a diferentes homens, dezassete ou dezoito respostas convergiriam para o belo e o bom. Ninguém amaldiçoa o céu, a primavera, a natureza e suas inesgotáveis produções; todos temem as trevas, a tempestade, a escassez, o vazio.

Você disse que os pensamentos criam o céu de um homem. Isso acontece de maneira geral? Ou seja, cada um pode pensar o que quiser para satisfazer seus desejos e criar sua própria felicidade no mundo espiritual?

No primeiro estado pelo qual o homem passa após a morte, que chamamos de purificação, ordenação e harmonização dos pensamentos, isso não é possível. Ele deve primeiro restaurar a harmonia do que perturbou e sofrer as consequências das desordens que causou em todos os domínios com os quais teve contato. Essa questão é muito complexa.

Não desejo aprofundar esse tema hoje, apenas quero saber se você ainda mantém suas antigas conceções sobre esse assunto e sobre a possibilidade da existência de O Diabo Amoroso, nos termos em que você apresentou essa ideia.

Sim, mantenho, exceto pelos erros que posso ter cometido involuntariamente.

Agradeço, por hoje, essa esclarecedora declaração.

Observação: Esta declaração está intimamente ligada às revelações contidas em *Meditações de um Pensador*, tomo 2, no artigo *O Anjo e o Homem Terreno*, e, por essa razão, merece ser aqui registada.

Alph. Cahagnet

APARIÇÃO NÃO EVOCADA

A Monsieur Cahagnet

Senhor e irmão em Deus,

Envio-lhe, conforme seu pedido, o relato fiel da narração verbal que fiz a você e aos nossos irmãos na sessão de 3 de junho em sua casa.

Recebi uma carta de minha querida mãe informando que minha filha estava doente há dois dias e que recusava-se a se alimentar. Isso me preocupou profundamente. Um pressentimento forte me impulsionou a ir vê-la imediatamente. Ainda lembrava o desespero que senti por não ter conseguido salvar minha esposa, tempos atrás, por falta de conhecimento dos remédios adequados.

Agora, disse a mim mesmo, tendo visto o poder do magnetismo, lutarei com todas as minhas forças contra essa morte que, em momentos de fúria, tantas vezes desejei combater diretamente.

Ao chegar, ouvi sua tosse aguda ecoando de seu frágil peito. Era uma tosse que me lembrava outra, infelizmente idêntica. Percebi, então, que minha filha estava sendo levada pela mesma doença que ceifou a vida de sua mãe!

Diante dessa constatação, preparei-me para magnetizá-la com toda a força de minha vontade. Comecei com suavidade, mas em poucos instantes essa suavidade se transformou em determinação, pois minha ansiedade só crescia.

Após uma noite inteira de magnetização, na manhã seguinte, uma leve esperança iluminou nossos rostos. Até mesmo o médico parecia confiante. Mas a tosse persistia e o congestionamento não diminuía. À noite, a situação permanecia a mesma—e, naquela madrugada, piorou ainda mais.

Nesses momentos de angústia, em que a vida de minha filha pendia entre a existência e a morte, ajoelhados ao seu lado, orávamos a Deus pedindo-lhe que nos concedesse sua vida, ou ao menos que a levasse sem sofrimento.

Em um desses momentos, minha mãe desceu, incapaz de conter suas lágrimas diante de minha dor. Pouco depois, ao retornar, disse-me:

"Todos os nossos esforços serão inúteis. Estou convencida disso, pois acabo de ouvir uma voz muito querida e familiar me dizer: 'Não chore mais, boa mãe. Alegrai-vos, ao contrário, pois minha filha tem apenas alguns instantes de sofrimento pela frente. E depois... eu estou sozinha, enquanto vocês ainda têm um ao outro.'"

Após essas palavras, minha mãe viu desaparecer diante dela uma forma humana vestida de negro, com os cabelos soltos.

Várias vezes depois, nos momentos em que a esperança renascia e nos reuníamos ao redor do berço, trocando olhares ansiosos, minha mãe sentia uma leve pressão sobre os ombros e me dizia: *"Sinto que a mãe dela está apoiada em mim."* Estávamos convencidos, por esses sinais, de que o espírito de minha esposa velava constantemente sobre sua querida filha, a quem tanto amara na Terra.

Ainda que, por vezes, a vida parecesse voltar à superfície daquele pequeno corpo sob o efeito do fluido que escapava de minhas mãos—fluido que, à luz fraca, eu podia distinguir claramente em tons azulados—, minha mãe jamais compartilhou de minha confiança. E seus pressentimentos logo se confirmaram.

Revezávamo-nos para descansar um pouco. Naquela noite, minha mãe quis ficar acordada, sem dormir, para vigiar minha filha. Eu estava adormecido, vencido por um cansaço que não sei descrever. Não era apenas fadiga; havia algo além disso—algo que suspeito, mas gostaria de compreender melhor.

Acordei poucos minutos antes de minha filha deixar a vida material. Vi-a apagar-se.

Houve algo estranho, que poderia parecer incomum para outros, mas não para nós. Meu pai, que dormia cerca de duas horas antes do falecimento da menina, sentiu uma pressão na cabeça e despertou. Acreditou, então, que a criança havia morrido, mas ainda não era o caso.

Adormeceu novamente e, então, teve um sonho muito vívido. Nele, viu distintamente uma pomba arrulhando ao seu redor e, em seguida, voando para uma árvore. Em

seguida, um raposo apareceu, espreitando essa presa. No sonho, meu pai torceu o pescoço do animal. Ao acordar, interpretou aquilo como um sinal de que minha filha havia falecido. Foi verificar... e era verdade.

Peço a Monsieur Cahagnet que me esclareça sobre o significado desse sonho alegórico.

Agora, chego ao mais sublime de tudo!

No túmulo da mãe, onde iríamos depositar a criança, minha esposa apareceu segurando nos braços nossa filha. Seu rosto irradiava uma alegria indescritível enquanto olhava para sua amada menina, que, por sua vez, parecia retribuir seu afeto com carícias e sorrisos.

Essa aparição foi visível para minha mãe e para meu pai por cerca de cinco minutos. No entanto, ambos a viram vestida de forma diferente: meu pai a viu com um vestido branco bordado com lírios, que ela costumava usar no verão quando estava viva. Minha mãe, por outro lado, viu-a vestida de negro, com os cabelos soltos. Já o traje da criança era o mesmo para ambos: as roupas do enterro, touca branca e vestimenta da mesma cor.

Que aqueles que lerem este relato acreditem em sua veracidade e na boa-fé daqueles que o testemunharam. Estamos longe de querer enganar nossos irmãos. Somos apenas pessoas que, frequentemente, veem coisas inexplicáveis para nós, mas que são tão reais e poderosas que não conseguimos conter nossas lágrimas ao recordá-las.

Que nosso bom irmão possa me explicar esse fenômeno: será que a aparição ajusta sua forma à perceção de cada observador? Mas, se assim fosse, por que eu não a vi da mesma maneira que eles?

Alguém poderia argumentar que, sendo eu mais sensível, a visão me causaria sofrimento. Mas creio que há outra causa para isso.

Felizmente, posso estar enganado.

Se a capacidade de ver os espíritos depende de um grande esforço de amor, como entendi ao discutir isso com você, eu deveria ser capaz de vê-los tanto quanto meus pais, pois amo minha esposa e minha filha tanto quanto eles. Você poderá me dizer que isso depende da vontade de um poder oculto e de outros propósitos. Não o nego, pois por muito tempo me perguntei se ver seria o mesmo que acreditar com convicção racional.

Tal visão serviria apenas para reforçar a certeza adquirida pelo raciocínio. Mas essas forças não estão, acredito, sujeitas aos nossos caprichos.

Não pensa você que a capacidade de ver os espíritos depende da constituição material do indivíduo? Ou será que se deve ao poder oculto de uma grande sensibilidade, que permite que o sujeito impressionado veja as manifestações de seus próprios desejos?

Canso-me de procurar respostas e nada encontro de satisfatório.

Uma palavra, apenas uma palavra sua poderia me iluminar sobre essa questão. Esperarei por ela com paciência e esperança, sabendo que você deve estar sobrecarregado com inúmeros pedidos semelhantes—perguntas que são mais ou menos complexas.

Receba, nosso querido irmão em Deus, meu aperto de mão cordial, que sempre gostaria de chamar de reconhecimento.

Lecomte
Paris, 7 de junho de 1860

APARIÇÃO DE UM MENDIGO

(*The Night Side of Nature*, página 288)

O Dr. Kerner relata a seguinte história, que, segundo ele, foi-lhe contada por uma fonte de grande respeito.

Agnès B..., então com 18 anos, era empregada em uma pequena hospedaria em Undenheim. Seus patrões, já idosos, costumavam se recolher às 8 horas da noite, enquanto ela e o criado da casa ficavam de vigia até as 10 horas, para depois também se deitarem.

Certa noite, enquanto o dono da hospedaria estava na porta, um mendigo aproximou-se pedindo abrigo para passar a noite. O patrão recusou e aconselhou-o a procurar abrigo no vilarejo. O homem se afastou.

Mais tarde, quando os patrões já estavam dormindo e os criados se preparavam para se recolher, o mendigo retornou e insistiu no pedido, alegando não ter conseguido abrigo no vilarejo. Inicialmente, os criados recusaram, pois não tinham autorização para acolhê-lo. No entanto, por fim, permitiram que ele dormisse no celeiro, com a condição de que partisse ao amanhecer.

Na manhã seguinte, às três horas, o criado entrou no celeiro e encontrou o mendigo morto. Apavorados com a possível reação do patrão, os dois servos decidiram transportar o corpo para um fosso próximo, onde poderiam alegar que ele falecera naturalmente. O corpo foi encontrado e sepultado, e os dois acreditaram que estavam livres desse problema.

Contudo, na noite seguinte, Agnès acordou sobressaltada ao ver o mendigo parado ao pé de sua cama, olhando-a fixamente. Ele então se afastou e saiu pela porta.

"Fiquei aliviada ao ver o dia nascer", contou Agnès. *"Mas, ao sair do quarto, vi o criado se aproximar de mim, pálido e trêmulo. Antes que eu pudesse contar o que havia acontecido, ele me disse que o mendigo também lhe aparecera durante a noite, olhara-o fixamente e depois se afastara. Estava vestido exatamente como o vimos em vida, mas mais escuro—algo que eu também havia notado."*

Aterrorizados com a possibilidade de serem culpados pelo ocorrido, decidiram não contar nada a ninguém, embora a aparição se repetisse todas as noites, independentemente do quarto em que dormissem.

O efeito dessa assombração tornou-se tão visível que despertou a curiosidade dos moradores do vilarejo. A mãe do criado, preocupada, pediu ajuda ao pastor local para descobrir o que estava perturbando seu filho. O religioso sugeriu que ele conversasse com o frei Joseph, do convento franciscano, que assegurou que o espírito não poderia lhes fazer mal e os aconselhou a perguntar diretamente ao falecido o que ele queria.

O criado fez isso e recebeu a seguinte resposta:

"Vocês são boas pessoas, mas eu sou um espírito maligno. No celeiro, sob a palha, encontrarão meu dinheiro. Ele pertence a vocês."

O criado, de fato, encontrou um velho saco de moedas escondido sob a palha. No entanto, sentindo repulsa pelo dinheiro, decidiu destiná-lo a um bom propósito. Com a ajuda do frei Joseph, dividiram a quantia em três partes: uma para o convento franciscano, outra para a igreja reformada do vilarejo e a terceira para a igreja luterana, à qual pertenciam.

A partir desse momento, a aparição cessou.

(Curiosamente, os franciscanos e as igrejas protestantes não demonstraram a mesma repulsa pelo dinheiro de um mendigo—possivelmente um bandido—e ninguém pensou em destiná-lo aos pobres.)

APARIÇÃO

(*The Night Side of Nature*, página 79)

Sir Thomas Wilkins, pároco de Warblington, no condado de Hampshire, escreveu que ele e várias outras pessoas testemunharam uma aparição na casa paroquial.

Ao tentar tocar a figura, ele não sentiu nada além da parede, apesar de a forma luminosa permanecer sempre no mesmo lugar do quarto.

O pároco teorizava que, se algumas luzes aparecem fixas sobre túmulos, como emanações dos corpos, outras se movem livremente. A aparição que ele viu saiu da casa paroquial, atravessou a estrada, entrou em um bosque, subiu uma colina e desapareceu na porta de uma fazenda.

Momentos depois, surgiu novamente, agora acompanhada por outro espírito, e ambos retornaram ao ponto de onde a primeira aparição havia partido, onde desapareceram.

Intrigado, o pastor marcou o local da aparição com um sinal no túmulo onde ela desapareceu e, no dia seguinte, perguntou ao coveiro quem havia sido enterrado ali. O homem respondeu que o falecido pertencia a uma família que morava no alto da colina, indicando a casa onde a luz havia parado, pertencente ao senhor D.

O pároco descobriu então que, na noite anterior, uma criança dessa família havia falecido. Presumiu-se que seu espírito teria acompanhado o do falecido que aparecera na casa paroquial.

SONHO – AVISO DE FALECIMENTO

(*The Night Side of Nature*, página 71)

Um secretário muito estimado faleceu na casa do senhor Von N... Cerca de oito semanas depois, enquanto este estava doente, sua filha teve um sonho no qual alguém tocava a campainha da casa.

Ao atender, viu o secretário falecido na porta. Ele entrou e, ao ser questionado sobre o motivo de sua visita, respondeu:

"Vim buscar alguém."

Preocupada com a saúde do pai, a jovem perguntou:

"Acredito que não seja meu pai, não é?"

O espírito fez um gesto negativo com a cabeça e seguiu para a sala de jantar, onde desapareceu.

Dias depois, o irmão dessa mulher foi visitar os pais. Passou a noite no quarto onde o secretário havia falecido e, naquela mesma noite, adoeceu gravemente. Pouco depois, morreu.

O SONÂMBULO ILLION, DITO BRETON

Cura magnética, sonambulismo, visões à distância, aparições, etc.

Por volta de 15 de outubro de 1857, uma casa em Argenteuil já se erguia imponente até o segundo andar, sob a direção do empreiteiro M. Caillé. Andaimes lotavam a viela estreita, bloqueando o tráfego habitual de carroças que, embora nunca cruzassem por ali, seguiam em fila, avançando lentamente.

Um cocheiro experiente, que conduzia sua carroça há trinta anos, tentou passar pelo local. Mas, como dizem, *"contra a força não há resistência"*. Assim como um camelo não pode atravessar o buraco de uma agulha, uma carroça larga não poderia passar por um caminho estreito demais.

Seu julgamento o traiu. Um jovem operário, observando do alto do andaime, percebeu que a carroça colidiria com uma escada e tentou removê-la do caminho. No entanto, o eixo da roda ficou preso nos degraus, puxando a escada e derrubando o jovem.

A queda foi terrível. Ele caiu de pé, mas foi arremessado para o lado esquerdo, atingindo uma parede, que, por sua vez, o lançou ao chão. Seus colegas o recolheram inconsciente.

Um médico que passava pelo local examinou o rapaz, reduziu uma luxação no ombro, mas não soube dizer se ele sobreviveria.

Levado ao hospital, recobrou a consciência apenas para testemunhar sua própria desgraça: seu pé esquerdo estava gravemente ferido—luxado ou esmagado, o médico não sabia dizer, devido ao inchaço extremo.

Sua cabeça inchou rapidamente, assumindo uma coloração violácea, sugerindo uma grave hemorragia interna. Sua respiração era fraca, e ele mal conseguia falar. Mas,

assim que conseguiu pronunciar algumas palavras, apontou para um leito próximo e exclamou:

"Foi ali que ela morreu! E é ali que eu morrerei..."

ILLION, O FERIDO

Illion (este é o nome do ferido) já havia ficado viúvo e, há pouco mais de um ano, casou-se novamente com uma jovem órfã que trabalhava em nossa casa como empregada doméstica. Sua primeira esposa viveu apenas dezoito meses ao seu lado, adoecendo logo nos primeiros meses de casamento e falecendo de tuberculose no hospital de Argenteuil.

Agora, sua segunda esposa estava grávida e prestes a dar à luz. Illion trabalhava para o mesmo patrão há catorze anos e era muito estimado por seus colegas. Todos iam visitá-lo, consolá-lo e demonstrar-lhe amizade e apoio.

Sua situação, no entanto, não era das melhores. Após alguns dias de avaliação médica, ninguém sabia dizer se ele voltaria a exercer seu ofício. Lesões graves na cabeça levantavam preocupações sobre sua sobrevivência, enquanto o tornozelo e a articulação do pé estavam em péssimo estado. A nuvem das dores terrestres pairava sobre o jovem casal.

Eu fazia o possível para consolar sua esposa, enquanto os amigos cuidavam de animá-lo. Seis semanas se passaram dessa maneira. Illion, sentindo-se um pouco melhor, pediu para sair do hospital, um lugar que nunca lhe agradara. Acreditava que sua recuperação seria mais rápida em casa.

Seu tornozelo estava condenado a depender do tempo para melhorar, enquanto o ombro nunca mais funcionaria como antes. Um médico especialista foi consultado e, ao examiná-lo, percebeu que seu ombro havia sido deslocado novamente durante a remoção de suas roupas no hospital—um detalhe que ninguém havia notado antes.

Nos dias seguintes, Illion foi regularmente ao consultório desse médico para receber curativos, mas sua condição não melhorava. O desespero tomou conta de seu coração e sua mente, lançando-o em um estado de abatimento que nem mesmo sua jovem esposa, com palavras de encorajamento e sua iminente maternidade, conseguia dissipar.

Havia a esperança de um filho a caminho—um símbolo de amor e felicidade—mas, nas atuais circunstâncias, essa chegada poderia trazer mais tristeza do que alegria.

Todos os dias, sua esposa vinha me contar suas angústias. Illion tomava banhos com ervas para aliviar a inflamação no pé e aplicava uma pomada fortalecedora no ombro, mas a situação só piorava. Seu tornozelo continuava inchado de forma desproporcional, e sua mão não tinha forças para segurar nada.

Eu não queria ser visto como um curandeiro ou um feiticeiro pelos habitantes da cidade. Além disso, minha própria saúde já não me permitia realizar longos tratamentos magnéticos. No entanto, sentindo-me impulsionado por uma força desconhecida, pedi à esposa de Illion que dissesse a ele para me visitar, caso conseguisse caminhar até minha casa—do contrário, eu iria até a dele.

No dia seguinte, Illion chegou apoiado em uma muleta, que lhe era indispensável. Seu rosto carregava um ar de tristeza, sugerindo que uma doença ainda mais grave poderia estar se instalando.

Iniciei uma conversa com ele, sem, naturalmente, lhe dar uma aula de magnetismo—ele não compreenderia nada, dado seu estado mental e nível de instrução. Falei sobre massagens com uma boa gordura. Ele aceitou prontamente, e comecei o tratamento com um pouco de banha de porco, massageando seu pé.

O pobre homem só enxergava a gordura, mas eu via o magnetismo aliado à massagem.

Após trinta minutos desse tratamento, Illion conseguiu andar pelo quarto sem a muleta e dar mais de duzentos passos fora de casa. No dia seguinte, relatou que dormira seis horas seguidas—algo que não acontecia há muito tempo. Também conseguiu suportar o contato do lençol em seu pé, o que antes lhe era insuportável.

Repetimos a sessão no dia seguinte, com o mesmo resultado positivo. No terceiro dia, ele conseguiu dobrar o joelho e se ajoelhar, algo que antes era impossível.

A terceira sessão trouxe esperança e dissipou seu desânimo. Illion voltou a apreciar seu rapé, e o inchaço no pé desapareceu. Agora, ele conseguia movimentar o tornozelo, o joelho e a coxa. Mais algumas sessões como essas, e ele estaria curado.

Decidi não tratar o ombro antes da recuperação completa da perna, pois sabia que um calo ósseo havia se formado durante as seis semanas em que o ombro permaneceu deslocado. Não tinha a mesma confiança na cura do ombro que tinha na recuperação da perna.

Na quarta sessão, Illion relatou que seu braço, ao qual eu nem sequer tocara, já havia recuperado tanta força que ele conseguia levantar um balde de água.

Durante cada sessão, eu notava suas pálpebras tremendo violentamente. Ele tentava resistir, mas, no final, não conseguia manter os olhos abertos. Não me preocupei muito com isso, pois estava focado em salvar, pelo menos, um de seus membros.

No terceiro dia de tratamento, sua esposa deu à luz uma menina.

Illion não tinha fortuna, nem família, e poucos amigos que pudessem ajudá-lo nessa circunstância. Teve que correr de um lado para o outro e passou duas noites sem se deitar. Eu temia uma recaída e, por isso, continuei magnetizando-o. No entanto, sua melhora continuava. A inflamação na perna não voltou.

Um dia, arrisquei olhar para a região de seu coração enquanto ele dormia, como de costume. De repente, ele ergueu o tronco e parecia respirar com dificuldade. Perguntei-lhe o que estava sentindo, e ele respondeu que se sentia muito bem. No entanto, não conseguia abrir os olhos—ele estava em estado de sonambulismo.

Aproveitei para questioná-lo:

Eu lhe faço bem?

Você trabalhou bem. Meu pé está quase curado.

Você consegue ver seu próprio pé?

Sim, ele estava pior antes, mas ainda não está completamente curado por dentro.

Há algum nervo, tendão ou osso danificado?

Está tudo bem. O grande nervo de trás (o tendão de Aquiles, presumo) está melhor, mas foi muito afetado. Os ossos do tornozelo esfregaram uns nos outros e esmagaram algumas estruturas.

Eles estão lascados, desgastados ou quebrados?

Não, mas precisam de tempo para se recuperar.

Você consegue ver também o seu ombro?

Sim, mas ainda há muito trabalho a ser feito. Ele não está no lugar correto.

Como assim? O médico A... não o recolocou no lugar?

Sim, ele é um homem habilidoso, um bom médico, mas não conseguiu encaixá-lo corretamente na articulação devido a alguns bloqueios que consigo ver.

Que bloqueios são esses?

Não sei bem como explicar. Há tantas estruturas em um ombro! Ele está cheio de nervos e ligamentos. Tudo foi puxado e desalinhado. Nada foi colocado de volta no lugar e, por isso, ficou sem movimento, como se estivesse adormecido. Imagine uma fenda onde deveria haver um encaixe perfeito, mas que ficou desalinhado.

Diálogo com Illion e Suas Observações sobre a Saúde e a Visão Espiritual

O que será necessário fazer para encaixar o ombro de volta no lugar? Será preciso puxar o seu braço?

Sim, mas pouco a pouco. Você deve trabalhar a parte superior do braço da mesma forma que trabalhou minha perna, e tudo voltará ao lugar.

Se eu lhe der água magnetizada, trabalhada do mesmo modo que tratei sua perna, para usar em compressas contínuas, você acha que isso ajudaria?

Oh, sim! Faria ainda mais bem do que a gordura, pois sinto que o que sai de suas mãos é soberano e que as compressas que você usa acalmam o calor da minha perna.

Observação: Costumo magnetizar raramente inflamações desse tipo sem usar compressas de água magnetizada entre minhas mãos e a área inflamada. Posso medir o grau de alívio pela secagem das compressas. Depois, continuo o tratamento com uma massagem usando banha de porco ou óleo, para suavizar a pele dolorida e ressecada pela inflamação.

Você consegue ver também sua cabeça, que sofreu tanto? Não haveria algum foco infecioso em formação?

Minha cabeça está bem.

E o interior do seu corpo, está no mesmo estado?

Sim, tudo está bem.

Observação: Na sessão seguinte, quis testar a lucidez de Illion. Pedi-lhe que me examinasse e me dissesse como me via. Ele respondeu:

"Tudo isso está bem."

O que você quer dizer com "bem"?

Que você não está doente.

No entanto, eu não me sinto totalmente seguro quanto à harmonia dos meus órgãos. Vamos fazer um exame mais detalhado. Como está minha cabeça?

Está bem.

E meus pulmões?

Estão bem.

Mas "bem" pode não ser o termo mais exato.

Eles já estiveram doentes. O pulmão esquerdo está endurecido ao redor e é bem menor que o direito, mas agora está bem.

E o coração?

Está bem.

O fígado?

Bem.

E o baço?

Bem.

O rim esquerdo?

Bem.

As vias urinárias?

Bem.

Estou esquecendo do estômago...

Ele esteve muito doente e ainda não está completamente curado.

Como estão os intestinos?

Muito fatigados.

Então você me vê melhor do que eu me sinto?

Quero dizer que vejo você como um homem desgastado.

Você encontrou o estômago doente. Qual a causa?

O cansaço do cérebro. Você pensa demais. Pensa de dia e de noite, remói muitos pensamentos ao mesmo tempo... Você não é filósofo. Não faz como nós: quando

ouvimos algo de um lado, deixamos que saia pelo outro. Mas em você, tudo fica. Você pensa nisso, você pensa demais.

Não consigo evitar pensar assim. Quando eu trabalhava como você, era mais feliz, pois aceitava as coisas como elas eram dadas. Mas hoje não sei o que tomou conta de mim e me tornou escravo desse tipo de pensamento.

Se você não tivesse essa inclinação para essas coisas, elas não estariam em sua mente mais do que estão na minha. Você sempre teve tendência a pensar muito.

Você pode estar certo. Vamos deixar essa questão para outro momento. No estado em que você se encontra agora, pode ver sua filhinha recém-nascida e me dizer algo sobre ela? Vou chamá-la. Me diga quando ela estiver presente.

Eu queria estudar qual seria a principal habilidade somnambulística de Illion, pois o que acabava de ouvir sugeria que ele poderia detetar com precisão as causas das doenças. Esse homem não me conhecia antes do tratamento e estava longe de qualquer estudo nessa área, devido à sua falta de instrução. Ele não sabia ler e passara a vida inteira nos andaimes.

Pude perceber sua ingenuidade ao ouvir um relato que ele me fez recentemente sobre seu estado mental antes de me conhecer:

— "Minha esposa (me dizia ele) é muito alegre e me dá todos os cuidados possíveis. Ela tenta me fazer rir o tempo todo. Outro dia, ela me pediu para dizer alguma coisa, mas não respondi, pois estava imerso nos pensamentos que meu estado triste me causava. Ela chegou a acender duas velas e colocá-las na mesa, bem perto do meu rosto. Perguntei por que ela estava fazendo aquilo, e ela riu, dizendo: 'É para ver se você fala!'

Mas eu respondi: 'O que você quer que eu diga, se eu não sei nada? Eu não sei ler, então não tenho histórias para contar. Se eu inventar uma, estarei mentindo. É melhor que eu fique calado.'"

Eu queria então determinar sua principal especialidade somnambulística e, por isso, o incentivei a ver sua filhinha. Após um momento de concentração, ele me disse que a via no colo da esposa, que estava sentada perto do fogo e a embalava.

A sua esposa está de pé?

Ela levantou-se hoje de manhã, mas voltou a deitar logo depois.

Ela tinha o bebê nos braços?

Oh, não. O bebê ficou no berço.

Tem certeza de que ela está de pé neste exato momento?

Eu vejo-a com tanta clareza quanto o vejo a si.

Diálogo com Illion e Reflexões sobre a Morte e a Alma

Você vê-me, então?

Muito bem.

Isso é suficiente por hoje, vou despertá-lo.

Observação: Quando Illion foi despertado, pedi-lhe que verificasse se sua esposa havia realmente se levantado durante sua ausência, sem lhe dar mais detalhes. No dia seguinte, ele me confirmou que, de fato, sua esposa havia se levantado e que sua cuidadora a surpreendeu sentada perto do fogo, embalando a filha no colo, mas logo a fez voltar para a cama.

Essa confirmação me encheu de esperança e me incentivou a continuar com os experimentos. No dia seguinte, depois de magnetizar seu pé sem fazê-lo dormir, pedi que ele se afastasse um pouco para melhor perceber, de olhos fechados, as sensações que o passe da minha mão lhe causaria. Mal havia feito dois passes da direção do joelho ao pé, Illion já estava em transe.

D. Ontem, você conseguiu ver claramente o que acontecia em sua casa. Hoje, eu não planeava adormecê-lo, já que você me disse que tinha pouco tempo e que o seu patrão, o senhor Caillé, o esperava. Mas vamos dedicar um instante para ver a esposa desse senhor. Diga-me quando puder vê-la.

Eu vejo-a.

Onde?

Na casa dela.

O que está ela a fazer?

Pergunte a ela por que pediu que você fosse vê-la.

Ela diz-me que é para eu não pagar a cerveja para Hyacinte, pois ela mesma vai pagar.

D. Isso basta. Vou despertá-lo.

Observação: Illion já estava suficientemente aflito com sua situação. Ele teve a filha apenas por alguns dias antes de Deus chamá-la de volta. Na véspera, havia enterrado a criança! Diante do que me disse sobre sua patroa, escrevi um bilhete ao marido dela, assegurando-lhe antecipadamente que minha intenção não era ser indiscreto, apenas conduzir um breve experimento. Pedi desculpas por minha abordagem e relatei o que Illion tinha visto, pedindo-lhe que apenas confirmasse ou negasse a informação sem contar nada ao trabalhador.

Illion entregou a carta. A esposa do patrão a leu imediatamente e, rindo, disse:

— Ah! Então você é sonâmbulo! Mas, meu caro, você viu errado! Na hora que o senhor Cahagnet mencionou, eu não estava costurando as solas dos chinelos, eu apenas as estava cortando para que minha empregada as costurasse. Mas quanto à cerveja para sua filha, isso é verdade.

Illion, sem entender do que se tratava e sentindo-se alvo de zombaria, afastou-se rapidamente.

Na sessão seguinte, ele me contou o que aconteceu e disse:

— Você me pregou uma peça! Eles disseram que sou sonâmbulo! Eu não consigo entender o que é ser sonâmbulo, já que não sei nada nem mesmo quando estou acordado.

Pedi desculpas, explicando que havia solicitado que não lhe dissessem nada sobre esse pequeno estudo, mas não previ que fariam o contrário.

A minha principal preocupação era curar Illion, não induzi-lo ao transe. Aproveitava seu estado de sonambulismo apenas quando ele ocorria naturalmente. Alguns dias depois, ele entrou novamente nesse estado, e eu o questionei assim:

D. Você já viu sua filhinha uma vez, nos joelhos de sua esposa. Hoje, consegue vê-la novamente?

Mas, senhor Cahagnet, ela está morta.

Eu sei. É exatamente por isso que gostaria que você a visse agora.

(Após alguns minutos de silêncio) Ela acabou de morrer?

Como morreu ela?

Como eu a vi morrer.

O que aconteceu nos seus últimos momentos?

Ela deu seu último suspiro, só isso.

De onde veio esse último suspiro?

Da sua boca.

E de onde ele partiu?

Do coração. Eu vejo que o coração foi a última parte a parar de viver.

Você não vê mais nada?

Não, senhor Cahagnet.

Então, tudo acabou para nós com esse último suspiro?

Oh, meu Deus, sim.

Nenhuma parte dessa criança existe agora?

Ela está realmente morta... Eu já a vejo toda negra.

Não é assim que eu gostaria que você a visse, mas sim mais branca. Ela não tinha uma alma?

Tudo isso está bem morto.

Mas essa alma não existia antes dela? Você não a depositou ou chamou para o ventre de sua esposa?

Foi uma semente que eu depositei, só isso.

Essa semente foi capaz de fabricar ou revestir um corpo tão belo como aquele que você admirou em sua filha?

Tudo isso aconteceu pela natureza da mulher, dentro dela e por ela.

Mas há mulheres de inteligência muito limitada que dão à luz gênios de primeira grandeza. De onde esses seres tiram seus pensamentos, seu conhecimento e suas conceções vastas? Vêm apenas da natureza da mãe, que parece não ter nada semelhante dentro de si?

Não. Eles extraem essas ideias da própria natureza.

O que é a natureza?

Isso é muito difícil para mim, não posso lhe dizer.

Observação: Estamos lidando com crenças extremamente materialistas. Devemos concluir, então, que não há imortalidade? Ou devemos aprofundar mais esse estudo? Optamos por seguir com a investigação:

Você tem algum parente falecido que sente falta?

Sim, meu pai, que morreu há um ano.

Como ele se chamava?

Jacques Illion.

Dê-me sua mão e concentre-se apenas em orar a Deus para que Ele me conceda o que vou pedir mentalmente.

Segurei a mão de Illion com firmeza e chamei seu pai com fé e amor. Fixei intensamente meus olhos nas pálpebras do sonâmbulo, que começaram a se agitar. Seus lábios empalideceram e tremeram, sua cabeça inclinou-se para frente, assim como seus braços, e então ele exclamou:

— Meu pai! Meu pai!

O que você quer com seu pai?

Ele está aqui.

Mas ele não está morto?

Não, ele está bem aqui.

Você me disse que ele estava morto. Você sabe que, ao observar sua filha morrer, não viu nada sobreviver ao seu último suspiro. Então, essa imagem de seu pai é apenas uma lembrança, assim como a imagem da morte de sua filha se apresentou a você.

Oh! Não é uma imagem, ele está bem aqui, me olhando. Papai, é você mesmo? — exclamou Illion, com ingenuidade.

E o seu pai respondeu:

— Sim, meu filho.

Pergunte a ele se está morto.

Ele me diz: "Você vê bem que não."

Pergunte-lhe se ele é mais feliz do que era na Terra.

Oh, sim, ele diz que sim.

O que ele está fazendo?

Ele diz que veio me ver. Oh, papai, então você não está morto! — exclama Illion novamente, radiante de felicidade.

Peça ao seu pai que espere um momento para que você possa vê-lo quando eu abrir seus olhos. Assim, terá certeza, em seu estado desperto, de que a morte não é o fim, mas a porta para uma nova existência.

Ele diz-me que aceita esperar.

Que parte do seu corpo é mais sensível para esse tipo de visão? Assim, quando você estiver acordado, eu posso tocá-la e ajudá-lo a ver seu pai.

O coração.

Observação: Mudei a ordem de minhas perguntas e esperei dez minutos antes de despertá-lo. Quando Illion já estava vestido e pronto para sair, disse-lhe:

— Espere um instante, ainda preciso fazer um pequeno procedimento.

Coloquei minha mão sobre sua região cardíaca, e o efeito não demorou a se manifestar. Illion empalideceu, assim como quando estava em transe. Seus olhos se fixaram em um ponto, incapazes de desviar.

Perguntei:

— O que está vendo?

— É meu pai.

— Mas seu pai não está morto?

— Sim, mas ele está aqui.

— Onde?

— Ali, ele está me olhando.

— Você tem certeza?

— Eu o vejo tão claramente quanto vejo você.

— Então ele não está morto?

— Claro que não, veja, ele está acenando com a cabeça!

Fui obrigado a interromper a experiência e "despertá-lo", pois o impacto parecia ser forte para ele. Após uma breve explicação, ele me deixou em um estado de espírito completamente diferente daquele que tinha antes dessa visão.

No décimo terceiro dia de seu tratamento, e apenas na nona magnetização (pois não pudemos realizar mais sessões devido a circunstâncias imprevistas), Illion conseguiu caminhar uma légua sem precisar da bengala, que deixou para trás sem vontade de recuperá-la. Já conseguia usar seu braço com certa facilidade para puxar um balde de água do poço, vestir-se e despir-se sem dificuldade. Em poucos dias, não pensaria mais no acidente.

O Mistério da Carta Não Entregue

Uma circunstância inesperada afastou Illion de minha casa. Querendo verificar a precisão de suas visões à distância, perguntei à esposa de seu patrão se ela havia recebido a carta que pedi a Illion para entregar. Para minha surpresa, soube que a carta nunca havia sido entregue, o que significava que toda a resposta dada por Illion durante o transe era falsa ou influenciada por uma sugestão desconhecida.

Também quis verificar com sua esposa se, de fato, ela se levantou após o parto e embalou a criança perto do fogo, como Illion descreveu. Para minha surpresa, ela ficou muito surpresa e afirmou categoricamente que nada disso aconteceu.

Ela ficou profundamente desapontada com o que chamou de "mentiras" do marido, pois o considerava honesto e ingênuo em tais assuntos. Ficou ainda mais triste porque reconhecia todo o bem que meu tratamento lhe havia feito e minhas boas intenções para com ele.

Por fim, confrontei Illion sobre essa aparente farsa na sessão seguinte. Para minha decepção, ele sustentou a história com firmeza. Isso me fez duvidar momentaneamente se ele realmente entrava em estado de sonambulismo. Mas, ao considerar tudo o que havíamos testemunhado, não pude duvidar totalmente.

A confirmação veio quando ele admitiu para sua esposa que não entregou minha carta por medo de ser ridicularizado por seu patrão e colegas. Ele conhecia o conteúdo da carta porque a lera durante o transe — algo curioso, já que ele próprio era analfabeto.

Isso provou que ele mantinha alguma lembrança do que dizia durante o transe. No entanto, temendo o ridículo, destruiu a carta e inventou as respostas que relatou a mim. Envergonhado por ter me enganado, não teve coragem de retornar e, aos poucos, recuperou-se completamente e voltou a trabalhos comuns.

Este tratamento demonstrou que, em poucas sessões de magnetização, foi possível alcançar uma cura inesperada, ou pelo menos, muito mais rápida do que se esperava.

Também ficou evidente que os magnetistas devem sempre estar atentos à ingratidão e à fraude de certos pacientes. Alguns "dormidores" não merecem sequer o título de sonâmbulos respeitáveis.

Alphonse Cahagnet

ESTUDOS ESPIRITUALISTAS – UM ENCONTRO COM UMA NOTABILIDADE RUSSA

Desde a publicação do primeiro volume de *Os Arcanos da Vida Futura Revelados*, tive o prazer de conhecer algumas personalidades notáveis, incluindo um marquês russo.

Como outros leitores fascinados pelo livro, ele aproveitou uma viagem a Paris para visitar Argenteuil e estudar diretamente com Adèle Maginot, a protagonista de muitas experiências relatadas em minha obra.

O nosso gabinete de estudos necromânticos tem estado relativamente vazio ultimamente. Isso se deve à nossa decisão de registrar o nome daqueles que solicitam sessões, o que parece desencorajar alguns interessados. No entanto, optamos por manter essa transparência, pois preferimos que cada um assuma a responsabilidade pelo anonimato que deseja manter, em vez de esconder informações importantes para a posteridade.

Sabemos que estamos diante de um marquês russo, mas isso pouco nos importa. O que realmente nos interessa é que ele seja um estudante sério e honesto.

Ele nos abordou da seguinte maneira:

Permita-me, senhor Cahagnet, verificar por mim mesmo os fatos extraordinários que o senhor descreve em seus livros. Não sou cético em relação a esses fenômenos; ao contrário, estou muito inclinado a aceitá-los. No entanto, para isso, preciso que o senhor me permita conduzir esta investigação à minha maneira.

Estou à sua disposição, senhor, assim como minha mais antiga e experiente sonâmbula, Adèle Maginot. Acredito que ela poderá satisfazer, até certo ponto, sua curiosidade.

Fico ainda mais satisfeito ao saber que Adèle será minha professora, pois ela mesma é um objeto de grande interesse para mim.

Em cinco minutos, o senhor poderá conversar livremente com ela.

Chamei Adèle, que, em menos de um minuto, já havia descrito com precisão o espírito que o marquês desejava evocar. Ele não fez perguntas diretas à sonâmbula, exceto esta:

— Onde você vê esse espírito?

Adèle respondeu, apontando para o centro da sala:

— Eu o vejo ali.

Ela então descreveu detalhadamente a conversa que mantinha com o espírito evocado, bem como seus gestos, expressões e hábitos. Após cerca de 45 minutos, Adèle pediu para ser despertada.

Nosso estudante russo parou de fazer anotações, refletiu por um momento e disse:

— Isso foi excelente, Adèle. Estou satisfeito e agradecido. Voltarei para vê-la novamente.

Ele se despediu de nós com os agradecimentos mais calorosos possíveis em uma ocasião como essa.

Oito dias depois, o marquês retornou para outra sessão com Adèle. Desta vez, ele queria experimentar a visão à distância. O resultado foi o mesmo: Adèle descreveu

com precisão tudo o que lhe era solicitado, e o marquês registrou cuidadosamente cada palavra em seu caderno.

Ele então fez a mesma pergunta que na sessão anterior:

— Onde você vê a pessoa com quem está falando agora?

Adèle, mais uma vez, apontou para o centro da sala e respondeu:

— Eu a vejo ali, bem diante de mim.

O marquês exclamou:

— Isso é muito curioso!

A Natureza do Espírito e do Corpo

Essa pessoa tem consciência de que está sendo questionada?

Se não tivesse, não poderia me dar as respostas que estou transmitindo ao senhor. O senhor está em posição de julgar a lógica e a coerência das respostas.

Elas me parecem muito justas e bem fundamentadas. Mas essa pessoa se lembrará de ter sido questionada a tal hora e será capaz de relatar as respostas que forneceu?

Não creio. Eu estou em contato apenas com o espírito dessa pessoa, e não com seu corpo. Quando o senhor falar com o corpo dela, é muito provável que ele ignore completamente essa conversa íntima.

Mas o corpo e o espírito não formam uma unidade?

Em aparência, sim. Mas, na realidade, não. Cada um está em relação apenas consigo mesmo. O corpo está inteiramente voltado para suas necessidades materiais, enquanto o espírito se ocupa de seus pensamentos e aspirações.

Então o corpo não pensa?

Se o corpo não pensasse, não poderia existir. Ele pensa dentro de suas limitações, e o espírito que o habita pensa dentro das suas.

Mas como reconhecer essa dualidade, considerando que só temos a palavra como meio de expressão?

A própria palavra é a prova disso. Assim como um canal pode permitir a passagem de substâncias completamente diferentes, a palavra pode expressar tanto os pensamentos do corpo quanto os do espírito. Cabe ao sábio discernir qual pensamento vem do espírito e qual vem do corpo.

Enquanto você conversa com o espírito dessa pessoa, seu corpo pode continuar funcionando normalmente, como se o espírito estivesse presente?

Sim, pois o corpo responde apenas às exigências materiais do momento. Ele não depende necessariamente do auxílio do espírito para continuar suas funções.

Não quero cansá-la. Voltarei em breve.

O EXPERIMENTO COM UM PACIENTE DISTANTE

Poucos dias depois, o marquês solicitou uma nova experiência. Desta vez, pediu que Adèle observasse, à distância, um doente.

A sonâmbula descreveu detalhadamente a aparência do paciente, bem como seus sintomas. O marquês, novamente, permaneceu em silêncio, anotando tudo freneticamente.

Quando Adèle terminou sua descrição, sem saber se havia falado corretamente, perguntei ao marquês:

— Tudo o que Adèle disse está correto?

Ele respondeu:

— Sim, senhor Cahagnet. Cada detalhe está exato. Mas diga-me, Adèle, onde você vê esse doente?

Ela respondeu, como nas sessões anteriores:

— Eu o vejo bem aqui, diante de mim.

O marquês, intrigado, exclamou:

— Sempre no mesmo lugar! Mas onde estão as distâncias? Onde estão os espaços? O que acontece com as formas?

Mas, senhor Cahagnet, estamos lidando apenas com seres animados que, por meios desconhecidos da ciência, parecem poder se deslocar espiritualmente – preciso usar essa palavra – seja pelo pensamento, seja por imagens, até os lugares onde são chamados. Mas falar do universo é algo completamente diferente.

O senhor admite, com base nas três sessões que realizamos com sucesso, que a possibilidade de ver várias pessoas em diferentes condições e locais, todas concentradas num mesmo ponto, é real?

Sou forçado a admitir, pois não dei nenhuma orientação específica à sua médium para encontrar essas pessoas. Além disso, mesmo que ela pudesse ter visto em minha memória as duas pessoas ainda vivas, ela jamais poderia ter visualizado a pessoa falecida, pois eu não tinha nenhuma referência concreta para guiá-la nessa busca.

Isso é verdade. Mas o senhor conhecia a pessoa evocada, e os críticos poderiam argumentar que a médium apenas viu uma imagem dela na sua mente.

Para isso, a ciência precisaria reconhecer a existência de um mecanismo capaz de projetar imagens no exterior da mente humana. Teríamos que definir e classificar essa espécie de daguerreotipia mental, além de considerar a possibilidade de imagens

falantes. Pois veja, a médium me disse que a pessoa falecida falava muito rápido para evitar gaguejar e até descreveu o tom de sua voz.

É verdade que eu conhecia esses detalhes, mas também é verdade que, naquele momento, não estava pensando neles. Não lhe fiz nenhuma pergunta sobre isso; eu apenas transcrevia, palavra por palavra, o que ela dizia. Se foi através desse processo que ela viu a pessoa falecida, então teríamos a prova de que o espírito humano pode projetar externamente fatos, informações, pensamentos e imagens que pertencem apenas a ele. Essa questão se torna então extremamente séria.

Além disso, alguns detalhes mencionados pelo espírito evocavam aspetos de uma família que eu não conhecia bem. Posteriormente, busquei confirmação e descobri que essas informações estavam corretas. Senhor Cahagnet, estou profundamente abalado por essa experiência. Voltarei para mais estudos. Agradeço ao senhor e a madame Adèle.

A BUSCA POR INFORMAÇÕES MATERIAIS

Na semana seguinte, o marquês solicitou uma sessão com um interesse puramente material. Tratava-se de seguir toda a trajetória de um assunto comercial ou de invenção – não sei ao certo. Ele falava em termos vagos com Adèle e, portanto, me deixava perceber que era algo de grande relevância, chegando até Alexandre. Mas, como tudo estava envolto em um véu de mistério, achei meu dever não me aprofundar em algo que não fui chamado a conhecer.

Durante essa sessão, Adèle percorreu diversos escritórios, de gabinetes administrativos a campos militares. Superou-se em suas descrições e ganhou completamente a confiança do marquês, que lhe fez os mais sinceros elogios.

Agora, já não éramos mais eu e a médium os professores do espiritualismo – nosso aluno havia se tornado o verdadeiro defensor da causa. Ele, um homem ainda jovem, de trinta e cinco anos, mas com um conhecimento vasto sobre o assunto, repetia incessantemente sua pergunta inicial:

— Onde você vê essas coisas?

E Adèle, sempre respondendo:

— Ali, bem diante de mim.

A essa altura, ele exclamou:

— Mas estamos imersos nas mônadas de Platão! Estamos dentro do microcosmo! Estamos no reino das aparências das coisas, naquilo que parece não ser e, no entanto, é!

— O que é tudo isso, meu Deus? O que significa tudo isso?

Se eu tivesse o poder de responder à sua pergunta, faria isso com grande prazer, pois já faz quinze anos que tento encontrar uma resposta – e sempre esbarro no incompreensível. O senhor percebe que, nesta sessão, não estamos lidando apenas com seres espirituais que a médium afirma ver diante de si, mas também com os

próprios locais habitados por essas pessoas. Além disso, ela vê coisas que esses indivíduos ainda desconhecem, pois foi capaz até mesmo de prever um desfecho favorável para o assunto em questão.

É verdade que, nesse ponto, precisamos fazer uma pausa. Afinal, a palavra *profecia* soa um tanto delirante – sugere que apenas aquilo que está predestinado tem o direito de existir, e nada mais. Melhor nos contermos, para não parecermos marionetes do destino.

AS PROFECIAS SÃO REAIS?

O senhor acredita em profecias, senhor Cahagnet?

Sim, senhor, quando elas se mostram verdadeiras. Mas não se pode chamar de profecia um erro. Tenho experiência demais e material suficiente de estudo para ter a ousadia de negar essa questão. Pretendo, aliás, abordá-la de maneira ampla em um livro especial que ainda está em gestação na minha mente e no meu caderno de anotações.

Mas há tão poucos estudiosos, tão pouca liberdade para falar entre os homens... Há tantas questões desse tipo que foram apenas esboçadas e depois enterradas sob o peso do entusiasmo e do erro, que me sinto desmotivado a trazer a razão para eles.

Temo mais o orgulho ignorante dos homens do que seu amor pela verdade.

Mas, senhor Cahagnet, veja que ainda existem espíritos justos entre os homens, que não viram as costas para o conhecimento.

Não posso negar isso, senhor, diante da honestidade de seu estudo de hoje. Mas... o amanhã é incerto.

O senhor acredita que amanhã eu poderei esquecer o que aprendi hoje?

Permita-me apenas desejar-lhe uma boa memória, senhor.

Conclusão das Sessões

Assim se encerraram, em termos gerais, essas sessões, que foram acompanhadas por meia dúzia de encontros organizados pelo marquês com algumas das mais altas damas da aristocracia russa – se posso julgar assim, baseando-me em sua postura refinada e na opulência de sua aparência.

Cada uma dessas pessoas desejava tratar de questões específicas, algumas preferindo até sessões privadas e isoladas com Adèle. Permiti tais encontros, considerando o propósito da experiência, mas raramente faço isso. Preciso ter certeza de que não há nada a temer nesses encontros privados.

Não posso duvidar que todos esses personagens estavam movidos pelo mesmo interesse que guiava o marquês. Tampouco duvido da convicção que conseguimos estabelecer em favor de nossas proposições entre esses estudiosos.

Mas sei também que só ouviremos falar dessas experiências após nossa própria espiritualização. Durante nossa vida material, nenhum desses eminentes personagens desejará admitir que buscou contato conosco.

Somente quando estivermos todos nas esferas espirituais, talvez possam finalmente reconhecer nossa humilde posição social, nosso desprezo pelas convenções do *savoir-vivre*, e nosso isolamento em relação ao luxo e às normas sociais que, na verdade, são muitas vezes prejudiciais.

Talvez então, no mundo espiritual, possam fazer algo por nós. Até lá, os padres nos transformarão em demônios e os intelectuais nos reduzirão a meras ilusões.

Afinal, tudo está sempre para o melhor neste mundo.

Alphonse Cahagnet

APARIÇÃO DO ABAD ALMIGNANA

21 de outubro de 1860

Depois de termos dado ao nosso bom e venerável amigo, o abade Almignana, tempo para se orientar e adquirir algumas noções sobre a existência espiritual, chamamo-lo novamente hoje para saber o que pensa sobre seu novo estado. Tendo-o conhecido como alguém muito ardente, quando estava entre nós na Terra, na busca e solução de questões desse tipo, acreditamos que ele pode nos fornecer algumas novas noções sobre este campo de estudo. Quando Adèle diz que o vê, dirigimos-lhe as seguintes perguntas:

P. Então, nosso venerável amigo, como se sente?

Muito bem, muito bem, minha querida; eu não voltaria à Terra nem por todos os tesouros do mundo.

(Devo observar que o abade Almignana, espanhol de nascimento, tinha um certo sotaque que não tentarei reproduzir aqui, embora ele tivesse um grande efeito na audição da vidente, que o reproduzia com exatidão. Além disso, Almignana costumava tratar por “tu” todas as pessoas com quem tinha amizade; Adèle era sua vidente favorita, e por isso ele sempre se sentia bem na companhia daquela que o fez exclamar que seus quarenta anos de estudos em teologia haviam sido perdidos em contato conosco).

P. Você continua seus estudos terrenos sobre a existência espiritual? Você está na melhor posição para julgar essa existência; acredita que ela seja real? Quero dizer com isso: ela não é uma ilusão, uma projeção do pensamento, uma compulsão de imagens imaginárias?
R. Só sei de uma coisa: tudo o que vejo, tudo o que toco, tudo o que percebo com meus sentidos em geral me parece tão real quanto na Terra! Estou aqui diante de você como você me conheceu; eu me toco, eu me escuto, eu toco tudo ao meu redor, ouço tudo e concluo que tudo isso tem uma existência tão real quanto, e até preferível à da Terra.

Você procurou algum sábio que, como aqueles que buscava na Terra sem encontrá-los, possa responder melhor às suas perguntas?

Vi o padre Lauriot.

A esta palavra, fico perplexo e não entendo por que Almignana procurou ver esse espírito, em quem eu não pensava naquele momento. Sabe-se que o espírito conhecido pelo apelido de Lauriot, nome dado a um padre citado no volume I de *Os Arcanos da Vida Futura Revelados*, apareceu a Adèle na presença do abade Mérice de Saint-Sulpice, que estudava com a vidente uma questão alheia às aparições. A aparição do padre Lauriot nos surpreendeu tanto, como se pode ver na obra mencionada, que foram necessários oito dias para que o abade Mérice encontrasse o verdadeiro nome desse sacerdote na biblioteca dedicada a esse tema.

O abade Almignana sempre pareceu impressionado com essa aparição; devo admitir que ela foi determinante para minha crença nesse tipo de faculdade dos sonâmbulos. Portanto, Almignana não achou nada melhor a fazer do que procurar esse espírito, tanto para confirmar a veracidade de sua aparição a Adèle quanto para conhecê-lo pessoalmente. Almignana teria atravessado a França em busca de informações sobre qualquer fato que despertasse sua atenção; nossos leitores sabem o quanto sua conversão aos nossos estudos nos custou em sessões e demonstrações.

E então, o que lhe disse o padre Lauriot?

Não muita coisa, minha querida; ele não é mais instruído do que os outros. Ele estuda uma ciência que eu não conheço e que me parece inútil no estado em que se encontra; quer criar ou encontrar a pedra filosofal! Ele é um alquimista! Que vá procurar sua pedra, pois não é ele quem me dará noções sobre a grande ciência.

Você, que quando estava entre nós escrevia para todos os teólogos submetendo-lhes suas dúvidas sobre certas partes do dogma, fez alguma pesquisa sobre esse assunto? Você se convenceu da existência de Cristo, da Divindade e dos destinos da Igreja Católica?

Oh! Cristo, Cristo, eu não o vi, não posso vê-lo, e todos a quem perguntei também não o viram melhor do que eu. Vi muitos Cristos, não faltam Cristos, mas, minha querida, esses não são *o* Cristo, são homens como nós.

Você acredita que Cristo, fundador da religião cristã — ou, para ser mais exato, da religião católica — realmente existiu?

Sim, mas como pensador, como professor religioso, como filósofo liberal, cujas doutrinas desagradaram aos homens de sua época, assim como hoje tantos professores desse tipo desagradam àqueles que têm interesse em silenciá-los e, se necessário, fazê-los desaparecer da cena que ocupam.

Você acha que Cristo foi crucificado?

Não sei; provavelmente foi perseguido como tantos outros.

Então você admite que vários Cristos existiram?

Conheço e vi quatro desde que me tornei um espírito, mas eles não são Cristos no sentido estrito da palavra; não conheço nenhum, não vi nenhum, e nenhum dos espíritos a quem perguntei sabe mais do que eu. Quando os crentes em Cristo pedem

para vê-lo no mundo espiritual, veem aquele de seu conhecimento, aquele de seu culto.

O que quer dizer com isso?

Que não faltam Cristos e que ainda existem entre vocês, em todos os homens que se dedicam ao bem-estar e à instrução religiosa liberal de seus irmãos.

Você disse que viu quatro. Quem são eles?

Havia dois que viveram ao mesmo tempo em regiões diferentes: o Cristo dos católicos e o Cristo dos africanos.

E os outros dois?

O Cristo chinês e o Cristo indiano.

Qual desses Cristos é o mais antigo?

O da Índia.

E o segundo?

O chinês.

P. Os outros têm a data que lhes é atribuída?

P. Você acredita que esses Cristos, sendo professores de doutrinas religiosas liberais, aprovam os jesuítas, que se dizem seus filhos prediletos? Como podem suportar as torturas, prisões, guerras e crimes, mais ou menos disfarçados, desses homens que afirmam ser focos do amor divino? Se esses Cristos são realmente seres nobres e poderosos, por que não fulminam tais homens, ou pelo menos não impedem suas tramas sombrias?

R. Porque não podem; já te disse que são homens como nós! Você realmente acredita que, se houvesse um Cristo verdadeiro, um Deus que tivesse se envolvido em nossos assuntos terrestres a ponto de sofrer em nossas prisões, suportar nossas ofensas e morrer em nossas mãos por pregar a caridade, ele permitiria que sua moral fosse tão distorcida? Já bastaria ter suportado insultos materiais pelo bem que queria nos trazer; ele não deixaria que esse bem fosse transformado em mal. Não se preocupe com essas histórias; você verá, quando estiver connosco, que nada disso merece atenção séria. A Terra é uma comédia; não significa nada. Tudo nela acontece por conveniência. Aqui é melhor, apresse-se a vir para cá.

Você viu os padres da Igreja?

Quem você quer que eu veja, se nem mesmo posso ver o próprio Cristo?

Você poderia ter pedido a Pedro, fundador da Igreja, ou a Paulo, seu discípulo fervoroso, que o apresentassem a ele?

Mas já te disse que vi quatro Cristos e que há muitos outros. Aqui, esse nome é dado aos espíritos que cumprem missões desse tipo na Terra. O que Pedro ou Paulo poderiam me dizer? Conheci outros tão instruídos quanto eles, e não sabem mais do que nós.

Você encontrou Swedenborg?

Sim, muitas vezes.

O que pensa dele? Você o frequenta?

Aqui sou como na Terra. Não gosto de me prender a nenhuma sociedade; prezo minha liberdade de apreciação e discussão. Não quero me vincular a este ou àquele; ao contrário, quero encontrar todos para estudá-los e formar minha própria opinião.

Você viu Platão?

Platão, Platão... não. Mas o que ele poderia me dizer além do que está nos *Arcanos da Vida Futura Revelados*? Vejo ali a verdade que buscava. Por ora, não quero me cansar procurando mais. Preciso de descanso, e o que experimento aqui me parece bom.

Ainda se dedica à música?

Sim, muito.

E sobre as mesas girantes, o que pensa delas?

Elas me cansaram muito e há mais engano do que verdade nelas. Há muito entusiasmo exagerado e menos mistério do que se pensa. Como em tudo o que os homens fazem, trata-se mais de um entretenimento do que de um estudo sério. Não se ocupe com isso; há muitos zombadores que distorcem a verdade.

No entanto, o fenômeno existe?

Sim, vi o espírito de Franklin sobre isso; mas há muito menos espíritos entre nós envolvidos nesse assunto do que vocês imaginam. Onde o sério se mistura ao ridículo, não há nada a ganhar para a verdade.

Adèle me observa que o espírito Almignana parece pouco interessado nas questões que lhe dirijo e lhe diz (falando sobre mim): "Ele verá por si mesmo que, depois de muito estudar, precisa-se de descanso, e não há pressa em se esgotar adquirindo novos conhecimentos, quando a felicidade não depende disso. O que me importam as mesas girantes, Cristo e o papa? Não estou mais entre essas coisas e essas figuras. Estou satisfeito com meu estado; não quero perturbá-lo com futilidades."

Assim terminou esta sessão, que eu ansiava por realizar e que, embora instrutiva, não respondeu completamente às minhas aspirações.

ESTUDANTES SWEDENBORGIANOS

Sessão de 28 de junho de 1857

O irmão Lejeune foi o único ausente da sessão. Sem ter avisado previamente, a leitura da ata de maio foi aceita sem contestação.

O irmão Cahagnet informa a assembleia sobre a difícil situação do Sr. Almignana e sua partida de Paris.

O irmão Ravet se oferece para entrar em estado de sonambulismo, caso sejam necessárias comunicações espirituais. O irmão Cahagnet o coloca imediatamente nesse estado e o questiona conforme a solicitação dos irmãos presentes.

O irmão Maugis pergunta o nome de seu guia.
O guia de Ravet responde que se chama Quénard.

Ele me conheceu na Terra?

Sim.

Qual era sua profissão?

Barbeiro.

Quais são os afetos atuais do seu guia?

O torno. Ele gosta de ver você trabalhar com o torno e aconselha sobre isso.

Então ele conhecia o torno?

Não; mas é um admirador dos trabalhos feitos com o torno, e às vezes você se sente bem em tê-lo por perto.

Como ele me conheceu?

Pela lembrança de ter visto você na Terra.

O irmão Maugis comenta:

"É verdade que, quando eu era muito jovem, me lembro de ter tido carinho por um barbeiro, onde eu ia frequentemente e que me colocava em seu colo para brincar. Mas não me lembro nem do nome nem da fisionomia dele."

Ravet descreve algumas características físicas desse homem, mas elas não trazem de volta a lembrança exata ao irmão Maugis. Então, ele pergunta a que sociedade pertence seu guia.

À sociedade dos Gabriel.

Ele vê minha mãe?

Sim, responde Ravet. "Meu guia me diz: 'Olha, aqui está sua mãe.' E, imediatamente, eu a vejo segurando sua filha pela mão. A pequena tentou se lançar nos seus braços, mas quase caiu devido à rapidez do movimento que fez; sua mãe a segurou pela mão, impedindo a queda."

O vidente então descreve a mãe de Maugis com detalhes precisos, que ele reconhece como exatos. Além disso, repete expressões que eram comuns em sua conversa, o que impressiona o irmão Maugis.

A mãe então diz através de Ravet:

"Meu filho deve se sentir mais tranquilo desde que tenho a pequena comigo."

O vidente sugere que esse espírito ainda acredita estar em Asnières, acreditando que realiza uma ação material benéfica para Maugis, ao cuidar da filha dele.

Tenho algo a temer do futuro?

Não; seu trabalho será suficiente para suprir suas necessidades e manter sua independência.

O irmão Toussaint deseja, por sua vez, conhecer seu guia espiritual. Após um longo silêncio, Ravet responde:

"Ah! Mas o seu caso é diferente! Você nem imagina quem o guia! É um padre... sim, um padre! Mas um padre que, em 1789, tirou a batina, tornou-se militar e morreu no campo de batalha."

Ele conheceu-me na Terra?

Não; mas conheceu sua família quando passou por sua cidade natal, como soldado a caminho da Holanda. Ele se lembra de ter vivido momentos felizes com seu irmão já espiritualizado, e depois com você, através dele. Seu modo de pensar e estudar agradou a esse espírito, e ele se afeiçoou a você.

"Mas não é um espírito comum que você tem para guiá-lo! Ele é um pensador profundo, muito sério, com grande instrução. Sofreu muito como padre, porque não amava essa condição."

O guia de Toussaint expressa sua revolta:

"Que raça!..."

Apesar disso, é um coração profundamente religioso, que ama Deus acima de tudo. Ele não conseguia conceber que o homem pudesse restringir Deus a um templo, a um tabernáculo trancado, ou a uma hóstia.

"Oh, não! Deus é mais vasto, maior, mais grandioso do que a concepção humana pode alcançar!"

Assim, aproveitou a Revolução de 1789 para recuperar sua liberdade, a existência de livre pensador que sempre desejou. No entanto, não permaneceu muito tempo como soldado, pois morreu logo em sua primeira batalha.

"Vejo o combate... a tomada de uma reduta. Acho que é na batalha de Mons. Está um verdadeiro caos! Não são apenas armas de fogo; vejo soldados atirando pedras sobre os invasores. Ali, vejo o momento em que ele recebe uma bala no peito. Ele cai... e logo desperta na vida espiritual."

Um capelão o recebeu e, ao criticá-lo por sua apostasia, o fez perceber que já estava espiritualizado. Ele já pressentia a existência espiritual como realmente é. Ao perceber que não era mais soldado e que se encontrava diante do capelão, compreendeu imediatamente que havia passado para outro estado de existência.

Ele permaneceu com os católicos?

Não. Ele me diz: "Sou um dos seus, pertenço à sua sociedade." E acrescenta ao irmão Toussaint: "Quando precisar de mim, basta chamar seu amigo Firmin."

Precisarei chamá-lo muitas vezes, responde Toussaint, pois não vejo um futuro muito promissor para mim.

O quê? Você se aborrece de fazer tonéis? Mas tonéis são belíssimos! É um ofício nobre, um trabalho honrado. Conservar os dons da natureza, preparar recipientes para armazenar os produtos da terra, é mais digno aos olhos do espírito do que muitas profissões consideradas nobres, mas que são vazias no fundo.

"Saiba que todos aqueles que cultivam, que cuidam, que economizam e armazenam os frutos da criação divina não estão nos degraus inferiores da escala espiritual. Pelo contrário! As paixões terrenas, quando desprezadas pelos homens, são muitas vezes nobres aos olhos dos espíritos."

O irmão Toussaint confessa:

"Muitas vezes amaldiçoo minha posição e tudo que me cerca."

Seu guia responde:
"Nunca amaldiçoe nada! Em vez disso, tenha compaixão por aqueles que você julga indignos. Toda dor conduz à felicidade. O verdadeiro prazer só é compreendido após o sofrimento que nos faz ansiar por ele. Saiba que o tempo da felicidade é muito mais curto do que o tempo das dificuldades para conquistá-la. Cinco minutos de tranquilidade apagam dez dias de tormento..."

"Não acredite na permanência da felicidade. Reflita sobre as sensações que ela lhe proporciona e pergunte-se se você realmente desejaria viver apenas nela, sem mudanças. A alternância de estados é necessária. A aspiração por algo é, em si mesma, uma forma de sofrimento. Quem aspira, ainda não possui; quem não possui, sofre, clama pelo que deseja. E quando finalmente obtém, o celebra por um instante apenas, o que prova que a felicidade é breve em comparação com as tribulações para alcançá-la."

"Isso não acontece apenas na existência terrena, mas também no estado espiritual. A condição essencial de toda existência é a sucessão de aspirações, e as aspirações sempre carregam consigo inquietações."

O irmão Cahagnet intervém:

"Se você não admite a maldição, também não deveria admitir a cólera nem o combate."

O guia de Toussaint responde:
"Essas questões são muito complexas. Não vale a pena se agitar tanto com elas. O equilíbrio é sempre melhor. Há duas forças na criação: se não fossem moderadas e harmonizadas por Deus, seu desenvolvimento excessivo perturbaria a ordem universal. O estado espiritual tende ao fortalecimento da calma; o estado material, ao contrário, tende ao crescimento do conflito. Essa dualidade se estende até os espíritos superiores, influenciando ou limitando sua capacidade de conhecimento e ação."

APARIÇÃO DE CHARLES-FRANÇOIS DUPUIS

(Autor da obra "Origine de tous les cultes")

Essa aparição foi solicitada pelo irmão Cahagnet na sessão de 28 de outubro de 1860, com o auxílio do vidente Ravet.

O irmão Cahagnet inicia sua comunicação com as seguintes palavras:

"Peço sua presença para conversar por um momento sobre uma obra que publicou em sua existência terrena, intitulada *Abrégé de l'origine de tous les cultes* (1).

Gostaria que percebesse, em minhas reflexões, que elas não são contrárias – muito pelo contrário – ao cerne da obra que menciono. Meu objetivo em todos os meus estudos é afastar tanto o excesso de entusiasmo quanto o excesso de incredulidade, evitar tanto o desprezo pelo que não aceito quanto o apego excessivo ao que admito. Pois me parece que esses dois extremos quebram qualquer equilíbrio e impedem uma justa apreciação."

"Compartilho sua visão sobre a origem dos cultos em geral e creio que os homens não poderiam ter encontrado objeto mais digno de sua admiração e respeito do que o sol, esse foco central que, sem dúvida, é a fonte da vida e do movimento."

"Concordo com sua interpretação sobre as relações entre a divindade e sua criação em geral, bem como sua criatura em particular. Assim, acredito que a única verdadeira e desejável religião seja a que se vive no lar, sob a orientação do pai de família – e não aquela dos templos, onde os sacerdotes, em muitas circunstâncias, representam sua degradação."

"Qualquer pedido feito a uma divindade por meio de um intermediário exige um reconhecimento duplo: um que se expressa por uma troca qualquer, o que o torna um comércio, e outro que só pode ser satisfeito através da gratidão e do agradecimento direto."

"Se não posso aceitar a intermediação de um sacerdote em minhas relações com o divino, é porque não reconheço a nenhum homem o direito de compreender melhor do que eu as emoções do meu próprio coração, sejam elas boas ou más. Também não acredito que Deus tenha me colocado tão distante dele a ponto de eu precisar de um intermediário para me aproximar. Isso implicaria favoritismo e restrições à minha liberdade de amar, o que exigiria exemplos claros de sua justiça. E até agora, nada que vejo na Terra me parece digno da sabedoria infinita de Deus."

"Além disso, não creio que possa modificar a ordem divina para que ela se ajuste melhor aos meus desejos mundanos. Isso seria o mesmo que acusar Deus de ser mutável, quando a imutabilidade é essencial à harmonia da criação."

"No entanto, há certas passagens de sua obra que me parecem questionáveis. Gostaria de apresentá-las para que, com os conhecimentos adquiridos em seu estado atual, possa confirmá-las ou corrigi-las."

Questões e Respostas

Na sua obra, o senhor afirma que "a filosofia antiga espiritualizada admite que há um sol intelectual, do qual o sol visível não passa de uma imagem, uma luz corpórea.

Portanto, a luz desse sol é incorpórea; há, assim, um verbo incorpóreo e um verbo revestido de um corpo, perceptível ao homem. Esse corpo seria a substância corpórea do sol, acima da qual estaria a luz incriada e intelectual, ou o logos intelectual" (1).

O senhor parece não ter admitido essa proposição. Poderia agora nos dizer como explicar a forma em que se apresenta neste momento diante de nós e de que substância ela é feita? Além disso, como se manifesta a existência da inteligência sem a presença do pensamento? Pois, sem o pensamento, não podemos reconhecer a inteligência.

Concordo agora com essa proposição.

Em outro trecho, o senhor combate a seguinte ideia: "O homem se considerou como o ponto central para o qual convergiam todas as manifestações da natureza, cometendo um erro semelhante ao de acreditar que era o centro do universo" (2). Poderia nos explicar, então, como foi capaz de responder ao nosso chamado ou como podemos estabelecer essa comunicação entre nós?

Você tem razão. Mas naquela época eu não poderia admitir isso nem me expressar dessa maneira. Se o tivesse feito, minha obra não teria produzido o efeito que produziu. Esse efeito era desejável. Porém, naquela época, eu realmente acreditava no que escrevia.

O senhor parece não aceitar esta outra proposição que cita em sua obra: "No templo do deus Sol, Mithra, entre os quadros misteriosos da iniciação, representava-se a descida das almas à Terra e seu retorno ao céu através das sete esferas planetárias. Também eram mostrados os espectros das potências invisíveis que as aprisionavam no corpo ou as libertavam de suas amarras. Milhões de homens testemunharam esses espetáculos, mas não tinham permissão para explicá-los" (1). Como o senhor compreende agora a encarnação da alma humana no estado material? E para onde acredita que ela retorna ao deixar esse estado?

Eu tive que citar esses fatos, mas não os via como pertencentes à fé demonstrada – apenas como superstição tola. Eu também não sabia mais do que isso..."

Neste momento, Ravet observa que o espírito de Dupuis entra em profunda meditação sobre a questão. Após um instante, Dupuis exclama:

"Ah! Que ironia... Passei a vida quebrando correntes, apenas para forjar novas para mim mesmo."

"Sempre falei com convicção e conhecimento sobre os temas que abordei. No entanto, antes de lhe responder, desejo estudar essa questão mais a fundo."

P. Ao falar sobre os mistérios de Orfeu, o senhor escreveu:

"Um dos frutos da iniciação nesses mistérios era estabelecer comércio com os deuses, mesmo durante esta vida e sempre após a morte" (1).

Se substituirmos o termo 'deuses', que eram apenas espíritos superiores e chefes de sistemas, por 'espíritos sábios e iluminados', acredita que essa comunicação seja possível?

Pois bem, já que vocês estão se comunicando comigo, isso prova que sim.

Agora, ouça bem esta reflexão sua:
"Não examinarei aqui o que é a alma: se ela é distinta da matéria que compõe o corpo, se o homem é duplo em relação aos animais, que são apenas corpos simples, organizados para executar movimentos e receber sensações, etc."

E o senhor conclui com esta analogia:
"Seria como perguntar o que acontece com a harmonia de um instrumento musical quando ele é quebrado. Meu propósito é apenas examinar as razões que levaram os antigos legisladores a conceber e popularizar essa ideia e as bases sobre as quais a sustentaram."

Ora, essa ideia trata da imortalidade individual da alma humana. No entanto, em outras passagens, o senhor permite que essa imortalidade se estenda a todos os seres vivos dos três reinos da natureza, sem reservar esse privilégio ao homem. Se assim fosse, o senhor não estaria aqui agora para nos afirmar essa questão tão consoladora. O que pensa sobre isso agora?

No entanto, aqui estou eu. Mas, repito-lhe: naquela época, eu não estava instruído sobre essas coisas e, como não acreditava nelas, as combatia.

Na sua obra, o senhor menciona com incredulidade a descrição do céu feita por Sócrates, conforme o Fédon de Platão. Essa obra, destinada a provar a imortalidade da alma e a necessidade de praticar as virtudes, descreve um lugar sublime onde as almas se dirigem após a morte.

O senhor escreve que Platão imaginou uma "espécie de terra etérea, superior à que habitamos, localizada em uma região de pura luz". Os cristãos a chamariam de *céu*, e o autor do *Apocalipse* a denominou *Jerusalém Celestial*. Essa terra idealizada teria cores mais vivas, vegetação mais intensa, árvores, flores e frutos de perfeição inigualável. As pedras preciosas e metais brilhariam mais do que os existentes na Terra. Os templos seriam habitados pelos próprios deuses, e os homens conversariam livremente com eles. Os habitantes dessa morada celestial seriam os únicos a ver o sol, a lua e os astros em sua real luminosidade.

O senhor, então, conclui ironicamente:

"Vê-se que a fantasia criou esse Éden para encantar os grandes ingênuos e incitá-los a querer habitá-lo um dia; mas somente a virtude concede entrada a ele."

Agora que o senhor está nesse outro estado de existência, como vê essa descrição? Como são os lugares onde o senhor habita? Existem animais, como mencionado na obra que citou?

Sim, essas coisas existem; mas eu não as admitia antes. Agora, estando nelas, devo aceitá-las... Apenas comecei a observá-las e compreendê-las..."

Neste momento, Ravet, o vidente, observa que minhas perguntas surpreendem profundamente o espírito de Dupuis. Ele parece hesitar e balbuciar mais do que responder com firmeza. De repente, Ravet vê um pequeno cão correndo até Dupuis e pulando em suas pernas.

Dupuis, visivelmente surpreso, reconhece o animal como sendo seu na vida terrena, o que o impressiona ainda mais. Ravet comenta que essa experiência despertará ainda mais seu interesse em estudar sua nova condição.

Acredita que Platão, Virgílio e Radamanto estavam corretos ao dizer que, após a morte, a alma comparece ao "campo da verdade", guiada por seu anjo guardião, para ser julgada? Que seus crimes, antes ocultos dos mortais, agora se revelam a todos ao seu redor? (1) Como essas ações reprováveis se tornam visíveis aos outros?

Estudarei essa questão.

Como compreende agora a justiça restauradora e harmônica, que deve corrigir os erros do homem?

O senhor mencionou que Platão defendia a possibilidade de reduzir o tempo de punição pelas faltas e crimes humanos, mediante preces dirigidas àqueles que foram prejudicados. Os cristãos, no entanto, inverteram esse princípio:
"No cristianismo, a primeira pessoa ofendida era Deus. Assim, era necessário buscar sua misericórdia. Os sacerdotes, que se diziam intermediários reconhecidos pela divindade, assumiram essa função – mediante pagamento."

Quem é que, na sua opinião, tem o direito à reparação e deve ser invocado para esse propósito?

Prefiro Platão aos cristãos... Mas não estudei essa questão... Ninguém me perturbou com isso até agora. Estava absorto na composição de um tratado sobre as influências da reflexão da luz e, portanto, muito distante de pensar sobre tais temas."

Ficou incomodado por eu ter interrompido suas meditações? Consideraria isso uma intromissão inadequada?

Na verdade, esta não é a primeira vez que tentei contatá-lo para lhe fazer essas perguntas. No entanto, como naquela ocasião o senhor não estava preparado para respondê-las, preferi adiá-las até agora. Sinto-me no dever de submetê-las a sua consideração novamente, tanto em benefício de sua condição atual quanto em gratidão pelo conhecimento e instrução que obtive ao ler sua obra.

Se o senhor foi uma luz filosófica em seu tempo para nós, permita-me agora, em troca, ser para o senhor uma luz espiritual.

Ravet, então, relata que o espírito de Dupuis aperta sua mão e lhe diz, com gratidão:

"Agradeço sua fraternal gentileza. Estudarei minha nova condição."

OBSERVAÇÕES SOBRE

AS APARIÇÕES DE M. L'ABBÉ ALMIGNANA E CHARLES-FRANÇOIS DUPUIS

Dessas sessões, observa-se que, no estado espiritual, as questões de tempo e a sucessão intensa de pensamentos parecem estar suspensas. No entanto, não podemos aceitar essa conclusão de imediato, pois ela contradiz nossas aspirações atuais e não parece seguir a harmonia lógica da evolução do pensamento no estado material.

Quanto mais nos mostramos relutantes em aceitar essa revelação, mais nossos estudos somnambúlicos parecem querer prová-la por meio de fatos repetidos—fatos obtidos por diferentes médiuns, que estão fora da influência de nossos argumentos e de qualquer suposto poder magnético-volitivo que possamos exercer. E, no entanto, essa noção de suspensão da busca intelectual nos inquieta, pois não corresponde ao quadro lógico em que tentamos situar nossas investigações.

O espírito de Dupuis, assim como muitos outros que nos apareceram anteriormente, tem consciência de sua espiritualização, mas não demonstra interesse em estudar sua nova condição. Ele continua a desenvolver as ideias que trabalhava na Terra e poderia passar séculos nessa condição, preso a um reflexo do seu estado terreno—provavelmente dentro do *globo atraente* descrito por Emmanuel Swedenborg no volume III dos *Arcanos da Vida Futura Revelados*. Esse *globo* parece ser uma reprodução imaginada das experiências da vida material, onde os espíritos continuam envolvidos com imagens de sua existência passada, sem buscar compreender sua nova realidade.

Curiosamente, somos nós, ainda presos ao caos material, que os tiramos dessa espécie de letargia. Mesmo assim, não os vemos progredir rapidamente nesse estudo da vida espiritual. Quando os chamamos novamente, após alguns anos, muitas vezes os encontramos na mesma ignorância. Esse fato nos causa vertigem e até receio de deixar a Terra.

Onde está, então, esse céu radioso que tanto imaginamos? Onde está essa expansão de sabedoria e de luz que os próprios médiuns exaltam quando falam do estado espiritual?

Não queremos nos deter nessa questão obscura, pois ela deve ter sua explicação. Talvez, quando formos chamados a esse estudo do além-túmulo, possamos compreendê-la melhor. Enquanto isso, agradecemos aos espíritos superiores por nos instruírem sobre essas coisas. Até que sua resposta definitiva nos seja dada, devemos meditar sobre elas.

Alp. Cahagnet
Para cópia fiel:
Lecocq, Secretário dos Estudantes Swedenborgianos

APARIÇÃO DE MADAME SALGUES

Angers, 29 de novembro de 1860

Meu caro senhor,

Em sua última carta, o senhor manifestou o desejo de ter detalhes sobre a sessão que gentilmente me concedeu nos primeiros dias de outubro passado. Tenho prazer em recordá-los, pois encontrei muito interesse neles.

O espírito que foi evocado foi o de minha esposa, falecida em 27 de setembro. A descrição que Madame Adèle me forneceu foi exata e, para ser igualmente preciso,

reproduzirei as perguntas que fiz e as respostas obtidas. Embora poucas dessas respostas possam interessar diretamente aos seus leitores, elas servem para confirmar a identidade do espírito evocado.

Quando perguntei se poderia nomear as pessoas que a acompanharam até sua última morada, ela mencionou Marie e Joséphine, que são minhas duas empregadas, além de M. Taxis, cuja presença no enterro eu desconhecia até que ele mesmo me confirmou posteriormente.

Também perguntei se sabia quem havia me visitado no dia seguinte ao seu funeral. Ela respondeu que era um desconhecido. De fato, um senhor de Paris, que eu nunca havia visto, veio me visitar por indicação do nosso amigo M. Piérart, redator da *Revue Spiritualiste*.

Perguntei, então, se sabia quem cuidou de seu corpo antes do sepultamento. Ela respondeu que foi uma senhora idosa da vizinhança, cujo nome não conseguia lembrar. De fato, essa tarefa foi realizada por uma senhora de idade que minha esposa conhecia superficialmente.

Outro fato surpreendente foi quando minha esposa mencionou um de seus irmãos, Jules, dizendo que o via frequentemente. Eu não pensava nele naquele momento, pois nunca o conheci—ele faleceu ainda jovem, na Inglaterra.

Sobre sua morte, que foi longa e dolorosa, ela disse que ficou muito surpresa ao perceber que, ao falecer, toda a dor desapareceu instantaneamente.

Ela também afirmou que, ciente dos cuidados que dediquei a ela até o último momento, não se afastava de mim. Disse que estava feliz, como há vinte anos, quando ainda estavam vivas suas amigas mais queridas, já falecidas. Acrescentou que poderia elevar-se para um estado superior, mas preferia esperar por mim, para que subíssemos juntos quando chegasse minha hora. "Não quero deixar a esfera que o envolve, pois assim posso estar melhor com você."

Essa declaração nos lembra do que outros espíritos já nos disseram: quanto mais elevados estão, menos percebem a matéria.

Por fim, sem que eu tenha provocado tal explicação, minha esposa disse a Madame Adèle que nunca gostou da alta sociedade, o que é absolutamente verdadeiro, pois, na Terra, ela sempre preferiu círculos íntimos e reduzidos.

Coloco esses detalhes à sua disposição e permaneço, caro senhor, seu dedicado servidor.

Saldun

SESSÃO DE 3 DE DEZEMBRO DE 1860

Durante o transe de Adèle, peço que chame o espírito G. V. P.. Logo, ela vê uma mulher de estatura baixa, cerca de 70 anos, magra, mas que aparenta ter sido mais robusta no passado. Seus cabelos estão escondidos sob um boné de linho branco, seus olhos são acinzentados, seu nariz pequeno, sua boca retraída, e seu queixo levemente projetado.

Assim que aparece, o espírito exclama:

"Ah, minha querida, como sofri de dores! E depois... aqui também"—ela aponta para a parte superior do peito—"tive muitas dores no estômago."

Sabe que não está mais na Terra?

Sim, eu sei, pois já não sinto dor. Mas ainda estou aqui, pois estou na casa da minha pobre filha. Diga a ela que ainda a amo muito e que reconheço todas as bondades que teve para comigo."

A sua filha não está feliz. Você a impressiona de forma dolorosa. Há algo que queira pedir a ela?

Ah, não! Ela já fez muito por mim, essa querida criança. Mas eu devia algo e gostaria de acertar essa dívida."

A quem você deve e quanto?

"Não é bem uma dívida... Mas eu sempre quis dar algo a uma boa vizinha, que foi muito gentil e prestativa comigo. Gostaria de recompensá-la."

Quanto deseja que a sua filha lhe dê?

Ah, que ela dê o que quiser. Mesmo que seja pouco, essa vizinha ficará feliz."

A sua filha conhece essa mulher?

Ela saberá a quem estou me referindo."

SESSÃO DE 4 DE JANEIRO DE 1861

Essa segunda sessão, que agora lhe envio novamente, já que não guardou uma cópia, é, como a anterior, impressionante pela sua veracidade. No entanto, o que mais me impressionou, assim como às pessoas próximas de M. Faille, a quem compartilhei sua carta, foi a aparição desse amigo.

O retrato que Adèle descreveu dele não poderia ter sido mais fiel—ela o viu exatamente como ele era em vida.

De fato, ele sempre teve uma expressão triste. Sofria muito, sobretudo moralmente, por diversas razões. Primeiro, sempre enfrentou contrariedades e hostilidades devido às suas ideias espiritualistas e outras convicções. Era um homem de grande conhecimento, mas estava muito à frente de seu tempo, o que tornava difícil encontrar quem realmente o compreendesse.

E sim, ele pensava muito em você—na Terra, você significava tudo para ele.

Além disso, sofria profundamente devido à deformidade física que carregava, algo que Adèle também percebeu com precisão. Esse pobre amigo era corcunda, e isso o humilhava e constrangia a tal ponto que ele evitava qualquer contato social.

Quando criança, nunca brincava como os outros de sua idade; quando adulto, não participava de reuniões, nem mesmo de festas familiares. Sempre permaneceu sozinho, estudando e meditando. Foi assim que aprendeu música. Tocava vários instrumentos e até compunha.

Era também um excelente matemático e geômetra, muito respeitado por professores da região. Frequentemente chamado para dividir terras, era um profissional de referência, e os proprietários já sentem sua ausência.

Seus talentos eram vastos demais para serem listados.

Além disso, como você sabe, era um relojoeiro de habilidade excepcional, com uma clientela que se estendia por toda a região.

Quase me esqueci de mencionar que também estudava astronomia—era uma de suas paixões favoritas.

Ninguém entende como sua mente podia abarcar tantos estudos.

Na vida, teve apenas um capricho peculiar: desejar se casar comigo.

Tentamos fazê-lo esquecer essa ideia, explicando-lhe que eu não tinha vocação para a vida doméstica, nem possuía as qualidades de uma boa esposa. Ele acabou abandonando essa ideia, mas gostava de falar sobre casamento em momentos de confidência.

Ele ainda esperava encontrar uma companheira na Terra.

Este era nosso amigo.

Agora, volto à sessão.

CÓPIA DA SESSÃO MENCIONADA EM SUA CARTA DE 5 DE JANEIRO DE 1861

Quando sua mãe aparece para Adèle, suas primeiras palavras são:

"E minha pobre filha, como ela está?"

Ela me pediu para lhe perguntar se gostaria de ter deixado sua cidade e sua casa mais cedo para vir morar com ela.

Eu sabia que isso não era possível.

Entre as pessoas que cuidaram de você, houve alguma que a tratou mal?

Não se deve prestar atenção a isso. Cada um tem seu temperamento e seus momentos de fraqueza.

Você se alimentava bem? Sua filha me disse que, ao voltar para casa, você estava muito magra.

Eu não queria gastar muito dinheiro. Sabia que minha filha queria me dar o melhor, mas nós não podíamos comer frangos assados todos os dias. Precisávamos economizar.

Você sofreu com o frio em sua casa?

Não, mas era muito húmido…

Você gostava de ficar sozinha?

Nem tanto... mas não havia outra opção. Minha pobre filha não era rica.

Você vê seu marido, J... P...?

Não nos vemos tanto... temos tempo.

Você vê sua irmã, Marie V...?

É por isso que você atormenta sua filha?

Eu não quero atormentá-la—ela sempre foi tão boa para mim! Mas eu queria dar algo àquela boa vizinha.

Quando ela tiver dado algo a essa vizinha, você ainda voltará?

Oh! Eu a amo demais para não permanecer perto dela. Mas eu não a perturbarei mais. Se eu ainda estivesse sofrendo como antes, isso sim a teria atormentado.

(O espírito toca a área da carótida esquerda e depois aponta para a parte superior do peito.)

"Veja, minha pobre criança, eu sofria tanto aqui… E depois, me sufocava. Mas minha filha não precisa mais se preocupar—eu ficarei em paz. Diga a ela para não se angustiar mais. Eu a amo sempre, eu não sofro mais, minhas dores desapareceram. Eu queria que ela soubesse disso. Ela já tinha trabalho suficiente sem que eu estivesse lá para que ela cuidasse de mim. Ela não poderia ter me curado e eu teria sido um fardo pesado para ela."

Adèle interrompe a sessão para confirmar se viu tudo corretamente.

SESSÃO DE 5 DE JANEIRO DE 1861

Você vê sua irmã, Marie V...?

Não a procuro, pelo contrário.

Você gostava dela na Terra?

Nós não nos dávamos muito bem.

Você está satisfeita com o lugar onde seu corpo foi enterrado?

R. Não me importo muito com isso. Afinal, aquele corpo ficou na terra porque é apenas podridão. Mas este aqui, este é o meu corpo agora.

Tem algo a recomendar à sua filha?

Que ela não se entristeça. É uma pena que M. Faille tenha morrido; vai deixar um grande vazio para ela, porque ele era um bom homem.

Você conhecia M. Faille?

Não, mas ouvi muito sobre ele.

Antes mesmo de a médium terminar essa frase, Adèle expressa surpresa com a repentina aparição do espírito de M. Faille.

"Olhem! É M. Faille! Eu o vejo pela primeira vez hoje! Mas ele é um homem muito bom."

Pode descrevê-lo?

Ele diz-me que não quer aparecer com as deformidades de seu corpo.

Peça a ele que se mostre de modo que possa ser reconhecido, pois Mlle P... poderá confirmar a exatidão dos detalhes.

Vejo um homem de cerca de 42 anos, cabelos castanhos, testa larga, olhos azuis de olhar muito doce, nariz longo e fino, boca média, mas muito graciosa. Sua expressão é uma mistura de tristeza e amabilidade. Sua estatura é pequena e seu corpo ligeiramente curvado da direita para a esquerda. Suas mãos são pequenas."

Ele diz estas palavras:

"Sofri por muito tempo… Minha vida se esvaiu gota a gota… Quantas vezes pensei em vocês! Diga a Mlle P... para não ter medo. O mais belo sonho que ela pode ter não é nada comparado ao que nos espera a todos… Os brutos e os materialistas não podem compreender e não desfrutam imediatamente da espiritualização como nós. Pobres almas ignorantes! Mas não é culpa deles."

Adèle observa que essas palavras foram ditas com extrema bondade, e ela tenta reproduzi-las imitando a entonação de sua voz.

O espírito de Faille então se dirige a Adèle:

"Apressa-te, nossa pobre amiga está aflita... Diga-lhe para ficar calma e paciente. Dias melhores virão para ela. Assegure-a de meu carinho devotado, por favor."

Com essas palavras, a sessão é encerrada, com a promessa de que o espírito de Faille voltará.

REVELAÇÕES DO ESPÍRITO EMMANUEL SWEDENBORG

Sobre as almas que se encarnam em grupos e a conexão entre almas complementares no estado material

SESSÃO DE 23 DE DEZEMBRO DE 1855 – Médium: Ravet

Esta sessão foi originalmente destinada aos *Arcanos da Vida Futura Revelados*, mas, como essa obra foi posteriormente expandida na *Enciclopédia Magnética*, decidimos publicá-la agora.

Esta revelação confirma as ideias expressas no artigo *O Anjo e o Homem Terrestre*, que consideramos ser uma chave para muitas proposições espiritualistas que até agora nos eram incompreensíveis.

Se nossa entrada em vibração no estado material não for uma imposição direta de Deus, mas sim influenciada por fatores espirituais ou por nossa própria aspiração, essa questão se torna ainda mais ampla.

Li recentemente em um jornal um caso surpreendente ocorrido na Rússia. Uma mulher teve 54 filhos com o mesmo marido, e esse mesmo homem, após a morte da esposa, teve mais 18 filhos com uma segunda mulher. Como muitos desses nascimentos ocorreram com gêmeos, trigêmeos e até quadrigêmeos, pergunto ao espírito de Emmanuel Swedenborg qual explicação ele pode dar sobre esse fenômeno.

Esses fatos pertencem ao domínio da vontade dos espíritos. Eles se encarnam em grupos, como já expliquei antes. Isso é semelhante ao que vocês fazem na Terra quando buscam companheiros para uma viagem."

O senhor diz que essas encarnações são uma escolha dos espíritos, mas anteriormente mencionou que a encarnação terrena era obra de Deus. Como conciliar essas afirmações?

REVELAÇÕES DO ESPÍRITO EMMANUEL SWEDENBORG

Sobre a encarnação das almas em grupos e a conexão entre almas complementares

O senhor mencionou que a encarnação é uma obra de Deus. No entanto, ao descrever o processo, parece indicar que os espíritos têm certo grau de escolha. Poderia esclarecer isso?

Eu disse que a encarnação é obra de Deus no sentido de que Ele determinou que todas as almas devem passar pelo estado terrestre, de acordo com sua vontade de fazê-lo. Mas não pense que Deus observa cada ato de conceção para decidir quando encarnar uma alma. Não! São os próprios espíritos que sentem que essa porta para o mundo material se abriu e que, sozinhos ou em grupo, se apressam em entrar."

Então, não há um tempo fixo determinado por Deus para essa encarnação?

Não. Ela deve ocorrer, mas acontece conforme o desejo dos espíritos que devem passar por essa experiência.

Esses espíritos também escolhem uma mulher em particular para sua encarnação, assim como no caso da mulher russa que teve 54 filhos?

Sim. Eles sentem que aquele ventre lhes convém e se dirigem a ele, assim como vocês escolhem um hotel onde sabem que serão bem tratados.

Então os espíritos podem se encarnar quando e onde quiserem?

Não exatamente. Se pudessem encarnar a qualquer momento, isso significaria que comandariam o ato de concepção, o que violaria a liberdade humana. Além disso, se fosse apenas uma questão de vontade, alguns espíritos jamais o fariam—assim como há muitos homens na Terra que, se pudessem, nunca a deixariam. Mas, mesmo sem um tempo estritamente determinado, são impulsionados pela necessidade de novas sensações e pelo desejo de fortalecer seu entendimento sobre a obra de Deus.

Além disso, eles também não podem simplesmente escolher qualquer local para encarnação. Ainda que esse ato não seja ordenado diretamente por Deus, ele segue uma organização dentro das sociedades espirituais, que buscam sempre estimular a pesquisa do homem sobre as influências ocultas das encarnações.

Casos de múltiplas encarnações em um mesmo ventre são raros, mas têm um propósito e uma utilidade.

Sobre a conexão entre almas complementares

Gostaria de saber se as duas metades de uma alma encarnam no mundo material no mesmo dia.

Não, cada uma escolhe seu momento.

Mas se uma delas decidir encarnar séculos depois da outra, como poderiam se reencontrar?

Isso é impossível, pois elas nunca estão realmente separadas. Vivendo juntas no mundo espiritual, sentem rapidamente o desejo de buscar uma à outra e acreditam que irão se reencontrar na Terra.

Há um tempo limite para que isso aconteça?

Não há um tempo fixo, mas o intervalo entre as duas encarnações nunca ultrapassa dez anos.

O que acontece com a metade que permanece no mundo espiritual enquanto a outra encarna?

O mesmo que aconteceria se sua companheira partisse para visitar a família. Não a vendo retornar imediatamente, você sentiria vontade de ir ao seu encontro.

Isso significa que essas almas sempre se reencontram na Terra?

Às vezes, sim. Mas, na maioria dos casos, elas não têm consciência disso. E mesmo que soubessem, não dariam o devido valor. O estado terrestre é um estado de provações e privações; nele, não se pode experimentar a felicidade como no estado espiritual.

E se aquele que encarnou primeiro retornar rapidamente ao mundo espiritual, enquanto o outro ainda vive por muitos anos na Terra? Isso não tornaria o reencontro inútil?

Isso acontece com frequência, mas não afeta os espíritos. Aquele que retorna ao mundo espiritual primeiro sente-se tão feliz por estar livre da necessidade de experimentar a Terra que o tempo de espera por sua outra metade lhe parece muito curto.

Mas o senhor já disse que nem sempre as almas complementares se reencontram imediatamente ao retornar ao mundo espiritual, pois lá continuam os laços materiais adquiridos na Terra. Isso não dificultaria a reunião das metades?

Isso depende das afinidades individuais. Aqueles que anseiam pela presença de sua alma complementar a reencontram mais rapidamente do que aqueles que se satisfazem com outras companhias. Tudo acontece conforme os desejos de cada um."

QUESTÕES DIRIGIDAS A NAPOLEÃO I

(Sessão de 23 de agosto de 1859)

P. Seria indiscreto dirigir-lhe algumas perguntas sobre a pessoa e o futuro de seu sobrinho?

R. Faça suas perguntas; as que considerar indiscretas, simplesmente não responderei.

P. Quando seu sobrinho assumiu o poder, perguntei-lhe o que pensava dele, de suas qualidades espirituais e de sua capacidade de ação. Naquela época, o senhor pareceu não valorizá-lo tanto quanto eu acredito que ele mereça hoje. Estou enganado?

Ele evoluiu bastante.

O senhor está próximo dele? Aconselha-o e o guia, se necessário?

Raramente me afasto dele. Aconselho-o, mas não posso conduzi-lo conforme meus desejos.

Porquê?

Porque ele tem sua própria liberdade de ação e uma vontade que, apesar de firme, ainda está sujeita a fraquezas.

O senhor o auxiliou nos assuntos da Itália?

Sim.

O que pensa do desfecho desses assuntos?

Ele conteve o leão, mas não o venceu. Cometeu um erro lamentável.

Quais serão as consequências desse erro?

Graves dificuldades.

Como evitá-las?

Derrubando a ‘besta negra’.

O que quer dizer com ‘besta negra’?

Os jesuítas. Foram eles que me derrubaram e farão o mesmo com ele, se ele não os eliminar primeiro.

Como derrotá-los?

Isso é o mais difícil. São como a Hidra de sete cabeças; onde quer que se golpeie, eles renascem. Estão tão infiltrados na sociedade, tão discretos, que será quase impossível erradicar sua influência.

O senhor acredita que sua queda foi causada pelo poder deles?

Sim, e temo que meu sobrinho tenha o mesmo destino.

Também temo por ele. O Tratado de Paz de Villafranca pode não ser ratificado. Ele está desarmado diante de setecentos mil prussianos e o mesmo número de austríacos, sem contar os preparativos da Inglaterra...

Isso não significa nada. A França precisa de apenas três semanas para fazer o que levaria três meses para o restante da Europa. Napoleão tem suas reservas e suas estratégias de saída. Não pense que ele dorme sobre essa questão. Creio que sairá vitorioso e que vocês terão um inverno próspero no comércio.

Permita-me discordar.

Você vê tudo de forma muito pessimista. *Eu apenas enxergo conforme me é mostrado. Se o senhor estudou, desde sua espiritualização, as grandes causas das ações humanas, deve ter reconhecido sua importância, algo que, em sua vida terrena, combateu e ignorou. O estudo dessa questão me leva a acreditar que as coisas não são como o senhor as supõe.*

Napoleão precisa derrotar a 'besta negra'. Eu protegi os padres quando governei a França, mas jamais favoreci os jesuítas, pois nunca os suportei.

Neste momento, Adèle, após conversar sozinha por um instante com Napoleão I, comenta que esse espírito parece ser extremamente habilidoso na arte da guerra, mas insignificante no que se refere ao pensamento filosófico. "Tão grande em uma área, tão pequeno na outra."

Ela menciona que uma mulher próxima a Napoleão III tem grande influência sobre ele e que foi por causa dela que ele voltou tão rapidamente da Itália. Essa mulher, segundo Adèle, age sob influência dos jesuítas. Se Napoleão não perceber a armadilha que lhe preparam, será capturado por ela.

Por outro lado, em seu estado desperto, Adèle acredita que essa mulher não é tão devotada aos jesuítas como parece.

O senhor acredita que haverá alguma violação do Tratado de Villafranca?

Não, porque meu sobrinho não cederá nem um ponto, nem uma vírgula. Nesse aspeto, ele é incrivelmente determinado e mantém suas promessas com honra: o que ele promete, ele cumpre.

No entanto, ele não conseguiu cumprir totalmente sua promessa nesta ocasião.

Razão ainda maior para que ele insista no cumprimento do que foi assinado.

Então o senhor prevê um bom desfecho?

Sim, mas os jesuítas devem ser derrotados.

E se isso não acontecer?

Tudo estará perdido.

Neste instante, o espírito de Napoleão I deixa Adèle de forma abrupta, encerrando a sessão.

Adèle não fica insatisfeita com o resultado, mas confessa que esperava que Napoleão fosse mais bonito e galante. "Ele está sempre andando, falando muito rápido e nem sequer presta atenção em você. Eu prefiro ele acordada do que dormindo!" – brinca ela.

REVELAÇÕES DO ESPÍRITO EMMANUEL SWEDENBORG

(Sessão de 20 de abril de 1859, Médium: Adèle Maginot)

Durante uma sessão na qual precisei do auxílio do espírito Swedenborg, aproveitei para perguntar sobre a guerra iminente. Sua resposta foi direta: ele previa que a França sairia vitoriosa.

A Áustria lutará sozinha?

Não acredito nisso.

Os ingleses estarão do nosso lado?

É impossível afirmar com certeza, devido ao caráter volúvel dos ingleses. Seu único guia é o interesse próprio. Tudo dependerá dos acontecimentos em curso.

A Rússia será contra nós?

Não. O jovem imperador tem grande apreço por Napoleão.

Quando essa guerra começará?

Dentro de um mês, ou então estarei enganado.

Será uma guerra longa?

Não, especialmente se o imperador expulsar os jesuítas. Esse é o verdadeiro ponto de virada.

Ele os expulsará?

Essa é sua intenção. A luta é entre ele e eles. Ele não se deixará cair na armadilha deles.

No entanto, Napoleão pareceu, em certo momento, simpatizar e proteger os jesuítas.

Sim, ele estava inclinado a trabalhar com eles. Mas percebeu que os mais influentes de seu círculo—os mais respeitados e poderosos—deixariam seu lado se ele persistisse nesse caminho. Isso o abalaria profundamente.

Assim, ele compreendeu que precisava se afastar desses homens e romper completamente com eles, expulsando-os de seus domínios, incluindo a Itália. Caso contrário, jamais teria paz. Ele está decidido a fazê-lo e terá sucesso.

Não acredito que essa guerra abalará a França ou levará a um conflito interno. Seriam necessárias forças muito maiores para isso, e, por ora, essas forças parecem ter se dissipado.

Observação pessoal da médium

Na noite seguinte à sessão com Ravet, sonhei que lia um jornal onde se anunciava uma vitória francesa contra os austríacos. Os franceses cercaram um exército austríaco entre dois fogos e venceram sem grande resistência. Napoleão liderou um dos ataques e foi responsável pelo sucesso da batalha.

Na noite após a revelação de Swedenborg, tive outro sonho: vi Napoleão decorando um esplêndido apartamento. Curiosamente, todas as tapeçarias e ornamentos eram cobertos por flores de lis prateadas, brilhando intensamente. Ao acordar, interpretei essa visão como uma alusão ao fato de que, na guerra iminente, Napoleão trabalharia mais pelos interesses de outros do que pelos seus próprios.

No dia 25 de abril, os jornais relataram que a Áustria rejeitou as propostas da Inglaterra e avançou sobre o Piemonte. Falava-se até mesmo de um confronto inicial antes da declaração formal de guerra.

No dia 24, perguntei a Adèle sobre isso. Ela respondeu que os austríacos seriam repelidos pelos piemonteses no mesmo dia ou no seguinte. Além disso, afirmou que o exército francês entraria na Itália no dia 25 e que tudo se desenrolaria favoravelmente para a França, o Piemonte e a Itália.

REVELAÇÕES DE SWEDENBORG SOBRE A POLÍTICA DA ÉPOCA

(Sessão de 15 de setembro de 1859)

O que pensa da situação política atual?

O golpe decisivo foi dado. Tudo segue bem.

Ao contrário, parece-me que tudo vai mal e que está começando novamente.

Tudo deve continuar, mas o golpe essencial já foi desferido. O papa e seu poder temporal não se recuperarão.

Tudo indica uma guerra iminente, causada pela questão dos ducados e pela má administração austríaca nesse assunto.

A França não tem nada a temer desse lado. A guerra está distante de seu território tanto este ano quanto na primavera seguinte. Os duques não serão restaurados ao poder.

No entanto, Napoleão continua armando-se e mantendo-se em alerta.

Ele teme uma rutura com a Inglaterra. É lamentável que essa potência continue atacando Napoleão com tanta persistência. Se tivesse tratado a Áustria e a Rússia da mesma forma, já estaria em guerra com elas. Mas Napoleão sempre nutriu um apreço sincero pela Inglaterra e desejava uma aliança verdadeira com esse país.

Ele ainda hesita em confrontá-la com armas. Ele não declarará guerra, mas está se preparando para o combate e não recuará se for necessário. E então, a Inglaterra enfrentará sua ruína.

Os ingleses não têm aliados em lugar nenhum, nem na França nem em outro país. E posso garantir que nossos soldados e marinheiros não terão misericórdia.

O senhor acredita que essa guerra realmente ocorrerá?

Creio que sim. Os ânimos na Inglaterra estão exaltados, e a imprensa britânica não poupa esforços para manchar a imagem de Napoleão, chegando ao ponto de expor sua vida privada. Não, Napoleão não declarará guerra aos ingleses, mas, uma vez que sua paciência se esgotar, lutará com prazer e sairá vitorioso.

Sobre o estado de espírito e as intenções liberais de Napoleão III

O que pensa sobre as ideias liberais de Napoleão III?

Ele está num bom estado de espírito e deseja, de coração, ampliar todas as liberdades.

No entanto, ele é um homem prudente, bem aconselhado pelos espíritos que o inspiram. Ele tem um coração bom. Se não faz mais, é porque ainda não é o momento certo.

Foi extremamente cauteloso na questão italiana. Ele sabia onde atacar, e o fez com precisão. Não poderia ter ido além. Agora, deixa que a Itália resolva o restante por conta própria.

REVELAÇÕES DO ESPÍRITO EMMANUEL SWEDENBORG

(Segunda sessão – Sobre os eventos políticos da França e da Europa)

Se Napoleão tivesse destronado o papa e proclamado uma liberdade absoluta, ele teria comprometido sua própria obra?

Sim. Ele teria errado ao tirar de uns os meios de liberdade enquanto os concedia a outros. Pois, por mais que você esteja à frente e livre de toda questão religiosa, milhares de outros ainda vivem e se satisfazem com elas.

Há tantos a favor quanto contra. O fanatismo ainda não foi banido da Terra. Portanto, era mais natural que Napoleão deixasse a evolução seguir seu curso, sem carregar a maldição de ninguém e, ao contrário, merecendo o respeito dos homens sensatos.

O mesmo se aplica à liberdade absoluta. Ele não poderia se declarar ditador na Itália e impor uma causa que ele mesmo só expande na França com extrema prudência. Lembre-se de que, após os erros de 1848 e 1849, os espíritos ainda estavam inflamados, e qualquer liberdade precipitada os levaria a se agrupar e romper a barreira necessária para conter sua revolta. O tempo é um grande mestre nessa questão; ele acalma os ódios, dissipa a cólera, esclarece as mentes e suaviza os corações. Somente então se aprende a manejar essa arma perigosa que vocês chamam de liberdade de imprensa.

Não se preocupe—Napoleão restaurará essa liberdade. Ele é amigo da liberdade e deseja que seu reinado marque uma era, preparando um caminho liberal para seu filho. Para isso, buscará ser digno de tal legado.

Ele deseja e consegue, todos os dias, trazer para seu lado até mesmo aqueles mais contrários ao seu sistema. E obterá ainda mais, a menos que uma força inesperada o derrube.

Sobre a Itália e o poder do papa

A Itália será novamente atacada pela Áustria?

Não. A Áustria se fará de forte, mas permanecerá fraca.

Os duques serão restaurados?

Não. Isso não acontecerá.

Você prevê que Pio IX será o último papa com poder temporal?

Sim. Ele e seus apoiadores já foram derrotados, mesmo que ainda permaneçam de pé.

As almas sinceras e devotas, que só enxergam o mundo através do catolicismo, aceitarão um papa apenas com poderes espirituais e criticarão abertamente os atos violentos que serão cometidos na tentativa de manter seus poderes temporais.

A religião permanecerá a mesma, mas seus líderes mudarão—e para melhor. Apenas o que é ruim será corrigido. O golpe foi desferido com habilidade. Agradeçam a Napoleão e àqueles que o aconselharam nesse caminho.

Se ele tivesse agido de outra forma, seria imediatamente abandonado pelos que o elevaram ao poder, especialmente pela França e pelo exército.

Sobre o risco de guerra na Europa

Você prevê uma guerra europeia iminente?

Não, exceto com a Inglaterra.

Você prevê reformas liberais sob Napoleão?

Sim. Tenha paciência, pois elas virão no tempo certo. Saiba esperá-las, merecê-las e recebê-las no momento adequado. Não se preocupe—tudo está no caminho certo e seguirá bem.

Agradeço pelas suas informações. Oro para que se concretizem da melhor maneira possível.

REVELAÇÕES DE SWEDENBORG – SEGUNDA SESSÃO

O nosso amigo M. C. pede para perguntar se há algo a acrescentar ou revisar em sua última profecia sobre a França.

M. C. não tem nada a temer por suas minas. Ele não está ameaçado.

Mas a França está?

A França continua no mesmo estado de incerteza e dificuldades. Não vejo complicações que possam levar a uma guerra iminente.

Sobre o risco de guerra entre França e Inglaterra

Você ainda acredita que a França entrará em guerra com a Inglaterra?

Houve uma mudança na opinião pública na Inglaterra, agora mais favorável à França. O próprio Napoleão não deseja essa guerra e fará tudo para evitá-la. Ele será paciente até o último momento. Mas se for declarado o conflito, não hesitará em lutar com determinação.

Essa mudança de opinião na Inglaterra parece real, mas apenas em certas classes sociais. Entre os trabalhadores e fabricantes, os ânimos estão exaltados. Os numerosos alistamentos que ocorrem indicam isso claramente. Se a guerra acontecer, creio que será mais longa do que você sugere. Afinal, invadir um país como a Inglaterra não é algo simples e pode gerar contratempos.

Essa guerra será mais marítima do que terrestre. Mas, se necessário, o golpe decisivo será rápido. Por mais bravos, astutos e patriotas que sejam os ingleses, suas tropas não resistirão. Pode estar certo de que, se o conflito ocorrer, vocês serão vitoriosos rapidamente.

Sobre a Itália e a posição de Napoleão III

O que pensa sobre o futuro da Itália?

O processo será demorado.

Napoleão abandonará essa causa?

Não. Ele não abandonará o rei do Piemonte.

Outras potências estrangeiras poderiam aproveitar a guerra entre França e Inglaterra para atacar a França?

Não. Elas permitirão que as coisas sigam seu curso.

Sobre o futuro do papado e o congresso europeu

Você ainda acredita que Pio IX será o último papa com poder temporal?

Sim. Uma raiz antiga é sempre mais difícil de arrancar do que uma nova, mas será arrancada.

O congresso europeu ocorrerá?

Sim.

Ele tomará decisões favoráveis à Itália?

Sim.

APRECIAÇÕES DO GUIA DE RAVET SOBRE A SITUAÇÃO DA FRANÇA E DA EUROPA

(5 de abril de 1859 – Sessão mediúnica com Ravet)

Durante um estado de sono magnético, Ravet recordou um sonho que teve na noite anterior e quis buscar sua interpretação.

O sonho:
Ele se encontrava prestes a atravessar a ponte de Argenteuil quando foi impedido por um grupo de soldados que se dividiram em três colunas. Uma delas permaneceu no centro da ponte, enquanto as outras duas desceram pelas margens do rio Sena. De repente, o céu escureceu, e uma noite sombria caiu sobre a cena.

Logo depois, um barco a vapor subia pelo Sena. Os soldados, ao reconhecerem a embarcação, dispararam contra ela, forçando-a a retroceder. O barulho dos disparos despertou Ravet, deixando-o sem entender o significado do que viu.

Na sessão mediúnica, Ravet pediu ao seu guia a interpretação desse sonho.

Interpretação do sonho

O que significa essa visão?

É uma traição.

Quem está traindo?

Os austríacos.

Quem está sendo traído?

A Europa.

De que forma isso ocorrerá e qual será o desfecho?

Trata-se de uma emboscada contra a Itália, que será descoberta pelos ingleses. Isso os indignará tanto que eles serão os primeiros a tomar partido pelos italianos. No seu sonho, os ingleses foram representados simbolicamente pelos soldados que impediram a passagem do barco a vapor.

Esse será o início da guerra que tem sido tão discutida ultimamente?

Sim. Tudo começará por Nápoles.

Mas, no momento, os ingleses parecem pouco inclinados a apoiar a Itália.

Os ingleses estão muito indecisos. Como potência, eles não gostam de grandes impérios e fazem de tudo para fragmentá-los. Por isso, tendem a apoiar pequenos governos que dependem dos maiores. Atualmente, procuram mais alianças com os Estados germânicos do que com a própria Áustria.

No entanto, eles sabem do poder da Áustria, de sua riqueza e de seus interesses políticos. Compreendem que esse império pode influenciar significativamente o destino da Europa e que deseja se tornar uma potência naval. Isso é algo que incomoda os

ingleses, pois eles veriam com maus olhos a Áustria tendo portos estratégicos no Mediterrâneo.

Além disso, eles também temem que a Itália se fortaleça e que um governo naval possa explorar seus portos para benefício próprio.

Assim, a Inglaterra sente-se ameaçada por dois lados e hesita. Mas a traição austríaca a forçará a tomar partido contra o primeiro agressor e o mais ardiloso. Por isso, a Inglaterra será arrastada para a guerra, mesmo contra sua vontade.

O papel da Áustria e dos Jesuítas

Eu não achava que a Áustria fosse tão poderosa ou rica quanto você a descreve. Ouvi dizer que ninguém quer lhe emprestar dinheiro.

Você está enganado.

A Áustria é forte devido à sua aliança com toda a Alemanha e é rica por causa da confiança que seu governo inspira nos jesuítas. Embora o imperador José e seu governo tenham poucos recursos próprios, possuem exércitos preparados, estratégias ambiciosas e uma posição privilegiada para a guerra. Sob essa ótica, a Áustria é o governo mais forte e mais rico da Europa.

Se os jesuítas são tão ricos e dispostos a apoiar a Áustria, por que ainda não o fizeram?

Eles têm apoiado a Áustria até agora, mas não querem comprometer seus próprios fundos completamente. O imperador José ainda não está totalmente em suas mãos— ele não concede a eles tudo o que desejam. Assim, os jesuítas o empurram para um beco sem saída, de onde apenas eles poderão resgatá-lo.

Nesse momento, quando seus milhões forem essenciais, eles só os liberarão em troca de mais poder e concessões. Os jesuítas, lembre-se, não são homens que se entregam facilmente sem uma cuidadosa observação dos acontecimentos.

PROFECIAS DO GUIA DE RAVET

(17 de maio de 1860 – Sessão mediúnica com Ravet)

Após dois meses sem entrar em estado magnético, Ravet finalmente aceitou ser colocado em transe a pedido do médium para estudar um caso de loucura. No entanto, ao invés de abordar diretamente o tema, seu guia espiritual apareceu visivelmente triste. Ravet perguntou a razão desse pesar, e o guia respondeu:

"Tenho sentido angústia há algum tempo ao observar a situação da minha pátria, a Espanha. Mesmo no mundo espiritual, é difícil se livrar das impressões dolorosas que adquirimos em vida, especialmente quando essas impressões estão ligadas a um amor profundo."

O Sofrimento Espiritual pelo Destino da Espanha

"Deixei a Terra numa época em que as aspirações eram fortes e vibrantes. Amava minha pátria, sua glória e sua liberdade—ou melhor, o que eu desejava que fosse sua glória e sua liberdade. No mundo espiritual, mantive essas mesmas aspirações. Mesmo após três séculos de espiritualização, continuo preocupado com as questões governamentais da Espanha. E me entristece profundamente ver que a liberdade e a felicidade ainda estão distantes dos meus irmãos terrenos."

"A religião católica domina e controla os corações. Os agentes dessa religião estão cheios de más paixões e querem amarrar com força o que nós, no plano espiritual, tentamos libertar com justiça. Isso me causa grande pesar. Não sofremos no mundo espiritual as dores físicas da Terra, mas sofremos ao sentir suas dores morais. Compartilhamos as angústias dos nossos irmãos terrenos e nos sentimos impotentes por não podermos acelerar sua caminhada rumo à verdadeira felicidade."

Sobre a Posição da Espanha em Relação ao Papa e a Roma

No entanto, a Espanha está menos escravizada e menos intolerante do que há alguns anos. Diferente de 1849, agora ela não pensa mais em enviar auxílio ao Papa Pio IX, certo?

Antes pelo contrário. Ela ainda deseja ajudá-lo, mas não pode fazê-lo. Todos os seus votos estão voltados para Roma e, consequentemente, para a escravidão—embora ela própria não perceba isso. Ah, como é difícil trazer luz ao coração do homem!"

O Destino da França e a Astúcia de Napoleão III

Já que acompanha as questões políticas de sua pátria, naturalmente também se preocupa com as questões estrangeiras que a envolvem. Você ainda mantém a mesma visão sobre o destino da França? Creio que até agora tenha se equivocado nesse aspeto, pois Napoleão III soube evitar qualquer tempestade política séria.

Mantenho meu julgamento sobre Napoleão. Ele é um espírito de primeira ordem, bem inspirado, perspicaz e educado na escola do sofrimento. Estudou profundamente o coração humano e sabe exatamente como lidar com os homens e as circunstâncias. É um gênio que ama as grandes causas e despreza as pequenas mesquinharias."

"Ele quer deixar um nome marcado pelo progresso, por grandes conceções e por resultados igualmente grandiosos. Ama a liberdade de fato, mas detesta os agitadores. É a própria encarnação da calma, da paciência levada ao extremo. No entanto, ao mesmo tempo, possui um ímpeto de coragem e uma energia explosiva quando necessário. É capaz de atos completamente opostos, podendo ser tanto um cordeiro quanto um leão."

Sobre a Posição de Napoleão III em Relação a Roma

Tudo isso pode ser verdade, mas acho que Napoleão está cometendo um erro ao permitir que suas tropas auxiliem o general Lamoricière a organizar meios de repressão em favor do Papa, o que prejudica a liberdade do povo romano.

Pelo contrário, Napoleão está se superando nesse caso. Sua conduta nesta questão é um triunfo político. Ele não quer que pareça que ele persegue esses homens com paixão. Pelo contrário, deseja que eles próprios se desmascarem. Ele os conhece e não os ama. Ele sabe que têm más intenções, mas compreende que denunciá-los ou impedi-los diretamente de agir seria inútil—pois isso apenas reforçaria a narrativa de perseguição e martírio que eles cultivam há séculos."

"Em vez disso, ao deixá-los livres para se manifestarem plenamente, Napoleão força os cegos a ver e os surdos a ouvir. Ele os empurra a se revelar por completo, para que caiam no desprezo universal."

Napoleão III e sua Relação com Roma

Roma é mais poderosa do que muitos pensam. Napoleão não estaria correndo um grande risco ao confrontá-la?

Ele sabe disso, e é exatamente o que mais o atrai. Napoleão prefere cair esmagado por Roma do que se sujeitar a ela. Isso faz parte de sua natureza—ele gosta de desafios imensos e de vencer obstáculos considerados intransponíveis.

"Para ele, uma queda gloriosa seria mais digna do que um triunfo vergonhoso."

PREVISÕES SOBRE ROMA, A AMÉRICA E OS ANIMAIS PROFÉTICOS

Sobre o triunfo de Roma e o futuro do Papa

Quem sairá vitorioso entre Napoleão e Roma?

Roma.

Então Pio IX não será o último papa, como preveem há tanto tempo muitos videntes?

Não, haverá muitos outros. Não se elimina tão rapidamente um poder tão forte.

Não acredito na extinção imediata do papado, mas penso que Pio IX será o último papa com poder temporal, ou seja, o último sacerdote sustentado por forças armadas e reinando como um rei. Estou certo?

Sim, você está certo. Pio IX será o último papa desse tipo, mas não o último papa católico.

Se Roma sair vitoriosa, o que acontecerá?

Vemos, através de um denso nevoeiro, muitas perturbações, guerras e calamidades. Prepare-se para ver, ainda este ano, o início desses desdobramentos ou, pelo menos, a complicação dos acontecimentos.

No próximo ano, vários Estados estarão em guerra uns contra os outros. Roma, tendo perdido seu poder em certos territórios, tentará restaurá-lo fomentando distúrbios diretamente em Paris. Ela se apoiará em numerosas sociedades que fundou e que alimenta com seus erros e ambições.

Previsões sobre os conflitos na América

(16 de outubro de 1864 – Consulta de Adèle por Mademoiselle H..., professora)

Mlle H... consultou Adèle sobre questões familiares e mencionou seu plano de se estabelecer na América com sua família em abril de 1862. Após responder às suas perguntas pessoais, Adèle foi questionada sobre a guerra civil americana:

Você vê Mlle H... indo para Nova York, se instalando lá e vivendo feliz com sua família. Mas, dada a guerra civil que está ocorrendo atualmente nos Estados Unidos, você pode garantir que Nova York ainda existirá?

Posso garantir mais do que isso: a guerra terminará por volta do final de março de 1865, e tudo voltará à ordem.

Como pode prever um desfecho tão inesperado?

Perguntei se a paz seria restabelecida até fevereiro próximo. Foi-me mostrado, através de imagens, homens armados ainda lutando, florestas inteiras e cidades destruídas, tudo indicando que a guerra continuava. Mas, no final de março, vi esses mesmos soldados sentados sobre troncos de árvores, segurando enxadas em vez de fuzis, e outros reconstruindo casas. Um grande período de calma seguiu um grande tumulto.

Isso se resolverá por meio de um acordo: haverá concessões de ambos os lados. O atual presidente, embora involuntariamente a causa desse conflito, não será mais presidente. No entanto, ele permanecerá no governo, pois será reconhecido como um homem honesto e respeitado por seus concidadãos. Fique certo de que isso acontecerá, anote.

(Dirigindo-se a Mlle H...) Você está fazendo um bom negócio ao comprar terras na América. A pessoa que você encarregou da compra conseguirá pagá-las a um preço muito baixo devido ao pânico atual, e, dentro de alguns meses, elas valerão quatro vezes mais. Vá para a América, você será mais feliz lá do que na França.

Previsões sobre as tensões entre Inglaterra e Estados Unidos

Desde o início da guerra civil americana, surgiram tensões entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Várias vezes, questionei Adèle e Ravet sobre o desfecho dessas complicações. Em todas as ocasiões, afirmaram que elas não teriam continuidade e que a paz logo seria restabelecida.

Até mesmo o jovem Gustave de Saint-Paul, um vidente de apenas dez anos, chegou à mesma conclusão. Esses médiuns, que não têm qualquer influência mútua, parecem confirmar a mesma visão do futuro.

Os animais e sua faculdade profética

Frequentemente exploramos a questão das previsões humanas, mas não devemos esquecer que quase todos os animais também possuem uma faculdade profética, que pode ser chamada de intuição, previsão ou instinto. No fundo, todas essas palavras designam um conhecimento natural do futuro.

Tanto os seres humanos quanto os animais sabem conectar passado, presente e futuro. Essa capacidade é especialmente evidente em animais sociais e migratórios.

A abelha: Organiza sua colônia prevendo as mudanças sazonais. Se o futuro lhe fosse completamente desconhecido, não teria essa precisão em seus preparativos.

A formiga: Não recua diante de nenhum obstáculo para garantir alimento, segurança e proteção para sua comunidade. É um modelo de previsão.

Os pássaros migratórios (gansos selvagens, andorinhas, corvos, pombos-correio, etc.): Sentem as mudanças climáticas e tomam decisões antes que os fenômenos meteorológicos se tornem percetíveis ao olho humano.

O tubarão: Segue os navios em alto-mar, sabendo instintivamente que logo os marinheiros doentes ou mortos serão lançados à água.

Nos animais domésticos, essa intuição também é notável:

Os cães e gatos: Sentem partidas, retornos, doenças e até mortes iminentes de seus donos.

Os cavalos: Antes de uma tempestade ou terremoto, ficam inquietos e se recusam a avançar.

Os animais não seguem apenas rotinas instintivas. Eles possuem um conhecimento do futuro que lhes permite se adaptar ao ambiente antes mesmo que os eventos ocorram.

Conclusão: O Homem e o Instinto de Premonição

Assim, se admitimos que os animais possuem essa faculdade de prever o futuro, como poderíamos negá-la ao ser humano?

A capacidade profética não é um dom exclusivo de certos médiuns ou videntes: está inscrita na própria natureza.

Na política, na guerra ou nos fenômenos naturais, aqueles que sabem observar e sentir os sinais podem visualizar o futuro com mais clareza.

Não se trata apenas de dons espirituais ou visões místicas, mas de uma habilidade universal de perceber e compreender as forças em movimento.

Essa intuição, frequentemente suprimida pelo racionalismo moderno, ainda está acessível a todos aqueles que sabem escutar.

O Reino Vegetal e Mineral e a Capacidade Profética da Natureza

O reino vegetal, assim como o reino mineral, possui essa faculdade ao mesmo grau. As extensões das raízes seguem orientações que correspondem às pesquisas e necessidades do futuro. Os preparativos para a germinação e manutenção das sementes, desde as fibras lenhosas da árvore até sua casca e os líquenes que a recobrem; das artérias aos troncos e divisões dos galhos; dos botões às flores, aos frutos e aos germes de conservação—tudo isso está em constante vigília, em

atividade, em relação com as manifestações desse futuro inesgotável que carregam dentro de si, no qual mergulham e pelo qual existem eternamente.

O que revela a tal flor, arbusto ou árvore isolados, definhando por falta de expansão do amor, da união das almas e da perpetuação das espécies, que, distante, muito distante deles, corações amigos também suspiram por esses encontros invisíveis aos nossos olhos, por esses prazeres luxuriosos desconhecidos aos nossos sentidos, por essas alegrias íntimas ignoradas por nossa alma? Quem marca a hora dessas uniões, quem determina os segundos dessas fecundações vitais?

Homens do altar, vocês dizem: é um mistério.

Homens da ciência, vocês dizem: são as afinidades.

Homens de meditação, dizemos: são as necessidades de manifestação do futuro, as operações do presente e os compromissos do passado.

Portanto, trata-se da continuação e manutenção do que já existe; é uma letra de uma palavra, uma linha de uma página, uma página de um livro. É um conhecimento útil às forças internas pelas quais todas as coisas são, é a consequência da vida fluindo abundantemente pelos inumeráveis vasos capilares da natureza, uma vida que vibra em todas as direções da ótica universal.

O reino mineral está sujeito às mesmas leis e dotado das mesmas faculdades.

Como os éteres poderiam se unir aos fluidos, os fluidos ao substrato húmido, o substrato húmido aos sais, cales, magnésios, às uniões, às cimentações e às corporificações dos elementos destinados às ponderações mais sutis da natureza, se cada um não soubesse onde encontrar aquilo que busca, aquilo que aguarda e, portanto, aquilo que pressente ou profetiza?

Contudo, esses conhecimentos, essas posses, essas potências—dos infinitos fragmentos da natureza, que chamamos de corpúsculos—estão todos submetidos às mesmas leis de controvérsia e dualidade que governam as sociedades do reino animal. Portanto, é duplamente prudente, ao reconhecer essas capacidades universais aos seres, colocar um corretivo contra seus possíveis desvios.

RESUMO GERAL

De tudo que você acaba de me expor, concluo que o que você chama de profecias e visões não passa, no fundo, de sonhos. As visões que citou são apenas imagens mentais geradas pela tensão do espírito sobre questões que preocupam a Europa de hoje. Assim, elas se tornam imagens dedutivas que se aproximam da profecia, mas que não possuem sua verdadeira essência. Estou certo?

As visões que lhe citei não provêm, acredite, de outra fonte que não a profética. Se não têm o selo de Nostradamus, assemelham-se às de João. Nostradamus e Orval não apresentam seus estudos de forma tão desnudada quanto eu apresento os meus. Eles não permitem que os quadros alegóricos falem diretamente, como faço aqui—única linguagem escrita da "causa do mundo". Ao contrário, condensam tudo na linguagem vulgar, e é por esse tipo de narrativa que conquistam uma autoridade que não busco obter.

Esteja certo de que o futuro não se revela historicamente de outra maneira além daquela que lhe submeti. O caráter mais ou menos evidente ou mais ou menos característico da revelação não altera sua autenticidade.

A Dualidade do Mundo Espiritual e Material

Essas visões são interessantes e cativantes para os que buscam caminhos alternativos. Mas, baseando-me no que você expôs até aqui, quero entender melhor essas associações espirituais que parecem não influenciar os homens da Terra de acordo com o progresso da harmonia, mas sim continuar e até mesmo complicar as dificuldades terrenas. O que explica essa dualidade entre demonstrações e ignorância, elevação e decadência, amor e ódio, que parecem sempre alimentar sua própria existência no caos geral? Afinal, o que são o mundo espiritual e o mundo material?

Você faz muitas perguntas a um homem que conhece muito pouco. O que posso lhe dizer é que o mundo espiritual é a continuação do mundo material. Esses dois mundos são apenas formas diferentes do mesmo existir e das mesmas manifestações perctíveis pela ótica humana. Já tratei dessa questão tantas vezes que peço permissão para não retomá-la aqui.

Se você se refere ao início da minha exposição, deve reconhecer que toquei com precisão nas faculdades proféticas do homem. Portanto, deve aceitar minhas conclusões, que apontam para a suspensão de qualquer julgamento sobre uma questão tão complexa, exigindo, por consequência, que não nos entusiasmemos excessivamente por esse tipo de conhecimento, que está sujeito a inúmeras limitações.

Apresentei quadros suficientes para que você possa estudar essa faculdade de forma mais racional do que qualquer abordagem aceita até hoje.

A Profecia Individual e a Política

Respeito sua maneira honesta de estudar, mas percebo que suas afirmações sobre política são muito confusas. Eu teria preferido que se restringisse a questões de profecia individual. Esse campo é rico em estudos interessantes e teria sido mais adequado para mim.

A profecia individual é um absurdo. Como profetizar algo sem afetar o todo? Se eu profetizo que alcançarei algo, seja o que for, essa coisa obtida não inicia, por si só, a coletividade de toda profecia? Como tocar em qualquer ponto de um sistema sem que inúmeras partes sejam afetadas?

Se, em vez de um indivíduo, tomamos um rei como objeto de profecia, e a ele atribuímos ações determinadas de antemão, então, queiramos ou não, todos os seus governados entram no escopo das ações profetizadas.

Por isso, me pareceu mais adequado tratar de questões gerais em vez de questões pessoais. Só assim posso interessar os estudiosos desse campo. Cada um, ao observar por conta própria a relação entre a profecia e sua dependência de forças coletivas, estará mais apto a julgar e concluir sobre o assunto.

A Persistência das Paixões no Mundo Espiritual

Ainda assim, me incomoda admitir que as mesmas paixões vibram além da nossa existência terrena, gerando os mesmos efeitos que aqui. Afinal, nossos sistemas religiosos e governos do século XIX não são melhores do que os das eras mais primitivas. Aliás, eu poderia até dizer que estamos perdendo muito, especialmente na religião, se considerarmos a forma degradante como os homens comercializam a justiça divina, a falta de amor fraterno entre eles e o egoísmo generalizado que reina, desde o altar até o lar.

Você toca aqui em uma questão extremamente vasta. Para estudá-la em profundidade, precisaríamos remontar à origem de todas as coisas e definir cada uma delas. O escopo dessa investigação ultrapassa em muito o objetivo desta análise sobre as faculdades proféticas do homem.

A minha intenção foi apenas demonstrar que as ações coletivas do ser humano são previamente propostas e estudadas no repertório do "teatro terrestre", para serem avaliadas e aceitas por esse mesmo teatro.

Desejo me restringir a essa questão neste momento, pois já a trato de maneira mais detalhada, em fragmentos, em quase todas as minhas obras.

Agora, tentarei expor meu entendimento sobre o assunto. Espero ser suficientemente claro e feliz em minha explicação para que você possa me compreender.

Sem remontar às fontes primordiais de toda elaboração do pensamento pelos primeiros homens, nossos antepassados, de todas as aspirações à preferência divina, à supremacia das combinações religiosas e morais, às criações livres ou escravizadas das instituições governamentais, aos inúmeros meios de se separar dos próprios irmãos por meio da elevação às honrarias, à fortuna e à exploração sob todas as formas, tomaremos a sociedade tal como ela é; e, admitindo-a como um reflexo, uma continuação das vibrações do passado, aspirando ao futuro pelos mesmos meios que a ele conduzem, estudaremos assim, com maior facilidade, creio eu, a questão que nos ocupa.

Concentremos nossas observações unicamente na França, nossa querida pátria. O que é ela, nos dias de hoje, politicamente falando, já que abordamos mais especificamente esse aspeto em nosso estudo? Está dividida em quatro partidos que aspiram conduzir a civilização progressista conforme sua própria compreensão: o partido republicano, preexistente e continuamente sobreexistente a todos os outros; o partido monarquista por direito divino, segundo o carlismo; o partido monarquista por direito da burguesia, segundo o orleanismo; e o partido imperialista por direito do proletariado, segundo o bonapartismo. Acrescentemos a esses partidos principais o partido político-religioso e o partido socialista, e teremos o suficiente para estabelecer, não uma perfeita harmonia de relações, mas uma desarmonia das mais temíveis para essas mesmas relações.

O republicanismo é o primeiro homem presidindo naturalmente o governo de seu lar. O monarquismo pretensamente divino é o homem presidindo convencionalmente o governo de vários lares. Trata-se de uma distorção forçada do direito único do ser em vista das necessidades naturais e diversas de cada um; é a entrada em concessão, o

nascimento dos compromissos, o início da cobiça e a perda da coisa divina: a liberdade.

O monarquismo burguês é o começo da correção das coisas mal encaminhadas; é o burguês reivindicando seus direitos de nobreza, é a eclosão das forças da instrução e da aspiração ao belo e ao bom em benefício do próprio indivíduo, e não de todos.

O bonapartismo é o chamado das massas à igualdade perante o tribunal da justiça; é a prestação de contas e de direitos a todos; é a predominância da força sobre a astúcia, e a aspiração de todos aos louros apropriados por alguns; é o manto soberano cobrindo todos os ombros, a bandeira da ideia sombreando todas as testas; é, enfim, o governo dos homens novos sucedendo aos antigos.

O partido político-religioso é a contemplação científica dos grandes mecanismos da natureza divinizada em seu orgulho de assimilação, em sua incapacidade de magistério, em sua condição dependente de fração do todo, em vez de ser o todo em si. É, então, a febre da ignorância em confronto com o saber, a demência em confronto com a razão: um perturbador de toda reunião, um desordeiro de todo espaço.

O partido socialista é o conflito entre a liberdade do lugar e a do espaço, entre a individualidade e a sociedade, entre a família e as nacionalidades, entre a unidade do globo e a coletividade dos globos; é o homem querendo retocar a obra de Deus e dos homens, transmutar as partes no todo; é a liberdade dividida na escravidão geral, o proletariado transformado em rentistas, e a tentativa de relegar o homem do lar doméstico às tristes moradas dos conventos católicos; é a suposta reforma do governo de um ambicioso substituído pelo governo de mil outros ambiciosos; é, enfim, uma concorrência regimentada e não dispersa, tentada pelos jesuítas vestidos de cidadãos em vez de sacerdotes.

Acredita-se que, com tais elementos dividindo e direcionando as aspirações humanas, seja possível prever de antemão o sucesso de um deles em condições futuras isentas de obstáculos? Não. Só se pode profetizar o futuro de cada um com base em sua relação com os demais, e, portanto, deixar que cada ator, preferido por cada grupo, anime, satisfaça e pressagie sucessos gerais, quando só podem existir sucessos parciais em vista das aspirações opostas dos partidários de cada um.

Supondo que eu tenha atingido o centro dessa questão, vocês me perguntarão: o que devemos esperar do progresso dessas diferentes divisões, de suas formas de compreendê-lo, aspirar a ele e vê-lo coroado de sucesso? Eu lhes responderei que, diante do tão pouco aperfeiçoamento obtido por cada uma delas num período tão longo quanto o da aparição do homem sobre a Terra, seria motivo de desespero esperar algo melhor do que o que existe, se não tivéssemos a prova de que o mundo agente espiritual não cessa de corrigir os desvios do mundo paciente material, e se ele próprio não estivesse sob a regência de potências harmônicas superiores.

O partido republicano permaneceu o que era: religioso pela palavra "Deus", moral pela palavra "irmão", trabalhador pela palavra "ciência", político pela palavra "pátria", grandioso pela palavra "dedicação". Esse partido representa um vislumbre do celestial nas primeiras reflexões do homem e, nesse sentido, é o ponto de referência de todo

extravio, a correção de toda desorientação e o tribunal supremo ao qual recorre todo oprimido, explorado, desconsiderado na grande família humana.

Esse partido, no mundo espiritual, é o mais elevado grau que pode aspirar toda inteligência de elite, todo coração reto e toda alma que deseja retornar à esfera divina, alma que quer ser verdadeiramente responsável pelo quinhão de liberdade recebido de seu Criador. Para os homens do mundo espiritual, assim como para os da Terra, esse partido não é mais que um conselheiro de primeira ordem, e não um diretor. Se seus conselhos não forem corrompidos pelas paixões humanas, seu domínio enche os corações de sabedoria, e pode-se, em toda ocasião, profetizar o sucesso decorrente do direito. Todo ponto de partida indica, então, todo objetivo a alcançar, e toda vibração encontra seu eco.

O partido monarquista, pretensamente divino, assim como o partido imperialista, emergiu da urna popular, da aclamação do mérito ao direito de representar a coletividade desse grande corpo dividido chamado nação; mas esse partido desviou-se de sua dependência ao querer se reportar apenas a Deus, ao querer governar apenas por meio de uma hierarquia nobilitária que, por seus desregramentos e vícios, gerou castas, animosidades, distúrbios, combates, revoluções e, consequentemente, o entrave ao progresso da civilização humana.

No mundo espiritual, esse partido melhorou consideravelmente e, percebendo que apagava a própria chama que o iluminava, que suas aparições em cena não eram mais sustentáveis, voltou-se aos estudos e ao progresso. Ainda lhe resta romper com o partido político-religioso, para se tornar um só com o partido imperial popular.

O partido monarquista burguês, que só se une em torno das palavras de ordem "nós", "os nossos", "exploração", "opressão", é um partido híbrido que, no mundo espiritual, foi um primeiro paliativo para a ferida invejosa aberta pelo monarquismo divino através da criação das castas.

O partido imperialista, como demonstrei, é um corretivo aos desvios do republicanismo e às opressões da monarquia; é o povo, antes arrastado pelo carro dos tribunos insanos ou pisoteado pela nobreza sem nome, erguendo-se com orgulho sob a forma de uma realeza eletiva e absoluta, conquistando seu trono pela força do direito e, coroado de glória, restaurando a ciência e a civilização, momentaneamente obstruídas por seus mestres burlescos.

Ele sabe provar que Galileu, Arquimedes, Papin, Gutenberg, Descartes, Lavoisier, Jambard, Napoleão valem tanto quanto os Turenne, os Condé, os Richelieu e todos os nobres carregadores de caudas do Faubourg Saint-Germain. Não se sente mais constrangido, envolto em seu manto imperial, do que o grande Luís XIV em seu manto real; sabe comandar a travessia da ponte de Arcole tão bem quanto suportar alguns dias de prisão; sabe, enfim, mostrar-se digno de uma atenção muito diferente da atenção desprezível dos marqueses, marcada pelo selo da torpeza.

Esse partido, no mundo espiritual, é o ponto central para onde convergem todas as queixas, todas as inteligências ignoradas e todos os braços paralisados pelos grilhões do despotismo ou pela inércia comercial. Ele momentaneamente funde todos os anseios, entra em cena para jogos complicados e se atrofia diante das manobras silenciosas do partido político-religioso, que o considera grande demais, independente

demais para seus propósitos. Esse último partido é a alavanca oculta que perturba todas as bases, que desloca qualquer construção que não seja obra sua. O partido político-religioso é o dissolvente de toda potência intelectual que ressoa no mundo.

No mundo espiritual, esse partido ocupa os níveis mais baixos; é visto como um anulador de toda aspiração nobre, de todo estudo e ação livres; é a tela negra colocada diante da luz, a causa permanente dos principais entraves à civilização.

Não falo do socialismo, pois já disse o suficiente para que compreendam que ele não passa de um disfarce da exploração em todas as suas formas, uma armadilha armada contra a confiança dos homens livres.

D. Mas você nos apresenta um quadro assustador de desarmonia, que deve nos fazer desesperar de um entendimento geral entre direito e dever?

R. É verdade que essa confusão existe e é resultado das concepções apressadas e dos estudos incompletos das nobres aspirações do espírito humano. Mas o mundo espiritual tem seu jogo de forças, assim como a Terra tem seus despertares, seus iluminismos e suas reviravoltas. É então que o verdadeiro progresso desaparece da tribuna geral, e os oradores de mérito de todos esses partidos propõem, discutem e preparam uma nova peça para ser ensaiada no repertório terrestre, com o objetivo de chegar à solução desejada por todos, mas mal concebida por cada um. Essa é a grande arena do homem que combate sob os olhos do Criador, onde o lutador busca tornar-se digno de carregar o nome de filho do Eterno; é a vida perpetuada pelos contrastes; é a harmonia sustentada pela desarmonia; é a profecia obstruída pelo desconhecido.

Isso não nos leva a resumir as faculdades proféticas que estudamos?

Você, então, não me compreendeu?

Ao contrário, compreendi perfeitamente, mas não posso resumir a essência desta questão apenas com o que você me disse.

Eu defini, na medida do possível, os objetivos dos diferentes partidos que dividem a civilização francesa, tanto no mundo material quanto no espiritual. No entanto, desejo que você não generalize e que não associe as paixões desordenadas às boas aspirações. Em todos os partidos, há o nobre, o belo, o generoso, o justo – elementos que são prejudicados e deturpados por estudos imperfeitos ou paixões desenfreadas. Isso ocorre com Carlos IX, mas não com Henrique IV; ocorre na regência orleanista, mas não com Luís Filipe; ocorre em 1793, mas não em 1848; ocorre com os Bórgias, mas não com Fénelon; ocorre, enfim, com Pio IX em 1859, mas não com Pio IX em 1848. São desvios de boas intenções para fins perversos, desvios pelos quais não podem ser responsabilizadas as aspirações legítimas sobre as quais se fundamentam todos os partidos.

Eu mostrei que o mundo espiritual é a continuação das aspirações terrestres, mas com um processo de purificação, buscando constantemente uma fusão para alcançar o sucesso geral. No entanto, ele não pode atingir esse objetivo devido à parcela de liberdade concedida a seus agentes no mundo material, que desempenham os papéis superiores – liberdade que o próprio Napoleão I reconhece ao falar de Napoleão III.

Liberdade que Swedenborg também admite existir em suas considerações sobre Napoleão III.

Não pode ser de outra forma; todo ator escolhe um papel que deve desempenhar sob condições previamente traçadas. No entanto, a liberdade de ação pode enfraquecer ou fortalecer esse papel, podendo fazer com que a peça seja vaiada ou aplaudida. Aceitamos e admitimos que a purificação é uma necessidade do mundo espiritual para legitimar o sucesso do progresso e elevar o homem à altura que ele ainda não sabe ou não pode alcançar.

Para obter esse resultado, o papel de agente modificador é concedido ao espírito livre dos laços materiais, enquanto o papel de paciente é atribuído ao espírito ainda aprisionado na matéria. Esse último papel não passa de um papel de convenção e escolha, acredite, no qual o espírito, prestes a se manifestar no teatro terrestre, cuida de enriquecer seu repertório e mantém (sem que seu invólucro material perceba) comunicações, por meio das obscuras cortinas da intuição, com o mundo agente espiritual. Pois o livre-arbítrio absoluto do ser é uma utopia, dada a interdependência de todas as frações do universo entre si.

O livre-arbítrio, limitado pela harmonia universal, pertence ao domínio do ser espiritual; ao ser material resta apenas uma fração muito pequena de livre-arbítrio, restrita aos apetites das manifestações materiais. Assim, cada estado, possuindo suas liberdades limitadas e suas dependências igualmente limitadas, parece ser livre para dispor das coisas segundo suas aspirações, quando, na verdade, apenas cumpre o que foi premeditado no passado (agindo no presente) em favor do futuro.

Portanto, esteja certo de que o que lhe digo neste momento sobre essa questão já nos é conhecido espiritualmente, antecipadamente, sem que o estado presente de nosso espírito tenha consciência disso. Estamos, assim, numa segunda repetição desses papéis, que sempre se desenrolam no presente, mesmo nas eternidades futuras. Estabelecida essa proposição e considerando que nossa ignorância momentânea sobre o conjunto da peça que estamos representando não é menor, nos encontramos como frações da grande profecia do repertório eterno, no qual alguns de nós podem, de tempos em tempos, ler alguns fragmentos de cena, mas nunca o conjunto da peça. Esses mesmos seres podem, por essa faculdade, ler fragmentos de verdade, mas jamais a verdade completa, pois, uma vez conhecida integralmente, ela retiraria todo o interesse e enfraqueceria a ação da peça em jogo.

Saiba, além disso, que a faculdade do vidente de entrar em contato direto com a palavra e os pensamentos dos seres, percebendo essas palavras e esses pensamentos conforme seu desejo, sob a forma e na atividade da existência real de todas as coisas, pode, sem que perceba, mergulhá-lo num labirinto de falsas interpretações, de falsos agrupamentos e de falsas manifestações futuras dos acontecimentos. Isso, no entanto, não significa que essas coisas não sejam reais para ele.

Ao estudar essa questão, vemos que ela apenas se complica ao infinito, sem oferecer uma solução definitiva; portanto, não nos detenhamos nela senão para conhecê-la, e não para defini-la!

Uma vez que essa chave esteja em suas mãos, você poderá abrir com ela a porta do palco desse teatro e compreender mais facilmente a possibilidade de transmitir profeticamente à plateia desse teatro os papéis, as cenas, as intrigas e o desfecho da peça – seja ela rejeitada, aceita, em estudo ou em execução.

O que você está me revelando seria perfeitamente exato?

Conheço sua perspicácia o suficiente para saber que, ao estudar essa questão a fundo sob essa nova perspetiva, você admitirá essa proposição.

D. Mas isso é uma luz completamente nova que você me oferece!

R. Aceite-a, pois a sombra que ela projeta não é de temer, e compreenda bem que, através dessas relações ocultas entre os dois mundos, tudo se passa geralmente de maneira semelhante em ambos: mesmas proposições, mesmas demonstrações, mesmas lutas e debates; enfim, as mesmas deceções, causadas pelo desconhecido tão intrincado no todo dos pensamentos do universo.

(1) Veja uma exposição mais detalhada em "Meditações de um Pensador", tomo II, artigo "O Anjo e o Homem terrestre".

Suponhamos que a nação francesa, tanto no plano material quanto no espiritual, esteja em plena harmonia e caminhe rumo a um sucesso tanto mais previsível quanto determinado de antemão, como o golpe de punhal que deve punir o traidor nos dramas de nossos pequenos teatros e fazer baixar o pano sobre esse desfecho trágico. No entanto, devemos levar em conta os diversos teatros das outras nações, onde os atores que foram vaiados na peça anterior em seu país irão buscar apoio e conquistar a confiança, a fim de provocar desordens, invejas e cobiças em seu próprio teatro.

Ou então, esses mesmos atores, auxiliados por seus partidários, descem novamente entre nós em todos os lugares e ocasiões para expor os erros de seus sucessores, destacar com grande estardalhaço seus desvios e gerar tumultos dos quais, por astúcia ou pelo despertar de novas aspirações das massas, eles próprios se beneficiarão, voltando a subir no palco como antes – até sua próxima queda. Nesse momento, a faculdade profética do homem sofre um dos golpes dos quais não pode se recuperar, sendo vaiada por sua vez, mesmo quando digna dos maiores elogios.

As suas demonstrações são tão persuasivas que dou grande valor às explicações que você teve a bondade de me oferecer sobre o mecanismo oculto das ações humanas. Mas, na terceira sessão, você citou a visão de uma chuva que deveria cair em determinada hora e durar cinco minutos. Como explica essa relação com a lei natural?

Nem sempre posso compreender plenamente todas as manifestações extra-naturais de que sou testemunha, como qualquer outro homem. Mas se você quiser se remeter às minhas proposições sobre a capacidade que tem um botânico, ao observar uma determinada semente, de descrever suas propriedades e potencialidades, e se me permitir ampliar essa semente, transformando-a num globo como a Terra – um globo que, assim como a semente, possui suas forças de atração e repulsão, suas esferas de absorção e armazenamento, suas estações, meses e horas de comunicação com as subdivisões de seus domínios – então chegaremos muito próximos de admitir que, assim como a humilde violeta recebe sua gota de orvalho, esse globo pode receber

exatamente aquilo de que necessita. E foi essa gota que eu vi cair no momento em que deveria ser absorvida.

Para ter uma compreensão perfeita dessa proposição e resumir o que se pode profetizar sobre as complicações que se seguem, observe as ações do partido político-religioso em nossos dias. Você o verá, tanto espiritual quanto materialmente, na América do Sul, com a Bíblia em mãos, incitando a discórdia ao justificar a legitimidade da escravidão e, com isso, acendendo a guerra civil nesses territórios, de modo a prejudicar as relações comerciais da Europa, empobrecer suas nações e provocar clamores de miséria – um cenário que lhe permite recrutar o maior número possível de figurantes para a sombria peça que está arquitetando.

Digo espiritualmente e materialmente, pois esse partido prova isso por suas preces antifraternas e excomunhões diabólicas, invocando as potências espirituais de suas paixões para ajudá-lo em seus projetos espirituais, e ao mesmo tempo apelando às potências materiais do canhão e do punhal para auxiliá-lo em seus projetos terrenos.

Na China, ele coloca a palma do martírio nas mãos de seus seguidores para, ao mesmo tempo, colocar a espada vingadora nas mãos da nação e acrescentar alguns centavos aos impostos já tão pesados.

No Líbano, fomenta distúrbios que exigem preparativos de guerra, sempre com o objetivo de sobrecarregar aqueles cujos braços deseja usar para seus próprios fins.

Na Rússia, sopra exigências excessivas para paralisar as boas intenções do soberano, fazê-lo tomar aversão ao progresso e arrastá-lo a uma coalizão contra seu próprio coração, que é Paris.

Sabendo que pode agitar a Polônia para esse propósito, ele a empurra a uma resistência injustificada para forçar o avanço dos exércitos do Norte em direção a Paris, e então abandona seus veteranos deportados para a Sibéria no momento certo, garantindo que Alexandre não reconheça o Reino da Itália.

Áustria, combatendo-a em seu consentimento ao progresso; na Alemanha, através de um medo presumido de invasão e de falsas ideias liberais; na Prússia, por meio de ideias de supremacia sobre os pequenos Estados alemães; em toda a Itália, fomentando uma forma de banditismo digno do desprezo geral.

Na Espanha, através de preparativos silenciosos e ideias de conquista, tenta paralisar as relações amistosas da França com essa nação.
Na Bélgica, através de manobras jesuíticas, está pronto para sufocar a liberdade desse reino.
Na Inglaterra, por meio do pauperismo irlandês, que se opõe à expansão do protestantismo.

O partido político-religioso paralisa, em todos os lugares, as boas intenções, divide as forças, sopra o fogo que deve incendiar tudo, formando assim seus artistas de primeiro, segundo e terceiro escalão: seus substitutos, seus figurantes e todo o pessoal necessário para a entrada em cena forçada de um grande e lúgubre drama! De um grande e lúgubre drama, repito, que, se não for retirado de seu repertório por Napoleão III, produzirá os maiores distúrbios já vistos. Que esse soberano olhe sob

seus pés, sobre sua cabeça e ao seu redor, e verá esse partido manejando todos os principais mecanismos de uma terrível revolução.

Mas você deveria ter visto cair essa chuva exatamente naquela hora?

Eu ignoro. Algum espírito sábio, professor de meteorologia, pode ter me comunicado essa particularidade e me guiado naquele dia para vê-la, assim como eu mesmo poderia, se quisesse molhar o chapéu de um provinciano, fazê-lo passar sob um jato de água do qual ele não suspeitaria a existência e então afirmar que, em determinado dia e hora, seu chapéu estaria molhado.

Você livra-se dessa questão com muita habilidade para que eu desista de argumentar. Peço desculpas, mas preciso compreender e não aceitar cegamente todas as proposições desse tipo. Saiba que não perderei de vista o seu método e que ele me será útil muitas vezes para interrogar, com o auxílio de sonâmbulos, médicos e, de modo geral, todos os meios que temos hoje à nossa disposição, a fim de estabelecer em meu espírito uma certeza inabalável sobre as faculdades que acabamos de tratar. Vou-me empenhar em dar mais importância aos estudos do que fiz até agora; suas explicações me incentivam a aprofundar essa questão. Mas antes de nos despedirmos, podemos pedir algo mais preciso sobre os eventos iminentes?

Não, isso não me é permitido. E mesmo que eu não tivesse feito algumas cortes úteis nas citações que lhe ofereci, ocultado certos fatos e transposto categorias, eu as faria novamente, para não alimentar paixões mais maldosas do que estudiosas e para não desviar a opinião pública do caminho do qual, ao contrário, eu desejaria poder resgatá-la.

Revise cuidadosamente em sua memória tudo o que lhe disse sobre esse assunto. Compare as datas, conecte os fatos, e não precisará de mais nada. Conheço sua perspicácia, e ela me garante que cada uma das visões, assim como cada uma das revelações que lhe citei, lhe abrirá suficientemente os olhos para a fragilidade dessas representações alegóricas (única linguagem da profecia). Você compreenderá que, se aceitarmos como completo o que foi projetado pelos agentes atuantes desses acontecimentos, devemos também admitir sua incompletude, devido à força paralisante dos agentes concorrentes, que se opõem ao seu sucesso. Você então adotará comigo esta proposição repleta de sabedoria:

As faculdades proféticas dos seres, em geral, não podem ser levadas em consideração senão como notas.

Concluímos igualmente que seria uma temeridade – que agravaria consideravelmente a já difícil condição terrena do homem – tentar conhecer a verdade absoluta sobre as fases de seu futuro.

Seja ele breve ou longo, como poderia viver o homem que soubesse, por exemplo, que o filho que hoje ele aperta com tanto amor contra seu coração o tratará com desprezo na velhice e o abandonará aos cuidados de um asilo, negando-lhe o amor que só deveria esperar da própria família?

O que pensaria o esposo apaixonado e confiante, ao saber que, um dia, essa mesma companheira de sua alma, esse recetáculo presumido de sua felicidade presente e futura, o trairia com um de seus amigos mais queridos, seguiria esse último e

abandonaria aquele a quem jurou – não apenas aos pés do altar, mas no sagrado seio do leito conjugal, nos mais íntimos momentos de entrega – que viveria e morreria ao seu lado?

O que pensaria o marinheiro, se soubesse que, em determinado dia, durante um combate naval, seria feito prisioneiro por muitos anos e perderia um membro, terminando sua vida na mais profunda miséria? O que pensaria o soldado, se soubesse que um dia, em estado de embriaguez, seria desfigurado por um golpe de sabre, consequência de uma briga insignificante?

E quantos outros seres diferentes, conhecendo de antemão os inúmeros infortúnios que os aguardam, poderiam suportar a vida? Como entraria em um vagão de trem aquele que soubesse que sairia dele sem as duas pernas?

O que pensaria Carlos X de Luís Filipe, este de Napoleão III e este último de seus futuros adversários? Carlos X, ao não poder impedir o reinado de Luís Filipe; Luís Filipe, ao não poder manter por mais de sete anos na prisão aquele que lhe sucederia; e Napoleão III, ao não poder – se soubesse – impedir um futuro que poderia não ser de seu agrado?

Aqueles que presidem, avaliam, conduzem e corrigem esses acontecimentos nos deram uma grande prova de amor e misericórdia ao nos ocultá-los. Por isso, devemos lamentar profundamente aqueles que, por interesse mesquinho, desejam escavar e forçar o estudo das faculdades proféticas dos seres.

Conhecemos bem demais as dolorosas e merecidas deceções que resultam dessas longas, pacientes e calmas observações sobre tais faculdades – estudos que conduzimos por mais de vinte anos, tanto pessoalmente quanto por meio de terceiros – para não repetir incansavelmente:

AS FACULDADES PROFÉTICAS DO HOMEM SÓ DEVEM SER ESTUDADAS PELO SÁBIO A TÍTULO DE NOTA.

ARCANOS DA VIDA FUTURA REVELADOS 3,

Alphonse Cahagnet

NOVAS APARIÇÕES
ATESTADOS

1º Eu, abaixo-assinado, certifico ter solicitado a aparição da minha mãe, falecida há dez anos, à senhora Adèle Maginot, em sono magnético, e ter recebido dessa vidente uma descrição detalhada e muito exata. Reconheço, além disso, que, entre a quantidade de pormenores que me forneceu esta sonâmbula, houve dois que me eram totalmente desconhecidos: 1º que a minha mãe sofria de uma dor reumática na perna esquerda; 2º que ela tinha grande apreço pela flor do resedá. Informei-me junto de pessoas capazes de confirmar estas duas revelações e adquiri a certeza de que eram exatas.

Durante estas inquietantes e, ao mesmo tempo, reconfortantes observações, obtive esta aparição, feita, no entanto, sem que tivesse havido qualquer contacto direto com a vidente. Desejei obter uma segunda, da mesma forma. Desta vez, pedi, na presença de duas testemunhas, a aparição do meu tio, falecido há seis anos. As informações que recebi a seu respeito foram tão detalhadas e tão exatas quanto as que obtivera sobre a minha mãe. Também neste caso surgiu um pormenor que me era desconhecido: uma dor reumática que o meu tio tinha no joelho da perna direita; as averiguações que fiz a este respeito provaram-me que a vidente tinha visto corretamente.

Não fiquei menos surpreendido com a descrição que me foi feita das suas roupas, nas quais, após vasculhar nas minhas recordações, reconheci um casaco de determinada cor e umas calças com pala em vez de abertura frontal, como se usava na época.

Acreditei, pelo êxito destas duas sessões, dever manifestar a minha satisfação ao senhor Cahagnet, assinando o presente documento para lhe servir se necessário.
Paris, 5 de março de 1852.
Assinado: MARCHANDISE, comerciante, Rue aux Ours (Paris).

2º Eu, abaixo-assinada, reconheço ter pedido à senhora Adèle Maginot, em sono magnético, a aparição do meu marido, e que os pormenores minuciosos, assim como os conselhos dados pelo falecido, me pareceram de uma exatidão irrepreensível; em fé do que assino o presente para servir se necessário.
30 de março de 1852.
Assinado: THÉRÈSE SVCHEVESKY.

OBSERVAÇÕES SOBRE O ATESTADO ACIMA.

Devo observar que várias particularidades, do género das que seguem, foram reveladas pela vidente nesta aparição, e que me pareceram suficientemente curiosas para serem mencionadas. A pessoa falecida tinha 80 anos e deixara a vida há apenas quinze dias. A esposa deste senhor pediu-lhe que dissesse se devia deixar França e regressar à Polónia, sua pátria; ao que ele respondeu:
«Aconselho-te a deixar este país, que em breve estará muito agitado (*1*), e a regressar à Polónia para tratares pessoalmente dos assuntos que te dizem respeito.»

(1 Cremos ver essa agitação nos acontecimentos de dezembro de 1852.)

D. – Temes a guerra?
R. – Depois dos distúrbios que ocorrerão em França, sim; mas não temo a guerra.

Adèle disse ver, a estas palavras, este ancião, que mal se arrastava momentos antes, endireitar-se com orgulho e enfeitar o peito com várias condecorações que ela não lhe vira antes; distingue, entre outras, uma com as cores nacionais de França, muito mais pequena que as restantes e à qual ele parece atribuir grande valor. A senhora disse não achar isso surpreendente, pois tratava-se da cruz de honra; que, na verdade, o seu marido possuía várias condecorações conhecidas como “crachats”. Este senhor servira sob Napoleão, por quem nutria grande admiração; mas, com a queda desse grande homem, passara a detestar a França, o que podia ter contribuído para o conselho de a deixar.

A esposa perguntou-lhe se já tinha revisto a mãe. Ele respondeu que ainda não tivera tempo, ocupado que estava a admirar as maravilhas que via. Mas Adèle disse ver aproximar-se dele um amigo, cujo aspeto descreveu à consulente. Esta, mergulhada numa dor profunda pelo que ouvira à vidente, aproximou-se dela, passando-lhe o braço pelo seu, como se pensasse que, através dessa ligação, poderia tocar mais de perto aquele que tanto lamentava. As lágrimas impunham silêncio às duas pessoas que a acompanhavam, e ela parecia não reconhecer a descrição do amigo do marido, que Adèle assegurava ser-lhe conhecido.

Após um momento de recolhimento, a esposa infortunada pediu à vidente que perguntasse apenas o primeiro nome desse amigo, visto que o marido perdera vários antes de morrer. Adèle cumpriu o pedido, mas percebi que hesitava em dizer a resposta. Eu, sabendo que este é um dos obstáculos que mais frequentemente encontramos, não insisti. No entanto, não podíamos ficar por aí, quando Adèle, partilhando a boa disposição do amigo do falecido, exclamou: «Este senhor está a troçar de mim, sem dúvida; não ouso repetir o que me diz, batendo no peito, pois não responde à minha pergunta.» Incentivei Adèle a dizer tudo. No mesmo instante, ela repetiu, rindo, a frase que acabara de ouvir: «DO ÚLTIMO DOS ROMANOS, EIS O QUE RESTA!»

Pode imaginar-se o efeito que tal resposta, surgindo tão de repente e num momento tão solene, devia provocar. Tive receio de que a nossa experiência ficasse comprometida, sobretudo pelo ar divertido de Adèle, que parecia esquecer que tinha pendurada ao braço uma infeliz que soluçava. Não foi assim; pois a senhora, prestando atenção apenas ao nome Romain, que ouvira pronunciar, exclamou de imediato que reconhecia a pessoa, que efetivamente era muito jovial e tinha o primeiro nome Romain. Adèle disse que esses dois amigos tinham servido juntos; e, no momento em que a consulente pedia ao marido que tentasse ver a mãe, a vidente disse que ouvira o amigo do falecido dizer: «Isso mesmo, vai ver a tua mãe. Eu vou fazer o mesmo com a minha filha. Até à vista.»

Esta última revelação foi também muito exata, pois este senhor perdera efetivamente a filha pouco tempo antes de morrer.

Que pensar destes factos? Serão conclusivos? Serão comunicação de pensamento? Teria esta senhora alguma vez imaginado responder com um verso tão apropriado ao pedido feito? Teria a vidente ousado rir se não estivesse na companhia de uma pessoa tão jovial, que a contagiava com o seu estado de espírito? Ao ouvir a palavra “guerra”, poderia ela, num relâmpago, ver este homem coberto de condecorações e dar especial apreço a uma com as cores tricolores, sabendo que falava com um estrangeiro? Teria a senhora pensado nessa circunstância? Seria necessário querer argumentar a todo o custo para o fazer num caso destes.

3º Depois de ler a obra intitulada *Arcanos da vida futura revelados*, publicada pelo senhor Alph. Cahagnet, desejei receber uma confirmação mais ampla destes factos incompreensíveis.

Dirigi-me, para esse efeito, a casa desse senhor e roguei-lhe que me concedesse uma sessão de aparição, dizendo-lhe que tinha sido encarregado por um pequeno grupo de amigos meus, estudantes como eu, de verificar esses factos, que despertavam em nós

uma certa sensação de incredulidade; acrescentei que, se a sessão tivesse êxito, estava disposto a atestá-lo aos meus amigos, bem como publicamente. O senhor Cahagnet respondeu-me que me concederia essa sessão sob essa condição.

No dia combinado, apresentei-me em sua casa. Ele adormeceu, diante de mim, a sua vidente, senhora Adèle Maginot, e, quando lhe pareceu oportuno, pediu-me simplesmente o nome e os apelidos da pessoa cuja aparição eu desejava. Eu não tinha ainda terminado a resposta quando a vidente afirmou ver o amigo solicitado. A descrição que me foi dada (sem qualquer pergunta feita por mim) foi muito exata; as circunstâncias, muito detalhadas, da morte do meu amigo foram-me também reveladas com exatidão, ao ponto de a vidente dizer vê-lo expelir sangue pela boca.

Quis saber se também seria verdadeira nos pormenores relativos às afeições, e fiquei plenamente satisfeito… Quis, então, investigar o passado e verificar se cenas de juventude, conversas animadas, etc., estavam permanentemente, e de forma idêntica, tanto no espírito do falecido como no meu. Obtive a certeza de que a vidente podia conhecer o passado de modo que não corresponde exatamente às nossas recordações: o essencial das suas respostas era o mesmo, mas os detalhes não eram de forma alguma aqueles que a memória nos traz. Para ser mais claro, poderia explicar estas coisas de outra forma, sem dizer mais nem menos; foram-me até referidos factos que desconhecia. Foram-me ainda anunciadas certas coisas como profecias, das quais uma já se realizou: a aparição do meu amigo a mim próprio, num estado próximo do sono…

O conjunto, muito complexo, do que vi e ouvi obriga-me, pela minha sinceridade, a declarar que as poucas dúvidas que me restavam depois da leitura dos *Arcanos* se dissiparam totalmente e que acredito na possibilidade de comunicar com pessoas falecidas, embora sem conseguir explicar-me este surpreendente fenómeno.
H. GODQUIN,
Estudante de Medicina, Rua Blanche, n.º 60.

SUPLEMENTO À APARIÇÃO SUPRACITADA

Um dia, um bom amigo nosso enviou-nos a tradução de um artigo do *Magiskon*, jornal alemão sobre magnetismo. Esse artigo tem por título “Desordens pelo magnetismo na América” e encontra-se inserido na nossa quinta entrega da *Enciclopédia Magnética-Espiritualista*.

Nesse artigo, fala-se de um vidente ou médium, pessoa de grande consideração e posição na magistratura daquelas terras. Este senhor declarou ter perguntado aos espíritos com os quais se relacionava, nos seus estados de vidência, se estes lhe poderiam indicar alguma obra sobre as leis físicas da natureza, a fim de estudar uma matéria sobre a qual não tinha qualquer conhecimento. Os espíritos responderam-lhe que consultasse as *Cartas Ódicas-Magnéticas* do cavaleiro de Reichenbach, de Viena (Áustria), pois era a obra mais perfeita no género. O senhor assegurou que nunca ouvira falar dela, embora estivesse publicada há um ano.

O tradutor do referido artigo, possuidor da obra, teve a amabilidade de no-la traduzir; lemo-la com grande prazer, visto que confirmava a principal das proposições contidas no nosso *Santuário do Espiritualismo*: que tudo o que existe materialmente aos nossos

olhos, seja de que natureza, reino ou forma for, não é senão composto de luz — luz que o senhor de Reichenbach denomina *on*.

Adquirimos esta certeza, como se pode ler, num momento de êxtase provocado artificialmente. Ao tomarmos conhecimento das investigações do referido sábio, recordámo-nos de que, um dia, estando na biblioteca do Instituto, tínhamos visto uma obra de metalurgia, em dois ou três volumes in-4º, publicada por Emanuel Swedenborg, que ainda hoje é a única utilizada nesse estudo. Como estava escrita em latim, só pudemos observar as figuras de todo o género que continha, entre as quais notámos pedras de íman ou de outra natureza, rodeadas de uma espécie de atmosfera fluídica que representava correntes espalhando-se em todas as direções.

Julgámos, então, que Swedenborg estudara essa questão e a tratara de forma mais desenvolvida do que Reichenbach, acrescentando figuras às suas demonstrações escritas. Pedimos a Adèle, em sono, que chamasse esse sábio para nos esclarecer. Quando se apresentou, aprovou vivamente a obra de Reichenbach e disse-nos que as proposições nela contidas, sobre a substância luminosa de que são formados todos os corpos, eram exatas.

Perguntámos se ele próprio não tinha tratado dessa questão ao falar dos metais. Respondeu que sim, mas apenas no que respeita a esse reino, enquanto o autor referido tinha sido mais completo nesse ponto; e acrescentou: “Não foi ao tratar dos metais, como dizes, que abordei esta questão, mas sim ao falar dos minerais.” Adèle disse-me: “Repara bem, ele diz minerais, e tu dizes metais; não é a mesma coisa? O que são minerais?”, murmurava ela entre dentes. “Não te preocupes”, respondi-lhe, “sei o que o nosso bom amigo quer dizer; mas pergunta-lhe se não seria bom publicar a obra de Reichenbach em França.”

“Certamente”, respondeu Swedenborg, “foi para isso que vos foi enviada já traduzida… Mas não posso custear essa publicação além das minhas próprias edições… Virá um auxílio, e essa obra será publicada.”

Assim terminou esta sessão, que aqui cito como parte do preâmbulo da história seguinte e por se ligar demasiado a ela para ser separada.

O senhor Godquin, citado na aparição a que este suplemento se refere, continuou a visitar-me, visto que, numa nova aparição que tivera do seu amigo, este lhe dissera: “Estás bem encaminhado; fazes bem em procurar Cahagnet, é o centro do espiritualismo que te convém; ele está na verdade.” Impressionado com esta revelação, aproveitou-a visitando-me com frequência.

Numa das nossas conversas, falei-lhe da obra de Reichenbach e das minhas dúvidas sobre se Swedenborg tratara dessa questão numa obra sobre metalurgia, bem como das respostas que me haviam sido dadas a esse respeito. Godquin disse-me: “Posso consultar o texto dessa obra e dizer-lhe algo.”

Na própria noite em que estava com essa disposição, uma voz desconhecida veio dizer-lhe ao ouvido: “Consulta a página ou o artigo 84…” Impressionado com essa indicação, na manhã seguinte correu à referida biblioteca e pediu a obra… mas, oh desilusão!, não a encontrou inscrita nem no catálogo antigo nem no novo. Desapontado com este contratempo, ao ver no catálogo o título seguinte, pediu essa

obra, que também era de Emanuel Swedenborg: *Miscelânea de observações sobre as coisas da natureza e, sobretudo, sobre os minerais, o fogo e as camadas das montanhas*.

Na segunda parte desse in-12, ao abrir **diretamente na página 84** indicada, leu o seguinte trecho, que guarda uma analogia demasiado grande com a questão que nos interessava para que deixe de o transcrever aqui:

"Se se pudesse descobrir qual é a natureza do fogo que entra nos corpos duros e a natureza daquele que deles sai, parece-me que se obteriam grandes vantagens para explicar a calcinação dos corpos, a fixidez ou não fixidez dos metais, dos enxofres e dos sais, quando submetidos ao fogo, e para o conhecimento da sua textura interior."

Godquin não tinha lido de forma alguma as cartas mencionadas; apenas me ouvira dizer que eram uma grande luz para o conhecimento das leis físicas, tal como os espíritos haviam anunciado no artigo vindo da América.

Vê-se, pois, que, para quem sabe reunir e aproveitar esses fragmentos de revelações, é possível estabelecer aproximações entre eles que provam que somos agentes de seres superiores que, por vias mais ou menos indiretas, nos guiam nos nossos estudos e nos fazem contribuir, sem o sabermos, para a instrução geral. Os factos que acabo de citar são um exemplo flagrante disso, pois fui escolhido para publicar uma obra que um bom amigo traduz a sessenta léguas de mim, e que um estrangeiro nos anuncia a mil e quinhentas léguas. Mal conheço a minha língua e encontro intérpretes de todas as línguas que, muitas vezes, só se aproximam de mim para me entregar um artigo estrangeiro que eu não conheceria — nem talvez a minha própria pátria — sem a sua ajuda.

Não tenho dinheiro e pago a pronto, porque, no momento em que menos espero, o "riacho" de Swedenborg vem deitar na minha malga o que o impressor aí vem buscar. Os meus leitores sabem que devo a impressão do primeiro volume desta obra ao empréstimo de 500 francos que me fez um venerável ancião, cuja única renda era de 600 francos anuais. Nunca tinha visto esse irmão generoso antes do dia em que ele tirou do seu porta-documentos essa nota, fruto de duras economias; pois bem, hoje devo a impressão deste volume a um livreiro alemão que me comprou, pela mesma quantia, estes manuscritos, sem que eu saiba como soube que eu os possuía.

Não tenho qualquer apoio na publicidade dos jornais. As mãos encarregam-se desse papel e fazem circular as minhas obras por toda a parte, onde são traduzidas… Depois de ter ensinado primeiro à minha pátria o arcano de evocar os espíritos — arcano que já deu a volta ao mundo — e de nada ter recebido em recompensa senão grosseiros insultos da parte daqueles que esses estudos convidavam a defendê-los, fui evitado, apontado, enclausurado no meu sótão, entregue às minhas próprias forças, pensando-se que, sozinho, eu nunca poderia sustentar vitoriosamente as minhas proposições. Enganaram-se, e tanto, que hoje já não ousam pronunciar o meu nome como sendo o promotor dos fenómenos que perturbam as mais belas inteligências.

Sofro há vários anos. Mal consigo manter-me no meu posto de trabalho; recebo ajudas, conforto, e posso, fora das minhas escritas, cultivar algumas flores num canto de jardim que arrendo fora de Paris. Como ousaria ou poderia negar a proteção que

me é concedida, escrevendo tão livremente numa época em que cada um denuncia o outro para tomar um lugar vago, em que cada um é tomado de inveja contra uma posição que não tem, e sendo eu atacado, sobretudo, como fui, por forças tão consideráveis quanto as de Roma!… Digo-o com toda a humildade: não mereço tantos benefícios da parte daqueles que ridicularizei com a mesma paixão com que hoje os honro. Que exemplo, que contraste de dualidade! Que fonte de estudo para um homem tão ignorante como eu! — e até para um mais sábio do que eu!

4º *Reconheço (1) ter-me dirigido a casa do Sr. Cahagnet para solicitar uma aparição, a fim de consolidar a minha convicção sobre a possibilidade de os videntes magnéticos comunicarem, nesse estado, com o espírito de pessoas falecidas.*

(1 Este auto menciona textualmente as palavras do magnetista em questão, bem como as proferidas nas sessões citadas.)

Fui levado a verificar este facto na minha qualidade de magnetista e depois de ter lido a obra intitulada *Arcanos da vida futura revelados*, publicada pelo Sr. Cahagnet para provar essa faculdade dos videntes; obra que estudámos em Berlim, num comité especial de magnetistas, e a respeito da qual concluímos que necessitávamos de provas diretas. Foi para esse efeito que as solicitei ao Sr. Cahagnet, que se apressou a conceder-me uma sessão de aparição com o auxílio da senhora Adèle Maginot. Declaro que as informações que obtive nessa sessão foram suficientes para dissipar as dúvidas que havia concebido sobre o assunto.

Declaro, ainda, que fui uma segunda vez à casa do Sr. Cahagnet para obter idêntica aparição, dessa feita para uma das minhas primas, a quem acompanhava naquele dia, e que tal aparição nada deixou a desejar à minha prima, que estava disposta a aceitá-la, mas que só poderia fazê-lo após ser ela própria testemunha. Essa sessão durou não menos de uma hora, durante a qual a vidente não cessou de nos dar pormenores da vida íntima e das afeições do falecido — pormenores que nem todos lhe eram solicitados e para os quais estávamos pouco inclinados.

Uma terceira vez, a 6 de abril de 1855, levei à casa do Sr. Cahagnet dois amigos meus para obter uma aparição semelhante às que já havia conseguido anteriormente. Esta última não foi menos bem-sucedida do que as duas precedentes. Houve muitas particularidades mencionadas, para além do retrato habitual e de todos os outros detalhes que a vidente costumava dar. Surgiu, em primeiro lugar, um senhor cujo aspeto não correspondia ao da pessoa solicitada; mas o Sr. Cahagnet teve a ideia de perguntar a esta última, no fim da sessão, se não conhecia a pessoa que aparecera antes dela. A vidente respondeu que era um amigo do falecido, morto antes dele e que quase nunca o deixava; acrescentou pormenores ao que já nos tinha dito, especificando o género de morte dessa pessoa, que fora morto, etc., o que nos permitiu reconhecê-lo de imediato.

A vidente falou também de uma particularidade da vida do falecido que surpreendeu muito os requerentes. Quando lhe foi feita uma pergunta que não tinha relação direta com a resposta seguinte, vimos que hesitava antes de nos dizer: “Este senhor deve ter-se ocupado de balões quando estava na Terra, pois vejo à sua volta seis de diferentes formas, e até acaba de subir num que tinha asas como as dos nossos moinhos de vento; elevou-se e desceu onde quis.” Foi reconhecido pelos meus amigos

que esta declaração era exata. Nada poderia ter chamado a atenção da vidente para este assunto, dado que este senhor fora um antigo militar, condição que a vidente não pôde ver. Ela disse-nos que, se ele tivesse sido militar, já não o era havia algum tempo no momento da morte e, mais ainda, que nunca tivera especial afeição por esse estado, o que foi confirmado como verdadeiro.

Noutra pergunta, formulada assim: “Com quem o vê neste momento?” — e, suficientemente alto para que ela ouvisse, acrescentou-se: “Está com o irmão?” — a Sra. Adèle respondeu: “Vejo-o com uma irmã que amava ternamente e com uma criança pequena a quem tinha ainda mais afeto. Essa criança está morta e pertence-lhe; é um rapazinho de cerca de dois anos, de cabelos loiros e encaracolados”, etc. Os meus amigos não pareceram aceitar de imediato essa revelação como verdadeira — talvez para ver até que ponto a vidente insistiria em sustentá-la; mas as lágrimas da esposa do meu amigo denunciaram, antes mesmo das palavras, que a vidente via bem. Esta sessão, repleta de revelações deste género, causou, portanto, a maior impressão nos meus amigos e em mim próprio.

Não posso fazer acompanhar este auto da assinatura do Sr. W. de Voigts-Rhetz, que este honrado magnetista teria assinado com prazer se assuntos que desconheço não o tivessem impedido de vir a tempo cumprir essa dívida para com uma ciência que respeita como merece ser respeitada. Divulgo, portanto, o seu nome com segurança, certo de que não serei desaprovado. Este senhor residia, nessa época, na Rua do Faubourg Saint-Honoré, n.º 14 (Paris). Não posso esperar nova visita dele, dado o pouco tempo de que disponho para a publicação deste volume e visto que se mudou sem que eu saiba para onde.

QUÁDRUPLA APARIÇÃO

5º Já falei, no 2.º volume desta obra, da aparição de vários membros de uma família ao simples apelo de um único nome. Esta sessão muito curiosa só se repetiu uma vez desde então; eis em que circunstâncias: Uma senhora da sociedade veio a minha casa a 16 de novembro de 1852. Enviada por uma mãe inconsolável com a perda do filho, para solicitar a aparição deste último, a senhora encarregada dessa missão disse-nos que, da sua parte, não acreditava nessas coisas; mas que a sua amiga, mãe do falecido, lhe tinha manifestado um desejo tão vivo que ela se dispusera a prestar-se a tal, para lhe fazer a vontade. Acrescentou: “A minha amiga já tentou esta experiência com outra sonâmbula, que lhe deu um retrato muito exato do filho, com algumas revelações que ela quer confirmar pelas palavras de outra vidente, para consolidar a sua fé na crença na outra vida.”

Respondi a essa senhora que só poderia tentar obter a concordância do retrato, mas não a das revelações… Assegurando-me de que essa senhora poderia aceitar ou recusar o retrato, adormeci Adèle, que pediu o Sr. Ernest Aimé, conde de Mont-Mari, nomes do falecido. Adèle disse ver um jovem cujo aspeto — idade, estatura e cor do cabelo — não correspondia de forma alguma ao do falecido. Tenho por hábito pedir à vidente, em cada aparição, esses três elementos, que considero essenciais. Quando não têm qualquer semelhança com os exigidos para a pessoa solicitada, não passo aos pormenores muito mais minuciosos que se lhes seguem. Como a pessoa que se apresentava não era a pedida, Adèle solicitou novamente o falecido… Disse ver um homem de cerca de quarenta anos, cabelo castanho-escuro, estatura média; essa

senhora protestou contra essas indicações, dizendo que o falecido tinha uma cor de cabelo muito reconhecível e marcante, que não era a que a vidente via… Passei, com dificuldade, a um terceiro apelo… Adèle afirmou ver um homem com cerca de 60 anos, etc.

Esta senhora exclamou novamente que havia erro, visto que o falecido tinha pouco mais de 40 anos. Desculpei Adèle dizendo que ela não podia ver a pessoa pedida por falta de lucidez ou, retomou Adèle, "porque ela não quer vir". Eu já ia acordar a vidente quando tive a ideia de lhe dizer: "Dá então uma vista de olhos aos traços da pessoa que viste a segunda vez, com a idade do falecido." Adèle descreveu, do alto da testa até ao queixo, todos os traços, com uma nitidez que não foi contestada por esta senhora. Esta disse-lhe: "Se puder descrever um sinal particular que o falecido tinha no rosto, ficarei convencida de que é realmente ele que vê."

Adèle esforçou-se muito na busca desse sinal e não encontrou nenhum — novo contratempo, sessão perdida! Estava tudo terminado e eu preparava-me para acordar a vidente, quando ela exclamou, quanto a sinal particular: "Vejo que está ferido numa perna, no joelho, devido a uma queda de cavalo; mas isso está longe de ser o sinal que não consigo ver…" Esta senhora ficou impressionada com essa revelação e pediu-me que suspendesse o despertar da vidente.

Antes, porém, pedi a esta senhora, que dizia possuir cabelos do falecido, que mos mostrasse para comparar a diferença entre a sua cor e a descrita pela vidente. Qual não foi o meu espanto e satisfação quando me entregou um feixe de cabelos pretos: "Veja", disse-me ela, "que são de uma cor muito marcada." — "Sim, minha senhora", respondi, "mas essa cor não é tão marcada como eu supunha; entre castanho-escuro e preto, a diferença para mim é mínima."

Fui encorajado a prosseguir com a sessão pela prova de que tinha de lidar com uma pessoa exigente, que, ao aceitar os resultados, me provaria que esta sessão seria duplamente boa. Deus permitiu-o, e o resto dos pormenores que Adèle deu a esta senhora — sobre a causa da morte, os sofrimentos, o carácter antes e durante a doença, as afeições e até a data da morte (com um mês de diferença) — foram aceites com tanta lealdade sincera quanto com emoção que chegou às lágrimas…

Tínhamos terminado quando Adèle disse: "Os que apareceram antes não se foram embora; eis que chega um novo." — "E quem é este novo?", perguntou a senhora. "É", retomou Adèle, "um homem ainda mais velho do que o anterior; terá cerca de sessenta e seis anos." — "E quem são esses homens?" — "O primeiro é quem o recebeu no Céu, pois morreu antes dele e era o seu pai." — "Isso é impossível; o seu pai morreu mais novo do que ele." — "Não temos apenas um pai, minha senhora; e os avôs não os conta para nada? Se é o seu avô, descreva-mo."

Adèle deu pormenores suficientes para não deixar margem a enganos. "E este outro, de sessenta e seis anos?" — "Ah! esse creio que é o tio", e a vidente deu igualmente pormenores irrecusáveis. "Olhe, aí vem ainda outro que foi morto num campo de batalha; esse é um guerreiro." — "E que idade tem este novo?" — "É mais jovem do que o que foi pedido e creio que é o seu pai. Não morreu no campo de batalha, mas foi efetivamente mortalmente ferido nele…"

Novas perguntas sobre a intimidade foram feitas, às quais Adèle respondeu do mesmo modo; não me é permitido divulgá-las, direi apenas que a senhora não dava vazão a escrevê-las. A sessão terminou após uma boa hora de estudo e esta senhora pareceu muito satisfeita. Ficou-me, no entanto, uma pequena inquietação: queria saber por que motivo Adèle não conseguiu ver esse sinal particular do rosto. Pedi a esta senhora que mo descrevesse; respondeu-me: “A pessoa pedida tinha uma barba preta magnífica.”

Ouvindo estas palavras, Adèle disse: “Ah! a barba, essa eu vi bem; mas estava longe de a tomar por um sinal particular — vêem-se barbas todos os dias. Eu procurava algum sinal de nascença ou uma cicatriz. Ah! chama a isso um sinal particular, etc., etc.”

Tomei nota desta sessão porque nos prova, mais uma vez, que neste género de estudo nem sempre se pode o que se quer, e que nunca se deve desesperar do êxito perante os primeiros obstáculos que pareçam surgir. Se eu tivesse acordado Adèle nas duas ocasiões em que tive vontade de o fazer, não teria obtido este resultado, que é muito curioso para a ciência que estudamos.

Digo muito curioso porque: 1º as disposições de espírito desta senhora eram contrárias; a pessoa pedida apresentou-se acompanhada de três membros da sua família cuja presença estava longe de ser esperada e cuja simples existência foi posta em causa; a persistência que essas figuras mostraram em querer ser reconhecidas prova, da parte delas, um certo desejo de nos recompensar pela nossa perseverança em continuar a sessão, o que a tornou das mais conclusivas.

Com efeito, se houvesse a menor comunicação de pensamento entre o consultante e o vidente, não teria Adèle descrito logo essa barba, sinal particular que tanto importava a esta senhora? A consultante chegou ao ponto de me pedir para lhe permitir segurar a mão de Adèle, para a ajudar a encontrar o sinal, o que recusei, querendo que não houvesse qualquer comunicação real ou presumida de pensamento; havia, pois, por um lado, desejo de apresentar à vidente, em imagem, esse sinal e, por outro, desejo ardente da parte dela de o ver. O mesmo sucedeu com os cabelos: disse-os castanho-escuros em vez de pretos.

Aconselho, portanto, os magnetistas que estudam esta questão a manterem toda a calma desejável nestas confusões de aparições, a não sobrecarregarem o vidente com perguntas, mas a pedirem-lhe simplesmente que dê as informações necessárias para estabelecer a identidade das figuras que vê. Foi o que pedi a esta senhora que fizesse — e ainda bem que o fiz — pois, no nosso silêncio, a vidente encontrou precisão e iluminou-nos melhor do que as nossas perguntas poderiam ter feito.

Não pude juntar a este auto senão o nome do falecido, nome que, se necessário, poderia conduzir ao autor desta aparição; pois tenho recebido tantas recusas de pessoas de distinção para assinar estes autos, com receio, dizem elas, de comprometer o seu nome, etc., etc., que nem pedi a esta senhora que me deixasse a sua assinatura. Os meus leitores sabem que, por nada deste mundo, deturparia tais estudos; conto com a sua confiança para aceitarem, sob a minha responsabilidade, este auto.

APARIÇÕES PELO PROFESSOR DYNE E PELO SR. MARCILLET

A sessão anterior leva-me a falar de uma visita que se lhe seguiu; essa visita foi a do professor Dyne (*1*), estudioso e instruído magnetizador que serviu de intérprete ao barão du Pollet, há vinte anos, quando este foi dar o seu curso de magnetismo a Londres. O Sr. Dyne veio expressamente de Boulogne-sur-Mer para ter vários encontros comigo sobre os dois primeiros volumes desta obra, que tinha lido e que confirmaram nele ideias semelhantes.

Segundo revelações absolutamente idênticas que lhe tinham sido feitas anteriormente, eis o que este senhor me disse: "Tive à minha disposição um pequeno vidente de sete anos, do sono do qual obtive preciosas revelações sobre o mundo dos espíritos. Esta criança assegurava-me que eu estava diariamente rodeado de membros da minha família falecidos neste mundo, que não cessavam de me querer bem; um dia disse-me: 'Não sei como não os vê, estão aqui nesta sala, vários;' e deu-me um retrato exato de cada um deles. 'Vejo ainda', acrescentou, 'vários meninos que morreram nesta sala e que o rodeiam com muito carinho; neste momento, há dois sentados no seu colo e um terceiro que lhe acaricia o rosto.'

— 'E que querem estas crianças?', perguntei.
— 'Gostam de o ouvir ler as Escrituras; as conclusões que o seu julgamento íntimo tira delas agradam-lhes e instruem-nos muito.'

Não me devia, portanto, surpreender, ao ler os seus *Arcanos*, ao encontrar neles a confirmação das revelações do meu jovem vidente."

Dei ao Sr. Dyne uma sessão de aparição, da qual ficou muito satisfeito. Mas, observou-me este judicioso magnetista, gostaria de poder afirmar que Adèle não é a única a possuir esta especialidade; ao consultar outros videntes sobre este assunto, poderia indicar-me o endereço de Alexis? Apressei-me a fornecê-lo a este senhor, que foi consultar esse bom vidente.

O Sr. Dyne, vindo depois dar-me conta dessa sessão, disse-me: "Alexis só pode ver as coisas terrenas, e, portanto, não pôde responder às minhas perguntas. No entanto", acrescentou, "fiquei satisfeito com o que me disse."

(1 Na casa do Sr. A. Or Harris, 50, High Holborn, Londres.)

Quando me queixei ao seu magnetizador, o Sr. Marcillet, de que não o conduzia pela via espiritual, este senhor contou-me que tinha tido uma vidente muito boa, a qual, um dia, ele quis levar mais longe, mas não conseguiu, pois a rapariga lhe disse: "Não posso ver… um nevoeiro… um horizonte negro apresenta-se diante de mim, não posso ir mais além…" — "Transpõe esse horizonte", disse-lhe o Sr. Marcillet, com a energia que lhe é conhecida. A vidente respondeu: "Só o poderei fazer depois de comungar." O magnetizador julgou que ela estava a falar sem sentido e acordou-a.

No entanto, no dia seguinte, ocorreu-lhe impor-lhe, em estado de vigília, que fosse à igreja e comungasse. A rapariga não compreendia o que queria dizer o Sr. Marcillet com isso; respondeu-lhe que, como todas as jovens, tinha feito a primeira comunhão. "Isso não basta" — replicou o magnetizador — "é preciso comungar de novo." A rapariga obedeceu à ordem; quando realizou a comunhão, o Sr. Marcillet voltou a adormecê-la e ordenou-lhe de novo que transpusesse o horizonte negro que antes a tinha assustado. A vidente exclamou que já não via esse horizonte, que, pelo

contrário, o céu estava de uma pureza e claridade deslumbrantes, e, mais ainda, que estava rodeada de todos os membros falecidos da sua família a quem tinha mais afeto quando estavam na Terra, etc.

O Sr. Marcillet terminou o seu relato dizendo ao Sr. Dyne: “Eis o que obtive no que toca a este género de estudos.” O Sr. Dyne perguntou-me se lhe poderia indicar outra vidente com essa especialidade. Dei-lhe a morada de Mlle Hauet, Rua des Marais, n.º 80, jovem vidente de quem falei no jornal *Le Magnétiseur Spiritualiste*. O Sr. Dyne foi até lá e ficou muito satisfeito com a aparição que pediu a esta jovem.

Desses relatos conclui-se: 1º que o que Swedenborg afirmou acerca do afeto que alguns falecidos conservam pelas pessoas e lugares que amaram e habitaram materialmente é uma verdade exata, visto que aquela criança de 7 anos, adormecida pelo Sr. Dyne, sem ser de modo algum questionada a esse respeito, lhe dizia ver os seus pais, assim como várias crianças à sua volta, que lhe testemunhavam afeto — revelação verificada pela exatidão dos retratos obtidos; 2º que essa faculdade de comunicar com os falecidos é mais ampla do que se pensa, pois o Sr. Marcillet, que não se dedica particularmente a estes estudos, obteve resultados semelhantes.

Resta-nos apenas saber em que consiste e por que motivo a comunhão exigida e realizada pela vidente lhe permitiu penetrar para além da obscuridade que antes lhe era oposta. Julgamos, com razão, que a comunhão não é uma condição divina, visto que centenas de outros videntes, assim como todos os povos que têm tais comunicações, não comungam e podem muito bem não aceitar esse ato; vemos neste facto apenas uma ideia dominante nos parentes falecidos dessa vidente, que, como vimos várias vezes, tinham morrido ligados às práticas religiosas do catolicismo e julgavam não poder apresentar-se à vista da sua parente senão quando esta estivesse “em estado de graça”.

Isso acontecia antigamente e ainda hoje entre certos extáticos religiosos de todas as crenças, que acreditavam e ainda acreditam não poder chegar a essas comunicações senão depois das purificações exigidas pelo seu culto; por consequência, o seu desejo só é verdadeiramente ardente no estado em que têm fé. Eis, portanto, uma observação digna de nota, que leva a afirmar, à partida, que a fé gera o estado, o estado gera a visão, e a visão a certeza confirmativa da fé. No entanto, há exceções — como nós próprios comprovamos — pois ninguém estava menos disposto do que nós ao estudo destas questões.

Aparições Diversas

Já disse mais adiante que, se eu exigisse atestados de cada pessoa que me solicita aparições, encontraria recusas baseadas nas posições sociais ou oficiais dessas pessoas; além disso, o número de atas que eu apresentaria aos leitores tornar-se-ia, pela uniformidade que reina entre elas, tão aborrecido de ler como papelada de cartório. É por isso que fiz uma seleção adequada aos argumentos que me foram apresentados, a fim de provar que tais argumentos não têm fundamento.

Há alguns meses, recebi uma carta de Ettlingen, no Grão-Ducado de Bade (Alemanha), assinada apenas com as iniciais *J. J.*, na qual me pediam uma aparição

para verificar experimentalmente o que está contido nos dois primeiros volumes desta obra. Como recebo diariamente muitos pedidos semelhantes aos quais não posso responder, apresentei algumas dificuldades, que foram contrariadas e finalmente levantadas por este desconhecido.

A partir desse dia, estabeleci correspondência com essa pessoa, e dela resultou uma quantidade de aparições e estudos, todos coroados de belo êxito. Tratava-se, sem dúvida, de uma família de posição elevada, a julgar pelos títulos das pessoas falecidas que eram pedidas; e, além disso, de estudiosos incansáveis, que queriam levar esta investigação o mais longe possível. Tenho em mãos um maço de cartas que não posso publicar, devido ao compromisso que assumi e às confidências que contêm; mas permito-me extrair delas os seguintes resumos, reservando aos leitores o direito de verificar por si próprios a exatidão, confirmando eles mesmos a aceitação das aparições que se seguem.

Não posso igualmente dar a conhecer as pessoas que apareceram, exceto pelas iniciais dos seus nomes, que me é proibido revelar publicamente. Em todas estas aparições, possuíamos apenas os nomes dos falecidos e nada mais, pois tivera-se o cuidado de nos fazer enviar a correspondência *poste restante*.

Estas não foram as únicas experiências que realizámos neste género. Recebemos comissões de Inglaterra, da Áustria e da Polónia, com o mesmo objetivo, sob a égide de personagens muito influentes. Obtivemos êxito em todas estas experiências, pelo que, hoje, a primazia deste terceiro volume foi tirada à França pela Alemanha. Podemos mesmo afirmar que as nossas propostas não foram desprezadas nas altas esferas, onde, pela nossa opinião e obscura posição, não pretendíamos chegar; mas, como a verdade — sobretudo a verdade consoladora — encontra abrigo tanto sob o teto humilde como sob o palácio real, consideramo-nos demasiado felizes por, pelo espírito, sermos bem vistos por estes irmãos no Eterno, se, pelo corpo, somos excluídos dos seus palácios. Eis o resumo destas sessões, cujos detalhes, por si sós, formariam um pequeno volume.

1.ª Aparição – Sr. conde Fr. D.

Esta aparição foi aceite como exata pelos pormenores que demos do retrato e outras particularidades, como é nosso hábito; mas quis-se que Adèle visitasse o túmulo deste senhor, para dizer o que veria lá dentro e de que maneira o falecido estava sepultado. Esta experiência não agradava nada a Adèle, visto que, como já disse, no seu estado desperto ela tem um grande medo dos mortos, e que até hoje não consegui convencê-la a ler os *Arcanes*. Recusou-se terminantemente a tentar tal experiência.

Perguntei-lhe a causa e ela respondeu-me que, nunca tendo ido aos cemitérios para ver os cadáveres que lá se encontram, não queria começar naquele dia, pois teria demasiado medo. — “De que podes ter medo, se sabes melhor que ninguém que não estamos mortos, como se pensa, mas bem vivos, tal como nos vês?” — “Sei disso — respondeu —, mas é-me mais agradável ver esses espíritos e conversar com eles do que ir remexer nesses túmulos onde sei que eles não estão. Pede ao sr. conde D. que te conduza ele próprio à sua sepultura, para que possas dizer aos seus familiares o que lá viste.”

— “Na companhia dele já não terás medo?” O espírito presente tranquilizou-a, levou-a consigo e foi o primeiro a remexer no seu caixão para de lá tirar um traje de cerimónia coberto de insígnias honoríficas, depois armas, etc. Adèle teve pressa de sair debaixo dessas pedras que lhe pesavam nas costas e quase despertou de imediato. Enviei o relato desta sessão a *J. J.*, que o considerou exato.

Compreendi porque Adèle receava esta experiência: não podia realizá-la sem descer um grau na lucidez, visto que a perceção do mundo espiritual exige um estado superior. Consequentemente, regressava quase ao seu estado normal, o que lhe devolvia as sensações que sente, nesse estado, relativamente aos cemitérios.

2.ª Aparição – Madame a condessa G. de J.
A primeira aparição desta pessoa foi recusada, porque descrevemos uma mulher de 60 a 70 anos, quando, na verdade, se tratava de uma senhorita de 35 anos. A segunda pessoa que apareceu foi aceite como sendo a pedida, excetuando duas observações: Adèle disse ver olhos de um azul-claro, quando, segundo se dizia, eram mais para o verde; descreveu o rosto como comprido, quando o diziam largo; mas os outros pormenores eram tão precisos e invulgares que esta aparição foi conclusiva.

O mais curioso foi Adèle dizer ver esta pessoa acompanhada por uma senhora idosa que lhe aparecera alguns dias antes, em seu nome; podem imaginar o meu espanto quando *J. J.* nos escreveu que, pelo retrato dado dessa senhora idosa, se reconheceu madame a condessa G. de J., que era bisavó da senhorita pedida. O que causou o erro foi que, inicialmente, se pediu “madame” em vez de “mademoiselle”, dado que ambas tinham exatamente o mesmo nome.

O que acrescentar a factos semelhantes? Terá Adèle ido à Alemanha buscar estes detalhes à memória de *J. J.*, que parece ser apenas um pseudónimo, e onde, no caso contrário, esses detalhes não estavam presentes, já que esse senhor deveria pensar antes na senhorita que pedira? Oh, argumentadores, não podeis sustentar que seja assim, pois a vossa hipótese seria mais inverosímil que a vossa negação!

3.ª Aparição – Madame a baronesa de S... Ste C... S...
Nesta aparição, apenas se fez uma observação: Adèle disse a boca ser de tamanho médio, quando afirmaram ser pequena. Houve também um erro quanto à cor dos olhos; mas penso que essa falha foi minha, ao transcrever “castanhos” em vez de “azuis”. Os restantes pormenores, assim como as particularidades do carácter, eram demasiado exatos para que se hesitasse em aceitar esta aparição.

4.ª Aparição – Sr. barão C. de Z...
Os pormenores que demos sobre o retrato, o carácter e o género de morte não deixaram qualquer dúvida de que o espírito que apareceu era o pedido; mas fizemos duas sessões sobre este caso, já que as pesquisas que nos pediram não podiam ser feitas numa só.

É aqui que entramos no maravilhoso destes estudos e onde vamos atrair contra nós o riso trocista dos nossos opositores. Pouco nos importa: é mais agradável ver um homem rir do que vê-lo chorar. Nada ocultamos, pois queremos apresentar os nossos estudos na sua nudez completa.

Não é apenas um espírito que se apresenta aos olhos de Adèle, mas dois — homem e animal — duas criações imortais do Senhor! Sim, Adèle vê aparecer um guerreiro armado da cabeça aos pés, montado num magnífico cavalo cinzento. Que vem ele fazer assim junto da nossa vidente? Irá colocá-la na garupa do seu corcel e levá-la a assistir a algum torneio? Oh, não — ela não precisa desse auxílio; segui-lo-á bem, desdobrando as suas asas.

Ela sente alguma apreensão e parece recear um desfecho trágico! Eis que vai assistir a um combate entre a liberdade e o despotismo; vai ver austríacos e húngaros em confronto — no tempo em que efetivamente estavam em guerra. Pois, para os videntes, o passado, o presente e o futuro são um só.

Vede-a, antes, saltar na sua cadeira, o rosto pálido e os traços contraídos! Que vê ela, o que se passa? As balas e os projéteis podem atravessar-lhe as saias sem que tema pelas pernas; no entanto, ela sofre e não quer continuar a ver aquele carnificina. Obrigo-a a ir até ao fim e a não perder de vista o nosso belo cavaleiro.

“Oh!”, exclama ela.
— “O que foi?”, perguntei.
— “Acaba de receber um golpe de sabre no ombro e, quase ao mesmo tempo, uma pequena bala, do tamanho de um ovo, no baixo-ventre. Oh! Se tu visses com que ardor aqueles que o rodeavam, ao vê-lo cair, se atiraram sobre o inimigo! E quantos homens tombaram no chão!... Oh! cruel raça humana, selvagem raça, foste criada para assim te destruir, e destruir-te pelas tuas próprias mãos?… Os húngaros tinham perdido terreno, mas recuperaram-no e permaneceram vitoriosos no campo de batalha. Recolheram aquele pobre jovem… foi uma família abastada, cuja casa ficava perto dali, que o levou para casa; deram-lhe todos os cuidados possíveis… Viveu ainda seis horas sem conhecimento; depois, recobrou os sentidos, quis falar, mas não pôde… Não sofreu… Diz-me agora que perdoa aos seus inimigos, tal como eles próprios lhe perdoaram, tratando-o como a um dos seus!... Oh! não quero nunca mais ver semelhantes coisas!...”

Esta narração, como já disse, é o resultado de *duas* sessões, o que faz com que Adèle nunca deixe de estar acompanhada pelo espírito evocado, que lhe faz desfilar diante dos olhos toda esta cena triste. Enviei estes pormenores a *J. J.*; foram considerados exatos até à morte no campo de batalha; mas, como não encontraram o corpo, não foi possível confirmar o tipo de ferimentos que recebera. O que torna ainda mais notável esta aparição é que os detalhes dados sobre o uniforme não correspondiam ao uniforme austríaco, e que este oficial trazia duas condecorações — uma grande e outra pequena —, facto que foi confirmado como exato. Duvido muito que exista um ser, na Terra, que possa ter, no domínio da sua memória, imagens vivas como estas, que nunca viu, para as apresentar assim à vidente, a algumas centenas de léguas de distância.

5.ª Aparição – Senhor R… T… K…
A primeira pessoa que se apresentou não foi reconhecida, mas na segunda sessão os pormenores foram confirmados como exatos.

6.ª Aparição – Uma criança de três anos
Esta aparição foi aceite como a anterior. Continuámos estes estudos com *J. J.*, que,

encorajado pelos nossos êxitos, quis entrar assim em contacto com todos aqueles que perdera. Gostaríamos de poder dar a conhecer publicamente a grande quantidade de perguntas dirigidas a todos estes espíritos por *J. J.* e as respostas que eles deram. Contentar-nos-emos com as seguintes, visto que não comprometem o silêncio que somos obrigados a guardar, e que nos foram dadas pelo sr. conde *F… D…*:

1.º – O mundo espiritual é mais elevado do que a Terra?
R. – Sim, é muito mais elevado, mais puro e mais animado.

2.º – Como define o estado em que está?
R. – É um complemento de vida, de pensamentos, de felicidade e de luz incompreensíveis para os homens da Terra.

3.º – Que ideia tem de Deus, no seu estado?
R. – Sinto Deus por um raio de luz, de calor e de vida extraordinária.

4.º – Haverá um fim do mundo, ou a Terra existirá sempre?
R. – A Terra sempre existiu e existirá eternamente; não há fim do mundo possível.

5.º – Haverá um juízo final, tal como ensina a Igreja?
R. – Há apenas um julgamento contínuo e permanente, que acompanha as almas em cada esfera de purificação por onde passam.

Estas poucas perguntas foram dirigidas em nome de *J. J.* a este espírito, e não em meu nome; as respostas dadas são demasiado importantes para que eu não as tivesse mencionado. A sua formulação é demasiado bem elaborada para que não se lhes preste atenção. Eis o que os devotos de todas as igrejas não querem que saibamos; eis porque dizem que estas revelações vêm do diabo. Seja como for, o diabo purificou-se bem a si próprio; pois é o mais respeitoso historiador das obras do Eterno que já ouvimos. Não é com tais noções que encherá as suas caldeiras, e não estou descontente por ter feito a sua “conhecimento”. Mais de um leitor dirá o mesmo que eu.

Correspondência
Monsieur Cahagnet,
Outubro de 1854

10.º – Deseja, senhor, que lhe relate a sessão de aparição que me deu, há alguns meses, por intermédio da sua sonâmbula, madame Adèle. Não sei se o poderei fazer convenientemente, pois tenho na mente tantas coisas que gostaria de lhe dizer e perguntar, que receio não me exprimir tão claramente quanto desejo; em todo o caso, reclamo a indulgência que é apanágio das pessoas dotadas de verdadeiro mérito, e de que, por conseguinte, deve estar abundantemente provido.

A leitura dos seus *Arcanos da vida futura revelados* aguçou vivamente a minha curiosidade; tinha pressa de verificar por mim própria as coisas maravilhosas que anuncia. Solicitei uma aparição e pedi o meu irmão *H….* Madame Adèle disse ver um jovem de cerca de 15 anos. Fiz-lhe sinal, senhor, de que não era nada disso. Pediu então a madame Adèle que verificasse bem se não se enganava na idade. Respondeu

que, no máximo, se lhe poderia dar 17 anos, embora ela própria pensasse que não teria mais de 13.

— “Não pode ser o meu irmão!” Pediu-se de novo o sr. *H…*. Madame Adèle permaneceu alguns instantes em silêncio e, de olhos fechados, parecia procurar ver ao longe, em frente de si. Descreveu então o meu irmão, notando que o jovem que aparecera em primeiro lugar não se retirara. Pediu-lhe que não se ocupasse dele e que pedisse ao sr. *H…* que se aproximasse, pois parecia vê-lo com alguma dificuldade; por fim, descreveu-o corretamente, exceto num ponto muito notável para mim, a que eu pensava particularmente, e que aguardava com impaciência que ela mencionasse para decidir a minha convicção. Talvez tenha sido essa mesma impaciência que me levou a não lhe dar tempo para falar nisso, e a interrogá-la eu própria sobre o assunto, que não tinha escrito.

Pedi a madame Adèle que examinasse o pescoço do meu irmão e me dissesse se não via nada de particular. — “Vejo como uma marca… é vermelho, é branco… como uma queimadura ou uma ferida.” Não quis interrogá-la mais sobre o assunto; teria, contudo, desejado que madame Adèle me dissesse que doença ou ferimento causara as cicatrizes profundas que eu sabia existirem no pescoço do meu irmão, e que eram muito visíveis em vida, quando retirava a gravata e baixava o colarinho da camisa.

No geral, madame Adèle descreveu perfeitamente o seu carácter, salientando com força os traços mais marcantes, como uma bondade absoluta e uma coragem a toda a prova. — “É feliz?” — “Sim.” — “Diga-lhe, peço-lhe, que é a sua irmã que está aqui.” — “Oh! Ele estimava-a muito, pois mal o anunciei, deixou escapar uma exclamação de alegria! Diz que sofreu muito e que você também sofreu muito, da sua parte.” — “Reconhece agora que, nas discussões que tínhamos sobre religião, a razão não estava do lado dele?” — “Encarrega-me de lhe dizer que mudou muito de maneira de pensar desde então.” — “Poderia dar-me notícias do meu outro irmão? Está com ele?” — “Não, o seu irmão está num plano mais elevado.” — “E o meu pai?” — “Também não está com ele; faleceu há muito tempo e está igualmente colocado mais alto.” — “E a minha mãe?” — “Oh! Essa é que é feliz, e muito mais elevada do que todos eles!”

Madame Adèle, ao dizer isto, assumiu uma expressão radiosa e pareceu bastante exaltada.
Tudo aquilo era exatamente o oposto do que eu pensava, e, interiormente, duvidava da veracidade das afirmações de madame Adèle. Mostrei algum espanto, mas pensei que os juízos de Deus eram impenetráveis e que não era sem razão que Ele nos tinha formalmente proibido de julgar os nossos semelhantes, se não quisermos ser julgados nós próprios. Contudo, estamos sempre dispostos a fazê-lo de forma mais rigorosa do que Deus certamente o faz. Deus, que vê o fundo dos corações e conhece os mais secretos pensamentos, não pode julgar como os homens, que se deixam sempre enganar pelas aparências.

Apesar destas reflexões, estava longe de estar convencida; factos tão extraordinários, para serem aceites, exigem um exame cuidadoso. Madame Adèle prosseguiu:
— “Mas o sr. *H…* não tardará também a elevar-se muito, pois é ele quem quer tudo conhecer, tudo aprofundar!… Pergunte-lhe se a sua morte foi natural ou se não foi resultado de um crime.”

— “Ele diz que morreu, sim, de doença, mas que o mataram espiritualmente; incomodava alguém.”

Perguntou a madame Adèle o que entendia por isso.
Ah! — retomei — creio compreender… A sua doença não foi senão o resultado dos sofrimentos morais que lhe infligiu uma pessoa a quem ele, de facto, incomodava, pois essa pessoa queria elevar-se sobre a ruína de uma casa que o meu irmão estava encarregado de representar, e a boa direção que ele dava aos negócios contrariava os projetos que ela formara; a partir daí, a sua perda foi decidida e funestamente consumada, sem, no entanto, haver crime aparente.

Madame Adèle continuou:
— “O sr. *H…* nunca amou a vingança, mas diz que há um Deus no Céu, e que aqueles que tanto o fizeram sofrer já receberam um começo de castigo, mas que ainda terão muito mais razões para se arrepender do que fizeram.”

— “Pergunte-lhe, peço-lhe, se não poderia dar-me notícias do seu sobrinho *J….*”
— “Ah! Mas é ele que está aqui, foi ele que me apareceu em primeiro lugar!”
— “Então está morto?”
— “Não, não, não está morto!”
— “Diga-me a verdade, peço-lhe! Estou preparada para tudo; há três anos que não tenho notícias e tenho todas as razões para recear que já não esteja neste mundo!”
— “Digo-lhe que não está morto, e que até o tornará a ver.”

Depois, madame Adèle começou a descrevê-lo, não tal como imagino que esteja agora, mas com os traços finos e delicados que tinha na infância e que o faziam destacar-se aos olhos de todos os que o viam — mas que já não eram os de quando tinha *13 anos* —, embora a cor dos olhos permanecesse a mesma. Aos treze anos, o meu filho parecia ter dezassete pela estatura; nessa idade, tinha pés grandes, mãos grandes, e isso não correspondia ao que madame Adèle me dizia, o que baralhava um pouco as minhas ideias; no entanto, não lhe apontei isso.

Perguntou-me, senhor, a idade do meu filho.
— “Mas há aqui algum erro! De dezassete, que pode parecer ter, para treze, a diferença é demasiado grande.”
Madame Adèle assegurou que tinha a certeza de que era ele.
— “Com que idade a deixou, madame?”
— “Com treze anos; confiei-o ao meu irmão, que o levou consigo, e não mais o vi.”
— “Eis a explicação: ele aparece com a idade com que a deixou. Mas é bem singular que tenha aparecido assim sem ser chamado e sem estar morto!”

O que também não lhe disse nesse momento, senhor, foi que o objetivo principal da aparição que eu pedia era ter notícias do meu filho, e pela pessoa sobre a qual eu fazia recair toda a responsabilidade dos acontecimentos que pudessem ocorrer-lhe naqueles países distantes.

Devo-lhe toda a verdade, senhor; quando ela é procurada com o ardor com que o senhor o faz, nenhum facto deve ser desprezado. Apesar dos erros que se insinuaram na sua obra, estou longe de os atribuir a uma vontade firme de se colocar em oposição à nossa santa religião, à qual, sem o querer, fornece até provas da sua veracidade. Os seus erros, senhor, gosto de acreditar, foram cometidos de boa-fé; penso no ponto de

onde partiu… desse ódio profundo à Divindade, até esse imenso amor que, como me disse, depois inflamou o seu coração. Certamente, o caminho foi grande! Não é de admirar que, cercado por todo o maravilhoso do magnetismo e do êxtase, e talvez ainda um pouco sob a influência desses maus espíritos a que se entregou desde o início nesta carreira — tão pouco conhecida antes de si —, não é de admirar, digo, que se tenha afastado das doutrinas da nossa santa Igreja; mas, cedo ou tarde, Deus fará brilhar aos seus olhos o Seu luminoso facho, e tornar-se-á um dos Seus mais fervorosos filhos.

Voltemos a esta surpreendente aparição, que só soube apreciar bem um mês mais tarde.
Perguntou a madame Adèle porque motivo o meu filho não me tinha dado notícias há três anos.
— “Ah! Ele está muito longe; empreendeu uma grande viagem; passou por muitos desastres: vejo como um naufrágio onde todos pereceram; ele salvou-se apenas com outra pessoa; está num lugar isolado, perto do mar. Mas esteja tranquila: diz-me que pensa em si, que a tornará a ver, e com toda a certeza assim será. O tio vela por ele e gosta muito dessa criança.”

Quis ter notícias do meu segundo filho; madame Adèle respondeu-me que o meu irmão, conhecendo-o apenas de passagem (o que é muito verdade), não se tinha ocupado dele. Confesso, senhor, que estava um pouco incrédula quanto ao que dizia respeito ao meu filho; pensava que tudo o que madame Adèle me dizia era apenas para me tranquilizar e nada mais.

Consultei ainda o meu irmão sobre um objeto de arte de que me ocupo; responderam-me que teria sucesso no método que pretendia empregar para tirar dele o melhor proveito possível. Isto, senhor, não foi de modo algum verdade; tive um sucesso de amor-próprio, mas nada mais — e devo confessar que esse não era o que mais ambicionava.

Em resumo, devo dizer que a sessão tinha sido bastante longa, que madame Adèle estava muito cansada, e que, para obter uma solução satisfatória, não teria sido demais dedicar uma sessão inteira apenas a esse objeto. Tinha também manifestado o desejo de ver o meu irmão em sonho, nunca tendo sonhado com ele desde que o perdi. Essa aparição foi-me prometida; continuo à espera.

Um mês após esta sessão, recebi uma carta do meu filho *J…*, na qual me dizia que as desgraças que sofrera, e todos os desastres de que fora vítima, o tinham levado a tomar a resolução de se deixar passar por morto, em vez de nos afligir com o relato de tão terríveis acontecimentos.

“As últimas cartas que recebi de ti, minha mãe, e da minha querida irmã *M…*, foram-me entregues num antro selvagem onde me escondia há dois meses, cercado por bandos de assassinos; apenas um mulato, que me permaneceu fiel, vinha trazer-me o alimento — acabou por sucumbir, vítima da sua dedicação!… Incapaz de defender por mais tempo a *hacienda*, regressei a *G…* costeando as margens desertas do mar do Sul, e…”

Em toda a continuação desta carta, confirmou-se cada vez mais o que madame Adèle me tinha dito a seu respeito, e não posso deixar de reconhecer que, agora, considero

que esta sessão foi pelo menos tão extraordinária como todas as que o senhor relata na sua curiosa e interessante obra. Contudo, senhor, embora eu seja ignorante e pouco capaz de discutir coisas tão maravilhosas, permitir-me-á apresentar-lhe algumas observações?

Na sua obra, a propósito das diversas crenças religiosas, o senhor diz tudo o que sabe e tudo o que acredita. Se está no erro, acrescenta, está nele de boa-fé. É claro que, para si, que foi materialista, é um passo imenso chegar a reconhecer a imortalidade da alma e a onipotência de um Deus infinitamente bom e misericordioso. Do desespero mais profundo passou para a esperança mais sentida! Na sua alegria, deseja fazer partilhar as suas convicções e a sua felicidade com aqueles dos seus irmãos que, como o senhor outrora, ainda vivem sem esperança e, por conseguinte, sem força para suportar os males desta vida.

Contudo, ao apresentar-lhes todas as religiões como sendo praticamente inúteis, não lhes opõe outro travão à satisfação das suas paixões senão a convicção de que, após a morte, desfrutarão de uma felicidade maior ou menor, mas que, em qualquer caso, ultrapassará de muito a que temos nesta Terra — e que, por medíocre que seja, satisfaz já muitas pessoas que nunca quereriam morrer. Ora, se espíritos superiores, cujos imensos desejos de felicidade os tornam capazes de grandes esforços sobre si mesmos para alcançar essa alegria infinita que se encontra na contemplação de Deus e das Suas divinas perfeições, só a obtêm após uma luta constante para preservar a alma de qualquer mácula, creio que a maioria se deixará adormecer na indiferença se tiver a certeza de que, depois desta vida, encontrará outra melhor do que aquela que deixa, independentemente do que faça.

Será tanto mais indiferente ao bem e ao mal quanto mais ler, na sua obra, que está irrevogavelmente destinado a fazer tudo o que faz e que não será responsável por isso. Conheço muitas pessoas que ficariam encantadas com a leitura do seu livro, se pudessem acreditar em todo o maravilhoso que ele contém — e, a essas, não o recomendaria, pois julgo-as pouco capazes de lhe fazer uma aplicação conveniente.

Há também um ponto no qual, apesar de todos os cuidados que teve para se esclarecer, me parece que se terão infiltrado erros: é sobre a existência do Inferno. Este nome, que imediatamente faz pensar em chamas devoradoras, pode muito bem ser apenas uma figura para exprimir qualquer suplício sentido pela alma infeliz que para lá foi condenada e que, para ela, equivaleria ao fogo. E quando diz: “Esse fogo devorará o quê?”, o senhor esquece que os nossos corpos hão-de ressuscitar — uns gloriosos, e outros tais que o fogo, certamente, encontrará neles de que se alimentar sem jamais os consumir.

Depois de tantas maravilhas, senhor, que chegaram ao seu conhecimento, não pode afirmar que esta seja impossível a Deus. Quando interroga os espíritos sobre esta matéria, eles respondem-lhe geralmente que não há Inferno, independentemente dos diversos planos onde se encontrem. Não poderá acontecer, senhor, que os espíritos bem-aventurados digam que não, porque, naturalmente, não o devem ter visto? Pois parece-me que a lembrança que dele guardariam perturbaria a sua felicidade.

E, segundo o estado dos espíritos no Céu, tal como o senhor nos quer fazer conceber, não devem desejar que nenhuma das pessoas que amaram esteja perdida para

sempre. Sabendo, porém, que esta deve ser purificada durante algum tempo antes de ser admitida na sociedade dos bem-aventurados, vêem-na nesse lugar de purificação, onde crêem que não sofre, embora não goze de uma felicidade tão grande como a deles. E, como o senhor diz que tudo é um pouco ideal no Céu, os espíritos respondem-lhe segundo o que acreditam, e não segundo o que é realmente.

O senhor reconhece também que os maus espíritos fazem tudo o que podem para nos atrair à sua companhia, que vagueiam incessantemente à nossa volta, mas que não sofrem senão pela privação da visão de Deus — o que pode muito bem equivaler, em dores, à ideia que fazemos dos tormentos do Inferno. Mas esses maus espíritos não farão tudo para lhe dissimular os seus sofrimentos e a eternidade das suas penas, a fim de que tenha menos aversão por tudo o que possa aproximá-lo deles?

Eis as ideias que me surgiram, senhor; não que eu deseje, de forma alguma, que o Inferno seja uma realidade — antes, de todo o meu coração, desejaria que tivesse razão e que ele não existisse. Mas este desejo está subordinado, antes de tudo, à vontade de querer o que Deus quer, e a uma total submissão às crenças da Igreja, à qual Deus deu sinais demasiado claros da Sua proteção especial para permitir que ela avançasse erros.

O senhor reconhece que Nosso Senhor Jesus Cristo foi enviado por Deus à Terra para destruir o paganismo; que não veio como um homem comum, mas que é o único que veio assim, por mais grandiosos que outros tenham sido — Ele, nascido unicamente da Virgem mais pura. Deus fez este milagre apenas por Ele, e só Ele realizou milagres tais que nenhum dos seus detratores pôde fazer, mesmo com o auxílio do demónio ou mau espírito (como quiser chamá-lo; o nome pouco importa).

Se Deus fez coisas tão grandes para o estabelecimento do Cristianismo no mundo inteiro, e se tem tão grande amor pelos homens, como cada dia lhes prova, apesar da sua ingratidão, Ele, Deus de toda a verdade, não deve ter deixado os Seus filhos entregues ao erro sem lhes enviar um facho capaz de os iluminar. Esse facho luminoso foi o Seu Filho bem-amado, a quem deu todo o poder para transmitir à Igreja essa luz divina e conservá-la em toda a sua integridade. Sente-se que assim tinha de ser — e o senhor próprio admite que aqueles que seguem assim iluminados formarão uma sociedade à parte no Céu.

Nosso Senhor Jesus Cristo não disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”? O senhor crê que o catolicismo ensina “Fora da Igreja não há salvação” — isto é um erro, senhor, que eu própria acreditei, como o senhor. Conversei um dia sobre isto com o abade L’Andrieux, um sacerdote tão esclarecido quanto bondoso, cuja ardente e doce piedade o fazia amado por todos. Pobres e ricos derramaram abundantes lágrimas sobre a sua venerada sepultura. O abade L’Andrieux respondeu-me que esse erro tinha sido introduzido em algumas edições dos nossos santos livros pelos próprios protestantes, que procuravam desacreditar o catolicismo por todos os meios ao seu alcance, mas que não era isso que a Igreja ensinava. Pelo contrário, Nosso Senhor Jesus Cristo dissera: “Aquele que não conheceu o Evangelho não será julgado pelo Evangelho, mas pela lei natural que Deus colocou no coração de todos os homens, e que lhes diz: Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti mesmo.”

Estou longe, senhor, de querer refutar o seu livro; não tenho a instrução necessária para isso, nem a capacidade de espírito que seria precisa para lhe apreciar toda a profundidade — e talvez seja ousadia minha falar-lhe dele como o faço —, mas sentia uma necessidade irresistível de lhe expor os meus pensamentos a este respeito e de lhe dizer ainda que estou persuadida de que seria preciso muito pouco para mudar a orientação da sua obra e fazer dela um trabalho que lhe granjearia todas as simpatias dos melhores católicos.

A convicção na fé cristã ainda não está no seu coração; não pode falar de forma contrária ao seu modo de pensar, mas é certo que quem procura a verdade e deseja sinceramente encontrá-la não pode deixar de a alcançar mais cedo ou mais tarde. Deus não recusa a Sua graça a nenhum dos Seus filhos; espero que o senhor a receba um dia com toda a abundância possível.

Queria também, senhor, dizer-lhe algumas palavras a respeito desse famoso haxixe, cuja descrição dos efeitos maravilhosos que produz me fez bater o coração de esperança! É preciso dizer-lhe: quando encontrei a sua obra, tinha o pressentimento de que algo semelhante devia existir. Procurava-o há muito tempo sem nunca ter ouvido falar de si, e reconheci a verdade daquela frase: “Procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á.” Quando finalmente o encontrei… mas foi em vão que lhe pedi para ser orientada por si na toma do haxixe; fui sempre recusada, sob o pretexto — muito plausível, sem dúvida — de que a sua saúde ou as suas ocupações o impediam.

Fui forçada a tentar tomá-lo sozinha. Da primeira vez, tomei três gramas em jejum; duas horas depois, senti necessidade de permanecer em repouso e de manter os olhos fechados, mas sem qualquer vontade de dormir. Senti algo que girava confusamente diante dos olhos; pensei que ia ter alguma visão, mas foi tudo, após duas horas de imobilidade. Retomei as minhas ocupações habituais e nada mais senti.

Algum tempo depois, voltei a tentar, tomando três gramas e meio à noite, ao deitar-me, depois de um longo passeio. Mantive a luz acesa durante toda a noite e tomei algumas precauções, com receio de um acidente. Pus-me a reler a sua obra, para excitar um pouco a imaginação, e depois fixei os olhos num grande espelho que ficava em frente da minha cama, onde uns vasos de flores, que tinha conservado no quarto, iluminado apenas por uma lamparina, projectavam sombras singulares. Permaneci constantemente acordada, mas nada aconteceu: não tive a menor visão. Às seis da manhã levantei-me como de costume; quando me aproximei do espelho para me pentear, vi-me com o rosto completamente alterado e senti que estava prestes a desmaiar. Depressa regressei à cama, esperando que algo, finalmente, aparecesse — vã esperança!

Meia hora depois, tentei levantar-me de novo e apressei-me a fazer desaparecer tudo o que, em minha casa, pudesse levar alguém a suspeitar que tinha tomado haxixe. Depois, só tive tempo de chamar uma das minhas filhas para me substituir nas ocupações habituais, sentindo-me incapaz de as desempenhar; fui obrigada a voltar a deitar-me, dizendo-me indisposta, como efectivamente estava. Permaneci assim até às dez horas da manhã; levantei-me então de vez e já não senti outro efeito senão o que seria produzido como por um leve purgativo, cujo efeito só se manifestou às quatro horas da tarde.

Pensando, pelo que disse a madame Adèle, que a dose não tinha sido suficiente, e que seria melhor tomá-la de manhã, em jejum, foi isso o que fiz, administrando-me quatro gramas. Após uma longa caminhada para me dirigir a casa de uma amiga — não ousando ficar em casa —, encontrei-me num dia esplêndido, embora um pouco frio, e numa sala exposta ao sol, com os pés aquecidos. Duas horas depois da ingestão, a língua começou a embaraçar-se de repente enquanto conversava e senti a necessidade de imobilidade. No entanto, se quisesse, creio que teria podido vencer esse estado e ir e vir; mas abandonei-me a ele, pensando que produziria algum efeito. A minha esperança foi completamente frustrada: duas horas depois, permanecendo nessa situação, voltei para casa como se nada tivesse acontecido.

Desde que estas primeiras páginas foram escritas, muitos acontecimentos se sucederam e trouxeram grandes mudanças à minha situação. Encontrei-me impossibilitada de lhe entregar este escrito e nem sequer pude informar-me se não teria o senhor mudado.

Senhor,

Após a consulta de aparição que me concedeu por intermédio de madame Adèle, na sexta-feira, 17 de Novembro, repassei mentalmente tudo o que madame Adèle me tinha dito, para me assegurar bem do crédito que deveria dar a várias coisas que ela me previu e cuja concretização de uma delas é vivamente desejada por mim.

Deixei-o, senhor, cheia de esperança e receio ao mesmo tempo! No meio das penas que me cercam — e que ainda ameaçam agravar-se —, seria uma imensa compensação para mim alcançar o êxito que madame Adèle me prometeu relativamente à arte a que me dedico, pois aí encontraria um remédio para muitos males. Mas, dizia eu para comigo, madame Adèle cometeu algum erro, não estou destinada a tal felicidade; não foi o meu irmão que lhe falou; esse primo por quem afirma que foi recebido à sua entrada no outro mundo… madame Adèle disse isso desta vez ao acaso; os erros devem ser demasiado frequentes para que se possa dar verdadeiro crédito às suas promessas — que probabilidade havia de ser um primo a recebê-lo? Justamente, no grande número de primos que temos na família, não conhecia nenhum e era-lhes ainda mais perfeitamente desconhecido, e…

Ah! senhor, parei de repente no meio da rua, tomada de espanto com a ideia que me ocorreu de súbito, recordando algo que muitos acontecimentos posteriores tinham apagado completamente da minha memória. Se as coisas se passam no outro mundo mais ou menos como o senhor as concebe, deve, efectivamente, ter sido um primo a receber o meu irmão — um primo com quem se tinha ligado nos últimos anos de vida. Esse primo regressara à América, onde tinha reunido uma boa fortuna, pouco tempo antes da partida do meu irmão para essas terras de além-mar. Voltou a Paris um mês antes dele e morreu um mês antes do meu irmão, da mesma doença cuja origem, para ambos, fora a febre amarela. Só soubemos do regresso deste parente com a notícia da sua morte. Pessoas que tinham grande interesse em que não o víssemos nos seus últimos momentos só nos informaram da sua morte porque necessitavam da nossa assinatura para tomar posse dos seus bens, pois éramos os seus parentes mais próximos.

Lamento infinitamente que estas coisas me tivessem passado completamente pela memória no momento em que respondi tão peremptoriamente a madame Adèle que era impossível ter sido um primo a receber o meu irmão no outro mundo. Então o senhor pensou que deveria ter sido o seu pai. Madame Adèle respondeu que sim, mas com hesitação. Pedi-lhe que não se detivesse mais nessa questão; meu pai, morto jovem, conhecera pouco o filho. Tinha pressa de passar a outro assunto: estava inquieta pelo meu segundo filho; receava que tivesse deixado a cidade de onde me enviara a última carta, tal como me tinha feito prever. Madame Adèle disse-me que ele lá permanecia, embora muito atormentado com a sua situação; que estivera doente de preocupação, mas que eu não tardaria a receber uma carta dele.

No dia seguinte a essa consulta, recebi uma carta do meu filho mais velho; ao lê-la, encontrei nela pormenores que tinham tanta relação com o que madame Adèle me dissera sobre o meu segundo filho — o único sobre o qual a tinha consultado — que não pude deixar de pensar: desta vez, madame Adèle enganou-se; tomou um dos meus filhos pelo outro. E assim continuei a pensar durante quinze dias, ao fim dos quais recebi efectivamente uma carta do meu segundo filho, carta que esperava havia seis meses.

Não me fala de ter estado doente, mas sim de acontecimentos tão tristes que lhe aconteceram que pode ter considerado uma forte indisposição como pouco importante, comparada com tudo o que tinha para me contar dos infortúnios de que voltara a ser vítima. Além disso, pode muito bem ter adoecido logo depois de me ter escrito, já que as cartas levam pelo menos dois meses a chegar-me; esta carta respira um tal excesso de tristeza e desalento que a sua saúde deve realmente ter sofrido com tal estado de espírito.

Digo-lhe, senhor, os meus pensamentos tal como Deus os vê; ao escrever-lhe, o meu propósito é prestar uma homenagem imparcial à verdade e, depois, recordar-lhe que madame Adèle me disse que, dentro de três meses, poderia voltar a tomar haxixe, e que ele poderia, enfim, produzir em mim o efeito desejado, submetendo-me ao que ela prescrevera. Apenas uma coisa foi esquecida: a dose que devo tomar. Da terceira vez que o tomei, foram quatro gramas, que não produziram em mim outro efeito senão o desejo de imobilidade. Gostaria muito que, num dos sonos de madame Adèle, o senhor quisesse perguntar-lhe qual a quantidade que me deve fazer tomar, para que, no momento, nada do que possa assegurar o êxito dessa sessão seja esquecido.

Os três meses de que falou madame Adèle expirarão a 17 de Fevereiro próximo; é, pois, por essa altura que o senhor deverá cumprir a esperança que concebi de ser iniciada pelo haxixe nesses factos maravilhosos de que traça imagens tão sedutoras e, por esse meio, alcançar também o objectivo a que me proponho: a aparição e fixação das cores naturais para a fotografia sobre papel.

Madame Adèle, como o senhor sabe, disse-me — antes que tivesse tempo de lhe colocar a questão que eu já tinha escrito — que eu estava destinada a fixar as cores, que devia trabalhar com actividade… Ainda assim, resta-me uma dúvida, senhor. Eu, tão ignorante em comparação com tantos sábios que se dedicam com ardor a esta descoberta, chegaria antes deles? Na verdade, teria receio de ser castigada por tamanha presunção, se, por outro lado, não pensasse também que Deus concede frequentemente aos mais pequenos as suas maiores graças, para fazer brilhar sobre

eles a Sua infinita misericórdia e para que se veja mais claramente que toda a ciência só vem d'Ele.

Quanto mais trabalho, mais permaneço convencida de que é algo de muito simples que deve fazer surgir e fixar as cores naturais; por vezes, parece-me que o conhecimento dessa coisa simples existe em mim, mas coberto por um véu tão espesso que não prevejo que possa ser levantado sem o auxílio do haxixe… É, portanto, em Deus, em si e nele que deposito toda a minha esperança; não se recusará mais, Senhor, quero acreditar, a atender aos meus desejos, e reitero-lhe aqui a promessa que lhe fiz: se eu atingir esse tão desejado objetivo, partilharei de bom grado consigo o prémio de 5.000 francos que será concedido, bem como a glória que poderá recair sobre mim, pois terá contribuído mais para isso, ao revelar-me as propriedades maravilhosas do haxixe, do que eu própria teria conseguido pelo meu único trabalho… Sinto-me um pouco como quem vende a pele do urso… Contudo, depois de tantas verdades que Madame Adèle me disse, não deveria mais duvidar.

Passarei por sua casa, Senhor, pouco antes de 17 de fevereiro, para combinarmos o dia da toma do haxixe.

Entretanto, queira, Senhor, receber a garantia dos sentimentos da minha mais perfeita consideração.

Paris, 16 de janeiro de 1853.
H. C.

Observações sobre as atas anteriores — Tal como recebemos estas atas, assim as confiámos à impressão, sem a menor rasura. A sua signatária é uma senhora que, antes de no-las entregar, obteve autorização do seu diretor. A franqueza que preside à sua redação equivale aos argumentos religiosos que contêm. O leitor será melhor juiz do que nós nesta matéria. Seguiremos apenas com as seguintes e simples observações: *1º* Vimos, a uma distância e num local desconhecido por nós e pelo requerente, uma criança que, tendo seguido o tio, ficara desamparada aquando da morte deste, em regiões selvagens onde muito sofreu, e cujo prolongado silêncio (três anos) fizera crer na sua morte. É a sua respeitável mãe que, por sua própria iniciativa — sem que lhe tivéssemos pedido absolutamente nada — nos envia as atas dessas sessões, nas quais não omite qualquer pormenor e reconhece a exatidão das nossas investigações, embora esteja sempre disposta, de cada vez, a rejeitá-las antes de aceitá-las. Agradecemos a esta senhora a sua leal franqueza; possam todas as pessoas a quem demos semelhantes provas de lucidez seguir o seu exemplo! *2º* Esta senhora, imbuída que está dos dogmas do catolicismo, confunde o cristianismo com esses dogmas; não tencionamos contrariar em nada as crenças de cada um, mas, no que nos diz respeito, mantemos, fora desses dogmas, a bela, DIGNA e NOBRE figura de CRISTO. Ela parece-nos muito mais GRANDE e DIVINA no estábulo de Belém do que no Capitólio de São Pedro; muito mais fraterna na lavagem dos pés e no deserto do que sob as cúpulas douradas com o dinheiro da miséria; muito mais JUSTA, EQUITATIVA e LIVRE na proteção concedida à mulher adúltera, na proibição feita a Pedro de tirar a espada da bainha e nestas palavras: «Os últimos serão os primeiros no reino de meu Pai!». É muito mais MAJESTOSA, com os ombros cobertos por um manto de serge, os pés nus em sandálias e um pedaço de pão escuro na mão, do que sob vestes de renda, mules humilhantes e dedos ornados de anéis com pedras

preciosas que, talvez, tenham custado a vida de um homem. Possa Cristo admitir-nos aos Seus generosos ensinamentos por toda a eternidade, e possam os católicos poupar-nos aos seus durante a mesma eternidade! Não confundimos a paz com o tumulto, o cordeiro com a hiena; procuramos o bom e o belo, fugimos do mau e do feio.

No que diz respeito à questão do haxixe, não julgamos dever tratar, nesta obra, dos acidentes que esta substância narcótica apresenta nas suas manifestações, por já os termos explicado no *Sanctuaire du Spiritualisme*. Não quisemos, repetimos, retirar uma única linha desses manuscritos, para que os nossos leitores possam apreciar a nossa imparcialidade. Passaremos agora a outras atas, enviadas pelo nosso bom amigo, o venerável abade Almignana, às quais pedimos aos nossos leitores que prestem atenção.

Aparições e revelações obtidas pelo abade Almignana

A M. Cahagnet.
Muito estimado Senhor,

Na minha resposta à sua carta de 15 do corrente, começo por agradecer-lhe a ideia tão lisonjeira que formou acerca de mim, relativamente à maneira como estudo o magnetismo e o sonambulismo em todas as suas vertentes.

Contudo, seja qual for a opinião que tenha de mim a este respeito, fico feliz por poder dizer-lhe que, se me consagrei ao estudo do magnetismo, foi unicamente por motivos científicos, humanitários e religiosos; e até contra os meus próprios interesses, como já dei provas e poderia dar novas, se necessário fosse.

Compreende bem, Senhor, que aquele que se dedica a uma ciência com tais intenções só pode estudá-la com ponderação, reflexão, consciência, desprendimento e imparcialidade — únicos meios de alcançar a virtude.

Pergunta-me se ainda me ocupo do sonambulismo? Sim, Senhor; mas de forma isolada e com menos frequência do que antes, sobretudo desde a minha longa doença, e isso por três razões: *1º* porque, não tendo atualmente um sonâmbulo à minha disposição, não posso fazer experiências tão frequentes e a meu bel-prazer como antigamente; *2º* porque a minha saúde já não me permite, hoje, dedicar-me à delicada questão do sonambulismo como antes da minha doença; *3º* porque a minha situação atual não me deixa o tempo livre para me consagrar à magnetologia como desejaria…

Pergunta-me se tenho factos a comunicar-lhe relativamente às comunicações de sonâmbulos com as almas das pessoas falecidas? Poderia citar-lhe um grande número, testemunhados por mim e fruto das minhas experiências; mas creio dever limitar-me ao seguinte, ao qual atribuo grande importância. É um pouco antigo — data de abril de 1851 —, mas ainda não é conhecido no mundo magnético, pois só o comuniquei a algumas pessoas da minha confiança. Ficarei, portanto, muito satisfeito ao saber que este facto, que tenho o prazer de lhe transmitir, possa lançar alguma luz sobre a grande questão de que se ocupa com tanto ardor.

Em troca da confiança com que me honrou, receba, Senhor, a expressão da minha amizade.

Assinado: O Abade Almignana,
Doutor em Direito Canónico.
Batignolles, 25 de janeiro de 1853.

Tinha um irmão chamado Joseph Almignana, cónego doutoral da colegiada de Alicante, em Espanha, falecido a 7 de abril de 1846. Em vida, tinha por amigo íntimo o Sr. Ignace Pere de Sarrio, cavaleiro de Malta, homem que aliava a uma erudição notável uma caridade verdadeiramente cristã. Este Sr. Sarrio chegou a Marselha a 6 de julho de 1836, com intenção de ir a Paris para se submeter a uma operação de catarata. Porém, tendo adoecido de uma inflamação da bexiga, morreu em Montpellier a 12 de abril seguinte, como consta de uma carta do meu irmão datada de Alicante, a 25 de outubro de 1836.

O Sr. Sarrio tinha depositado, há algum tempo, nas mãos do meu irmão, uma soma de dinheiro para ser distribuída aos pobres. Ao recebê-la, o meu irmão passou-lhe um recibo, para que, caso viesse a morrer subitamente antes de a distribuir, o Sr. Sarrio pudesse reclamá-la aos herdeiros do meu irmão.

Aquando da morte do Sr. de Sarrio, o seu irmão, o marquês d'Agolfa, tomando posse de tudo o que pertencia ao defunto, como seu herdeiro, encontrou o recibo que o meu irmão lhe tinha dado em vida. Provavelmente, o marquês lhe deu pouca importância, pois nada disse na altura…

À morte do meu irmão, o marquês quis saber se o dinheiro em questão tinha sido totalmente distribuído aos pobres. Dirigiu-se à minha irmã, como herdeira testamentária dele. Esta, desconhecendo os negócios do meu irmão — pois não vivia com ele e raramente o via — disse ao marquês para verificar nos registos do falecido. Neles, constatou-se que uma parte da quantia fora distribuída, mas que a outra tinha desaparecido sem se saber como. O montante era de 60.000 réis, ou 15.000 francos.

Mais tarde, o marquês reclamou à minha irmã a soma não distribuída.

A minha irmã, embora herdeira do nosso irmão, tinha recebido pouco, visto que ele destinara os seus bens a legados para diversas pessoas, incluindo para mim. Não julgou, portanto, dever restituir essa quantia ao marquês, pois não a recebera e não constava do inventário da herança. Ofereceu-se, contudo, para entregar ao marquês tudo o que recebera como sua parte, para lhe provar a sua probidade e reduzir a perda que ele dizia sofrer com aquele dinheiro. Este senhor não quis chegar a acordo e intentou contra a minha irmã um processo que foi bastante dispendioso e prejudicou a saúde dela.

A 23 de março de 1851, a minha irmã escreveu-me dizendo que se encontrava num estado deplorável em todos os sentidos por causa desse litígio. Acreditando na inocência dela relativamente à acusação que lhe faziam — de reter o dinheiro destinado aos pobres — e persuadido de que o nosso irmão jamais poderia ter faltado à confiança que merecera de M. de Sarrio, quis consultar sobre este assunto uma jovem sonâmbula de 14 anos, com quem já realizara algumas experiências. Conhecia a mãe dela há dezoito anos e fora eu quem lhe dera as primeiras noções de magnetismo.

O resultado dessa sessão está descrito na carta que lhe enviei:

«Minha querida irmã,
Assim que recebi a tua carta de 29 de março passado, querendo saber onde tinha ido parar o dinheiro que o marquês d'Algolfa te reclama como herdeira do nosso irmão Joseph, fui visitar uma extática que conheço, no dia 8 de abril, às três horas da tarde. Foi adormecida pela mãe e posta em condições de comunicar com os mortos. Pedi-lhe que entrasse em contacto com o nosso irmão, como já fizera noutras ocasiões a meu pedido. Disse-me que o via. Assegurei-me da realidade dessa aparição pela exatidão da descrição que me deu dele. Seguiu-se então entre o defunto e eu o diálogo seguinte:

— De teu vivo recebeste 60.000 réis de M. Ignace Pere de Sarrio para distribuir pelos pobres? Faço-te esta pergunta porque o marquês d'Algolfa, como herdeiro do seu irmão M. Ignace, reclama esta quantia à nossa irmã por seres tu o seu herdeiro. Encontraram nos teus papéis que apenas distribuíste uma parte desta quantia e que se desconhece o destino do resto. Diz-me o que fizeste a esse dinheiro: trata-se da honra da nossa irmã.

— De facto, recebi uma quantia de M. Ignace de Sarrio para distribuir pelos pobres, e passei-lhe um recibo; mas não me lembro ao certo do total. Creio ter distribuído cerca de metade e entreguei o restante, antes de morrer, já doente, ao padre Mario. Para te provar a verdade do que digo, vou pedir ao padre Mario que venha aqui, disse a vidente.

Mal o meu irmão disse isto, apareceu à extática um espírito cujo aspeto ela descreveu, parecendo-me um monge capuchinho. Esse espírito confirmou o que o nosso irmão dissera. Para garantir-me da exatidão da aparição, pedi que perguntasse onde vivia ele, em vida. Respondeu que pertencia a uma ordem sem residência fixa, enviando os membros para onde os superiores julgassem conveniente. Tal declaração confirmou-me tratar-se de um verdadeiro monge. Perguntei-lhe então o que fizera com o dinheiro que o meu irmão lhe confiara. Respondeu que distribuíra parte antes de morrer. Como isto pouco me adiantava, fiz-lhe várias perguntas para identificar melhor a sua pessoa. Disse ter uma irmã que vivia a uma légua de Alicante, sem dizer o lugar. Nomeei-lhe vários locais à volta da cidade, e quando mencionei São Vicente del Raspeig, disse que era aí.

Perguntei se tinha deixado por escrito, em algum lugar, o registo do que recebera do meu irmão. Respondeu: "Não. Dava esse dinheiro à medida que o recebia." Perguntei ao nosso irmão se devia algo a alguém. Respondeu que não, e que, pelo contrário, lhe deviam muito, devido às esmolas que dava diariamente. Perguntei-lhe também a quem deixara a casa e algumas terras. Disse que a uma senhora viúva, com dois filhos, um rapaz e uma rapariga. "Qual é o nome dela?", perguntei. "É viúva de M. Eugène Ferrer, antigo amigo do nosso pai; chama-se dona Josepha Fabra." Acrescentou que, não tendo deixado nada à irmã, nada lhe era devido.

Em consequência desta revelação, escrevo-te para que respondas às seguintes perguntas e assim confirmar a verdade do que foi dito:

1º O nosso irmão Joseph foi visitado, na sua doença, por um padre chamado Mario, com uma irmã a viver em São Vicente del Raspeig?
2º Sabes se este padre Mario morreu?

3º Foi realmente a referida dona Josepha Fabra, viúva de M. Eugène Ferrer, quem herdou a casa e as terras?
4º Quantos filhos tem a referida dona Josepha Fabra?»

Resposta da minha irmã à carta datada de 6 de dezembro seguinte:
«Quanto às perguntas que me fazes sobre o padre Mario, informei-me. Há vários anos que deixou o país; não se sabe se está em França ou na América. Não visitou o nosso irmão na sua última doença, pois, anos antes, já cá não estava… Tinha duas irmãs: uma estava na Argélia e a outra partiu com ele… Quanto a dona Josepha Fabra, viúva de don Eugène Ferrer, tem dois filhos: um rapaz que vive nos Estados Unidos e uma rapariga casada aqui.»

Resposta à carta acima:
«Visto que a tua carta confirma o que a sonâmbula me disse sobre a existência de tal padre Mario — de quem nunca tinha ouvido falar, pois deixei Alicante há trinta anos — , e sendo também verdade que dona Josepha Fabra tem dois filhos, rapaz e rapariga, o que eu igualmente desconhecia antes de mo revelar a sonâmbula, tais factos levaram-me a prosseguir as minhas investigações.

No dia 15 de dezembro voltei a casa dessa sonâmbula. A mãe teve a amabilidade de a adormecer a meu pedido e colocou-me em contacto com ela. Pedi-lhe que chamasse novamente o nosso irmão, a quem disse:

— Lembras-te de que, a 8 de abril, te falei dos negócios da nossa irmã?
— Sim.
— Lembras-te de quando entregaste o dinheiro ao padre Mario?
— Sim, foi na minha doença.
— Como pode ser, se a nossa irmã me escreveu a 6 do corrente dizendo que o padre Mario tinha deixado Alicante anos antes da tua morte? Nesse caso, não podia ter-te visto na tua última doença.
— Não foi exatamente na minha última doença que lhe dei o dinheiro, mas numa outra do mesmo género, em que pensaram que eu estava à beira da morte.
— Queres fazer o favor de chamar o padre Mario para que eu próprio o questione sobre isto?

Mal fiz este pedido, a vidente disse ver o mesmo monge do dia 8 de abril — o padre Mario. Perguntei-lhe:

— Foi na última doença do meu irmão que recebeu o dinheiro que ele lhe confiou, ou antes?
— Recebi-o numa doença que se pensou ser mortal para M. Joseph, pois estava à morte.
— Deixou Alicante antes ou depois da morte do meu irmão?
— Antes.
— Para onde foi? Para a América, Itália, França ou África?
— Para França.
— Para que local?
— Perto da fronteira de Espanha.
— Levou consigo alguma irmã?
— Não, ela veio ter comigo pouco antes da minha morte.

— Há quanto tempo morreu?
— Há cerca de dez anos.
— Pode dizer-me onde morreu?
— Não me lembro bem… mas foi num lugar perto da fronteira de Espanha.
— Levava sempre consigo o dinheiro do meu irmão?
— Sim.
— Sabe quem o terá tomado?
— A minha irmã, que estava comigo no momento da minha morte, recolheu tudo o que eu tinha, pois a morte foi súbita.
— Porque não lhe disse que esse dinheiro pertencia ao meu irmão?
— Porque, caindo numa profunda letargia, não pude falar-lhe.
— Quanto tempo se passou entre a sua morte e a sua partida de Alicante?
— Pouco tempo.

Assim terminou esta sessão.

Tendo em meu poder todas as cartas que o nosso irmão e tu me escreveram desde que estou em França, pus-me a relê-las e verifiquei que delas constava que o nosso irmão sofrera de doença de peito desde 1823 até 7 de abril de 1846, data da sua morte.»

Desejei então saber em que altura da doença o nosso irmão tinha entregue o dinheiro ao padre Mario. Para tal, no dia 24 de dezembro, fui à mesma sonâmbula e pedi-lhe, já em estado de sono, que voltasse a entrar em contacto com o nosso irmão. Respondeu-me que não podia fazê-lo, pois o seu guia, chamado Aimée, acabava de lhe dizer que, nesse dia, os espíritos não podiam ocupar-se de assuntos terrenos, porque todos, exceto os maus, se encontravam em adoração e celebravam o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma resposta tão inesperada deixou-me surpreendido. A mãe dela disse-me que, pela mesma época, no ano anterior, recebera resposta idêntica da filha quando lhe pediu para entrar em contacto com a alma de um parente falecido. Tal declaração aumentou ainda mais o meu espanto, e, para saber até que ponto seria verdadeira, fui de imediato a outra sonâmbula, uma menina de 15 anos pertencente a uma família da minha inteira confiança. Pedi à mãe que a adormecesse e, logo que ela esteve em condições de responder, fiz-lhe a mesma solicitação que à anterior: que chamasse o meu irmão. Esta criança deu-me a mesma resposta, acrescentando que não conseguiria obter a aparição de nenhum bom espírito antes das seis da tarde, no dia de Natal, altura em que a celebração dessa festa estaria concluída — revelação que, disse, viera do seu guia.

Não tendo obtido nada nesse dia, voltei no dia 9 de janeiro à primeira sonâmbula. Quando entrou em contacto com o nosso irmão Joseph, pedi-lhe que lhe perguntasse há quantos anos entregara o dinheiro ao padre Mario. Respondeu que há doze anos. Pedi ao nosso irmão que fizesse aparecer de novo o referido padre Mario para esclarecer melhor o assunto. O mesmo monge apresentou-se por duas vezes à sonâmbula. Perguntei-lhe:

— Há quanto tempo deixou Alicante?
— Fez onze anos nos primeiros dias de dezembro.

Insisti para que me dissesse onde morrera. Não respondeu. Supliquei-lhe então que me dissesse onde estava a sua irmã. Respondeu que não queria que se soubesse por ele onde ela estava, visto que certamente ficara com o dinheiro, e que, para saber, me dirigisse a outras pessoas.

Eis, minha querida irmã, todo o mistério de que te falei na minha carta anterior e que, não duvido, te terá surpreendido, dado que, sem nunca ter conhecido ou sequer ouvido falar do padre Mario — pois deixei Alicante há trinta anos —, te falo dele como se o conhecesse. Só sei dele o que a minha sonâmbula me revelou. Deves ter ficado também surpreendida por eu te dizer que dona Josepha Fabra tinha dois filhos, rapaz e rapariga, etc.

O resultado destas pesquisas é: *1º* há doze anos o nosso irmão Joseph entregou o dinheiro ao padre Mario para que o distribuísse pelos pobres, em seu lugar, pois já não podia fazê-lo no estado em que estava; *2º* o padre Mario distribuiu parte desse dinheiro aos pobres e levou o resto consigo para França há onze anos; *3º* à morte do padre Mario, a sua irmã ficou com o dinheiro; ignora-se onde se encontra. Procura, da tua parte, saber pela outra irmã do padre Mario, que está na Argélia, onde vive a que procuramos. Assim, poderíamos esclarecer melhor o caso de que te falo.

Eis, minha cara irmã, o resultado das minhas investigações e dos meus estudos — estudos que me fazem preferir viver pobremente num país estrangeiro a regressar a Espanha, onde poderia ocupar cargos lucrativos e honoráveis. Sabe que o pouco que conheço da ciência de que te falo não poderia ser compensado por todos os tesouros do mundo. Dou sempre graças a Deus por me ter concedido conhecimentos que milhões de homens ignoram. Desde que tenho a felicidade de poder comunicar, como te mostrei, com os mortos, sei, sem poder duvidar (além do que ensina a religião), que, tal como há almas felizes no outro mundo, também há almas infelizes — entre as quais algumas pedem orações, especialmente missas, para serem aliviadas das suas penas. Espero que me digas o que pensas das reflexões acima.

O teu irmão, que te ama,
Jean-Baptiste Almignana
Batignolles, 13 de janeiro de 1852.

Não tendo recebido resposta da minha irmã no prazo em que a esperava, temi que a minha carta se tivesse extraviado ou que ela estivesse doente. Nesse estado de incerteza, encontrava-me, em meados de março, em casa da senhora Hauet, no momento em que acabava de adormecer a filha. Aproveitei a ocasião para pedir à vidente que entrasse em comunicação com o meu irmão Joseph. Quando ele se apresentou, pedi-lhe que soubesse por que razão a nossa irmã não respondera à minha carta de 13 de janeiro: teria a carta sido perdida ou estaria ela doente?

O meu irmão respondeu: «A nossa irmã recebeu a tua carta; a leitura causou-lhe tamanha impressão que tremia ao lê-la; de início, duvidou que fosse realmente tua; depois, procurou saber se a irmã do padre Mario, que estava na Argélia, ainda vivia. Podes escrever-lhe isso; ela responder-te-á.»

Seguindo o que o meu irmão me dissera, escrevi à nossa irmã, a 20 de março de 1852:

«Minha querida irmã,
No passado dia 15 de janeiro escrevi-te uma longa carta; sei que a recebeste e que a sua leitura te causou grande impressão, a ponto de te fazer tremer. Não temas, minha querida irmã, tranquiliza-te: Deus está comigo e é a Ele que devo a revelação dos grandes segredos de que te falei. É porque há muito que encaro com indiferença as riquezas, as honras e os cargos do mundo terreno, que Deus me recompensou revelando-me alguns dos Arcanos da vida futura e celeste; louvado seja Deus para sempre.

O nosso irmão Joseph, com quem falei sobre este assunto através da minha sonâmbula, encarrega-me de te pedir que me respondas o mais depressa possível, dizendo-me com franqueza o que pensaste da minha longa carta e da impressão que ela te causou. Mais tarde, poderei dizer-te outras coisas sobre a vida futura que poderão servir-te de consolação.

Adeus, minha querida irmã,
Teu irmão, que te ama,
Jean-Baptiste Almignana
Batignolles, 20 de março de 1852.»

Resposta da minha irmã:
«Alicante, 13 de abril de 1852
Meu querido irmão,
Recebi as tuas cartas de 15 de janeiro e de 20 de março. Se não respondi à primeira, foi por duas razões: a primeira, para ver se conseguia obter informações sobre a irmã do padre Mario, que está na Argélia; nada consegui saber. A segunda, porque esperava o resultado do processo para te escrever. Digo-te que a tua longa carta não deixou de me causar impressão, pois, quando estavas aqui, nunca te ouvi falar assim sobre as coisas da eternidade. Não compreendo nada disto, etc.

Tua irmã.»

Notas — Querendo esclarecer-me melhor sobre o que me tinha sido dito por duas sonâmbulas, a 24 de dezembro de 1851, acerca da celebração da festa do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo no Céu, fui no dia 23 de dezembro de 1852 a casa da senhora d'Abèle, residente em Batignolles, na rua Chapelet, e pedi a mademoiselle Adèle, na presença da mãe e de um primo, que, no dia seguinte (Natal), fosse a casa da senhora Hauet e verificasse se, estando a filha Anna adormecida, entraria em comunicação com os espíritos e se estes lhe apareceriam.

A senhora d'Abèle, correspondendo ao meu pedido, veio a minha casa no dia de Natal, à uma da tarde, prestar-me contas da missão. Disse-me: «Ontem, à tarde, fui a casa da senhora Hauet; a sua filha Anna, estando adormecida, disse que o seu guia, Aimée, lhe aparecera radiante, dizendo-lhe: "Anna, hoje não posso ocupar-me de ti, pois estou muito ocupada com a celebração da festa de Natal no Céu." Depois de lhe dizer isto, o espírito desapareceu.»

Nesse mesmo dia de Natal, às três da tarde, o senhor Mouttet, publicista, residente na rua des Messageries n.º 14, veio visitar-me. Contei-lhe o que acabara de saber. Ele respondeu-me: «A minha sonâmbula disse-me ontem à noite, em estado de sono, que

havia uma grande festa no Céu.» Mas, não se lembrando de que era véspera de Natal, não deu importância à revelação e prosseguiu os seus estudos com a vidente.

No domingo, 16 de janeiro de 1853, estando a mesma sonâmbula adormecida a meu pedido, perguntou-se-lhe quem lhe tinha dito, na véspera de Natal, que havia nesse dia uma grande festa no Céu. Respondeu que fora o espírito de Emmanuel Swedenborg, com o qual mantém sempre uma estreita ligação.

A primeira das duas sonâmbulas que, a 24 de dezembro de 1851, me falou da celebração da festa de Natal no Céu é aquela jovem que, pela primeira vez, entrou em comunicação com as almas das pessoas falecidas em sua casa, e de quem falou no jornal *O Magnetizador Espiritualista*. A outra sonâmbula, com 13 anos, é filha do Sr. Greslin de Ménicour, residente na rua Lamartine, em Paris. Se alguém duvidar do que acabo de afirmar, tenho documentos que o comprovam. Dizer que, no caso do padre Mario, houve “subtração de pensamento” seria totalmente ilógico, pois como poderia a vidente Hauet retirar da minha mente algo que eu não possuía e que desconhecia por completo, já que nunca tinha ouvido falar dessa pessoa? Poder-se-á tirar do bolso de um homem aquilo que ele não tem? Nada é mais absurdo do que acreditar nisso.

Apreciação dos factos acima — Permitimo-nos resumir a curiosa peça que se acaba de ler e apreciá-la segundo o nosso ponto de vista. Começamos por agradecer ao nosso venerável e sempre dedicado amigo, Sr. Almignana, pela franqueza, lealdade e liberdade com que, em todas as ocasiões deste género, apoia com o seu respeitável testemunho estudos dignos de toda a atenção dos homens. Não podemos esquecer que este prelado está ligado à Igreja Católica por crenças e compromissos que lhe impõem a prudência de não os infringir; por isso, os nossos leitores saberão procurar, no fundo das revelações acima, a verdade que só eles podem e devem encontrar.

Constata-se que, com um objetivo honroso, o Sr. Almignana procura, por meio do sonambulismo, descobrir para onde terá ido parar uma certa soma de dinheiro que é reclamada à sua irmã, como herdeira testamentária do seu irmão, a quem esta soma fora confiada para distribuição aos pobres. Assim, o Sr. Almignana aprende, pela lucidez de uma sonâmbula, que o seu irmão, numa doença tida por mortal:
1º Entregara ao cuidado de um monge chamado Mario o que lhe restava dessa soma para distribuir;
2º Que, não morrendo nessa ocasião, esquecera-se de registar a entrega dessa quantia no seu livro;
3º Que o padre Mario partira para França um ano depois do depósito;
4º Que morrera pouco depois de entrar em França, o que poderia explicar o silêncio do irmão do Sr. Almignana sobre a entrega do dinheiro até à sua morte;
5º Que o padre Mario tinha uma irmã que realmente vivia em São Vicente, perto de Alicante, como disse a vidente, e que esta, segundo o próprio padre Mario, o veio encontrar, assistiu à sua morte, apoderou-se do dinheiro restante e dele beneficiou;
6º Que, nas primeiras perguntas que lhe foram feitas, o padre Mario procurou contornar a acusação à sua irmã, dizendo que distribuía o dinheiro à medida que o recebia; mas acabou por admitir que ela o levara e recusou-se a indicar o seu paradeiro ou o local onde morrera, pois daí se poderiam obter informações que preferia ocultar, no interesse evidente da irmã.

Na primeira parte destas revelações, há, portanto, forte probabilidade de verdade naquilo que não foi possível verificar, tal como houve exatidão no que foi descoberto.

Na segunda parte, encontramos:
1º A revelação feita pelo irmão do Sr. Almignana quanto à pessoa a quem legara a sua casa e terras, sendo os nomes, o estado de viuvez, o número e sexo dos filhos confirmados pela irmã do Sr. Almignana;
2º É-lhe igualmente dito que a sua irmã recebera a carta, que a perturbara ao ponto de a fazer tremer, provavelmente devido ao alcance das revelações que ela continha, dado que a própria senhora dá a entender que nunca ouvira o irmão falar assim sobre questões da eternidade.

Tudo isto é mais do que suficiente para destruir com êxito o argumento tantas vezes usado contra nós, de que estas visões de falecidos não passam de transmissões de imagens ou pensamentos. O Sr. Almignana trata esse argumento como absurdo — e com razão —, pois, tal como nós, pode julgá-lo em consciência melhor do que os nossos opositores mais apaixonados.

Surge ainda uma terceira revelação, não menos importante: a festa de Natal no Céu, à qual os espíritos — e também o Sr. Almignana — parecem atribuir grande valor. Informámo-nos junto de Adèle, em sono magnético, através do espírito de Emmanuel Swedenborg, sobre a veracidade desta revelação. Respondeu-nos que essa festa tem realmente lugar entre os cristãos, juntando-se a eles muitos outros espíritos religiosos e filósofos que nela veem uma alegoria correspondente às crenças de cada um. Para uns, é o nascimento de Cristo, ser de luz, único e verdadeiro Deus; para outros, o nascimento de um filósofo; para outros ainda, a luz terrena que venceu as trevas; outros veem nela a luz da inteligência que subjugou a ignorância, e assim por diante.

Como tudo o que existe só é pela luz, os espíritos entendem que não há melhor maneira de celebrar a Alma de todas as coisas do que no dia em que se admite que ela nasce, segundo as crenças religiosas antiquíssimas, ou regressa a nós, segundo as leis astronómicas. Esta festa não é universal no Céu, mas é uma das mais amplamente celebradas nos mundos espirituais e angélicos. Os próprios católicos estão tão imbuídos desta alegoria que, nesse dia, quintuplicam as luzes dos seus templos, prestam grande homenagem ao símbolo do sol representado pelo Santíssimo Sacramento e, nos seus hinos, empregam a palavra *Aleluia* como sinal de júbilo.

Deixando de lado qualquer discussão sobre o assunto e limitando-nos a observar o conjunto desta celebração, não se pode duvidar de que é uma festa em honra da luz. Só os gnomos poderiam deixar de se alegrar com a chegada deste dia, especialmente sob o ponto de vista espiritual que nos é apresentado.

O Sr. Almignana parece também concluir, das revelações que lhe foram feitas, que as orações, sobretudo as missas, são úteis para o descanso de certas almas. Não queremos nem apoiar nem combater esta afirmação, mas sim iluminá-la, se nos for possível. Que o leitor se digne acompanhar-nos na revelação seguinte, bem como nas deduções que dela decorrem, e apreciá-la em plena liberdade.

Revelações sobre a justiça divina e a justiça facultativa dos homens — Um dia, o nosso amigo Sr. Charles Renard, de Rambouillet, enviou-nos um homem que se acreditava enfeitiçado e sofria por ouvir, à noite, ruídos no seu quarto, impedindo-o de

dormir. Durante o dia, sentia quase continuamente o toque de um animal, que comparava ao de um rato subindo-lhe pelas pernas até ao rosto. Incapaz de suportar por mais tempo semelhante obsessão, falou disto ao Sr. Renard, que lhe aconselhou vir a Paris consultar Adèle.

Este infeliz interessou-nos muito com o relato dos seus tormentos, e Adèle consentiu em estudar a causa. Mal entrou em sono, disse-lhe:
— *É uma mulher que lhe causa todo este incómodo.*
— *Como assim, uma mulher? Então não foi o pastor que me lançou algum feitiço?*
— *Não, é uma mulher que vejo… que sofre e precisa de orações… é por isso que o atormenta.*
— *Quem é essa mulher?*
— *Está morta.*
— *Morta? Conheci-a?*
— *Sim, muito.*
— *Diga-me o nome:*

— Vou primeiro dar-lhe a sua descrição, que o ajudará a reconhecê-la…

Adèle deu pormenores tão minuciosos a esse homem que ele exclamou:
— Mas é da minha mulher que está a falar!
— Certamente; ela precisa de orações e pede-lhas a si.
— Que comece por me deixar em paz; já me atormentou bastante em vida para o continuar a fazer depois da morte. Há mais de quinze anos que me deixara para entrar numa casa de prostituição, onde levava uma vida que me desonrou. Que reze ela própria e me deixe tranquilo.
— **Ela não o pode fazer sem a sua ajuda!**

Perguntei então a Adèle:
— Como é que esta mulher tem direito às orações de um homem que desonrou, e ainda o atormenta agora por essa razão? Será esta a forma de mostrar melhores disposições para com o marido? Que peça a Deus que a perdoe e deixe o marido em paz!
— Fala assim porque é fácil para ti — respondeu Adèle. — Podes dizer-me qual, de Deus ou do marido, é o ofendido e qual deve perdoar primeiro? Acreditas que essa mulher ousaria apresentar-se diante de Deus para gozar da sua infinita bondade, estando maculada por faltas que exigem reparação? Julgas que basta a um criminoso qualquer pedir perdão a Deus pelos crimes, tormentos e culpas de toda a ordem que infligiu aos seus irmãos? Que responderia Deus a estes últimos, se lhe implorassem a sua **justiça inflexível**? Qual deles recebeu mais ou deu mais? Onde estaria a **balança equitativa e eterna**? Não, não é assim… Deus, pleno de misericórdia, perdoa as ofensas que lhe são pessoais ao menor sinal de arrependimento, e deixa a cada um a liberdade de seguir o seu exemplo. **Nenhum espírito pode entrar no seio das felicidades eternas se uma só voz clamar contra ele justiça!**

Foi exatamente o que sentiu esta mulher, mais fraca do que culpada; por isso faz esforços enormes para se tornar sensível ao seu marido e despertar nele solicitude suficiente para que lhe perdoe. A melhor prova de que ele esqueceu as suas faltas é que ele próprio reza a Deus para que absolva a sua mulher.

— Reze durante nove dias com essa intenção — disse Adèle a esse homem — e ficará livre de toda a obsessão.
E voltando-se para mim, acrescentou: — **Acredita na justiça de Deus e no direito que cada ser tem à aplicação dessa justiça!**

Assim terminou esta sessão, em que Adèle foi sublime na sua severa e majestosa equidade.

Tremi um instante diante do alcance imenso desta revelação. Se for verdadeira, como se sente à primeira leitura, é caso para dizer que a misericórdia é muito necessária; e, nesse sentido, as orações seriam muito úteis como adesão ao perdão, como ato de reconciliação. Mas há uma grande diferença entre tais orações e aquelas que são pagas, que revelam que não se tem nem a força nem o desejo de rezar por si próprio, e que fazem de uma elevação sublime da alma e de uma justiça sagrada algo mais vil do que a justiça dos homens, se se tornar numa questão de comércio.

Devo acrescentar que este homem fez o que lhe fora recomendado e, ao fim dos nove dias indicados, ficou perfeitamente tranquilo.

Observações sobre a revelação anterior — Ai de nós! A revelação de Adèle é talvez a chave desse santuário oculto de onde sai uma multidão de desgraças que assediam certas famílias até à sua mais remota posteridade. A causa oculta dessas desgraças poderá ser, em virtude dessa **justiça**, o pagamento de alguma dívida criminosa deste género — uma espécie de pena de talião. Como disse Cristo: *"Quem usar da espada, pela espada perecerá."* Seduziste a minha filha? Então a tua, ou a da tua, ou a tua companheira será, por sua vez, vítima de igual destino. A desonra com que cobriste o meu nome e a minha família exige desonra idêntica. O meu filho não mereceu mais essa infâmia do que a que eu um dia farei recair, por compensação, sobre o teu, para saldar esta dívida.

Quantas famílias não vivem em ódio mútuo há séculos, por futilidades em aparência, mas que, no seu tempo, tiveram grande peso. Existem guerras de extermínio de alma para alma, cuja causa se ignora, mas que talvez esteja numa revelação como a que se acaba de ler. Quantos homens não conseguem prosperar em nada, vendo as pessoas que amam fugir ou morrer diante dos seus olhos, sem poderem fazer nada, e blasfemam contra Deus, quando esses tormentos talvez sejam apenas o pagamento de tormentos semelhantes que eles ou os seus antepassados infligiram à vida de outrem.

Oxalá estejamos enganados, pois somos mais brutais do que vingativos, e custar-nos-ia infinitamente devolver amanhã o golpe que recebemos hoje; gostamos demasiado de pagar a pronto em tudo.

Pelo teor desta revelação, entende-se que os criminosos teriam muito a ajustar entre si, e que aqueles cuja descendência se extinguiu não poderiam usufruir dessa reciprocidade de tormentos, dir-se-á. Respondemos que os que já não estão na Terra estão noutros lugares, e que o poder de um sobre o outro permanece o mesmo para quem quiser recorrer a ele.

Os cristãos sentiram bem a probabilidade de tal justiça, ao dizerem a Deus no *Pai-Nosso*: *"Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem*

ofendido." Tal súplica é a confirmação do pecado original e das condenações que a Bíblia refere relativamente às gerações futuras dos que se rebelam contra as leis de Deus. Se Deus, segundo esse livro, nos dá tal exemplo de inflexibilidade, é, portanto, agradável a Ele que não o ultrapassemos em generosidade.

Repito: uma revelação assim merece ser tida em consideração, sob a condição expressa de que exista livre-arbítrio; ela deve fazer tremer os corações manchados pelo crime.

Se um pobre homem como eu, que hesita em matar uma pulga, treme ao conhecer esta justiça inflexível, que sentirão dela os grandes e pequenos tiranos deste mundo, cobertos de sangue e lágrimas? É aqui que Cristo diz uma grande verdade nestas palavras: *"Não faças aos outros o que não queres que te façam. Os grandes serão abatidos e os pequenos serão elevados."* Que poderia haver de mais humilhante, para um monarca tirano, um pastor ímpio ou um juiz corrupto, do que depender da última das suas vítimas… esperar dela o perdão que deve preceder o de Deus? Que terrível futuro! Não o pressentem já os agonizantes, que raramente querem morrer em estado de ódio e suspiram tanto pela reconciliação? Não o sentem já os criminosos, cujo último grito, no cadafalso, é frequentemente o de *perdão*?

Todos os videntes, de qualquer idade ou crença, alguma vez disseram outra coisa que não fosse que os lugares de purificação, que admitem existir à saída deste mundo, estão proporcionalmente mais povoados de reis, prelados e dignitários de toda a espécie do que de simples particulares? Porquê? Porque quanto mais alto o homem está nas dignidades humanas, mais responsável é pelos seus atos.

Duas únicas revelações, entre todas as que me foram feitas até hoje, me provaram de antemão a existência de Deus, que eu intuía, e libertaram-me do ateísmo para o qual o catolicismo romano e todas as religiões de dinheiro me tinham arrastado. A primeira foi compreender a utilidade da nossa existência terrestre e das nossas privações de toda a ordem; a segunda é a que se acaba de ler, pois acreditar que basta pagar a um padre qualquer para obter de Deus o perdão pelas tiranias exercidas sobre os seus irmãos é transformar, no primeiro caso, uma questão de justiça numa questão de dinheiro e, no segundo, é fazer de nós os bodes expiatórios da divindade… É conceder-lhe um direito de indiferença em troca de uma homenagem imerecida.

Seria o mesmo que dizer ao ladrão, ao corruptor, etc., para ir pedir perdão aos seus juízes e gozar da impunidade dos seus crimes…
Seria um *não livre-arbítrio* para a vítima e um livre-arbítrio para o opressor, que até poderia recusar-se a pedir perdão a quem quer que fosse…
O ensino religioso e moral não passaria de uma grande impostura!… Oh! Compreendo muito melhor quão grande e justo permanece Deus ao dizer ao fratricida: **Arrepende-te da tua falta de amor para com o teu irmão, e vinde ambos, de mãos dadas, coração contra coração, voltar ao meu seio como de lá saístes!**

E sobretudo ao presumir que Deus, testemunha do arrependimento do criminoso e do ódio da vítima, poderia em qualquer momento, sem nada tirar à sua **justiça equitativa**, inspirar o amor da reconciliação a esta última. Se fosse de outro modo, significaria que o livre-arbítrio não existiria; e, não existindo, só um ser deveria conhecer as ações e os seus motivos: aquele que impôs essa ausência de livre-

arbítrio. Se, pelo contrário, o livre-arbítrio existe numa certa extensão das ações humanas, deve existir em tudo o que está fora dos apetites e necessidades da carne, portanto, nas afeições do espírito — e é aí que se encontra o ponto de partida da responsabilidade humana.

E só uma pena deve ser aplicada a essas fraudes do espírito: a restituição da coisa tomada ou da perturbação causada.
É a vítima que deve receber, e não a sociedade;
É a vítima que deve gozar do arrependimento do seu opressor, e não aqueles que para tal não têm direito algum.

Assim, para os que não acreditam no livre-arbítrio, este estudo é inútil; mas, para os que nele acreditam, é o mais necessário que conhecemos.

Quando os cristãos foram apresentados a Constantino — cujos crimes ultrapassavam todo o perdão aos olhos dos pagãos —, estes pareceram-lhe mais humanos e equitativos, do seu ponto de vista, ao prometerem-lhe a remissão dos seus crimes em troca do arrependimento e da proteção que lhes oferecia. Se nessa ação os cristãos representaram bem a infinita misericórdia de Deus, anularam, nessa misericórdia, a sua justiça. Eis onde erraram — erro que lhes é mais proveitoso do que à moral pública, pois garantem poder remitir os pecados dos homens mediante confissões, orações pagas ou esmolas piedosas. Nessa ação, dizem que reconciliam com Deus, que não é o ofendido, mas nem sempre reconciliam com as vítimas. Se alguns nobres corações entre eles assim o entendem, a História não prova que todos ajam da mesma forma.

Não vemos por que razão tal pecado contra as leis estabelecidas pela sua Igreja — infalível representante da Divindade — seria resgatado mediante certa quantia.
Por que motivo uma falta contra a honra familiar seria anulada mediante tal dispensa?
Por que um sacrifício haveria de desarmar a cólera divina?
Não pretendo aqui pôr apenas os católicos em causa; refiro-me a todos os cultos que se apoiam numa justiça tão volúvel.

No entanto, os cristãos disseram uma grande verdade, como contrassenso à punição eterna, ao afirmarem que a misericórdia de Deus está sempre estendida indistintamente a todos os corações que a invocam; mas há grande distância dessa verdade até ao erro de fazer prevalecer essa misericórdia sobre a justiça do Eterno.

Um dia, o Sr. Binet, oleiro, um dos espiritualistas mais avançados que conheci, debatia esta questão comigo; pediu-me para a colocar assim a Adèle: «A misericórdia divina não está acima da justiça divina?» Foi-nos respondido que nada podia estar acima da justiça divina. Esta resposta confirmava a dada na sessão acima referida e isentava Deus de uma fraqueza que resultaria numa parcialidade.

Temos a certeza de que a misericórdia divina se sobrepõe à justiça divina em todas as questões de ofensas pessoais a Deus, pelo exemplo religioso que nos é dado na pessoa de Cristo; mas, se esse exemplo nos é oferecido para seguirmos, a misericórdia divina não pretende com isso impor-nos o abandono do nosso direito contra quem nos rouba alguma parcela do nosso património material ou moral — como, por exemplo, o objeto das nossas afeições, ou a nossa reputação de probidade social — contra quem, ao assassinar-nos, compromete a existência de filhos sem

apoio, de pais que sustentávamos, etc.; contra governantes que preferem a perseguição à justiça, a intolerância à liberdade, as rapinas à equidade, etc.

Com certeza, cada um tem o direito de exigir desses tiranos aquilo que lhe roubaram. Se esses homens não podem satisfazer a tal exigência justa, o seu "auto de prisão por dívidas" não pode ser levantado no mundo das trevas onde ficam encerrados ao deixar a Terra, para lhes permitir a entrada no mundo das alegrias eternas. Deus nada quer poder nesta questão, na qual não está pessoalmente implicado. Pois, se estivesse, seria como causa primeira, o que anularia o livre-arbítrio desses governantes; e, consequentemente, a não responsabilidade de uns justificaria a dos outros — o que tornaria a justiça humana uma ação ridícula.

Deus pode aconselhar a reconciliação, mas não quer impô-la; caso contrário, repetimos, a própria justiça humana seria um contrassenso, pois bastaria, para imitar a justiça desse Deus, reconhecer o arrependimento para absolver qualquer crime e calar a voz do oprimido.

Que cada um medite bem esta revelação, que nunca foi apreciada pelos homens no ponto de vista em que a apresentamos; pois ela está destinada a provar a todos que não basta viver o mais confortavelmente possível, neste globo de provas, sem se preocupar se não se está a esmagar um irmão sob esse conforto. Não: ao lado disso está a justiça reparadora; a "citação facultativa", diríamos, que pode forçar-nos a comparecer perante o tribunal do grande juiz dos juízes e a sofrer, por nossa vez, a pena que impusemos a outros.

Para que serviria, então, o suposto livro da vida eterna, que os cristãos colocam nas mãos de Deus para recordar a cada um as suas faltas no dia do juízo? Livro que os videntes nos provam claramente existir em cada ser, lendo aí as nossas vergonhas e as nossas virtudes! Livro que poderíamos chamar **daguerreotipia** das ações humanas — para que serviria ele, repetimos, se um padre, ou quem quer que fosse, pudesse, mediante pagamento, rasgar-lhe uma página, para que o julgamento de Deus fosse proferido antes de se ouvir a causa?

Já demonstrámos cem vezes, sem réplica possível, a existência desse livro, no qual os nossos videntes veem o passado como o presente. Ele existe, e por um motivo; um dia, há de cobrir a nossa fronte com o vermelho da vergonha, ou aquecer o nosso coração com o fogo fraternal. Procuremos fazer com que cada ser que ofendemos venha ele próprio retirar do quadro público essa má ação e colocar, no seu lugar, a palavra **RECONCILIAÇÃO!**

O que acabo de dizer parece-me ser justiça religiosa ao alcance de todo o culto e de toda a alma fraterna. Amemo-nos, pois, uns aos outros, se quisermos chegar mais depressa à felicidade eterna. A dissimulação e o ódio, pelo contrário, conduzir-nos-ão — não sei para onde, mas a um lugar onde não devemos querer ir. Penetremo-nos bem desta máxima de Cristo, que, só por si, é, ou deveria ser, a base de todas as religiões, de todas as morais e de todas as ações humanas; repitamo-la a nós próprios em cada ocasião em que tenhamos de julgar a conduta dos outros ou de os conduzir nós mesmos: **Se eu estivesse no lugar deste ser, gostaria que me fizessem o que eu lhe faço?**

Se a resposta for não, não façamos, portanto, aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem — aquilo que os outros terão o direito de nos fazer segundo a balança das nossas contas diante do Eterno. Todo o Céu e todo o Inferno estão aí, e é natural que aí estejam em relevo todos os chefes de trabalhos, de justiça, de cultos, de governo, etc.; cada um receberá a parte equivalente de vergonha ou de escravidão que impôs aos outros. O número das vítimas será o número das horas a passar nessa eternidade de reparações.

Não se deve esquecer que esta justiça é consequência da existência de Deus e do livre-arbítrio; fora destas duas forças, reina a lei do mais forte, do mais astuto e dos acidentes que os substituem; é o sol que pode apagar-se, os céus que se podem obscurecer e a Terra que pode aniquilar-se. É o reino dos tiranos, do punhal, do roubo e da blasfémia.

Revelação e viagem à Lua

Como já disse na narrativa relativa ao infeliz Franklin, não sou levado a fazer com que a minha lúcida explore os globos do universo, pelas seguintes razões: *1.º* Emmanuel Swedenborg já tratou dessa questão nas suas revelações sobre o mundo astral; *2.º* muitos outros magnetistas, além de mim, também a abordaram, com mais ou menos sucesso. O resultado desses estudos acaba por ser inútil perante as exigências dos homens e a incapacidade da ciência em apreciá-los devidamente.

No entanto, se no primeiro volume desta obra julguei dever interrogar o espírito Swedenborg sobre a natureza do nosso Sol — pensando que, um dia, se poderiam verificar as suas revelações sobre esse astro —, não considerei que estaria a violar a regra que me impus ao desejar igualmente obter algumas noções sobre a Lua, astro cuja constituição se conhece hoje quase geograficamente. É muito provável que, mais cedo ou mais tarde, se consiga aperfeiçoar ainda mais os instrumentos ópticos de que dispomos e chegar a ver-se os seres desse globo, bem como as suas produções. Nessa esperança, entendi útil realizar também um estudo que fosse ao mesmo tempo conclusivo sobre a faculdade que os lúcidos possuem, quando Deus permite que nos revelem algumas das Suas maravilhas por seu intermédio.

As revelações seguintes, relativas ao astro que está mais próximo de ser intimamente conhecido pela ciência, são apresentadas apenas a título de notas; que se guardem para uso futuro, ou se rejeitem se forem erro de visão. Não pensava, na primeira sessão feita fortuitamente sobre este assunto, ir tão longe nem ser tão completo; mas, em tudo, o homem propõe e Deus dispõe. As atas das sessões que se seguem estão transcritas textualmente, ditadas pela lúcida; quis respeitar essa narrativa um tanto ou quanto dispersa, para que o leitor não me acuse disso, pois ficará assim mais próximo da simplicidade natural daquela que, há já alguns anos, nos revela tantas coisas ignoradas pela generalidade dos homens.

Sessão de 10 de Fevereiro de 1853

Perguntas dirigidas, com o auxílio de Adèle Maginot em sono magnético, ao espírito de Emmanuel Swedenborg, sobre o sistema astral e a Lua em particular.

D. — Desde a sua partida da Terra, visitou alguns planetas?
R. — Sim; mas antes de a deixar já tinha tratado dessa questão.

D. — Tratou-a relativamente ao sistema planetário da Terra; mas pergunto-lhe se verificou que os outros globos que vemos e que denominamos em astronomia como sóis, planetas, estrelas, nebulosas, etc., estão habitados como os planetas de que falou?
R. — Deus nada criou em vão. Um globo sem habitantes seria uma criação nula. A intenção de Deus foi ser completo em todas as Suas criações; portanto, deveis crer que Ele criou um número suficiente de seres para cada globo a que os destinava. Nada há de inabitado na imensidão; cada coisa é completa — é aí que reina a harmonia da criação. Deus não ficou sem almas para povoar os Seus globos: sabei, pois, que existem tantos globos espirituais quanto vedes de materiais, e que estes últimos possuem bem mais almas do que os primeiros.

D. — Pensava que as estrelas que vemos poderiam ser esses globos espirituais de que me fala.
R. — Os vossos olhos materiais não poderiam ver os globos espirituais; a luz deles é demasiado clara, pura, etérea e diáfana para que a possais ver. Não, todos os globos que vedes são globos materiais habitados.

D. — Pensa que as nebulosas sejam globos semelhantes aos outros?
R. — Não estudei essa questão.

D. — Poderia dar-me apenas alguns detalhes sobre a Lua? Os nossos astrónomos chegaram a tal precisão na construção dos seus instrumentos ópticos que descobrem nesse astro montanhas, vulcões extintos, rios, etc., e já conseguiram medir-lhe os espaços. Espero que, um dia, cheguem a ver os habitantes desse planeta; por conseguinte, poderão verificar o que me disser a esse respeito, o que lhes provará que os espíritos podem comunicar com globos para além do seu. Não veja, neste pedido, o meu desejo de me alongar sobre uma questão pouco apreciada; quero apenas algumas noções sumárias que equivalham a maiores detalhes.
R. — Falei da Lua antes de deixar a Terra.

D. — Ignoro-o ou não me lembro de o ter lido; tenha a amabilidade de responder apenas a estas poucas perguntas, se assim o entender. A Lua é habitada?
R. — Sim.

D. — Quem são os seus habitantes em relação a nós?
R. — São muito pequenos, de estatura quase uniforme entre si, não ultrapassando cerca de três pés de altura.

D. — Quais são os seus costumes?
R. — São naturais.

D. — Que quer dizer com naturais?
R. — Quero dizer que vivem uma vida de indiferença, não estimulada por qualquer paixão; não conhecem, como nós, a vingança, o conflito, a guerra, nem possuem os nossos desejos ardentes de saber; a sua existência é mecânica.

D. — Apesar da pequena estatura, são bem proporcionados e de rosto agradável?
R. — A cabeça é demasiado grande para o corpo; o rosto é achatado e pouco agradável de ver.

D. — As mulheres são melhores do que os homens? São vaidosas como entre nós?
R. — Não são melhores e possuem a vaidade do seu sexo.

D. — São religiosos?
R. — Pressentem a existência de um Deus.

D. — Adoram-no em templos?
R. — Adoram-no em grupos, nos campos.

D. — Têm sacerdotes?
R. — Têm instrutores que fazem esse papel.

D. — Como rezam?
R. — De pé e de costas voltadas para os seus ídolos.

D. — Não têm ideia definida sobre a forma de Deus?
R. — Não; tudo neles é mecânico e indiferente; cada um representa Deus à sua maneira.

D. — Porque voltam as costas aos seus ídolos?
R. — Porque não se julgam dignos de olhar Deus de frente.

D. — Têm cidades, monumentos, algo que denote civilização?
R. — Têm cidades e espécies de aldeias onde vivem em grupos… Possuem um pouco de civilização.

D. — Que género de governo têm?
R. — Têm e não têm; são os anciãos que resolvem os assuntos públicos e de discussão; não possuindo paixões vivas como as nossas, vivem indiferentemente em boa harmonia entre regiões e grupos.

D. — Apreçam a família?
R. — Sim, como todos aqueles que fazem o que fazem por uma espécie de cumprimento de consciência.

D. — Qual é a temperatura desse globo?
R. — É fria.

D. — Conhecem a agricultura?
R. — Sim, semeiam a terra e colhem uma espécie de grão que lhes serve de trigo; dele retiram a farinha com que fazem pão.

D. — Esse trigo assemelha-se ao nosso?
R. — Não exatamente; essa planta dá um cacho comprido.

D. — Esse cacho assemelha-se ao milho-maís?
R. — Não, mas é abundante em farinha.

D. — Alimentam-se apenas de pão?
R. — Vivem também do produto da caça.

D. — Vestem-se?
R. — Sim, quase todos com peles.

D. — Vivem muito tempo?
R. — Sim… mostram demasiada indiferença para serem estudados e frequentados; o pouco interesse que dedicam aos outros apaga o que se poderia ter por eles.

Adèle não parecia disposta a continuar estas perguntas. Receei ser maçador com as minhas questões. Teria preferido que esta lúcida tivesse feito, ela mesma, uma visita a esse globo; mas sempre se recusou, não sei porquê… Além disso, não estava preparado para estas perguntas, que surgiram na sequência de outras de género diferente, e isso levou-me a encerrar esta sessão de forma incompleta.

Sessão de 12 de Fevereiro de 1853 — Viagem à Lua

Pelo que se acabou de ler, toda a gente percebe que há um milhão de perguntas a fazer sobre as leis, costumes, conhecimentos, produções, etc., dessas regiões… Ah, se eu pudesse satisfazer, por mim mesmo, a curiosidade que me devora — tal como ao leitor —, estabeleceria o meu quartel-general nesse astro e o meu tinteiro na Terra, pronto a escrever com os pés o que os meus olhos vissem e os meus ouvidos ouvissem; mas estou sujeito à mesma dieta que todos, e só absorvo esse alimento benfazejo da inteligência quando a fome me faz bramir como um animal.

Foi o que me aconteceu hoje: quis esquecer tudo o que aprendi até aqui sobre essa boa criatura que já tantas vezes nos consolou com as suas infinitas revelações. Acusei-a de me deixar a quebrar o nariz e a congelar o cérebro nas trevas, e de me perder em mil e uma suposições sobre essa pobre Lua e os seus pequenos habitantes. Adèle, comovida pelo estado deplorável das minhas faculdades, decidiu fechar os olhos materiais às minhas dores e abrir os olhos espirituais para o mundo do saber.

Chamei de imediato o nosso bom protector Emmanuel Swedenborg e pedi-lhe, com toda a graça, que conduzisse a minha lúcida até à Lua, para que ela colhesse impressões de viagem mais completas, se possível, do que os poucos detalhes que ele me dera na sessão anterior. O bom espírito aceitou o encargo e ia partir com ela, quando me lembrei de lhe perguntar se a reteria por muito tempo, pois tinha lido nos seus relatos de viagens aos astros que chegara a demorar até dez horas a alcançar certa terra astral. Swedenborg tranquilizou-me, dizendo que, nessa altura, não sabia o que hoje sabe: viajava devagar, como um aeronauta, mas agora basta-lhe desejar estar num lugar para lá estar instantaneamente.

Para mo provar, Adèle encontrou-se, ao fim de um minuto, na nossa querida Febe, sem sair do meu gabinete, e ditou-me assim as suas impressões:

“Oh! Quantas montanhas… Meu Deus, será que não há mais nada?… Ah, não! Vejo casas escavadas nos flancos das montanhas e nas rochas… Os habitantes dão a impressão de serem simplórios; só vejo cabelos ou totalmente negros ou totalmente ruivos, sem outra tonalidade. Usam-nos compridos, caídos pelas costas… Estes homens, embora pequenos, são fortes, bem constituídos e têm membros robustos… Olha, ali está uma espécie de torre muito alta e redonda, terminando em ponta como

um obelisco… Fica numa praça… Há muitas fontes naturais por aqui… O céu parece mais belo do que o nosso, a luz é mais viva, mais branca.

Colhem algo parecido com batatas redondas, cinzentas, e outras pretas… Vejo grandes aves como os nossos cisnes, mas com o pescoço mais curto; são também brancas… Que árvores tão belas! Todas baixas, de folhas compridas, com frutos que parecem cachos de cerejas, mas cada bago é do tamanho de um bago de uva; cada um preso por um pedúnculo mais comprido que um dedo, de cor grená escura. São árvores muito bonitas de ver… Os homens são limpos, vejo limpeza por toda a parte… As mulheres são mais bem-apresentadas que os homens… As crianças são muito pequenas e redondas como rolos, com cabeças enormes. Dançam rodopiando e batendo palmas, ao som de um canto ou grito próprio para a dança.

Se nós não os conhecemos, eles conhecem-nos ainda menos; não têm ideia do nosso globo, não são científicos, são indiferentes e pesados, vivendo e morrendo sem preocupação alguma… Ainda assim, acreditam numa outra vida. O carácter deles é ao mesmo tempo alegre e apático… Assam a carne em buracos; é uma vida verdadeiramente natural… Não vejo animais domésticos, mas vejo uma espécie de carneiro, bem mais comprido que os nossos, talvez o dobro, de lã muito branca e não amarelada; a pele serve de veste aos mais abastados, e é curioso vê-los.

Curiosamente, ao contrário de nós, no casamento, um rapaz que tenha bens deve casar com uma rapariga sem nada, e o mesmo se passa ao contrário; são fiéis à esposa como a Deus, e a traição é um crime grave. Os olhos ficam mais próximos da raiz do nariz do que os nossos, o que lhes dá mau aspecto; têm boca grande, lábios grossos, e não lhes vejo barba, embora tenham cabelo farto. Como cá, não se pode caçar nas terras alheias; todos têm bens, mas não são trabalhadores; dormem muito.

Vejo que as camas são feitas de folhas secas das tais árvores; nas casas, têm arcas muito grosseiras, talvez para guardar o pão, e escabelos individuais, tudo em bruto, sem arte. Usam metal como moeda de troca. Como armas, têm uma espécie de arco e uma grande faca de lâmina de ferro e cabo de madeira bruta. Só vejo montanhas, sempre as mesmas casas e as mesmas árvores, mas numerosas e de belo efeito: folhas largas como duas mãos na base e compridas como metade de um braço, terminando em ponta, verde-veludo, densas como tufos espessos. Comem os frutos e fazem deles uma bebida.

Adèle disse sentir os pés cansados de tanto subir montanhas e queixou-se do frio, embora sem neve ou gelo. Swedenborg trouxe-a então de volta à Terra, prometendo mostrar-lhe, noutra ocasião, a mais bela capital destas terras, pois hoje só tinha visto o campo. Perguntei se tinha falado com esses homens para saber o que me contou; respondeu-me: “Não, meu Deus, não! Nem sei se me viram; mas o Sr. Swedenborg falou com eles. Notei apenas que, quando falavam, tinham tanto fôlego que ficavam roxos, como se as palavras lhes viessem dos dedos dos pés; mas nada percebi da língua.”

Sessão de 16 de Fevereiro de 1853 — Segundo viagem à Lua

“Ah! Desta vez vejo uma floresta magnífica… Que bela fonte! A água que sai é pura e branca como bolas de prata; brota de uma rocha e corre a cerca de sessenta centímetros do chão; está bem situada nesta floresta. Que árvores enormes! Quase como os nossos pinheiros… tão altas! Vejo outras mais baixas, de folhas largas, compridas e pendentes… Também não faltam as grandes aves de que já te falei…

E agora, uma cidade! Olha, é um homem a tocar as horas! Que coisa curiosa! Vejo-o numa praça a bater com um martelo em forma de bola numa grande esfera metálica; que som isso produz… bom… bom… Vejo casas muito baixas e outras um pouco mais altas, mas sem uniformidade. As portas e janelas não são quadradas como as nossas: são redondas, como óculos de boi, e grandes como quatro vidraças nossas (uns noventa centímetros de diâmetro). Não é vidro o que as fecha, mas é muito transparente e semelhante… As casas são quase todas de madeira; parecem ter vários andares, mas não têm.

Usam uma pequena semente vermelha, como o nosso café, para fazer infusões, que bebem muito. Os interiores são um pouco mais bem mobilados, mas continuam grosseiros em comparação connosco. Não têm camas, apenas folhas no chão e uma espécie de algodão que cresce em árvores. Sempre os mesmos escabelos. Tudo é de madeira, melhor ou pior trabalhada. Não sei se têm utensílios de cozinha; não os vejo. A carne é assada enfiada num espeto de madeira cujas extremidades se encaixam em dois buracos, permitindo rodar facilmente, sobre um buraco maior onde arde o fogo: muito engenhoso.

As ruas são largas, não pavimentadas nem alinhadas, mas belas, como passeios. Não vejo lojas: cada um tem o suficiente para si. Apenas alguns vendedores ambulantes, que vendem as batatas de que já falei. É uma vida natural. O mais belo que vejo, em termos de monumentos, são as fontes e cascatas; não sei se são obra do homem, mas são de grande efeito, muito bem dispostas. O país é muito limpo. Não têm exército, pois não há guerra; apenas se reúnem para lutar em caso de ataque, o que é raro, e combatem com vigor. São calmos, sem ambição, e por isso mais felizes; não se parecem connosco nesse aspecto. Se alguém se torna ladrão, é imediatamente morto.”

Vejo que Adèle põe pouca ordem nas suas observações, atirando-me informações aqui e ali, juntando-lhes as descrições que lhe faz Swedenborg — as mesmas que já se leram. Prefiro fazer-lhe as perguntas na seguinte ordem, para que as submeta ao seu condutor ou as resolva ela própria… Ela prefere submetê-las a Swedenborg, que pode responder ou informar-se junto dos habitantes dessas paragens. Adèle continua muito admirada com a maneira de falar deles; gostaria, mas não consegue imitá-los.

Perguntas sobre as ciências

1º. — Têm noções de astronomia?
R. — Não.

2º. — Em física, que conhecem? Têm noção de eletricidade?
R. — Nada.

3º. — Em química, têm ácidos, etc.?
R. — Limitam-se a infusões.

4º. — Em medicina, conhecem a anatomia e a cirurgia?
R. — Tratam-se com muita destreza, conhecem e cultivam plantas cujo efeito é seguro para eles; e é tudo.

5º. — Em mecânica, têm meios propulsores?
R. — Estão a começar.

Perguntas sobre as artes
6º. — Conhecem a escrita e o cálculo?
R. — Sim, e muito bem; fazem-no muito rapidamente. A sua escrita nada tem a ver com a nossa.

7º. — Conhecem a imprensa, seja em letras ou em tecidos?
R. — Não; vestem apenas peles, mais ou menos bonitas e bem tratadas.

8º. — Têm ideia de música?
R. — Sim, têm vários instrumentos; mas como gostam muito de cantar e têm voz muito forte, precisam de instrumentos muito ruidosos e sonoros.

9º. — Em arquitetura, que sabem?
R. — O que já vi.

10º. — E em escultura, que fazem?
R. — Fazem as suas feias estátuas de ídolos de figura negra.

11º. — Conhecem a pintura?
R. — Não a utilizam.

12º. — Têm ofícios como nós?
R. — Não.

13º. — Têm meios de transporte por terra e por água?
R. — Por terra, têm apenas animais que se parecem com os nossos camelos, mas sem corcova; carregam-nos ao dorso e montam neles também, pois são muito preguiçosos. Por água, só têm espécies de jangadas com as quais vão pescar à linha.

14º. — Quais são os seus costumes ou cerimónias no nascimento, casamento e morte?
R. — No nascimento dos filhos, apresentam-nos aos ídolos e festejam muito com danças; depois mergulham os pequenos na água natural das fontes… Não sei porquê. No casamento, dançam também muito, pois adoram dançar. Os casamentos são celebrados pelos anciãos, perante os quais fazem juramentos de fidelidade; como são ciumentos, com aqueles grandes olhos juntos ao nariz… Mas não se traem. Na morte, dançam novamente; são mais espiritualistas do que nós e alegram-se por morrer. Acreditam numa vida futura.

15º. — Quais são as punições para o assassínio e o adultério?
R. — Já te disse que matam os ladrões; penso que fariam o mesmo com assassinos e adúlteros, mas não conhecem nem essas leis severas nem tais crimes.

16º. — Os mares são grandes?
R. — São rios, mas muito grandes. Isto parece incrível… Como pode ser?… Adèle pergunta-me se os rios não são sempre direitos. Respondo-lhe que não, que muitas

vezes são muito sinuosos… “Não é isso que digo… como é que hei-de explicar-me?” Parece que os rios lá não são direitos — mostra-me Swedenborg —, fazem ondulações assim. Adèle desenha-me curvas em vez do nível habitual da água ou da inclinação suave dos nossos rios. Talvez dependa da geografia acidentada desse planeta, pois Adèle ficou muito surpreendida por encontrar um vale bastante largo onde está construída a cidade que descreveu; até então só vira rochedos, montes e montanhas.

17º. — O reino mineral é tão variado como o nosso, em pedras preciosas ou metais?
R. — A moeda que usam é de cobre. Swedenborg diz-me que não pode garantir que este planeta tenha, neste domínio, tudo o que o nosso possui, mas que não existe globo no universo cujo conjunto de reinos não tenha sido combinado pelo Criador em função das necessidades dos seres que nele habitam.

18º. — O reino vegetal é rico?
R. — Sim, muito rico e belo.

19º. — E o reino animal é variado em espécies?
R. — Muito variado; as espécies são numerosas, e nas suas florestas existem animais muito perigosos.

Adèle teve alguma dificuldade em dar esta última resposta, pois estava com um ataque de tosse. Como tinha irritação no peito há alguns dias, não lhe dei grande importância, mas, ao vê-la levar as mãos à cabeça e notar que estava muito corada, perguntei-lhe se sofria. Percebi que fizera esforço para continuar a sessão e que era altura de lhe segurar na cabeça eu próprio. Só consegui acalmá-la ao fim de mais de dez minutos de magnetização contínua; depois acordei-a.

Terá ganho esta espécie de congestão por um efeito simpático dos seres que tentava imitar ou pela influência da atmosfera desse planeta? Não sei. Enquanto escrevia as respostas sob o seu ditado, não me apercebi da evolução desse mal-estar.

Sessão de 23 de Março de 1853

Como Adèle mostrara grande relutância em continuar as viagens que se leram, não parecia nada disposta a recomeçar outra. Precisando, no entanto, de esclarecimentos sobre as reflexões e perguntas seguintes, pedi-lhe que chamasse, como nas sessões anteriores, o espírito de Swedenborg para nos responder:

1º. — Na tua primeira excursão à Lua, falaste-me de uma torre alta e redonda; na cidade que visitaste na tua segunda viagem não mencionaste qualquer monumento desse género. Podes dizer para que serve essa torre?
R. — Swedenborg responde-me que é muito antiga e serve-lhes para avistar ao longe; é uma espécie de observatório.

2º. — Na segunda cidade que viste, falaste-me de um homem que batia numa grande esfera metálica para marcar as horas do dia. No entanto, disseste-me que eles não se ocupam de astronomia. Como sabem as horas?

R. — Fazem observações sobre o Sol e sabem muito bem determinar as horas. Esse homem que vi é pago para as comunicar assim aos habitantes; desempenha a função de sineiro. Disse-te que não se ocupam de astronomia devido à indiferença que

demonstram por todas as ciências; mas sabem o suficiente para as suas necessidades.

3º. — Essa esfera metálica que viste revela, no entanto, algum conhecimento do trabalho dos metais, o que exige meios físicos superiores aos conhecidos em estado natural.
R. — Swedenborg diz que pensam devagar, são preguiçosos no estudo, mas muito hábeis em tudo o que fazem. Têm meios de trabalhar os metais equivalentes aos nossos. Essa esfera não foi feita na cidade onde a vi, mas noutra mais distante, onde se trabalha melhor.

4º. — Viste jovens e velhos?
R. — Não me recordo bem, sobretudo quanto aos velhos; os jovens parecem reconhecíveis pelo cabelo comprido.

5º. — Notaste se tinham barba e cabelos brancos ou grisalhos?
R. — Não reparei bem; mas Swedenborg diz-me que têm barba e que os velhos, como nós, têm cabelos brancos, visto que o reino vegetal obedece em toda a parte às mesmas leis — acrescenta ele, o que surpreende Adèle por esta assimilação entre reinos.

6º. — Viste instrumentos de música?
R. — Sim, e fiquei muito surpreendida com um em especial, que observei bastante. Não sei descrever-te exatamente; posso apenas dizer que tocam instrumentos de sopro com mais facilidade do que nós, pela força do fôlego. Oh, que sons! que sons!

D. — Pareceram-te agradáveis?
R. — O instrumento de que te falei produzia sons muito suaves. Deu-me prazer ouvi-lo; é bem mais suave do que a flauta.

D. — É uma flauta ou algo semelhante?
R. — Não, é bem mais complicado.

D. — Assemelha-se ao flautim, à clarinete ou a instrumentos graves?
R. — Não… Meu Deus, nunca conseguirei explicar-te como é feito…

D. — Tenta descrevê-lo; perceberei a tua explicação e completarei se for preciso.
R. — Imagina uma espécie de armação ou quadro no qual estão fixos, pelas duas extremidades, três, cinco ou sete tubos semelhantes a flautins, mas não redondos como estes; pelo contrário, são achatados, com inchaços em vários pontos, formando ondulações. Cada tubo tem vários orifícios, colocados na parte inferior, e não por cima como no flautim. Esses orifícios estão perfurados entre os inchaços, portanto ficam em reentrâncias. Há tantos orifícios na armação que os segura quantos são os tubos, mas esses orifícios não conduzem diretamente a cada tubo: o sopro passa primeiro pelo quadro, que é oco e muito leve, e depois segue por canais separados para o tubo destinado, produzindo sons de uma suavidade extrema. Assim variam muito a música, soprando num tubo de cada vez. O instrumento não é bonito por fora, mas o trabalho é feito com minúcia.

7º. — Viste tecidos que mostrem que sabem tecer?
R. — Não, não reparei nisso.

8º. — Tens a certeza de que as suas montanhas não estão, como as nossas, cobertas de neve?
R. — Swedenborg responde-me que não; mas estão cobertas de glacis. Não faz calor.

9º. — Pergunta ao espírito Swedenborg se a sua atmosfera é semelhante à nossa.
R. — Não, é muito menos extensa.

D. — Ultrapassa as montanhas mais altas?
R. — Sim, caso contrário não poderiam viver.

10º. — Os aerólitos que caem no nosso globo provêm da Lua?
R. — Sim; mas não vêm apenas desse globo, podem vir de outros.

D. — É sempre o espírito Swedenborg quem te dá estas respostas?
R. — Sim.

11º. — Têm estações e dias longos e curtos como os nossos?
R. — Oh, têm menos calor do que nós; parecem ter menos regularidade atmosférica; não há regra fixa como aqui. Manifestam-se muitos acidentes, mas, segundo Swedenborg, eles não sentem nada fisicamente e têm muito menos tipos de doenças do que nós.

12º. — Notaste algum animal digno de menção?
R. — Apenas vi as minhas grandes aves brancas.

R. — As florestas são muito numerosas e magníficas; são tão densas que não se consegue penetrar nelas. Já te falei das árvores que observei; quanto às flores, prestei-lhes pouca atenção; no entanto, vi muitas flores silvestres, muito variegadas e de cores matizadas.

14º. — Têm animais rastejantes ou quadrúpedes perigosos como os nossos?
R. — Oh, não faltam; mas eu não os vi. Têm ursos muito ferozes, que sabem matar com grande destreza, pois são muito hábeis.

15º. — Têm peixes diferentes dos nossos?
R. — Sim, possuem grande variedade. Swedenborg diz-me que cada globo é assim povoado por uma infinita diversidade de espécies. Em toda a parte há homens, animais terrestres, aves e peixes; mas em lado nenhum há semelhança perfeita. Os homens que vi na Lua são, de facto, homens, mas não se assemelham em nada aos da nossa Terra.

Aqui termina este estudo; prolongá-lo seria cair demasiado no ridículo, dirão os cépticos. Mais vale parecer meio louco aos olhos dos homens do que completamente. Deixamos, portanto, aos leitores a apreciação livre destas revelações, e aos ópticos o cuidado de as verificar pelo aperfeiçoamento da sua arte. Talvez esse dia não esteja longe; nessa altura, apresentaremos as nossas conclusões, para receber ou a adesão dos sábios, ou o barrete de burro — que, neste último caso, usaremos sem vergonha, em nome do desejo de sermos mais felizes noutra ocasião.

O instrumento descrito por Adèle pareceu-nos demasiado curioso para não tentarmos fazer um semelhante; mas, infelizmente, só conseguimos criar um aborto de instrumento, devido ao pouco tempo de que dispúnhamos para lhe dedicar e à escassa habilidade que temos nesta área. Ainda assim, obtivemos sons de grande

suavidade e com uma ondulação repercutida muito agradável ao ouvido. Fizemos apenas um dos instrumentos que, segundo a descrição, se encontram em número de três, cinco ou sete no chassis, e adaptámos-lhe um apito como o do flautim; mas há uma grande diferença entre o som deste último e o primeiro. A “flauta lunariana” — permitam-nos esta denominação — é mais agradável do que a flauta do nosso globo, graças às suaves ondulações do ar que percorre este tipo de serpentina achatada.

O comprimento que ela me indicou é de cerca de vinte centímetros; forma quadrada, com cerca de um centímetro e meio no lado mais largo, onde se abrem os orifícios, e um centímetro no lado mais estreito. Fiz três ondulações separadas entre si por cerca de quatro centímetros, com a forma perfeita de uma serpente, excepto a boquilha, que é direita. Adèle disse que são perfurados três orifícios em forma de “V” no fundo da primeira ondulação do primeiro instrumento; outros três, iguais, na segunda ondulação do segundo instrumento; e, na terceira, mais três. Isto perfaz nove orifícios, que, abertos três de cada vez, produzem um único som harmonioso. Estes orifícios são tapados com o polegar, que desliza para deixar o ar sair primeiro pelo primeiro, depois pelo segundo e finalmente pelo terceiro, obtendo-se assim quatro notas num único instrumento. O segundo dá o mesmo número de notas, sendo tapado com o outro polegar, e o terceiro pode ser usado por um dos polegares livres, visto que cada instrumento possui um tubo e uma boquilha próprios, soprando-se apenas naquele que se deseja. Os outros não emitem som, por falta de ar.

Imagine-se três flautins montados num chassis oco, suficientemente afastados para permitir a passagem dos dedos; o chassis é segurado na vertical, como uma harpa, e os lábios passam de uma boquilha a outra. Todas as boquilhas se encontram num canto do chassis, separadas umas das outras para evitar soprar em duas ao mesmo tempo; um tubo curvo conduz o ar a cada instrumento. Não querendo fabricar o instrumento completo, limitei-me a perfurar os orifícios como nos flautins, sabendo tocar, e querendo verificar se o furo interior, quadrado em toda a sua extensão, daria um som semelhante ao dos furos redondos dos nossos instrumentos de sopro. Fiquei surpreendido ao constatar que o resultado era o mesmo; contudo, achei muito mais difícil fazer este tipo de canal quadrado, ondulado e muito liso, do que perfurar com torno um furo redondo.

Além disso, tive de colocar uma tampa bem colada e pregada para fechar esse furo; as dificuldades que encontrei, por não ter as ferramentas adequadas, impediram-me de continuar. Ainda assim, aconselho um bom e habilidoso luthier a tentar fabricar este instrumento que, pela forma invulgar e pelos sons harmoniosos, compensaria o trabalho e enriqueceria as nossas orquestras com mais uma peça musical.